



UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

Gloria Maria Leite

## **As saias que surfam as areias:**

Descortinando o poder das mulheres na comunidade pesqueira da Nazaré,  
Portugal

Tese no âmbito do Programa Sociologia – Relações de Trabalho, Desigualdades Sociais e Sindicalismo  
orientada pelo Professor Doutor Paulo Jorge Marques Peixoto e apresentada à Faculdade de  
Economia da Universidade de Coimbra.

dezembro, 2022







Glória Maria Leite

## **AS SAIAS QUE SURFAM AS AREIAS**

**Descortinando o poder das mulheres na comunidade pesqueira da  
Nazaré, Portugal**

**Tese no âmbito do Programa de Doutoramento em Sociologia – Relações de Trabalho,  
Desigualdades Sociais e Sindicalismo, orientada pelo Professor Doutor Paulo Jorge  
Marques Peixoto, apresentada à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.**

dezembro de 2022







# **As saias que surfam as areias:**

## **Descortinando o poder das mulheres na comunidade pesqueira da Nazaré, Portugal**

**Ficha Técnica:**

<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Tese de Doutoramento</b>
<b>Título</b>	<b>As saias que surfam as areias: Descortinando o poder das mulheres na comunidade pesqueira da Nazaré, Portugal</b>
<b>Autora</b>	<b>Gloria Maria Leite</b>
<b>Orientador</b>	<b>Doutor Paulo Peixoto</b>
<b>Programa</b>	<b>Relações de Trabalho, Desigualdades Sociais e Sindicalismo</b>
<b>Área científica</b>	<b>Sociologia</b>
<b>Data</b>	<b>2022</b>







## Epígrafe

Educas um homem; educa-se um homem.

Educas uma mulher; educa-se uma geração.

Brigham Young



## Agradecimentos

Agradeço a minha mãe, *in memoriam*.

Ao meu orientador por ter aceitado o desafio que lhe propus.

Ao colega de curso, João Paulo Quinzico Delgado agradeço ter facilitado, com a sua intermediação, a entrada no campo.

Às pessoas da Nazaré, muito em particular às mulheres da Nazaré, que me acolheram entre elas e que foram de uma disponibilidade ímpar.

A Deus, sobretudo.





**Henri Cartier-Bresson, Nazaré, 1955**

<https://fasciodafotografia.com/2018/08/22/o-portugal-de-henri-cartier-bresson/>

## Índice

Epígrafe .....	i
Agradecimentos.....	iii
Índice.....	v
Índice de figuras, tabelas e gráficos.....	ix
Resumo.....	xi
Abstract.....	xiii
1. Introdução .....	1
PARTE I.....	13
CULTURAS MATRÍSTICAS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS .....	13
Capítulo I - Conceitos fundamentais .....	15
1.1 - Matriarcado tradicional: a origem .....	15
1.2. Conceitos e situações de ocorrência em nosso tempo .....	20
1.3. Observações importantes sobre a inserção do patriarcado nas sociedades .....	22
1.4. Matriarcado moderno.....	23
Capítulo II – Do patriarcado ao empoderamento da mulher .....	25
2.1. Incursão pertinente para a compreensão da dura trajetória até ao empoderamento. ....	25
2.2. Poder. O que significa o poder?.....	26
2.3. O poder masculino (?) no patriarcado – divisão de poder .....	29
2.4. Fatos históricos determinantes na trajetória pela igualdade de poderes .....	30
2.5. Emancipação feminina.....	43
2.6. Sexo/gênero versus poder e economia .....	47
PARTE II.....	53
O <i>ETHOS</i> DA VILA DA NAZARÉ.....	53
Capítulo III – Nazaré e sua gente .....	55
3.1. Nazaré, localização e rápido estudo etnográfico.....	55
3.1.1. Localização .....	55
3.1.2. Breve recorte etnográfico.....	56
3.1.3. Impressões e descrição do local da pesquisa: a vila da Nazaré.....	62
Capítulo IV – O <i>ethos</i> nazareno .....	69
4.1. Observar, conhecer e registrar o <i>ethos</i> das nazarenas .....	69
PARTE III.....	77
A CULTURA MATRÍSTICA DA NAZARÉ.....	77
Capítulo V - A pesquisa: da metodologia à realidade da pesquisa .....	79
5.1. Obstáculos, dificuldades, cronograma de execução.....	79
5.1.1. Encarando os obstáculos .....	79

5.1.2. Superando as dificuldades.....	82
5.2. A metodologia.....	84
5.3. Os métodos escolhidos.....	87
5.4. Coleta de dados .....	88
5.5. Entrevistas, divisão em blocos, dimensões e conceitos.....	90
5.6. Da teoria à prática: realidade efetiva.....	94
5.7. A profundidade e complexidade das questões: observações preliminares.....	97
5.8. Considerações sobre o trajeto da pesquisa e a adaptação da metodologia.....	100
Capítulo VI - Trajetória de vida antes de uma união .....	103
6.1. Construção do primeiro bloco do guião. ....	103
6.2. Trajetória de vida – Descrição do percurso antes de constituir família.....	104
6.3. Escolaridade.....	107
6.4. Retratos da infância da maioria das entrevistadas: origem.....	108
6.5. Atividade principal e ligação com a pesca. ....	109
6.6. Pessoa importante para a vida .....	111
6.7. Das amizades, escolhas e preferências.....	114
6.8. Trabalho remunerado ou nem tanto .....	115
6.9. Clã estendido existente na Nazaré?.....	121
6.10. Condições sociais de antes e de agora.....	123
6.11. Momentos marcantes pela dificuldade.....	126
6.12. Os sonhos dos pais.....	128
6.13. Fotografias .....	129
6.14. Reflexões provocadas às nazarenas sobre si.....	130
Capítulo VII - Origens sociais - outras dimensões da trajetória familiar e social.....	135
7.1. Caracterização da trajetória familiar, em particular, depois do casamento.....	136
7.2. O escolhido, o ninho e os filhos .....	136
7.3. As dificuldades.....	143
7.4. Valores fundamentais para educação dos filhos .....	145
7.5. Verificando e comparando a hereditariedade .....	148
7.6. Memórias atuais para a posteridade.....	150
7.7. Felicidade.....	154
Capítulo VIII – Sobre o futuro: criando cenários e expectativas.....	157
8.1. A incerteza do futuro .....	157
8.2. Um desejo para o futuro pessoal.....	159
8.3. Cenário para uma Nazaré no futuro .....	164
8.4. Das origens à atualidade: trajetória social e familiar .....	165
8.5. A moradia e o agregado familiar .....	167
Capítulo IX – O trabalho .....	173

9.1. Começando do início: descrição.....	173
9.2. Atividades do trabalho.....	174
9.3. Rotina, tempo utilizado com trabalho remunerado e não remunerado.....	176
9.4. Horas de trabalho das mulheres da praia da Nazaré.....	180
9.5. Colaboração financeira.....	183
9.6. Marido é um empreendedor também, ou não?.....	185
9.7. Amor pelo trabalho.....	187
9.8. Incentivo do governo?.....	190
9.9. Tiveram algum tipo de ensinamento para sua atividade?.....	190
9.10. Administração financeira.....	191
9.11. Queremos sugestões!.....	193
9.12. Sua conscientização sobre a sua valorização no trabalho.....	194
9.13. Dependência de filhos ou não?.....	196
Capítulo X – Poder e dominação.....	197
10.1. Poder no passado.....	197
10.2. Poder no presente.....	199
10.3. O poder democrático.....	201
10.4. O poder feminino é real?.....	201
10.5. Reflexões sobre um mundo no comando de mulheres.....	206
10.6. Homem como conselheiro?.....	208
10.8. Das escolhas por seus escolhidos, ratificando as respostas anteriores.....	211
Capítulo XI - Afetos e sociabilidade.....	215
11.1. Família, afetos e residência.....	215
11.2. A casa dos sonhos.....	218
11.3. Investimentos?.....	220
11.4. Memórias marcantes.....	221
11.5. As nazarenas são realmente diferenciadas das demais?.....	222
11.6. As decisões tomadas estão ligadas às ausências de seus homens?.....	225
11.7. Os filhos sentem a diferença da ausência de seus pais?.....	227
11.8. A diferença das nazarenas seria causada pela ausência de seus homens?.....	228
11.9. Liberdade, liberdade.....	229
11.10. Amigos? E associações?.....	231
11.11. Lazer e atividades em grupo.....	233
11.12. Pessoas e fatos marcantes com relação ao trabalho.....	234
11.13. Falando em solidariedade.....	235
11.14. Previsão de alguma mudança na sociedade?.....	238
11.15. Consciência de sindicalizar-se ou de participar de alguma associação.....	239
CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÃO.....	241

Referências bibliográficas..... 249  
ANEXO – Registro visual do campo de estudo ..... 255

## Índice de figuras, tabelas e gráficos

### FIGURAS

Figura 1 – Venus de Willendorf, 25000-20000 a. C. ....	16
Figura 2 – Finalmente, ares de liberdades femininas .....	39
Figura 3 – A força da Mulher .....	40
Figura 4 – Heroínas da Segunda Guerra .....	41
Figura 5 – Vista panorâmica da Nazaré .....	55
Figura 6 – Trajes típicos de trabalhadores do mar .....	58
Figura 7 – Perpetuando a tradição nazarena .....	59
Figura 8 – Pescadores com suas redes .....	60
Figura 9 – Lavadeiras adultas e crianças no desfile folclórico .....	60
Figura 10 – Brincos “à rainha” .....	61
Figura 11 – Escadarias e ruelas nazarenas .....	62
Figura 12 – Ruela de uma pessoa só .....	63
Figura 13 – Nazarenas tradicionais em suas andanças .....	63
Figura 14 – Peixes no Estendal .....	64
Figura 15 – Polvos no Estendal .....	65
Figura 16 – Estendal no inverno da vila da Nazaré .....	65
Figura 17 – Praia, falésias e Sítio da vila da Nazaré .....	66
Figura 18 – Vendedora de frutos secos no Sítio, vila da Nazaré .....	67
Figura 19 – Comentários femininos particulares .....	73
Figura 20 – A procissão do Senhor morto .....	76
Figura 21 – Auzenda, Carolina e Francelina e uma sua amiga, comigo .....	84
Figura 22 – Felipa em seu local de trabalho .....	130
Figura 23 – Avó de entrevistada carregando peixes à cabeça .....	153
Figura 24 – Vendedora de frutos secos no Sítio .....	209
Figura 25 – Isabel Maria, no restaurante da família de seu marido .....	239
Figura 26 a 65 – Fotos do anexo	

## TABELAS

Tabela 1: Primeiras entrevistadas .....	104
Tabela 2: Identificação de todas as entrevistadas .....	106
Tabela 3: Atividade principal .....	110
Tabela 4: Pessoa mais importante da vida .....	112
Tabela 5: Trabalho de ontem e hoje .....	116
Tabela 6: Residência. Formação de clãs? .....	122
Tabela 7: Número de filhos das entrevistadas .....	141
Tabela 8: Ligação com a pesca .....	166
Tabela 9: O duro dia de trabalho das mulheres do mar .....	181
Tabela 10: Qual a condição de trabalho do marido/companheiro? .....	186
Tabela 11: Empreendedoras, na maioria .....	258

## GRÁFICOS

Gráfico 1: Escolaridade completa das primeiras entrevistadas .....	105
Gráfico 2: Escolaridade de todas entrevistadas .....	107
Gráfico 3: Faixa etária do começo do trabalho remunerado .....	116
Gráfico 4: Clã estendido?.....	122
Gráfico 5: Relações de poder .....	204
Gráfico 6: A relação das mulheres nazarenas com o poder.....	204
Gráfico 7: Liberdade das nazarenas .....	230

## Resumo

*As saias que surfam as areias* é uma alusão figurada ao papel das mulheres numa comunidade piscatória do centro de Portugal. A saia representa o feminino. Mas sendo também o traje típico que identifica, na festa e no trabalho, uma relação secular com o mar, a saia é também um elemento alegórico que simboliza o papel da mulher na comunidade estudada. Uma comunidade que, atualmente, é animada pelo afluxo progressivo de praticantes de surf. Nesse contexto, *as saias que surfam as areias* traduz as mudanças a que essa comunidade vem sendo sujeita, assim como a consequente transformação do papel das mulheres nessa comunidade. A saia tradicional, que na verdade são sete saias justapostas, simboliza a diversidade e a complexidade do papel desempenhado pelas mulheres na comunidade local.

Debruçando-se sobre a comunidade piscatória da Nazaré, e em concreto sobre o papel das mulheres na organização da vida familiar e coletiva, a tese visa testar a hipótese de prevalência histórica de uma sociedade de natureza matriarcal. Recorre a perspetivas dos estudos matriarcais modernos, das teorias feministas e dos estudos comunitários. Fixa objetivos e hipóteses de trabalho em quatro dimensões que procuram dar conta de fenómenos e de relações de matrilinearidade e matrifocalidade numa perspetiva comunitária. Problematiza esta configuração cultural e a sua sustentabilidade no contexto dos processos sociais que atualmente a desafiam e ameaçam.

O objetivo geral da tese visa analisar a importância das mulheres da comunidade piscatória da Nazaré à luz da hipótese teórica de nos encontramos perante uma comunidade matriarcal moderna ou, noutros termos, uma cultura matrística, refratária ao paternalismo vigente.

Procuramos cumprir esse objetivo geral dividindo a tese em três partes. Uma primeira parte destinada a situar o matriarcado moderno no contexto em que emerge. Uma segunda parte mais monográfica que visa contextualizar o objeto de estudo. E uma terceira parte que apresenta os resultados da tese obtidos a partir da realização de 25 entrevistas a mulheres da comunidade local. Ancorando-se em leituras da sociologia e da antropologia, a tese comporta uma dimensão visual que consideramos relevante.

Concluimos que, à entrada da segunda metade do século XX, devido ao trabalho e ao emprego dos homens no setor das pescas, que os obrigava a um afastamento prolongado, as mulheres nazarenas assumiram um protagonismo crescente na comunidade local. Esse protagonismo aproxima as formas de sociação locais das comunidades matriarcais. Contudo, extintas as causas que levavam os homens a ficar vários meses no mar, assistimos, no século XXI a uma diluição da dimensão matriarcal da comunidade local. Assinalamos, ainda assim, a prevalência de uma cultura matrística que diferencia as mulheres nazarenas e a comunidade local.

**Palavras-chave:** Nazaré; matriarcado/cultura matrística; comunidade pesqueira; mulheres.





## Abstract

*The skirts that surf the sands* is a figurative allusion to the role of women in a fishing community in central Portugal. The skirt represents the feminine. But being also the typical costume that identifies, on festivities and at work, a secular relationship with the sea, the skirt is also an allegorical element that symbolizes the role of women in the studied community. A community which is currently animated by the progressive influx of surfers. In this context, *the skirts that surf the sands* translates the changes to which this community has been subjected, as well as the consequent transformation of the role of women in this community. The traditional skirt, which is actually seven juxtaposed skirts, symbolises the diversity and complexity of the role played by women in the local community.

Focusing on the fishing community of Nazaré, and specifically on the role of women in the organisation of family and collective life, this thesis aims to test the hypothesis of the historical prevalence of a matriarchal society. It uses perspectives from modern matriarchal studies, feminist theories and community studies. It sets objectives and working hypotheses in four dimensions that seek to account for phenomena and relations of matrilineality and matrifocality from a community perspective. It problematises this cultural configuration and its sustainability in the context of the social processes that currently challenge and threaten it.

The general objective of the thesis aims to analyse the importance of women in the fishing community of Nazaré in the light of the theoretical hypothesis that we are facing a modern matriarchal community or, in other terms, a matristic culture, refractory to the prevailing paternalism.

We try to fulfil this general objective dividing the thesis into three parts. A first part aimed at situating modern matriarchy in the context in which it emerges. A second, more monographic part that aims to contextualise the object of study. And a third part that presents the results of the thesis obtained from 25 interviews with women from the local community. Anchored in readings from sociology and anthropology, the thesis includes a visual dimension that we consider relevant.

We conclude that, at the beginning of the second half of the 21st century, due to the work and employment of men in the fishing sector, which forced them to be away for a long period of time, Nazarene women took on a growing protagonism in the local community. This protagonism brings the local forms of sociation closer to matriarchal communities. However, with the extinction of the causes that led men to stay several months at sea, we witness, in the 21st century, a dilution of the matriarchal dimension of the local community. We point out, even though, the prevalence of a matristic culture which differentiates the Nazarene women and the local community.

**Keywords:** Nazaré; matriarchy/matristic culture; fishing community; women.



## 1. Introdução

Esta tese cruza abordagens sociológicas com um olhar de cariz antropológico, procurando analisar o papel das mulheres numa pequena comunidade piscatória do centro de Portugal. Não se trata de abordar a participação das mulheres na indústria e no comércio ligado às pescas a partir de hipóteses centradas nas diferenças e desigualdades de género. Nem tão-pouco de afirmar a importância histórica das mulheres para a sobrevivência das comunidades piscatórias. Esta tese arrisca uma hipótese mais arrojada.

O objetivo geral da tese visa analisar a importância das mulheres da comunidade piscatória da Nazaré à luz da hipótese de nos encontramos perante uma comunidade matriarcal.

Partimos de um breve histórico do matriarcado e da sua conceituação na bibliografia relacionada ao tema até chegarmos à perspectiva dos “Estudos Matriarcais Modernos” (Göettner-Abendroth, 2007; Sanday, 2002), por acreditarmos ser o mais adequado a este estudo em particular.

Especificamente, fixamos objetivos relativos à dimensão económica, à dimensão social e à dimensão política da comunidade analisada. Cada um destes objetivos está ancorado em hipóteses teóricas de trabalho. Procuramos, designadamente:

- Revelar se a preponderância das mulheres na comunidade contribui para fomentar uma economia local baseada na reciprocidade. Testamos a hipótese que, numa comunidade sujeita a riscos e perigos, os bens são distribuídos de acordo com um sistema idêntico aos ancorados em linhas de parentesco e padrões de casamento. Ou seja, caso se confirme, teremos que as mulheres atuam conscientemente de modo a manter as bases de uma comunidade tendencialmente igualitária, contrária às lógicas de pura acumulação, mantendo uma economia de equilíbrio que caracteriza as sociedades matriarcais.
- Escrutinar fenómenos de matrilinearidade que revelem formas de organização social, de gestão dos recursos e de transferência do poder no

feminino. Trabalhamos a hipótese da existência de “clãs estendidos”, marcados por modalidades residenciais intergeracionais e pela transmissão de posições e rótulos sociais através da linha materna. E a hipótese da existência de casamentos de base comunitária que configuram sociedades horizontais de parentesco matrilinear.

- Caracterizar processos de tomada de decisão familiar que evidenciam dimensões de uma sociedade matriarcal. A hipótese aponta para a prevalência de processos de decisão de natureza consensual, familiarmente participados e mediados pela mulher.

- Realçar a presença e a relevância comunitária de uma cultura marcada por um divino imanente reificado pelo mar. Consideramos a hipótese de ausência de uma transcendência religiosa personificada por um Deus todo-poderoso e a prevalência de uma cultura espiritual, na qual, dos rituais quotidianos às celebrações extraordinárias, o mar sobressai como “luz que dá vida”. O mar afirmar-se-ia nesta hipótese como a essência de uma cultura matrística (Maturana, 2021) que, impulsionando os estudos matriarcais modernos, ativa uma forma social que dilui o patriarcado.

O objetivo geral da tese está interligado com três questões principais: tornar visível a divisão de tarefas na organização socioeconômica das mulheres da comunidade pesqueira em estudo; caracterizar o tipo de sociedade a que está ligada; e, também, descobrir se a mulher se reconhece e é reconhecida pela importância que tem para a família e para a sociedade enquanto ser efetivo, indivíduo e importante agente social da comunidade em questão.

Os objetivos secundários são:

- traçar um perfil dessas mulheres e de suas famílias com dados que nos permitam ter um olhar detalhado sobre essas comunidades;

- encontrar a contribuição, manifestal ou latente, dessas mulheres na economia familiar e tornar visível o papel das mulheres para o desenvolvimento social, econômico, político, cultural, dessas comunidades;

- elaborar um estudo sociológico que permita interdisciplinarmente oportunizar o aprofundamento de novas pesquisas, cujos objetivos sejam o crescimento social e econômico e uma melhoria da qualidade de vida dessas comunidades.

Para além destes objetivos, a presente tese visa também desvendar esta comunidade e descortiná-la em alguns dos seus aspetos, de forma a poder relevar, caso se confirme a forma matriarcal da organização social, virtualidades que possam contribuir para promover modalidades de organização social que se oponham ao modelo paternalista. Não se postula que uma forma de comunidade primitiva possa existir fora do contexto das modernas sociedades ocidentais. Mas apenas que a secular ausência dos homens devido às atividades económicas locais predominantes tenha configurado uma forma de organização social ancorada numa cultura matrística<sup>1</sup>. Procuramos, por esta via, juntar-nos aos esforços que visam empoderar as mulheres, trazendo à tona formas de organização social tendencialmente pacíficas; não ancoradas na competição, mas na colaboração; socialmente comprometidas com o bem estar comum; e com a preservação e respeito para com o meio ambiente.

Traçamos por isso um desafio que consideramos ambicioso. Não querendo forçar a tese que aqui seguimos, procuramos ainda assim juntar algo de novo aos estudos monográficos, ensaísticos e científicos que tomaram a Nazaré ou a sua comunidade piscatória como objeto de estudo. Dada a extensão do desafio, partimos de um pressuposto teórico amplo que se orienta para hipóteses de trabalho.

Esse pressuposto teórico admite três possibilidades:

- a) Não encontrarmos nenhum indício real de matriarcado;
- b) Encontrarmos um matriarcado tradicional;
- c) Depararmos-nos com um matriarcado baseado em formas não tradicionais de matriarcado.

Em relação ao primeiro pressuposto, temos que levar em consideração que a pesquisa bibliográfica e documental exploratória sobre a sociedade piscatória nazarena, que nos levou a investigar a possibilidade de existência de matriarcado, confere pouco consistência à hipótese que procuramos testar. Essa pesquisa exploratória não aponta para

---

<sup>1</sup> Sem prejuízo de uma discussão mais pormenorizada, que se fará mais à frente, a cultura matrística (Maturana, 2021) a que aqui nos referimos corresponde às formas modernas de organização matriarcal (Göettner-Abendroth, 2007; 2017; e 2018; Sanday, 2002; Gimbutas, 2001). Muitos académicos recusam-se a usar o termo “matriarcal” para caracterizar sociedades baseadas no protagonismo das mulheres, uma vez que “matriarcal” seria uma oposição a “patriarcal” (que enfatiza o poder dos homens), ao passo que “matrística”, cuja raiz é a palavra *mater*, se refere a estruturas sociais em que as mulheres não assumem o controlo (tal como ocorre com os homens nas sociedades paternalistas), mas, pelo contrário, garantem uma liderança partilhada e socialmente equilibrada num quadro de bem estar emocional (Ransom-DiCerbo, 2021, 83).

a persistência secular de um modelo tradicional. Ou seja, na Nazaré, ao contrário do que ocorre em outras localidades, não estaríamos diante de um modelo patriarcal, no âmbito do qual todas as decisões e determinações nas dimensões familiar, domiciliar, social, política e econômica estariam subordinadas ao “chefe de família”.

Para verificação do segundo pressuposto, teríamos que comprovar vários fatores que nos dessem a certeza de podermos atestar a existência de um matriarcado tradicional. Expectativa que nunca acalentámos, não só porque a literatura encontrada sobre a comunidade nazarena não nos deu indícios nesse sentido, mas também porque a forma social de um patriarcado invertido, ou seja um matriarcado puro, nunca foi identificado em culturas ocidentais. Esta hipótese denota que a participação do homem na sociedade é apenas secundária, não exercendo qualquer tipo de autoridade, nem sendo sequer reconhecido o seu trabalho como de singular importância para a vida coletiva.

O terceiro pressuposto presume a existência de um matriarcado em moldes não tradicionais; ou seja, um matriarcado moderno no sentido proposto por Heide Göettner-Abendroth (2007, 2017, 2018). Uma forma social democrática, no seio da qual as decisões mais importantes são tomadas a partir das opiniões de todos os membros de uma família, reunindo mulheres e homens, sem que nenhuma das partes se sobreponha à outra. Este tipo de matriarcado configura sociedades igualitárias de consenso, livres de dominação simbólica e sem acumulação de poder.

Partimos para a pesquisa conferindo o mesmo valor heurístico aos três pressupostos, ainda que em termos de formulação de hipóteses tivéssemos admitido que o terceiro pressuposto nos permitisse recolher mais dados e dados mais fiáveis, fomentando também uma pesquisa mais cativante.

Identificar o *ethos* desta configuração social particular é fundamental. Não apenas para relevar as suas especificidades. Mas também, dados os objetivos da tese, para identificarmos eventuais processos e papéis de liderança característicos da comunidade local. De forma mais intensa e duradoura, a partir do início da segunda metade do século passado, a ausência prolongada dos homens no mar autoriza-nos a formulação da hipótese de emergência/consolidação de um *ethos* (costumes e traços comportamentais de um povo) que aproxima a comunidade nazarena de uma forma social matrística. Em si mesma, a ausência prolongada dos homens confere um protagonismo acrescido às mulheres dentro da instituição em que o patriarcado mais se consolida: a família.

A ausência dos homens, que passavam muito tempo no mar, é particularmente visível a partir da década de 50, graças às campanhas da pesca do bacalhau, uma iniciativa do Estado Novo que levava os homens para o mar por um período de seis meses (Cfr. Garrido, 1997). Neste contexto, os desafios da vida cotidiana nazarena ficavam nas mãos das mulheres, fosse administrando a sobrevivência da família, fosse buscando alternativas que lhe permitissem dar continuidade à vida social de toda a comunidade.

Foi nesta época, em particular, que as mulheres nazarenas começam a sair da vida privada e a emergir na vida pública da comunidade.

Num parêntese, vale trazer a obra de Philippe Ariès para lembrarmos o que, na essência, distingue as vidas pública e privada:

*Para quem vive atualmente não existe ambiguidade: de um lado um porto de paz, refúgio familiar na essência, mas também local de eleição das amizades e das liberdades hierarquizadas. Do lado de fora, as coerções da vida pública, a disciplina do capital globalmente hierarquizado, o rigor dos envolvimento de todo tipo.* (Nicole Castan, in Philippe Ariès, p.402)

Sete décadas se passaram, mas o *modus vivendi* da comunidade nazarena, pelo que pudemos analisar através do trabalho de campo, em relação ao protagonismo das mulheres e às relações sociais de sexo, não sofreu alterações substanciais. Os homens já não estão passando meses à pesca em alto mar. Mas as mulheres continuam mantendo as mesmas práticas que assumiram aquando da ausência prolongada dos homens no mar. Ou seja, a comunidade local continua a conferir um destaque às mulheres no âmbito de todas as atividades da vida social e econômica.

Uma questão de fundo que se levanta, e à qual esta tese não pode dar uma resposta taxativa, é se, não se verificando mais as condições que conferiram um protagonismo acrescido às mulheres, se consolidou ou não de forma duradoura um *ethos* matriarcal na Nazaré. Dito de outro modo, como surfaram as mulheres nazarenas essa onda temporal que lhes permitiu escapar a lógicas paternalistas? Tê-la-ão surfado, de forma decisiva, para lá das areias da praia que simbolizam a arena da sua exposição e afirmação pública? Ou, finda a vaga da ausência masculina prolongada, o protagonismo que assumiram está condenado a ser pouco mais que a espuma que acompanha quem surfa quando a vaga se espraia?

O lastro das representações simbólicas que caracterizam uma determinada forma social, que no caso que aqui analisamos aponta para a existência de uma cultura



matrística, configura o que Bourdieu designou por *habitus*. É verosímil que as regras e os valores que moldaram de forma inconsciente um coletivo permeado pela distância física do poder paternal tenham sido assimilados através de representações culturais que perduram e que são, presumivelmente, emuladas. O poder das mulheres nazarenas radicará exatamente na manifestação espontânea e grupal, interiorizada e socialmente partilhada, mas de certa forma inconsciente, que origina uma motivação comportamental - formada por intenções e crenças explícitas – para relevar a intervenção das mulheres e os papéis sociais que elas ocupam.

Bourdieu (1977: 218) justifica a escolha do termo latino *habitus*, em vez do uso do termo que, na língua portuguesa, corresponderia a “o hábito” para evitar que se possam confundir certas ressonâncias semânticas associadas a este último termo. Concretamente a eventual associação a reflexos mecânicos ou a tendências fixas que levam a que se responda de uma mesma maneira a estímulos idênticos, atendendo a que o que está em ação no *habitus* não é um conjunto de associações permanentes e atomizadas do tipo estímulo/resposta, mas uma capacidade geral, versátil, inventiva, flexível e adaptativa de atuar em uma grande variedade de situações e ambientes sociais.

Seguindo ainda Bourdieu, o *habitus* pode ser encarado como fonte formatadora de um *modus vivendi*. No caso concreto, estaríamos perante um *modus vivendi* matriarcal. Esse *modus vivendi*, na ótica de Bourdieu, funciona como a melhor representação da multiplicidade de variáveis estratificadoras que possibilitam identificar, no contexto das sociedades avançadas contemporâneas, inventários que incluem não apenas indicadores tradicionais, como a ocupação profissional e a renda, mas também credenciais educacionais. Ou seja, configuram um “capital cultural”, formatado também pelo gênero, pela idade e por muitos outros recursos que, num determinado contexto, concedem vantagens na obtenção de um status social mais elevado na sociedade. A questão de fundo segue sendo a mesma: até que ponto as mulheres nazarenas construíram um mundo social, a partir da posição que conseguiram ir ocupando na estrutura de distribuição desigual de diferentes tipos de capital, que tenha permitido configurar a fisionomia de um *modus vivendi* diferenciado?

A abordagem microterritorial, que nos obriga a reconhecer a microfísica do poder (Foucault, 1979) – pertinente no caso do objeto de estudo, dado permitir descortinar as relações de poder no seio da instituição família – e que nos possibilita tornar visíveis e relevantes atores coletivos (no caso, as mulheres) que, *by de book*, são refratários à lógica

do protagonismo nos territórios que habitam, é uma perspectiva adicional, sociologicamente estimulante, para o desenvolvimento de estudos sobre a comunidade. Designadamente se aceitarmos a proposta de Fortuna (2012) quando recorre ao conceito de Bünde, de Herman Schmalenbach, para destacar formas de sociação (alternativas às comunidades e às sociedades de Ferdinand Tönnies (1977) baseadas na partilha de afetos, de sentimentos e de emoções e não na tradição ou na racionalidade que legitimam formas de sociação paternalistas.

A pesquisa realizada confirma que o *modus vivendi*, fomentado a partir dos anos 50 do século XX pela pesca do bacalhau, permanece até ao século XXI. Ainda que as contingências que forçaram um protagonismo sobrevivendo da mulher na comunidade local se tenham alterado, com base nos dados recolhidos, arriscamos a tese que a Nazaré estará entre o que mais se aproxima, no contexto das modernas sociedades ocidentais avançadas, de uma comunidade matrística. A alteração das contingências e o fato de a comunidade local estar integrada num contexto de uma sociedade genericamente paternalista fazem com que esta tese esteja sujeita a perder gradualmente consistência. Mas essa é outra tese que terá de ser posta à prova dos fatos no futuro.

Nos últimos três séculos, as sociedades ocidentais vêm assistindo a uma transformação do papel da mulher. Essa transformação não é, nem transversal, nem uniforme, nem muito menos satisfatória. Globalmente, mesmo as sociedades que conheceram mais avanços no domínio da igualdade de gênero continuam a estar ancoradas em regimes patriarcais. Ainda assim, é curial acentuar que o patriarcado se manifesta de forma social e geograficamente diferenciada, mesmo dentro das sociedades ocidentais. Nessa medida, o entusiasmo com que nos lançámos na busca de uma cultura matrística na Nazaré é tanto um reconhecimento da existência de bolsas refratárias ao patriarcado, quanto reflexo de um ativismo na causa da promoção de culturas matrísticas.

A história nos demonstra que o matriarcado foi, nos primórdios da civilização, a primeira forma de organização da sociedade. Se, chegados ao século XXI, o matriarcado desapareceu na sua forma tradicional, não é menos verdade que há razões para crer (a começar pelos padrões de escolarização de nível superior nas sociedades avançadas contemporâneas, passando pela fragmentação das identidades de gênero, entre outros) que as formas de sociação estão a abrir caminho a culturas matrísticas capazes de potenciar um matriarcado moderno.

É também consabido que o modelo de matriarcado original se foi diluindo a partir de uma sucessão de fatos históricos, como, por exemplo, o aparecimento da noção de propriedade, a transformação dos modos de produção, a evolução das formas religiosas e o desenvolvimento do capitalismo. Qualquer um destes fatores, entre vários outros, continuam a ser determinantes na forma como o patriarcado se manifesta e se reproduz nas sociedades contemporâneas. Essa é, todavia, uma discussão que é lateral a esta tese.

Se há uma relevância científica e um interesse pessoal em estudar o tema, cabe justificar melhor o interesse pelo objeto. Enquanto estudantes de doutorado, brasileiros, em Coimbra, somos frequentemente incitados a sair da nossa zona de conforto e a não ceder à tentação de querer abordar objetos que já conhecemos bem. É um desafio que não é fácil de aceitar, mas que, ao mesmo tempo, é acutilante. Assim, perante a necessidade de ter de produzir uma tese na área da sociologia e das relações de trabalho, atendendo a meu interesse pelo trabalho no feminino e pelos universos em que as mulheres se veem na contingência de ter de assumir funções tradicionalmente masculinas, encontrei na Nazaré um objeto estimulante. As minhas primeiras incursões no terreno cedo confirmaram as minhas expectativas. De seguida, a pesquisa bibliográfica exploratória sobre a vila da Nazaré reforçou a minha curiosidade inicial, na medida em que a mulher nazarena aparecia em vários textos como personagem diferenciada.

Sabendo, desde o início, que se tratava de um tema complexo e de um objeto de difícil abordagem, feitas as primeiras leituras de literatura sociológica, o esforço inicial orientou-se para a leitura de monografias locais e para visitas ao terreno, visando estabelecer contatos geradores de confiança. Foi, além da realização do trabalho de campo, uma experiência fortemente recompensadora, sobretudo do ponto de vista humano. As mulheres que têm nome e que ganham rosto nesta tese, que pelas falas e relatos aqui transcritos revelam suas identidades, são merecedoras da minha maior gratidão. Com elas, mais do que o contributo que deram para a realização da tese, aprendi experiências e lições de vida que me marcarão para sempre.

A forma que escolhemos para melhor expormos nossa pesquisa foi dividi-la em três partes, comportando cada uma delas uma sequência de capítulos que se sucedem de forma a permitir testar os pressupostos teóricos e hipóteses, assim como responder aos objetivos elencados.

No embasamento da tese, a primeira parte inclui capítulos que objetivam discutir a situação temporal e atemporal do tema central: o matriarcado, que desemboca na sua versão moderna de cultura matrística.

O conceito de poder é central na primeira parte da tese. O patriarcado tem a ver com poder e com autoridade. Razão pela qual alguns autores se recusam a falar de matriarcado quando defendem formas de sociação em que as mulheres tenham protagonismo equivalente ao dos homens, pois matriarcado pressupõe igualmente um poder e uma autoridade desigualmente distribuídos, neste caso em favor das mulheres. A discussão sobre poder é fundamental para melhor compreendermos o empoderamento das mulheres nazarenas.

Recorremos, assim, às leituras de Karl Marx, Émile Durkheim, Max Weber, Bertrand Russel, Talcott Parsons e Hannah Arendt, até chegarmos à conceituação de poder de Byung-Chul Han. Este último autor, partindo do paradoxo que o poder está em todo lado, ao mesmo tempo que não é consensual defini-lo, oferece uma leitura alternativa que se adequa, na nossa perspectiva, a caracterizar o poder das mulheres nazarenas. Esse poder soft que marca as interações, o poder exercido no feminino, é um poder que cria interdependências recíprocas e não algo que é exercido por uma pessoa sobre outra. A diversidade de leituras é importante atendendo às dimensões da vida comunitária que são analisadas na tese.

Se a conceituação política de poder, de Karl Marx, se relaciona com a questão da subordinação de classes sociais a um poder instituído, a perspectiva durkheimiana sugere que o poder é coercitivo, uma vez que emana de fatos sociais. Para Weber o poder é situacional. Ou seja, qualquer indivíduo pode exercer poder, desde que, no contexto de uma relação social, ocupe uma posição que lhe permita impor a sua vontade independentemente da resistência daqueles sobre quem o poder é exercido. Numa perspectiva sociológica, para Weber, o poder é neutro. Para Russel o poder é o fim último da natureza humana. O poder é o efeito do que é pretendido; ou, por outras palavras, é o resultado ou efeito de uma vontade, independente da probabilidade de ocorrer. Parsons (1974) sustenta que o poder não é uma questão de coerção ou de dominação social, mas que é um elemento incontornável dos sistemas sociais e de seu potencial para coordenar as atividades humanas e buscar objetivos. A versão feminina de poder pode ser buscada na teoria arendtiana. A autora inicia uma conceituação de poder a partir de uma perspectiva coletiva, onde o poder se faz necessário para uma atuação social harmônica. Byung-Chul

Han, o autor que, como dissemos, acreditamos ter a noção mais adequada para a tese que defendemos, traz-nos o conceito de um poder inteligente, que atua de forma silenciosa, utilizando a liberdade como ferramenta de convencimento e de racionalização, de forma a que os indivíduos cooperem sem terem de ser dominados.

Tendo por base estas duas últimas noções de poder, sustentamos que a comunidade nazarena se constitui como uma forma diferenciada de organização, uma vez que existem indícios de um equilíbrio de poder entre homens e mulheres, diferentemente daquilo que se passa numa forma de organização patriarcal ou mesmo numa forma de organização matriarcal tradicional.

A segunda parte tem o objetivo de situar o objeto de estudo. Sem se fazer aqui uma descrição detalhada, esta parte procura garantir um justo equilíbrio entre as necessidades de quem lê a tese sem nunca ter ouvido falar da Nazaré e as necessidades de quem conhece bem a vila, a sua história e as suas gentes. Desenvolvemos, por isso, uma breve leitura monográfica e etnográfica da comunidade nazarena; hábitos; trajetórias quotidianos dos residentes; manifestações culturais e religiosas; enfim, um conjunto de características que nos permite identificar o *ethos* nazareno.

Colocamos nesta parte, que faz uma transição entre a componente mais teórica e a aproximação ao objeto de estudo, algumas questões de ordem metodológica que envolveram a recolha de dados. Damos igualmente conta das dificuldades enfrentadas para desenvolver um trabalho de campo baseado em entrevistas.

A terceira e última parte apresenta e discute os resultados da pesquisa. Fá-lo seguindo especificamente o guião das entrevistas semidiretivas aplicadas a 25 mulheres ligadas à comunidade piscatória da vila da Nazaré.

Nela abordamos e analisamos perceções relativas à distribuição do poder na comunidade, considerando dimensões relativas ao trabalho das nazarenas. Isso permite-nos fazer uma confrontação com leituras bibliográficas previamente feitas. Questionamos também atividades de lazer; questões relacionadas ao vestuário; decisões relativas à saúde; situações inerentes à educação; enfim, questões que têm a ver com todas as tarefas quotidianas das mulheres e com atividades que exigem recursos e decisões. Neste contexto, de modo a favorecer a reflexividade, confrontamos as entrevistadas com perceções relativas à sua própria emancipação.

Se a pesca do bacalhau, no dealbar da segunda metade do século passado, levava os homens para o mar por largos meses, obrigando as mulheres a assumir, não só o controlo da casa, mas também uma variedade de decisões, passados  $\frac{3}{4}$  de século, a situação já não é a mesma. Os homens, mesmo os que trabalham no setor das pescas, já não ficam meses a fio no mar. Com essa mudança poderia ter acontecido uma reconfiguração dos papéis tradicionais, vincando padrões de uma sociedade paternalista. Na pesquisa encontramos, todavia, indícios que revelam um *ethos* local marcado por esse período que conferiu destaque às mulheres numa comunidade onde a presença do *pater familias*, com *vitae necisque potestas*<sup>2</sup>, não se fazia sentir no quotidiano (o espaço, por excelência, do exercício e da reprodução do paternalismo, que, como outras formas de poder, depende da proximidade e da vigilância).

Encontramos em Göettner-Abendroth, além de outras autoras, e nos seus trabalhos sobre o matriarcado moderno, um amparo para esta pesquisa. Não descartamos a dimensão do exercício do poder nas comunidades onde impera um certo sentido matriarcal. Mas numa análise microterritorial reforçamos as nossas convicções constatando a existência das formas de dominação inteligente propostas por Byung-Chul Han (2017). Ou seja, encontramos na Nazaré formas de sociação onde o poder se insinua, sem opressão, sem ostentação, abrindo caminho a consensos. Contextos onde “o poder inteligente, de aparência livre e amável, que estimula e seduz, é mais efetivo que o poder que classifica, ameaça e prescreve. O botão ‘Gosto’ é o seu sinal” (*idem*).

Dito isto, queremos deixar claro que procuramos fazer um esforço para trazer ao debate autores contemporâneos que nos permitam atualizar a discussão sobre o matriarcado moderno ou culturas matrísticas (Maturana, 2021). Não rejeitamos a base conceitual ancorada nos trabalhos de antigos autores, mas reconhecemos a necessidade em atualizar as formas de leitura das relações de poder para as adaptar ao estudo de microterritórios. Até porque, as mulheres, tal como outros grupos subalternizados que os estudos sobre microterritorialidades procuram resgatar, ficaram com muita frequência em uma situação de invisibilidade na leitura dos autores clássicos.

---

<sup>2</sup> Com “poder da vida e da morte”. Assim era na Roma Antiga, onde o *pater familias*, independentemente da sua eventual ausência prolongada, dispunha de um poder e de uma autoridade alargada e absoluta, ficando as mulheres sujeitas, por regra, assim como os escravos e demais elementos do “agregado”, a um regime de *capitis deminutio*; ou seja, de capacidade diminuída.

A análise dos dados favorece as falas das mulheres que entrevistámos. Estruturámos previamente a análise introduzindo categorias analíticas no guião das entrevistas, de modo a testar hipóteses e responder aos objetivos. Mas fugimos deliberadamente a uma leitura desconstrutivista dos discursos. Com esta opção, estamos em crer, reforçamos a evidenciação e a exactidão dos indícios de uma cultura matrística na Nazaré, que, na nossa perspetiva, se constitui como comunidade diferenciada em relação a formas de manifestação do poder.

Não partimos para a realização desta tese querendo encontrar, a qualquer custo, uma forma de organização social que sabemos não existir nas sociedades modernas avançadas, nem sequer em sociedades tradicionais. Ou seja, uma forma de organização social dita matriarcal, em sentido tradicional, definida por oposição a uma forma de organização patriarcal como aquela que, com as suas diferenças, predomina nas sociedades contemporâneas. Também não queremos, nem nunca quisemos, fazer uma tese para comprovar que o poder no feminino se exerce de uma maneira radicalmente diferente do exercício do poder no masculino. Mas acreditamos que análises micoterritoriais, como aquela que procurámos concretizar, nos permitem revelar formas de sociação estruturadas na partilha de afetos, de sentimentos e de emoções que abrem caminhos a sociedades mais igualitárias. A predominância de formas de sociação baseadas na tradição e na racionalidade, orientadas para garantir a sobrevivência e a acumulação, seja através de um poder providencial, seja através da competição (sendo que qualquer uma delas legítima formas de sociação paternalistas), são, para nós, insuportáveis.

Se o percurso que levou à conclusão desta tese não contribuir para muito mais que isso, há uma contribuição latente, não despicienda, que tem de ser relevada: o contributo que a realização desta tese teve para a definição de uma capacidade de ativação cidadã mais esclarecida da autora do trabalho. Esta tese é um percurso de vida que se vê muito enriquecido com a conclusão desta fase.

PARTE I  
CULTURAS MATRÍSTICAS NAS SOCIEDADES  
CONTEMPORÂNEAS





## Capítulo I - Conceitos fundamentais

***“O próprio conceito do “humano” é controvertido. Isso não o desqualifica, mas proíbe que seja usado irrefletidamente.” Gottfried Brakemeier***

### 1.1 - Matriarcado tradicional: a origem

Mesmo nos arriscando a reproduzir eventuais reverberações mitológicas, é curial olharmos para alegorias que nos dão conta da existência de formas de organização social ancoradas no poder da mulher; ou seja, sociações que dão forma ao matriarcado. Documentado na história da civilização muito antes do nascimento do mito segundo o qual Eva foi expulsa do paraíso e, devido ao seu pecado capital, submetida a Adão e ao poder masculino emanado de Deus, o matriarcado subsiste como forma ancestral de organização social real ou imaginada.

Houve um tempo, nos primórdios da história humana, em que a religiosidade das sociedades estava restrita e submetida à divindade feminina – Déesse - cuja adoração se estendeu desde o período neolítico (7000 anos antes de Cristo) até perto do ano 500 da era cristã, ou mesmo, em vários contextos, até ao século V d.C. São vários os registros de adoração às deusas desde o período paleolítico. Temos, nesse período, a figura feminina da primeira Vénus esculpida de que se tem notícia até nossos dias. Uma escultura feita em calcário, retratando efusivamente a fertilidade nas formas avantajadas da mulher, talvez utilizada como amuleto, dado o seu pequeno porte, como bem se pode observar na Figura 1.

**Figura 1**  
**Venus de Willendorf, 25000-20000 a. C.**



**Fonte: (Estatueta de pedra, cerca de 11 cm). Museu de História Natural, Viena, Áustria (1908).**

Krische (1930), recorrendo a explicações de Muller-Lyer, justifica o início do matriarcado a partir de uma sequência sustentada em três pilares, simplificados na obra e descritos resumidamente como: 1º) a mulher transformou-se em sedentária antes do homem; 2º) a mulher iniciou a agricultura, deixando ao homem a busca de alimento de origem animal. Portanto, inicia-se aí a divisão social do trabalho, com a mulher a ficar em casa e o homem fora dela; 3º) a fixação da mulher à terra fez com que o homem tivesse que vir ao seu encontro, uma vez que, pela ligação ao valor econômico maior e mais seguro, os filhos ficavam com ela, não seguindo os pais-homens nas suas tarefas de afastamento dos locais de sedentarização.

16

---

Deste ponto se infere que o matriarcado se iniciou a partir da introdução da agricultura como meio de sustentação, para além da caça. Neste contexto, a fixação em um local determinado, induzida pela agricultura enquanto atividade econômica de base, fez com que o poder econômico ficasse sob o controle feminino, conferindo à mulher poder e domínio sobre sua comunidade. Encontramos neste argumento, um tanto ou quanto simplificado, as reminiscências do matriarcado.

Essa transformação sem precedentes proporcionou uma primeira concepção de organização social que é justificada por Krische (1930) desta forma simples:

*“Porque sendo a mulher um valor econômico maior que o homem, o clã preferia desprender-se do homem que da mulher, pois o interesse do clã não pode ser trocar um elemento superior de trabalho por um inferior.” (Krische, P.22).*

Temos, então, nesta espécie de silogismo uma explicação para a origem do matriarcado e para a sua consolidação; ou seja, o poder feminino aumentava consoante crescia o número de indivíduos ao redor da primeira mulher de cada clã. Segundo Krische (1930):

*“(…) os principais caracteres do matriarcado são, em primeiro lugar, a linha materna, quer dizer, o costume de atribuir os filhos à mãe, e ao clã da mãe, rechaçando, em troca, todo o parentesco do pai com seus filhos; o direito preponderante de propriedade das mulheres junto à propriedade comum (comunismo) ao clã; a herança da mãe aos filhos, especialmente às filhas, e à herança de categoria e título de caudilho ao filho da irmã e não aos próprios filhos.” (Krische, P. 33)*

Krische (1930) também nos dá conta que foi Johann Jakob Bachofen, jurista e antropólogo suíço, o primeiro a assinalar que, estudando povos cultos da pré-história, podemos encontrar registros de matriarcado no Egito, Índia, Tibet, Grécia, terras montanhosas da Cantábria espanhola, ilha de Lesbos, Atenas, Creta, entre outras. (Krische, P.110)

No Egito, Déesse chamava-se Hator, criadora do universo, mulher em forma de serpente. Igualmente no Egito, as mulheres detinham total poder e, segundo descreveu Diodorus: *“no contrato de casamento o homem prometia obediência em tudo às suas esposas.”* Outros autores também afirmam que as mulheres egípcias tinham total poder econômico, social e político em sua época e que a hereditariedade repousava na linhagem feminina. Os poemas de amor encontrados nas tumbas egípcias são a prova que cabia às mulheres cortejar os homens. Eram elas que, às vezes, os levavam a beber alguma droga para vencer sua resistência. (Stone, 2004, p. 78-79)

Na Anatólia, atual Turquia, país próximo à Mesopotâmia, ocorria a mesma situação: prevalecia um matriarcado, com filiação matrilinear e a divindade era Déesse. Charles Seltman escreveu sobre a Grécia, mais precisamente sobre Creta, em 1952, afirmando que *“a sociedade, nos povos mediterrâneos, era centrada na mulher”*. Mesmo nas classes mais elevadas, a filiação se dava através da linhagem da mulher. (*apud* Stone, 2004, p.90-93)

Segundo algumas outras fontes, é possível que na Mesopotâmia, ladeada pelo Tigre e pelo Eufrates e berço da sedentarização com base na atividade agrícola, as mulheres pudessem ter mais de um marido. Não há uma comprovação efetiva se isso ocorria em simultâneo ou se prevalecia como direito a outro marido em caso de viuvez. Nessa época, igualmente na Mesopotâmia, existiam mulheres escribas, portanto, inegavelmente cultas. Também nos documentos dessa época, as mulheres vinham sempre antes dos homens na ordem de toda a documentação, um sinal simbólico que eram mais importantes que os homens.

Milênios nos separam dessa história de matriarcado ancestral alegadamente disseminado pelas sociedades primitivas. Mas um mesmo fio condutor permanece como elemento justificativo dessa forma de sociação: o afastamento temporário dos homens, mais ou menos prolongado, dos assentamentos, dos meios base de subsistência e da célula primordial de socialização. Portanto, não é estultícia, nem hipótese acadêmica despicienda, admitir que persistam matriarcados contemporâneos, ou traços deles, ainda que, forçosamente, modificados pelo tempo e adaptados à realidade contextual de cada sociedade.

Uma autora que ratifica os registros ancestrais de matriarcado é Merlin Stone (2004), quando nos elucida que os escritores da bíblia judaico-cristã, ao arrepio dos documentos originais, tenham convertido Déesse em homem:

*“( . . . ) como nós a conhecemos, parecem ter passado de forma consciente e silenciosa sobre a identidade sexual da divindade venerada pelos povos vizinhos dos Hebreus, no país de Canaan, na Babilônia e no Egito. No velho testamento não existe nem mesmo um nome para designar “Déesse”. Na bíblia ela é designada por um nome masculino de Élohim, que é traduzido por deus.” (Stone, P.17)*

A maioria dos autores incorpora esta referência muito rapidamente e passa a descrever os deuses que a substituíram historicamente, muito provavelmente, segundo Stone (2004), por cognomes relativos a Déesse consoante as diversas regiões que partilhavam a crença. Entre esses nomes, ainda segundo Stone (2004), destacam-se: Rainha do Céu; Dama do Alto; Rainha do Universo; Soberana do Céu; Leoa da Grande Assembléia, ou, simplesmente, A Santidade; a Mãe dos Deuses, entre outros.

Esta mesma autora sustenta o argumento do poder feminino na constatação que nessas sociedades a deusa maior é uma mulher. O que significa que, durante todos esses milênios, a sociedade teria sido organizada e dirigida por mulheres, atendendo a que a religião retrata e exacerba a organização social de uma determinada era. Stone (2004) ancora seu argumento em outros autores que igualmente reafirmam essa hipótese, como se pode constar na obra alemã de 1923, de M. e M. Vaerting, *The dominant sex*:

*“Le sexe dominant, ayant le pouvoir de diffuser ses propres points de vue, tend à repandre son idéologie spécifique. Si les tendances de sexe dominé vont à l’encontre de l’idéologie, elles seront vraisemblablement éliminées, d’autant plus énergiquement que le sexe dominant est plus puissant. En conséquence l’hégémonie des divinités masculines accompagne en général une domination sociale des hommes, et l’hégémonie*

*des divinités féminines une domination des femmes.” (Stone, P.72)<sup>3</sup>*

Stone (2004) junta o contributo da socióloga V. Klein, de 1946, para reforçar esse traço marcante da economia que se estende desde o período neolítico até à era cristã, afirmando:

*“Nas sociedades primitivas, as mulheres detinham os principais recursos de riqueza, elas possuíam as casas, produziam a comida e asseguravam o abrigo e a segurança. Então os homens eram economicamente dependentes das mulheres.” (Stone, P. 74)*

Quarenta e quatro anos antes do nascimento de Cristo, um siciliano, Diodorus Siculus, provavelmente o primeiro sociólogo, antropólogo e historiador de que se tem notícia, interessado na sociedade do Oriente Médio, descreveu o status das mulheres e afirmou em seus registros a dominação feminina nas sociedades por ele visitadas. Segundo Stone (2004), este escritor não escreveu para diminuir o poder masculino, mas para expressar, acima de tudo, sua admiração e respeito pelas mulheres que detinham tanto poder. Ele estava interessado em conhecer modelos culturais, que retratou a partir das viagens que realizou, descrevendo o matriarcado existente nas regiões por ele visitadas. Na Líbia, Diodorus Siculus descreve o poder feminino em todas as funções públicas; os maridos obedeciam a suas mulheres e o trabalho doméstico era de sua competência. Não lhes era permitido nenhum envolvimento com o governo nem com guerras. O cuidado com as crianças também era de sua responsabilidade, inclusive sua alimentação. Sua deusa era Déesse, como bem discorre Stone (2004) nas páginas 76 e 77 da obra citada.

---

<sup>3</sup> Tradução da autora: “O sexo dominante, tendo o poder de divulgar seus próprios pontos de vista, tende a espalhar sua ideologia específica. Se as tendências do sexo dominado contrariam a ideologia, elas serão muito provavelmente eliminadas, tanto mais energicamente quanto o sexo dominante é mais poderoso. Em consequência, a hegemonia das divindades masculinas acompanha, em geral, uma dominação social dos homens e a hegemonia das divindades femininas, uma dominação das mulheres.”

## 1.2. Conceitos e situações de ocorrência em nosso tempo

Fazendo uma aproximação às sociedades contemporâneas, o matriarcado pode se manifestar pela ausência dos homens de uma comunidade. Uma ausência que está, sobretudo, ligada ao trabalho. Profissões/ocupações/atividades que sujeitem os homens a ausências prolongadas, seja em contextos de emigração, de participação em guerras ou, como no caso tratado nesta tese, de predominância estrutural de uma atividade profissional que leva os homens para o mar, são um fator que fomenta résteas de matriarcado nas sociedades contemporâneas. Cabral (1992) complementa o conceito de matriarcado decorrente do afastamento provocado por uma atividade laboral argumentando que matriarcado é uma consequência de condições precárias de vida de uma sociedade em situação de pobreza extrema, atendendo a que “*os homens não chegam jamais a ter uma posição estável na vida familiar.*” (Cabral, P.49)

Relevando, à luz deste princípio, uma leitura antropológica levada a cabo por Jan Brøgger (1992a e 1992b), a partir de estudos por ele concretizados durante o tempo em que realizou observação participante na Nazaré, é judicioso postular a existência de um matriarcado moderno na comunidade piscatória da vila do Oeste. Diríamos uma cultura matrística impulsionada e sustentada pelo afastamento recorrente e prolongado dos pescadores da vila que saíam longas temporadas à pesca do bacalhau. Cabral (1992) reporta-se a Paul Descamps (obra datada de 1959, página 277) que explicita o matriarcado nazareno da seguinte forma: “*Nous avons démontré et vérifié nombre de fois que l’action combinée de deux causes poussent au développement le matriarcat: l’absence fréquent des hommes et l’importance des travaux féminins.*” (apud Cabral, P.40)<sup>4</sup>

Douglas (1969) justifica a existência do matriarcado moderno por um viés econômico, socorrendo-se, para disso fazer prova, de estudos com os grupos agrícolas matrilineares. Comparados com os grupos patrilineares, revelam ser mais capazes e eficazes no apoio à sustentabilidade dos modos de vida das famílias em situação de alta vulnerabilidade, quer no que diz respeito aos recursos produtivos e à incerteza da atividade, quer quanto aos rendimentos agrícolas. (Douglas, P.123) A dissertação de Vanda Narciso (2013), sobre a relevância da matrilinearidade em contextos rurais,

---

<sup>4</sup> Tradução da autora: “*Nós demonstramos e verificamos muitas vezes que a ação combinada de duas causas levam ao desenvolvimento do matriarcado: a ausência freqüente dos homens e a importância dos trabalhos femininos.*”

destaca também a correlação positiva entre propriedade ou gestão da propriedade e empoderamento feminino.

Sabemos que, no século XXI, as sociedades matriarcais puras existentes no mundo, ancoradas nos antigos moldes, são pouco mais que uma miragem. Contudo, na obra do jornalista Ricardo Coler (2008) [*O Reino das Mulheres - o último matriarcado*], produz-se um documentário histórico sobre a comunidade Mosuo localizada em Luoshui, à beira do lago Lugu, na província de Yunnan, no sudoeste da República Popular da China, com uma população de aproximadamente vinte e cinco mil habitantes, onde, comprovadamente, se pode encontrar uma sociedade matriarcal, matrilinear e matrilocal, evidenciando que, no século XXI, há resquícios de formas puras de sociação matriarcal. (Coler, 2007)

Segundo Coler (2008), numa apropriação simplificada da terminologia, a sociedade matriarcal repousa e pode ser explicada pela relação de autoridade:

*“Na sociedade matriarcal a autoridade está nas mãos das mulheres. O exercício indiscutível desse poder imprime aos costumes sociais algumas características particulares.”*  
(Coler, P.14).

Este modelo identificado na China rural não é único em nosso tempo. Existem, pontualmente, outros, espalhados pela África, América e Oceania. Todavia, todos eles localizados em sociedades que se encontram ainda organizadas em forma tendencialmente primitiva. Provavelmente, por não serem orientais, são diferentes da forma societal descrita por Coler. Porém, estruturam-se igualmente em padrões matriarcais.

O matriarcado encontrado em nosso tempo e ainda com traços muito semelhantes às características das sociedades ancestrais, como descrito até aqui, apesar de esparso e residual, causa um certo espanto ao ser descortinado. Não só por não ser o tipo de forma social dominante há dezenas de séculos, mas também por não encaixar nos padrões hegemônicos das formas sociais contemporâneas. Em certo sentido, esse espanto é proporcional ao enraizamento e à naturalização do patriarcado, pois ele é tanto maior quanto mais o patriarcado se encontra normalizado nas sociedades contemporâneas.

O que encontramos na vila da Nazaré é um tipo de forma social distinta. Ou seja, uma forma matrilinear que assume moldes particulares de uma comunidade onde o poder não é predominantemente masculino. Na Nazaré nos deparamos com uma nítida



preponderância de atividades e da vida social e econômica com óbvio lastro feminino, ocorrendo fenômenos desse tipo com normalidade. O protagonismo das nazarenas na organização da vida local e na gestão do quotidiano é, mais à frente, ancorado em dados e em relatos que procuram corroborar a tese de estarmos perante uma cultura matrística que configura o matriarcado moderno.

### 1.3. Observações importantes sobre a inserção do patriarcado nas sociedades

Não nos estenderemos muito nas observações relativas ao patriarcado por não ser o mote de nosso trabalho. No entanto, faz-se necessário relevar tendências que consideramos importantes para caracterizar os processos sociais e civilizacionais e para podermos situar no tempo a transformação social que altera os equilíbrios entre sociações patriarcais e matriarcais.

Desde o início do cristianismo, já com um deus masculino, toda a cultura se instala e se recria em volta do poder do homem. Neste contexto, deve levar-se em conta a tensão secular entre o Estado e a Igreja, sobretudo na disputa de modos de dominação da população e da legitimidade na recolha de impostos. Uma cultura, deve dizer-se, que instituiu a dominância masculina, o chamado regime patriarcal. E que sempre foi sustentada, e ainda o é, na maior parte do mundo contemporâneo, pela violência física e estrutural, impondo-se pela força e pela coerção.

Nestes regimes patriarcais, inicialmente, restringiu-se o papel da mulher à vida privada; ou seja, aos serviços dos cuidados com a casa, com a família, com os doentes, com os mais velhos, com criados, quando havia e, quando muito, com a economia doméstica. Neste ponto, reporto-me a Philippe Ariès que em seu livro *Historia de la vida privada* (1991), nos indica que esta diferença entre vida pública e privada começou a partir da Idade Média, principalmente para as classes populares e rurais, mas que ainda prevalece no século XX. Numa versão simplista e caricatural, a diferença entre a vida pública e a vida privada estabelece fronteiras e horizontes de possibilidade delimitados, podendo traduzir-se na fórmula: “ (...) *Na taberna para os homens, no lavadouro para as mulheres, na rua para todos.*” (Ariès, p. 10)

Nestes universos estanques, mas social e sexualmente segregados, o papel desempenhado pela mulher na sociedade restringe-se ao interior das residências, deixando a mulher na invisibilidade do mundo social e das interações de natureza pública. O espaço da vida doméstica é, ainda hoje, o palco de manifestação de desigualdades e de oportunidades, configurando privilégios e obrigações diferenciados para homens e para mulheres.

Este modelo ostensivamente patriarcal é o modelo que persiste na maioria das sociedades contemporâneas, ainda que existam diferenças abissais, no modelo patriarcal, em matéria de direitos das mulheres e das oportunidades que têm ao seu alcance. O que significa que, hoje em dia, nas designadas sociedades avançadas, sobram exemplos que nos revelam a possibilidade de as mulheres se afirmarem na vida pública e mesmo de se tornarem agentes dominantes em várias esferas sociais e profissionais.

#### 1.4. Matriarcado moderno

Há modelos históricos relevantes, que abordaremos de seguida, ainda que de forma abreviada, que testemunham o percurso percorrido pelas mulheres rumo a uma sociedade mais igualitária.

Heide Göettner-Abendroth fundou, em 1986, uma instituição dedicada a desenvolver Estudos Matriarcais Modernos – a *Hagia International Academy* –, orientada para estudar as sociedades matriarcais de nosso tempo.

A autora afirma em seu artigo intitulado “La società matriarcale: definizione e teoria”, publicado no site italiano [www.universitadelledonne.it](http://www.universitadelledonne.it), que os novos modelos de matriarcado não são uma reversão do patriarcado, já que não há uma dominação das mulheres pelos homens. Pelo contrário, são sociedades igualitárias, sem exceção; ou seja, as hierarquias, as classes e a dominação de um gênero pelo outro são inexistentes ou estão diluídas, não havendo uma submissão de um dominado por um dominante.

Esta forma de sociação é particularmente sedutora para quem busca a formação de uma sociedade justa. Ainda assim, há que ter em conta que cada forma de organização social tem diretrizes e códigos de conduta próprios que governam e orientam os relacionamentos e a comunidade. Assim sendo, a igualdade nas sociedades matriarcais

não significa um mero nivelamento de diferenças. As diferenças naturais entre os gêneros e entre as gerações são respeitadas e honradas, mas nunca servem para criar hierarquias, como é comum no patriarcado.

Essa forma de construir sociedade é vista por Cabral (1992) como um “sous-univers” cultural, exatamente porque não possui a característica de dominação nem de autoridade feminina para que se possa identificar um matriarcado. O mesmo autor assinala, porém, que a sociedade de pescadores do noroeste português, para a qual olhamos nesta tese, resistiu aos esforços doutrinários do Estado e da Igreja. E esclarece que a construção social da identidade dos sexos, homens e mulheres da comunidade, deve ser confrontada com suas inaptidões para complementar e concretizar os personagens definidos e idealizados pela sociedade global hegemônica. (Cabral, P.47)

Em suma, existe o reconhecimento de uma “transgressão” local relativamente aos papéis esperados para homens e mulheres numa sociedade patriarcal.

Na perspectiva de um matriarcado contemporâneo, pautado pela cultura matrística de Maturana, a forma de gerir a sociedade não assenta no autoritarismo ou na segregação de poder, mas sim na construção social de uma paridade de direitos, de deveres, de respeito mútuos, de fazeres e afazeres, sem qualquer estigmatização por sexo. Uma sociedade onde homens e mulheres sejam livres de conceitos, pré-conceitos e preconceitos, vivendo em equilíbrio para uma felicidade plena.

Portanto, passamos de uma conceitualização de matriarcado baseada na ideia de dominação para uma outra concepção que reconhece e valoriza a importância da mulher para a construção de uma sociedade mais igualitária.

Para que isso se concretize, é necessário garantir o empoderamento das mulheres na esfera social externa, o que significa que é fundamental superar o patriarcado na esfera interna. Ou seja, a mulher tem que garantir autoridade e autonomia dentro da família e no contexto doméstico e, a partir daí, adquirir autoridade para poder dirigir sua vida e suas relações na esfera pública.

## Capítulo II – Do patriarcado ao empoderamento da mulher

### 2.1. Incursão pertinente para a compreensão da dura trajetória até ao empoderamento.

Se num discurso feminista a palavra patriarcado pode ser evocada para identificar “o inimigo a combater”, essa identificação resulta mais de uma resposta mecânica e instrumental do que de uma abordagem mais profunda e mais consolidada da realidade.

Segundo Amélia Valcárcel (2016), o cerne da luta do movimento feminista coloca, também ele, as relações de poder e de autoridade como instituidoras de hierarquias de natureza sexual que geram efeitos inaceitáveis nas diferentes configurações sociais. (Valcárcel, P.215)

Assim, ainda que olhando para um lugar aparentemente tão restritivo quanto o lar, ou olhando para as relações comunitárias a partir das relações sociais que ocorrem predominantemente em contexto doméstico, é a partir das relações de poder e de autoridade que aí emergem e se reproduzem que devemos fixar o local de partida para confrontar matriarcado e patriarcado.

Em sua visão antropológica, Françoise Héritier (2007) refere-se à “dominação masculina”, reportando-se às diferenças entre homens e mulheres que existiam já desde a época de Neandertal. Ou seja, há mais de 750 000 anos as mulheres já tinham uma alimentação diferenciada da dos homens, o que trouxe consigo uma logística de transformação física que o corpo feminino foi sofrendo através dos tempos. Mas, por regra, deixando sempre a mulher menor em tamanho, mais frágil e com formas diferenciadas das do homem.

Esta distinção é igualmente relevada por autoras como Priscille Touraille (2008), segundo a qual as diferenças físicas entre homens e mulheres, em termos de tamanho e de força, podem não ser uma diferença original, mas uma diferença criada, construída, graças a uma pressão de seleção imposta pelo próprio homem, gerando e naturalizando, dessa forma, a divisão de poder. Daí ser relevante questionar o patriarcado e o matriarcado

tradicionais como construções sociais, de modo a fomentar o empoderamento necessário para que se tenha consciência das enormes barreiras que se colocam a quem queira iniciar e acelerar trajetórias que equilibrem o poder no seio das configurações sociais.

## 2.2. Poder. O que significa o poder?

Até aqui viemos falando, genericamente, sobre a existência e os contornos do matriarcado na sociedade. Posteriormente referimos dinâmicas processuais de consolidação do patriarcado geradas pelos interesses de controlo, quer do Estado, quer da Igreja. Referimos, sumariamente, as lutas pelo poder ocorridas nessa transição que nos traz até formas de sociação predominantemente patriarcais. Faz-se, todavia, necessário juntar contributos de outros autores que ajudem a contextualizar a cultura matrística que identificamos na Nazaré pautada pelo poder soft de que nos fala Byung-Chul Han. Daí ser importante fazer algumas reflexões sobre conceitos recorrentes tanto na sociologia quanto na filosofia, designadamente: poder e dominação.

26

---

Segundo Weber (1983), podemos entender o significado da palavra “poder” da seguinte forma:

*“Poder significa a possibilidade de impor a sua própria vontade, numa relação social, contra toda a resistência e qualquer que seja o fundamento dessa probabilidade”. (Weber, P. 113 - § 16)*

Ainda que esta noção de poder nos possa ajudar a explicar as formas tradicionais de patriarcado e de matriarcado ela não é suficiente para retratarmos o contexto de atuação das mulheres nazarenas.

Weber (1983) complementa o conceito de poder com o conceito de dominação, enfatizando que:

*“O conceito de **poder** é sociologicamente neutro. Todas as qualidades possíveis de um homem<sup>5</sup> e toda a espécie de constelações de possibilidades podem colocar alguém em posição de impor a sua vontade em dada situação. O conceito de **dominação** tem, por isso, que ser mais precioso e pode significar a possibilidade de que um mandato seja obedecido.” (Weber, P.113)*

---

<sup>5</sup> Neste caso, preferia que a frase fosse: “*Todas as qualidades possíveis de uma Mulher.*”

O sociólogo alemão (Weber, 1983) acrescenta que:

*“Por **dominação** deve entender-se a possibilidade de conseguir obediência a uma ordem de determinado conteúdo entre pessoas dadas; por **disciplina** deve entender-se a possibilidade de conseguir para um mandato por parte de um conjunto de pessoas a obediência que, em virtude de atitudes arraigadas, seja pronta, simples e automática. (Weber, P.113)”*

A dominação, correspondendo à aceitação do poder como legítimo, encontra na ideia weberiana de disciplina, aplicada ao meio familiar, a possibilidade de aceitação de um mandato para toda a vida. Em termos de disciplina, emerge uma obediência que tanto pode resultar de uma dominação tradicional, quanto de uma dominação carismática. A fidelidade tradicional colocar-nos-ia perante formas de dominação tradicionais, sejam elas patriarcais ou matriarcais. Ainda que o patriarcado seja o ideal tipo da forma de dominação tradicional - uma vez que a obediência decorre do respeito formal, ancorado na tradição e na consciência coletiva - que é devido a uma dignidade pessoal sustentada numa espécie de lei moral capaz de proteger os ausentes no quotidiano. Já o que se aprende com as mães, e que se carrega para a vida, em forma de obediência – particularmente em contextos de ausência prolongada do *pater familiae* –, colocar-nos-ia perante formas de dominação carismática. Predomina a devoção afetiva dos dominados e sobressaem as qualidades pessoais de quem é onnipresente e dominador. A matrilinearidade é o ideal tipo weberiano da dominação carismática.

Por sua vez, Bertrand Russel (2014) afirma que: *“O poder pode ser definido como a produção de efeitos pretendidos.”* (Russel, P. 29)

A subtileza e a complexidade dos fenômenos de poder que Russel deixa em suas análises são reiteradas pelas observações de Michel Foucault, que nos alerta para a necessidade de olharmos além da dominação legal de Max Weber. Foucault é claro em seus propósitos de evidenciar quanto as formas de dominação e de exercício do poder, bem como as percepções que se geram em relação ao poder, se misturam e se sobrepõem de um modo que raramente é explícito ou linear.

*“Trata-se (...) de captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações (...) captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam (...) Em outras palavras, captar o poder na extremidade cada vez menos jurídica de seu exercício. (Foucault, 1979, p.182).*

Não há, nem nunca houve registros que tenha havido, na realidade local nazarena, qualquer instituição vocacionada para gerir um poder disciplinar que nos aproxime do quadro da microfísica do poder, de Michel Foucault. Ou seja, a hipótese de existência de um poder disciplinador e consciente, com visão panóptica, orientado para gerar ou manter um patriarcado tradicional por via da modelação objetiva e subjetiva dos indivíduos, é uma hipótese que está totalmente descartada. De igual modo, o quadro conceptual de Karl Marx, que concebe os fenômenos de manifestação e de exercício de poder como consequência da relação de dominação e de subordinação de classes sociais, ancorando os alicerces desse poder nas relações de produção, reporta-se a um plano macro inadequado para abordar a cultura matrística nazarena<sup>6</sup>. Outras abordagens sociológicas, mais formais, de poder, como, por exemplo, a de Durkheim, que conceitua o poder como resultado da coerção dos fatos sociais e da ação do estado, situam-se igualmente num nível sem relevância heurística para o estudo do nosso objeto empírico.

Por outro lado, é útil retermos e atermo-nos a abordagens emergentes de análise dos fenômenos de poder em sociedades complexas. Uma abordagem profícua é a de Byung-Chul Han (2017), que nos dá uma explicação de como o poder acontece sem submissão, o que nos aproxima, na perspectiva assumida nesta tese, do contexto social que estudamos:

*“O acontecimento do poder não se esgota no intuito de vencer a resistência ou de forçar uma obediência. O poder não tem necessidade de assumir a forma de opressão.”* (Han, P. 11)

De uma forma mais contundente e explícita, o mesmo autor nos exemplifica manifestações de poder que remetem para o universo das interações quotidianas e para formas de sociação ancoradas em afetos:

*“O poder opera fazendo circular signos e noções. Não é a espada, mas o buril que intervém. Escrevendo a lei, o poder não se exprime como violência imposta, mas como “certeza imposta”. Não pretende operar através do terror, mas através da razão.”* (Han, P. 46)

O contributo de Talcott Parsons (1974), tributário do pensamento weberiano, constitui um apoio à nossa busca por um conceito de poder adequado a esta tese e ao objeto estudado. Para Parsons, o poder não é uma questão de coerção ou de dominação

---

<sup>6</sup> O que não significa, pelo contrário, que não existam relações sociais de classe que configurem relações de poder. Como mostra Elsa Peralta (2010), as noções de identidade e de pertença numa comunidade piscatória (no caso Ílhavo) reproduzem a identidade de classe detida por aqueles que ocupam posições hierárquicas dominantes na práticas sociais e económicas locais.

social. O poder se origina no potencial que os sistemas sociais têm, ou não têm, para coordenar atividades humanas e recursos a fim de atingir objetivos. É precisamente esse papel de coordenação de atividades e de gestão de recursos, decorrente da ausência prolongada dos homens em terra, que está na origem da consolidação de um poder exercido no feminino pelas nazarenas. A necessidade de coordenar e de desenvolver atividades dentro e fora do lar, em casa e na sociedade, catapulta as mulheres para a esfera pública, onde são construídas noções de pertença e de identidade que reforçam o poder simbólico e funcional feminino. (Peralta, 2008) Embora as narrativas da relação dos portugueses com o mar se concretizem em perspectivas masculinas, as mulheres são uma componente relevante da engrenagem social, não meramente decorativa ou substitutiva, assumindo muitas vezes funções profissionais ligadas ao mar que são representadas como tipicamente masculinas. (Páscoa, 2021)

O conceito de poder que melhor se adequa à tese que defendemos e que se aproxima da perspectiva de Byung-Chul Han é o de Hannah Arendt (2010 e 2012). A teoria arendtiana tem seus pilares na ótica feminina de poder e está sublimamente expressa na frase da autora: “*a capacidade humana de atuar em harmonia*”, sem haver qualquer relação de “comando-obediência”. Portanto, o poder é exercido de forma pacífica; organizada por coerência e não por coerção; por capacidade de liderar sem que seja preciso subjugar ninguém; e sem necessidade de se dispor de qualquer tipo de hierarquia. Pelo contrário, o poder manifesta-se pela divisão de tarefas conforme a melhor adequação para cada indivíduo e para cada contexto.

### 2.3. O poder masculino (?) no patriarcado – divisão de poder

A questão de fundo é sobre a razão que justifica, já no século XXI, a persistência do patriarcado em nossa sociedade ocidental, precisamente num momento histórico em que ecoam discursos efusivos de igualdade e de equidade, seja a nível estatal, seja no universo das igrejas. Duas instituições que, como dissémos, têm uma envolvimento histórica na configuração do patriarcado, que vêm pregando a igualdade, mas que coexistem, reproduzem e ampliam a divisão desigual do poder. Por isso, é pertinente indagar se o poder patriarcal está real, intrínseca e diretamente ligado ao homem, ou se é um poder masculinizado por endosso e conveniência do Estado e das religiões que o



delegam ao homem para que, no sistema capitalista darwinista, ele possa ser o agente de concretização das ideologias dominantes.

Neste ponto, é curial recorrer novamente a Philippe Ariès (1991), autor que nos lembra que a: *“Divisão dos tempos e dos espaços, dos papéis e das práticas, (...) se impõe a todos os indivíduos que na sociedade antiga detêm cargos e autoridade, inclusive ao soberano.”* (Ariès, pp. 398-399)

Bourdieu (2005) relewa que essa divisão desigual de poder, que confere aos homens a posição dominante e às mulheres a posição subalterna, envolve toda a estrutura social, não se restringindo, portanto, às questões de gênero. A dominação masculina estende-se por todas as instituições e processos, como, por exemplo, a família, o trabalho, a economia e a política. Tudo isso mascarado e justificado sob a afirmação das diferenças biológicas, o que Bourdieu designa por “biologização do social” ou “socialização do biológico” (Bourdieu, P. 9).

Na visão de Gisela Bock (1989), o poder masculino é um fenômeno fácil de ser compreendido, atendendo a que:

*“Os estudos sobre a história das mulheres contribuíram assim para a compreensão do fenômeno do “poder” como altamente diferenciado [...]. No caso do “poder”, é óbvio, talvez não tanto por causa dos homens terem mais poder do que as mulheres, mas antes pelo facto dos homens terem poder sobre as mulheres”* (Bock, P.178).

O poder masculino, reificado na expressão ‘patriarcado’, é recorrentemente identificado como a origem da opressão feminina. Mas há, pelo menos, três séculos que as mulheres vêm buscando seu reconhecimento histórico e o respeito de seus valores e qualidades; ou seja, vêm reivindicando um outro lugar que lhe outorgue igualdade de poderes e de oportunidades, de modo a poderem assumir o papel de protagonistas, juntamente com os homens, na história e no devir das sociedades.

#### 2.4. Fatos históricos determinantes na trajetória pela igualdade de poderes

Teremos de recuar quatro séculos para podermos referenciar exemplos que tenham contribuído para conferir visibilidade às mulher no plano social, político e econômico mundial. Impelidas por esses exemplos, várias mulheres foram deixando a sombra da

história para assumirem progressivamente papéis com relevância social. Muitas ganharam projeção internacional com a demonstração crescente de sua capacidade em se inserir no mundo político, social e econômico, enquanto indivíduos plenos, com competências idênticas às dos homens, tornando-se protagonistas da história em contextos muitas vezes desfavoráveis.

A trajetória das lutas femininas nos últimos quatro séculos evidencia o rumo para a prevalência da igualdade entre homens e mulheres. Contudo, são lentas e duras as conquistas das mulheres que lutaram para que chegássemos até ao século XXI com a garantia de algumas igualdades na maior parte das sociedades ocidentais do mundo, ainda que estejamos muito distantes da sonhada igualdade entre cidadãos, independentemente se nascidos homem ou mulher.

Não obstante, antes de recuarmos aos últimos quatro séculos, para substantivarmos exemplos e lutas particulares, é curial destacar um ou outro caso que, ainda que isolado, foi de grande importância para a história das mulheres. Em plena Idade Média, temos documentada a trajetória de algumas mulheres que, embora poucas, foram exemplos notáveis que deixaram seus legados à posteridade.

São testemunhos que nos mostram que essas mulheres não se conformavam com a história que as obrigava ao silêncio e as remetia à penumbra. Uma delas foi Hildegarda de Bingen, nascida no verão de 1098 e falecida a 17 de setembro de 1179 no Mosteiro de Rupertsberg, Alemanha. Esta mulher foi uma monja beneditina, teóloga, compositora, pregadora, naturalista, médica, poetisa, dramaturga reconhecida por sua forma mística de concepção do universo, e de vida, unindo corpo e espírito como sendo este último uma vontade humana, em plena Idade Média, o que lhe permitiu ser mestra no mosteiro onde viveu a maior parte da sua vida e onde faleceu.

Foi uma mulher que, apesar de ter vivido de forma religiosa, se atreveu a criticar a corrupção do alto clero, tendo também questionado a restrição à atuação das mulheres na vida pública a partir dos escritos do apóstolo São Paulo. Hildegarda, mulher brilhante que rompeu as inimagináveis barreiras de preconceitos medievais contra as mulheres, que impunham as idéias das autoridades e suas concepções dominantes, graças a seus excepcionais conhecimentos, obteve reconhecimento entre a elite ilustre a que pertencia juntamente com os poucos homens eruditos do século XII europeu. Portanto, sendo pioneira em várias áreas do conhecimento, seu legado é impressionante, não só por ser

abrangente, indo da poesia à medicina natural, perpassando pela astronomia, política, entre outras, mas também porque assumiu uma forma pioneira de ser mulher na área do conhecimento. A sua exposição e ousadia valeram-lhe séculos de esquecimento por parte da Igreja Católica, até que em 1584 o papa Gregório XIII autorizou sua inclusão como santa.

Christine de Pizan é outra mulher diferenciada e imortal por sua obra. Viveu cerca de duzentos anos depois de Hildegarda. Nascida em 11 de setembro de 1364, em Veneza, Itália, é levada ainda com quatro anos para a França, onde seu pai, Tommaso di Benvenuto Pisano, médico, astrólogo, alquimista e intelectual, foi nomeado por Carlos V, rei da França, como astrólogo, físico e alquimista da corte. Neste ambiente, Christine teve uma educação primorosa que lhe proporcionou completar seus interesses intelectuais, aprendendo vários idiomas e tendo oportunidade de ler as obras disponíveis na corte, inclusive os manuscritos que indicavam o início do Renascimento.

*“Portanto, me dediquei a forjar coisas belas, inicialmente mais breves; e, como todo artista que se torna mais hábil em seu trabalho quanto mais o pratica, sempre estudando diversas matérias, meu senso se embebia cada vez mais de coisas ignoradas, e fui corrigindo deste modo meu estilo, com mais sutileza e maior profundidade.”* (Christine de Pizan)

Casa-se com quinze anos com Etiénne du Castel, secretário e notário real, com quem tem três filhos. Onze anos após seu casamento fica viúva e em situação financeira delicada, o que a obriga a escrever para sustentar sua família. Seu primeiro investimento com retorno na corte e ricos mecenas foi *Le livre de cent balladés*, tornando-se a primeira mulher europeia a conseguir seu sustento através da literatura. Seu livro mais famoso foi *Le Livre de la Cité des dames* (O livro da cidade das mulheres), uma obra claramente feminista em que discorre sobre a obra de Santo Agostinho – Cidade de Deus – utilizando-se de figuras representativas da razão, da justiça e da retidão, com quem dialoga. E são essas figuras que a instigam a construir uma cidade de mulheres famosas do passado e mulheres virtuosas de todos os tempos em um mundo feito para homens. Esta sua obra é considerada o primeiro tratado feminista de que se tem conhecimento.

A crítica por ela feita ao famoso romance *Roman de la Rose* (Romance da Rosa), à época lido por toda a Europa, em que Jean de Meung, seu autor, descrevia as mulheres como apenas sedutoras, satirizando-as, é pungente. Christine de Pizan critica a forma vulgar como a mulher era descrita e tratada na obra e enfatiza a função natural da mulher e sua sexualidade, o que teve uma grande repercussão e, conseqüentemente, a colocou no

cenário dos escritores eruditos, granjeando reconhecimento como intelectual graças à irrefutabilidade de seus argumentos. Ficou também conhecida por outra obra onde faz a apologia da coragem de Joana D'Arc e de seus feitos militares. Foi a primeira mulher poeta da corte francesa. Hoje a temos como sendo a primeira feminista da história, devido também em se ter empenhado a reivindicar o direito das mulheres à educação nos vários campos do saber.

Embora não concorde com Simone de Beauvoir, já que acredito que talento é inato, e que não é necessário nenhum fato externo para desenvolvê-lo, não posso deixar de destacar sua observação, com a qual concordo: “*O êxito de Christine de Pisan é surpreendente: ainda assim, foi preciso que fosse viúva e cheia de filhos para que se decidisse a ganhar a vida com a pena.*” (Beauvoir, 2009:130)

Se estas mulheres podem ser apontadas como marcos pioneiros na história do feminismo, podemos garantir que os séculos XVIII a XX foram inspiradores para que outros talentos, a exemplo destes anteriores, fizessem aflorar oportunidades para que irrompesse e se constituísse a Revolução francesa, mudando para sempre a forma de construir os regimes governamentais do nosso mundo.

O quadro de Eugène Delacroix, *La Liberté guidant le peuple*, 1830, exposto no Museu do Louvre, Paris, reflete a figura feminina representando a liberdade. Para além dessa representação, sobressai, assumindo valor simbólico, a imagem de uma mulher do povo, simples, que, como tantas outras mulheres, e outras não tão simples assim, fizeram uma manifestação pelas ruas de Paris e outras grandes cidades francesas, conclamando aos homens para iniciarem uma revolução a favor da queda da monarquia e apelando à luta em prol de direitos cívicos.

Michelet, em 1847, escrevia que “As mulheres estiveram na vanguarda da nossa Revolução. Não é de admirar: elas sofriam mais.” Exatamente por serem as que mais sentiam as conseqüências de uma monarquia cruel para com seu povo, foram elas que se reuniram para protestar contra a fome e pedir pão no Palácio de Versalhes. Dessa luta, temos um dos mais importantes documentos para o mundo ocidental dos últimos séculos: a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789, que procurava retirar o homem trabalhador de uma posição marginal a que monarquia o havia submetido e declarando seus direitos enquanto partícipes de um cenário político e social.

As mulheres francesas, reunidas com objetivos disfarçados em cursos de costura, bordados, boas maneiras, nos chamados clubes femininos, agiram estrategicamente para se apropriarem de notícias políticas cujos assuntos eram tratados nas Assembléias. E, dessa forma, se iam politizando através de interações com outras mulheres, propagando uma nova visão para suas famílias, pais, irmãos, maridos, filhos, amigos, etc. As mulheres reivindicavam, além de uma participação política, um maior espaço no mercado de trabalho, já que o trabalho nas fábricas se resumia, para as mulheres, aos setores têxteis, trabalhos em escolas e alguns poucos postos do governo, e, em matéria de trabalhos domésticos, restringiam-se a atividades de faxineira, babás e trabalhos em algumas creches.

Foi no intuito de buscar uma igualdade de direitos que Olympe de Gouges, nome que utilizou como escritora de peças teatrais, entra para a história feminina, ao construir, a partir da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, a versão feminina do documento: Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, contendo artigos que declaravam direito ao divórcio e, inclusive, o direito de mulheres subirem à Tribuna. Estas suas atitudes libertárias ocasionaram sua morte em novembro de 1793. Nesta declaração era requerido o direito à educação, ao voto, à eleição, à propriedade, o que era negado às mulheres até então.

Outras mulheres foram importantes nessas lutas por direitos políticos femininos a partir da Revolução Francesa. Entre estas, Pauline León sobe à tribuna em março de 1792 para ler uma petição assinada por trezentas mulheres, reivindicando o direito de se organizarem em Guarda Nacional, solicitação que lhes foi negada.

A sociedade machista e ainda muito ligada à realidade vivida até ao período monárquico francês não conseguia compreender nem aceitar as mudanças solicitadas, pois soavam muito radicais para serem aceitas imediatamente.

No entanto, apesar disto, é inegável que a Revolução Francesa mudou a condição feminina. E não somente em França, pois, a partir desses eventos que causaram grande repercussão no mundo ocidental, disseminou-se um novo olhar relativo ao papel da mulher e seus direitos em sociedade. Por outro lado, a maioria das mulheres começa a perceber que não precisava ser submissa aos homens. Veem-se como seres humanos completos, tais como seus pais e maridos, passíveis de assumir posições que podem contribuir para uma melhoria da sociedade como um todo.

Inicia-se a visibilidade da dicotomia das esferas pública e privada. A esfera pública identifica os homens. A esfera privada identifica as mulheres. A vida pública era, até então, exclusiva dos homens, já que estes detinham papéis de sustento de suas famílias, da vida política e econômica, enquanto às mulheres cabia a maternidade, a educação dos filhos, a moralidade, a crença, a ordem da casa e cuidados familiares.

Apesar de toda a luta ferrenha e dos obstáculos que se apresentaram, as mulheres francesas foram conseguindo inegáveis avanços rumo à paridade de direitos, já que lhes foi consentido o direito ao divórcio (1792) e se estabeleceu os mesmos direitos de autoridade paternal para o pai e para a mãe (1793).

A mulher sai da estrita esfera da vida privada e entra na vida pública em finais do século XVIII, tendo adquirido alguns direitos políticos. Mas faltava ainda muito para esta caminhada, que seria empreendida nos séculos seguintes, ampliando os seus direitos políticos, obtendo direitos sociais e econômicos. Outras grandes lutas aguardavam.

A Revolução Francesa dá início à República, instaurando um regime democrático de governo, o que garante, através da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, no seu artigo primeiro, um princípio moderno fundamental: “Os homens nascem e são livres e iguais em direitos.” Porém, não há nenhum direito específico garantido às mulheres, que continuam sendo ostracizadas enquanto seres sociais, embora tenha ocorrido uma tentativa de igualdade com Olympe de Gouges.

Retomando a análise histórica, considero de extrema importância assinalar-se que, como mencionado, em 1789, na França, Olympe de Gouges apresentou a “Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne” (Declaração dos direitos da mulher e da cidadã), iniciando a discussão sobre os direitos das mulheres através de documentação formal.

Essa tentativa de formalização dos direitos femininos, ainda que em uma versão copiada dos direitos do cidadão e com uma curtíssima duração legal, e embora tivesse contribuído fortemente para que Olympe fosse guilhotinada, trouxe à luz uma problemática que instigou a sociedade a pensar a mulher enquanto cidadã, o que até então não havia sido levantado em um debate público generalizado.

A partir desse momento o ocidente teve consciência de que havia mulheres com discernimento e com empenho para reivindicar e promover valores sociais idênticos aos conferidos aos homens e que, como bem constava nessa declaração, não subjazia qualquer

pretensão de superioridade, mas tão só a consumação de uma situação de igualdade entre homens e mulheres.

As lutas pela igualdade de direitos apenas estavam em seu início e as mulheres foram agregando progressivamente forças para consolidá-las.

Ainda no final do século XVIII, há outra grande revolução que se inicia e que muda, igualmente, de modo definitivo, o mundo ocidental: a Revolução Industrial. Enquanto a primeira tinha cunho político, a segunda tinha claramente o cunho econômico.

No final do século XVIII e início do século XIX, foram muito poucas as mulheres que superaram as imensas barreiras de sua condição feminina e que conseguiram obter um título de nível superior. Portanto, a inserção e o acesso ao mercado de trabalho em cargos de níveis superiores que exigissem estudos são praticamente inexistentes para as mulheres nesse período.

Para algumas autoras (Bock, 1989; Hartman, 1976), a luta pela igualdade política das mulheres, bem como sua luta pelo direito à educação, à administração de bens herdados pelas mulheres, o direito ao voto e à participação ativa na política, dá início à primeira onda do feminismo, que se afirma no início do século XIX, com o advento da revolução industrial, nomeadamente, na Inglaterra, mas que rapidamente se expandiu pelo ocidente.

As mulheres de famílias mais abastadas aderem às campanhas públicas em prol da condição feminina, que até então era algo que permanecia no cenário privado. As mulheres das camadas mais humildes e empobrecidas da população migram para os grandes centros, acompanhando suas famílias em busca de emprego e de melhores condições de vida, no quadro desenhado pela esperança transportada pela industrialização, e fundamentada na expectativa que a substituição da produção artesanal lhes propiciasse um novo horizonte e uma vida (mais) digna.

A realidade não foi exatamente tão positiva quanto essas expectativas o auguravam. Em grande maioria, as famílias provenientes da agricultura, sem instrução e com poucos conhecimentos para executar as tarefas de maior complexidade, tinham um salário tão exíguo que se viram obrigadas a colocar todos os membros ao serviço da nova indústria; ou seja, mulheres e crianças eram agora a mão de obra mais barata e inserida no mercado de trabalho instituído pelo mundo capitalista e ao qual estamos submetidos no mundo ocidental até nossos dias.

O mundo industrializado trouxe consigo as primeiras divisões de classe do mundo democrático, as primeiras lutas salariais, as imensas desigualdades salariais entre homens e mulheres. A carga horária de trabalho dependia da necessidade de entrega dos materiais vendidos, sem nenhuma regulamentação, o que começou a enfurecer a classe operária. A exploração da classe operária era imensa e a insatisfação era geral, o que ocasionou a organização dos trabalhadores.

Num movimento grevista e de rebelião inglesa em 1819, com operários feridos pela polícia, a sociedade teve o conhecimento da realidade da classe operária o que, como conseqüência, concorreu para o estabelecimento de regras de trabalho na indústria. A Inglaterra aprovou a lei que reduzia para 12 horas diárias o trabalho das mulheres e dos menores entre 9 e 16 anos. Igualmente na Inglaterra, em 1824, houve o reconhecimento ao direito de livre associação, propiciando a proliferação dos sindicatos em várias cidades e tipos de ocupações profissionais.

Consolidava-se a luta operária contra o sistema capitalista. Contudo, a igualdade de direitos entre homens e mulheres trabalhadoras não era assunto de conquistas sindicais a empreender, embora fosse corrente a preferência do trabalho das mulheres pelos industriais, principalmente na operação de máquinas, sobretudo porque estas se sujeitavam a salários inferiores aos dos homens para fazer as mesmas atividades e, inclusive, porque se sujeitavam a jornadas de trabalho de 14 a 16 horas por dia, trabalhando em precárias condições, em detrimento de sua saúde, para não perderem seus postos de trabalho. Somava-se a este trabalho os afazeres domésticos, o cuidado com a casa, com os filhos, sem qualquer proteção sequer para a gestação e amamentação.

Um fato importantíssimo ocorreu nos Estados Unidos da América em 8 de março de 1857. No contexto de realização de greve de trabalhadores de uma indústria têxtil de Nova Iorque, visando reivindicar melhores condições de trabalho e igualdade nos direitos trabalhistas para homens e mulheres, e também protestar contra o trabalho infantil, a polícia concretizou uma repressão violenta sobre esse movimento.

Em 8 de março de 1908, meio século decorrido, trabalhadoras do comércio de agulhas fizeram uma movimentação em homenagem ao ocorrido na mesma data (8 de março), procurando lembrar o movimento de 1857, exigir o voto feminino e fim do trabalho infantil. Movimento que foi, novamente, reprimido com violência pela polícia.



Finalmente, sem que as reivindicações tivessem sido levadas em consideração, ocorreu um terrível acidente no dia 25 de março de 1911, vitimando 145 trabalhadores, na sua maioria, mulheres, no incêndio de uma fábrica de tecidos em Nova Iorque, evidenciando as precárias condições de segurança no trabalho. Fato lamentável, mas que proporcionou mudanças nas leis trabalhistas da época, garantindo melhorias para os trabalhadores norte-americanos.

Em virtude dessa lamentável ocorrência, ficou decidido que o dia 8 de março seria conhecido como o "Dia Internacional da Mulher", com o objetivo de homenagear essas mulheres mortas e, por isto, teria o intuito de lembrar a busca dos direitos de igualdade incondicional entre homens e mulheres, sendo oportunizada a discussão sobre a importância do papel da mulher em nossa sociedade.

O desenvolvimento através da industrialização rapidamente se expandiu pelo mundo ocidental, chegando mesmo a ser importado pelos Estados Unidos, com problemáticas idênticas às inglesas: as relações de trabalho precárias e a exploração contínua do trabalhador definiram um modelo marcado pela existência de lados opostos bem delimitados, com os empresários/industriais, de um lado, e os operários dos centros urbanos do mundo industrializado dos séculos XVIII e XIX do outro lado.

Todas as guerras somam sempre mais perdas do que lucros para uma sociedade. Porém, a Revolução Francesa abriu um novo caminho e uma postura diferenciada para as mulheres, fomentando um movimento social contra a fome e a miséria. Mas, por razões políticas, sociais e econômicas, no início do século XX, irrompe a Primeira Guerra Mundial.

À época, as mulheres, já com outra consciência política, inserem-se e adaptam-se a um tempo de guerra de uma forma mais adequada, já que estavam melhor preparadas para assumir novos papéis. Isso acabou também por fomentar, de um modo visível, a mudança da trajetória das mulheres na história, não mais apenas como seres políticos, mas também como seres sociais e econômicos.

Reconhecidamente, é em períodos de grande necessidade financeira, econômica e política, que aumenta a pressão para utilizar mão de obra feminina como forma para suplantar uma crise estatal, ou mesmo regional. Ironicamente, a inserção da mulher no mercado de trabalho, que foi motivo de grandes lutas no século anterior, nesse momento tornou-se imprescindível.

As mulheres dos países envolvidos na Primeira Guerra Mundial tiveram que assumir novos papéis deixados vagos pelos homens que tiveram de ir para os campos de batalha. No campo, elas trabalhavam para a manutenção da agricultura ou da pecuária. Nas cidades, iniciaram trabalhos como motoristas de ônibus, caminhões, e, sobretudo, iniciaram trabalhos na indústria, inclusive na indústria bélica.

Algumas foram para os campos de batalha, trabalhando como enfermeiras, cozinheiras, motoristas de ambulâncias e desempenhando outros trabalhos.

Vale aqui ressaltar que houve uma mudança significativa na vida cotidiana das mulheres trabalhadoras. A grande maioria dessas mulheres começou a receber salários pela primeira vez em suas vidas, e, obviamente, com a independência financeira, iniciaram-se novos hábitos femininos, inclusive o uso de cosméticos e meias de seda, atendendo aos ditames da moda que conferia agora maior conforto e liberdade.

Os bares já eram freqüentados por mulheres, onde elas se reuniam para beber, dançar ou namorar. Enfim, a vida pública lhes era permitida definitivamente! Muitas dessas mulheres, por mostrarem competência profissional e intelectual, tiveram acesso a universidades. Notadamente, as mulheres ganhavam as ruas, saiam do domínio privado: iniciavam uma longa caminhada para a conquista do domínio público. Outra grande conquista feminina foi o direito a voto em muitos dos países envolvidos, logo após o final dessa guerra. Uma longa caminhada, no entanto, mas já era um começo!

**Figura 2**

**Finalmente, ares de liberdades femininas**



A Alemanha, empobrecida pela Primeira Guerra Mundial, e imbuída pelo desejo de conquistar o mundo, incutido pelo seu líder, invade a Polônia em setembro de 1939: irrompeu desta forma a Segunda Guerra Mundial.

Inicialmente as mulheres foram chamadas para operações de recrutamento. No entanto, com o passar do tempo e com tantas baixas, elas foram efetivamente mobilizadas na maioria dos países que participaram da Guerra. Por essa altura, as mulheres ingressam massivamente no mercado de trabalho. Em 1939 eram 10 milhões no mercado de trabalho, mas essa cifra sobe rapidamente, já que em 1941 passariam dos 15 milhões e, por fim, em 1944, já havia aproximadamente 20 milhões de mulheres no mercado de trabalho. Este número significava 36% da força de trabalho, em média, embora no Canadá este percentual passasse, à época, de quase 80%.

Na Segunda Guerra, em relação à Primeira, muito mais países estiveram envolvidos, inclusive os Estados Unidos e Canadá, pois a Guerra se estendeu para além do continente europeu. Foram mais de 100 milhões de militares mobilizados. Portanto, muito mais mulheres seriam necessárias para fazer com que a vida quotidiana ligada à satisfação das necessidades básicas fosse garantida.

Nos Estados Unidos, a proporção de mulheres trabalhadoras durante o período da guerra era de uma em cada duas. A maioria delas era casada, o que inspirou a frase da famosa figura abaixo:

**Figura 3**  
**A força da Mulher**



A referida figura foi criada por J. Howard Miller, a mando da fábrica *Westinghouse Electric Corporation*, e seu objetivo explícito foi incentivar as mulheres americanas a um trabalho extra-doméstico durante a Segunda Guerra Mundial. A campanha teve sucesso, já que alcançou o objetivo de motivar 50% das americanas que foram para fora de suas

casas trabalhar pelo país e pelo povo. Já não trabalhavam só nas atividades que lhes oportunizaram na Primeira Guerra. Eram também supervisoras de produção, engenheiras, construía barcos e tanques, construía aviões e os pilotavam. E conseguiam trabalhar enfrentando os terríveis bombardeios, como o descreve Françoise Thébaud (2013).

Na Europa, elas inovaram, entrando definitivamente no setor industrial. Neste setor, a mão de obra feminina significava 30% dos trabalhadores. Mais inacreditavelmente para a época foi o ingresso da mulher na indústria aeronáutica onde se alcançou a cifra de 40% da mão de obra (Thébaud, 2013). Encontramos mulheres mecânicas, especialistas em guas, encanadoras. Enfim, toda sorte de trabalho que até então não era pensável em mãos femininas.

Não bastassem essas ocupações civis, alistavam-se nos exércitos. Cabe ressaltar que o Canadá foi pioneiro a preconizar o ingresso feminino nas forças armadas, já que em 1941 criou-se a Força Aérea Feminina Auxiliar do Canadá e o Serviço Feminino Armado Canadense, que faziam parte do exército canadense.

Isto mostra ser desnecessário discorrer sobre os milhões de mulheres inseridas nas mais diversas funções durante este período em todos os países envolvidos na Segunda Guerra. Algumas mulheres foram de fundamental importância para o sucesso do término dessa guerra. Entre estas, há cinco incríveis mulheres que trabalharam para as SOE (*Special Operations Executive*), fundação criada em 1940 por Winston Churchill com o objetivo de fomentar a espionagem e sabotagem das linhas inimigas. Foram elas: a polonesa Krystyna Skarbek que, na França, tinha o nome de Madame Pauline; a jornalista neozelandesa Nancy Wake; a jovem francesa de dezenove anos Andrée Borrel; a britânica nascida na França, Cécile Pearl Witherington; a americana Virginia Hall, que, embora tivesse que utilizar uma prótese para uma das pernas danificadas por um acidente anterior à guerra, foi uma destemida e incansável profissional das SOE. Na mesma ordem (Figura 4), Krystyna, Nancy, Andrée, Cécile e Virginia:

**Figura 4**  
**Heroínas da Segunda Guerra**



Outra heroína a destacar é a ucraniana Ludmila Mikhlailovna Pavlichenko, atiradora que tem sob sua responsabilidade exclusiva 309 inimigos mortos por sua arma. Foi a primeira cidadã soviética recebida na Casa Branca pelo presidente Roosevelt e sua esposa. Faleceu em 1974 em Moscou, Rússia, tendo sido a franco atiradora mais bem-sucedida na história. Ferida em combate, foi retirada do campo de tiro e promovida a major. Não retornou à vida militar, mas tornou-se instrutora de tiro. Após a guerra, retornou à universidade em Kiev e tornou-se pesquisadora da marinha soviética.

Outra soviética ilustre, que fez sua história na aviação, foi Marina Raskova, a piloto que criou e comandou a primeira unidade feminina de aviação: o 587º Regimento de Bombardeio Noturno, cujo desempenho era absolutamente inédito até àquele momento. O sucesso de seu Regimento foi tão grande que era chamado, pelos alemães, de Bruxas Noturnas. Infelizmente ela não sobreviveu a essa guerra, falecendo em combate.

A Segunda Guerra Mundial trouxe consigo não só um imenso impacto econômico, mas fundamentalmente um imenso impacto social, principalmente no tocante à inserção da mulher no cenário público.

O final da guerra, em 1945, com tantos milhões de baixas em todos os países envolvidos, fez com que estes países construíssem campanhas de *marketing* com uma intensa política que propagava a importância do retorno das mulheres ao ambiente doméstico, reconstruindo suas famílias e seus países. Na maioria das democracias surgidas a partir da Segunda Guerra Mundial, houve o reconhecimento do sufrágio universal e a condição de igualdade de educação para homens e mulheres. Efetivar esses direitos dependia da reconstrução interna de cada país e essa empreitada se ancorou no princípio de que as mulheres reassumiriam seus papéis tradicionais. No entanto, as mulheres já não seriam mais as mesmas, visto que tinham a consciência do que haviam realmente construído: o aprendizado da liberdade e o conhecimento e o reconhecimento de sua competência na vida social e econômica.

A imposição desse “retorno ao lar” fez com que não passassem duas décadas sem que as mulheres recomeçassem suas lutas geridas em torno da necessidade de retomar sua identidade como seres autônomos, visando obter sua independência financeira e o direito à escolha dos seus próprios destinos, liberando-se da domesticidade e do modelo de mulher do lar.

## 2.5. Emancipação feminina

Definitivamente foi uma longa trajetória feminina rumo à emancipação e este caminho se dá de forma paulatina através dos séculos, como bem pudemos relembrar pelos fatos percorridos anteriormente.

Agora, as mulheres já tinham direito à universidade, a escolher suas profissões, ao trabalho remunerado e fora de casa fazendo carreiras profissionais, mas faltava-lhes algo fundamental: a escolha pela procriação, ou não. No entanto, houve um evento histórico que demarcou toda uma mudança definitiva e a libertou.

O marco determinante da mudança feminina na sociedade mundial foi a invenção e a inserção da pílula anticoncepcional, em 1960, que permitiu à mulher a possibilidade de utilização do corpo e do prazer sem a obrigatoriedade do casamento. A pílula dava-lhe condições de escolher a maternidade, o que significava que poderia ser inserida no mercado de trabalho com idênticas condições dos homens, já que possuía instrução e capacidade, que passaram a ficar amplamente patentes a partir da Segunda Guerra Mundial. Esta segunda vaga do feminismo iniciou-se nos Estados Unidos, como bem ficou documentado no movimento chamado de “Queima dos sutiãs”, ocorrido em 7 de setembro de 1968. Nesse dia, cerca de quatrocentas mulheres, em Atlantic City, na Convenção dos Democratas, colocaram sutiãs, sapatos, meias, cintas ligas, cílios postiços, e tudo o que lembrasse o modelo instituído como o ideal da mulher doméstica.

Outro documento importante que mexeu com a consciência feminina fazendo-a refletir sobre seus papéis sociais e particulares, que merece ter seu reconhecimento num texto desta natureza e enquadramento, foi a publicação do *Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir. Nele a autora afirmava que “não se nasce mulher, tornamo-nos mulher.” Inicialmente, o livro foi traduzido para inglês, seguidas de outras traduções para outros idiomas, fato que contribuiu sobremaneira para uma nova consciência feminina na sociedade.

As lutas durante estes últimos séculos levaram à criação de novos organismos e à transformação de outros, originando novas diretrizes, designadamente nos países ocidentais. Na Comunidade Européia houve um olhar, que se amplificou e que adquiriu um caráter obrigatório, para que leis se condicionassem à igualdade entre mulheres e homens.

A Revista de Estudos Politécnicos, em dezembro de 2008, publicou um artigo de José Noronha Rodrigues (2008) que iniciou seu texto com o seguinte conteúdo:

*“O século XX será recordado na História da Humanidade como o século das mulheres. O século em que as mulheres ganharam visibilidade: reivindicaram direitos, exigiram a igualdade de tratamento e de oportunidades e a Comunidade Política Internacional desvendou um vocábulo novo, o de Políticas de Género. Falar em Direitos da Mulher é, ainda, falar em Direitos Humanos.”* (Rodrigues, P.1)

No entanto, segundo Rose-Marie Lagrave (1995), as mulheres no século XX conquistaram uma emancipação sob tutela, uma vez que se as conquistas jurídicas são inegáveis, no trabalho e na educação as diferenças entre homens e mulheres são enormes, inclusive no mundo ocidental, mas não é universal e efetiva esta mudança.

O século XX, sendo aquele em que as mulheres entram em força no mercado de trabalho, é também o século da instituição da divisão sexual do trabalho. Essa divisão mostra que as mulheres são alvo de um tratamento negativamente discriminatório e que a igualdade de direitos e de salários, quando se verifica, ocorre apenas na base da hierarquia do trabalho.

Durante os anos 90, período em que a maioria dos países entra em recessão, discorre Lagrave (1995):

*“Vários países da Europa procuram melhorar a sua competitividade através da contenção dos salários. A mão-de-obra é considerada inadequada, muito cara, demasiado rígida, conduzindo a uma petrificação do mercado de trabalho, defendido por políticas sindicais esclerosadas. É preciso inventar novas formas de emprego, redistribuí-las entre as categorias de mão-de-obra, apelar para reservas sub-utilizadas; em resumo, é preciso instaurar a era da flexibilidade no trabalho. Para criar flexibilidade onde há rigidez, recorre-se, entre outras receitas, às mulheres.”* (Lagrave, P.17)

Instaura-se, sobretudo para as mulheres, o regime de trabalho em tempo parcial. Ou melhor, concretiza-se uma forma de subemprego que não é uma escolha dessas mulheres, mas tão só uma forma de sobreviver, chegando mesmo a ser um constrangimento. Frequentemente, este dispositivo, ao contrário de significar uma interrupção de carreira para as mulheres, numa fase da vida em que estas estariam em pleno período de crescimento profissional, e ao contrário do que tende a significar para os homens, equivale

a uma pré-reforma compulsiva, originando uma situação muito distinta entre homens e mulheres.

É ainda Lagrave (1995) que nos define o lugar da mulher no que concerne ao valor dado ao seu trabalho: “O ‘verdadeiro trabalho’ está nas mãos dos homens. O ‘trabalho ao lado’ é reservado às mulheres.” (Lagrave, P. 19). Com esta frase, Lagrave esclarece as diferenças efetivas e as desigualdades entre os sexos no que concerne ao trabalho em tempos de crise, evidenciando que falta muito ainda para que tenhamos igualdade efetiva nesse campo.

Estamos, portanto, perante um fato novo. Ou seja, há efetivamente uma livre concorrência profissional entre homens e mulheres, mas a economia é um fator determinante que prioriza situações de distanciamento entre eles e elas. Isso significa que a igualdade, no sistema capitalista, vira pura ilusão para as mulheres.

Como dissemos em cima, para José Noronha Rodrigues (2008), o século XX será recordado na História da Humanidade como o século das mulheres.

No entanto, alguns movimentos no plano internacional trouxeram grandes avanços para que a sociedade ocidental encontre meios para exercer direitos iguais.

Nesta trajetória, o MLF – Mouvement de Libération des Femmes (Movimento de Liberação das Mulheres) desempenha papel importante nesta luta. Teve origem em finais dos anos 1960, e vem exacerbado sua luta contra várias formas de opressão, tendo, em 2003, concretizado um evento marcante (“La marche des femmes des quartiers pour l’égalité et contre le ghetto”).

O evento em questão, além do objetivo específico que o originou, transportou outras denúncias, como, por exemplo, as contidas no *slogan* “Ni putes ni soumises” (nem putas, nem submissas). Tratava-se de uma clara reivindicação de dignidade e de respeito que denunciava a violência contra as “filles des quartiers”. No entanto, este *slogan*, e outros do mesmo tipo, não tinham a intenção de acusar nem seus irmãos nem a estrutura familiar, nem as religiões, nem a sexualidade, nem a agressão, em exclusividade, senão formular questionamentos sobre as condições impetradas às mulheres, reivindicando uma legislação que as protegesse em e de uma sociedade patriarcal.

Essa formulação dá conta do progresso em termos de legislação, o que vem progressivamente tentando garantir a igualdade formal entre homens e mulheres.



Materializa-se, em 1948, com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, o intento de Olympe de Gouges, que havia sonhado direitos fundamentais iguais entre homens e mulheres, ao mesmo tempo que essa Declaração consubstanciou a elaboração de um documento que originou toda a legislação europeia que consagra a igualdade de remuneração, igualdade de acesso a emprego, igualdade de tratamento, segurança social. Que consagra, enfim, garantias fundamentais de igualdade ancoradas no direito.

Este histórico pode ser documentalmente comprovada na Biblioteca Marguerite Duras, Paris, França, consagrada à história das mulheres e das feministas, onde há um espaço dedicado à questão do patriarcado como referencial da evolução dos papéis das mulheres e do lugar que ocupam na sociedade.

Considerado pela maioria das colaboradoras escritoras da Bibliothèque Marguerite Duras, “déplacé”, no tempo e no espaço, o patriarcado é muitas vezes reduzido à ideia mítica subsumida na expressão “guerra dos sexos”, gradualmente banida dos textos atuais. Contudo, a queda do patriarcado jamais foi constatada e as anarquistas se reportam claramente a este tema, como se pode constatar na revista antifascista espanhola de Madri “No pasarán!”, que consagrou um número especial ao tema “patriarcado”, na primavera de 2003.

As feministas radicais dos anos 70 imputaram ao termo uma conotação política que foi muito além da necessidade de liberação da mulher e da reivindicação do direito à contracepção e ao aborto. Foi uma luta que ia claramente contra o patriarcado e contra as forças que impunham a desigualdade dos sexos, o que, para as militantes saídas das lutas de extrema esquerda, era uma questão indissociável do sistema capitalista.

Nessa mesma época - anos 70 do século XX - surgiram nos Estados Unidos da América revistas científicas que começam a interessar-se pelo assunto e, a partir de 1974, Steven Goldberg lança um livro cujo título é *Inevitability of Patriarchy*, o que desencadeou uma grande polémica alimentada pelas feministas, e que produziu uma abundante literatura sociológica e antropológica. Um desses artigos, escrito pela economista Heidi Hartmann (1976) [“Historical Roots of Occupational Segregation – Capitalism, Patriarchy, and Job Segregation By Sex”], debate a ideia de que há diferença entre os sexos na própria visão capitalista, abrindo brechas nas explicações que ora são neo-classistas, ora marxistas, e cujo foco se fixava exclusivamente nas relações de capital.

Em resumo, vemos que o patriarcado estaria ligado diretamente ao capitalismo, ou pelo menos a relações que dependessem de capital e trabalho.

Esta conclusão que esclarecia a nova divisão/segregação do trabalho por sexo, e que colocava o patriarcado no cerne do sistema capitalista, foi o grande vôleio para a reflexão sobre as relações entre sexo, poder e economia.

## 2.6. Sexo/gênero versus poder e economia

O capitalismo moderno foi o responsável pela institucionalização dos papéis feminino e masculino, espacial e economicamente, determinando maior importância ao homem, até mesmo sobrepujando-o, através do simbolismo de seu corpo, nas organizações sociais, desde as atividades econômicas, trabalho remunerado, política, religião; enfim, a sociedade ocidental assumiu o patriarcado em todas as suas dimensões.

No entanto, as mulheres foram percebendo a necessidade de lutar por sua visibilidade e importância igualmente nas organizações.

Havia uma pressão para que o problema central, ou seja, o poder masculinizado, fosse discutido de forma permanente, consistente, não sendo mais possível aceitar o confinamento da mulher ao papel secundário na sociedade. Afinal, ela já estava à frente de todos os campos de trabalho, já conseguia ter sua independência financeira e social. Restava intervir nas relações de poder masculinizadas.

No final dos anos 80 iniciou-se uma discussão acirrada sobre as relações de poder e de competição. A protagonista que levantou a questão com este mote foi Joan Scott. Em seu artigo “Gender: A Useful Category of Historical Analysis” (1986), ultrapassou as descrições sobre as diferenças sexuais e trouxe explicações que fundaram teorias que forneceram um conceito operativo de gênero, partindo de duas preposições.

Já não se falava mais apenas em sexo, mas gênero como o elemento constitutivo das relações sociais, tomando como base as diferenças percebidas entre os sexos. E é também uma forma primária de significar relações de poder.

Joan Scott, inicia, assim, uma discussão sobre o conceito de “gênero”, estabelecendo um marco importante para a conceitualização de uma visão feminista.

Louise A. Tilly (1990), ao escrever sobre definição de gênero, remete-se à socióloga Ann Oakley (1972), elucidando a diferença entre sexo e gênero, explicitando que “sexo é uma palavra que faz referência às diferenças biológicas entre machos e fêmeas [...], e gênero para ela, é uma palavra que se reporta à cultura já que diz respeito à classificação social em “masculino” e “feminino”. Com esta perspectiva, passamos a ter um conceito de gênero que nos proporciona uma definição que vai além do que é um ser masculino ou um ser feminino.

Trata-se de uma abordagem mais abrangente, que traz em si visões socioculturais de fortes conotações políticas fortalecendo, assim, a defesa pela igualdade de direitos, ou poderes.

Gisela Bock (1989), falando de gênero como realidade social, cultural e histórica, nos diz que: “gênero” ou “os sexos” não significam nem um objeto, nem vários objetos. “Reportam-se, sim, a uma complexa rede de relações e processos.”

Ollivier Hubert (2004), afirma que a história do gênero consiste, antes de tudo, em desenvolver um paciente trabalho de coleta de visões e de divisões sexuadas do mundo, trazendo uma pesquisa incontornável para melhor compreendermos as questões relevantes e as diferenças existentes nas relações sociais de sexo, “en dehors mème”, e mais frequentes, nos discursos e nas práticas que se reportam a estas questões. O autor discorre ainda sobre as características mais visíveis da história do gênero que, segundo ele, é a “introdução de uma verdadeira história cultural da masculinidade”.

Hubert (2004) assegura que se trata da soma da concretização de um antigo projeto primeiramente formulado por historiadoras que evoluíram para o domínio da história das mulheres e, segundo ele, é impossível compreender a história das mulheres sem compreender a relação homens/mulheres e também a história dos homens.

Perante esta discussão, considero que seria imprescindível fomentar um pensar feminino sobre a questão da mulher centrado na relação entre gêneros, e voltado para problematizar condições idênticas, tanto na área política, quanto na social ou econômica, em que as mulheres pudessem aparecer como atores não diferenciados, compondo um mesmo cenário social.

Reporto-me, neste aspeto, à obra de Simone de Beauvoir (2009):

*“(...) não acredito que existam qualidades, valores, modos de vida especificamente femininos: seria admitir a existência de*

*uma natureza feminina, quer dizer, aderir a um mito inventado pelos homens para prender as mulheres na sua condição de oprimidas.* “(Beauvoir, P.173)

Dispiciendo dizer que permanecemos com essas diferenciações imensas entre homens e mulheres e que a igualdade total não foi ainda conquistada absolutamente. No entanto, podemos dizer que a grande maioria das mulheres já se encontra em situação de emancipação.

Retomando a trajetória das nazarenas, depois de todo o exposto acima, sua emancipação, inicialmente, foi, igualmente, provocada por uma questão de adversidade, dado que os homens foram compelidos à pesca do bacalhau para buscar melhores condições de vida para suas famílias, relegando as mulheres para a manutenção da vida cotidiana. Mas o resultado desse processo foi muito positivo, pois foi decisivo para a emancipação das mulheres nazarenas.

Recorrendo a Cunha (2014), identifico nesse momento um ponto de viragem:

***“É aqui, neste ponto, que estes poderes se transfiguram em competências de antagonismo, resistência, alternativa e emancipação.”*** (Cunha, P.101)

Obviamente que esta mudança não transcorreu de forma total, nem tão pouco instantaneamente. Aos poucos, as mulheres foram exercendo as funções deixadas por seus homens e, com isto, foram adquirindo confiança, capacidade e, obviamente, o poder.

Teresa Cunha (2014) afirma que:

*“(...) a emancipação das mulheres está intrinsecamente relacionada com os seus poderes. Poder enquanto energia e força, poder enquanto competência e capacidade; poder enquanto autoridade, legitimidade e reconhecimento. Poder enquanto resistência ao sofrimento e às dificuldades, poder enquanto antagonismo à dominação e à exploração.”* (Cunha, P.100)

Segundo Valcárcel (2016), é necessário abordarmos a relação entre independência e situação financeira, por se tratarem de relações intrinsecamente ligadas: “(...) sem autonomia econômica, não há liberdade individual que agüente.” (Valcárcel, P.321)

Logicamente que uma mulher emancipada ainda causa, na maioria das vezes, um olhar diferenciado (para não dizer inesperado) do homem, já que fica deposto de seu papel de provedor, como é habitual numa sociedade patriarcal.

A respeito do olhar do homem sobre a mulher emancipada, Emma Goldman (2011), em seu artigo “A tragédia da emancipação da mulher”, afirma que o homem não consegue ver a mulher em sua natureza feminina, apenas a vendo como uma mentalidade brilhante, sem sentimentos maiores.

Porém, Goldman considera que:

*“A história nos mostra que toda classe oprimida conquistou a liberdade dos seus senhores através dos seus esforços. É necessário que a mulher aprenda esta lição, que ela adquira a consciência de que a sua liberdade alcançará tão longe quanto o seu poder de atingir a liberdade.”* (Le monde diplomatique, set. 2011)

Esta imagem da mulher, emancipada ou não, é mais uma dimensão de estudo que pretendemos abordar especificamente no caso das mulheres da comunidade piscatória nazarena.

Neste ponto, peço emprestada, por ser devidamente ilustrativa, a elucidação de José Machado Pais (2015):

*“Se a realidade é opaca, existem dimensões privilegiadas – sinais, indícios – que permitirão decifrá-la. Como? Usando o quotidiano como sonda para captar camadas inacessíveis aos instrumentos mais usuais do conhecimento sociológico. Farejando pistas indiciadoras, ao manifestarem-se os sintomas.”* (Pais, P.68)

Para finalizar, como reflexão sobre a mulher enquanto sujeito de sua história e participe da história de sua sociedade, gostaria de acrescentar um pensamento de Simone de Beauvoir, que pode traduzir este mesmo sentimento:

***“Não se trata para a mulher de se afirmar como mulher, mas de tornar-se ser humano na sua integridade.”***

Assumo ainda a expectativa de desejar trazer à luz as protagonistas deste estudo e, utilizando um pensamento feminista que considero adequado, dar conta que o estudo em causa dará luz a uma sociedade que se diferencia e distancia da maioria das sociedades deste país, e comprovar que este fato é de uma grande relevância para os estudos sociológicos.

Abrindo um parêntesis, vale a pena remeter, neste aspecto, para o caso específico das mulheres nazarenas: ainda que tenham plena consciência de que está em suas mãos a determinação do futuro da família, poderia subsistir a questão da submissão ao marido,

que não deixa de ser o “provedor” da família através de sua atividade pesqueira, em princípio, mas paradoxalmente não é exatamente o que verificaremos no decorrer do trabalho.

Este paradoxo já foi exposto por Durkheim (2008), que descrevia a submissão normativa do indivíduo à sociedade e que questionava as possibilidades de sua liberação. Vivemos, ainda hoje, este paradoxo diariamente nas várias dimensões da vida.

Ora, para as nazarenas, a situação histórica que as levou a assumirem os papéis até então conferidos aos seus homens, transformou seu *modus vivendi* e persiste ainda hoje. Ao interagir com elas, com sua vivacidade, sua alegria, seus passos firmes, deparamo-nos com a imagem de mulheres totalmente emancipadas.

O século XIX trouxe à luz a necessidade que as mulheres sentiam em se libertar de regras sociais que lhe impunham sempre um papel secundário no cenário político social, o que deu início a uma luta pelos direitos femininos, como bem descreve Irene Vaquinhas (2002).

*“O não reconhecimento destas como seres juridicamente autônomos, só existindo enquanto elementos de um agregado familiar, ou seja, como esposa, mãe ou filha, sem direitos políticos e estatuto econômico próprio, excluí-as dos poderes formalmente constituídos, com reflexos ao nível dos registros primários. Para as instituições oficiais, as mulheres praticamente não existiam e essa invisibilidade traduzia-se na opacidade das fontes.” (Vaquinhas, P. 209).*

Neste contexto, é crucial considerar que, à medida que as mulheres ganham visibilidade dentro de suas comunidades, conquistando assim certo poder nas decisões familiares, essa relevância, mesmo que seja obtida e reconhecida em um círculo restrito, pode ser interpretada como uma significativa conquista sobre a persistência do poder masculino enraizado no sistema patriarcal das sociedades ocidentais que conhecemos.

Por conseguinte, neste trabalho de pesquisa, junto à comunidade piscatória da vila da Nazaré, buscamos elucidar o papel desempenhado pelas mulheres na comunidade em relação às suas famílias e, por extensão, à sociedade em que estão inseridas. Pretendemos explorar como, para além de serem agentes econômicos, essas mulheres são também transmissoras da cultura, dos saberes e dos poderes que herdaram.

Aqui, é importante destacar que a mulher adquire inicialmente uma preponderância econômica, conforme esclarece a história, e como Krische (1930) detalha em relação à

mulher como a precursora da agricultura. O autor descreve essa transição, pois a caça por si só não garantia a sobrevivência, como explica em sua obra da seguinte maneira:

*“E como os resultados da caça são muito mais inseguros do que os da agricultura, a mulher adquire a preponderância; ela é agora o elemento preponderante economicamente, o centro da vida econômica, em torno da qual gira o homem como um planeta ao redor do sol.”* (Krische, pp.21-22)<sup>7</sup>

A palavra 'economia' tem suas raízes no grego, oikos, que significa lar. Há aproximadamente dois mil anos, Xenofonte a empregou em sua obra "Economico", uma reflexão dialogada sobre a adequada administração dos lares e sua contribuição para a riqueza geral. Nesse contexto, a obra inclui de maneira perspicaz uma análise das relações sociais e econômicas entre homens e mulheres. (Martinez e Moreno, 2013, P.184)

Não obstante, e para lá desta referência histórica de Martinez e Moreno (2013), há que se destacar a importância da mulher na gestão econômica do lar, sendo nesse âmbito que se registram diferenças significativas entre homens e mulheres perante momentos de enfrentamento da crise econômica. (Martinez e Moreno, P.153)

A pertinência desta questão prende-se diretamente com a divisão do trabalho e com a repartição sexual acentuada das diversas atividades socioeconômicas, o que nem sempre é tão visível nas sociedades de capitalismo avançado.

Esta reflexão serve como ponto de partida para problematizar a trama das relações homem/mulher, que está imbricada nas diferenças e assimetrias entre privado e público, entre material e imaterial, que em tantos contextos reservam um papel menor às mulheres.

Em concreto, no caso a ser estudado, explora-se a possibilidade de uma preponderância feminina na economia doméstica poder desvendar uma configuração social que aponte para um matriarcado, devidamente atualizado e ajustado aos padrões atuais. Ou se, pelo contrário, a preponderância das mulheres na gestão da economia doméstica é apenas mais uma tarefa que acresce ao trabalho tipicamente feminino, desenvolvido em torno do lar, e se, portanto, estamos perante uma configuração social vinculada e indubitavelmente patriarcal.

---

<sup>7</sup> Tradução da autora.

PARTE II  
O *ETHOS* DA VILA DA NAZARÉ





## Capítulo III – Nazaré e sua gente

*Vens tôd' enxômada! Tá í um calor viv!*

*(Vens toda enxalmada! Está aí um calor vivo!) - Mulher que traz muita roupa vestida, em dia de grande calor. Dizeres da Nazaré, Museu Dr. Joaquim Manso.*

### 3.1. Nazaré, localização e rápido estudo etnográfico

Neste capítulo estamos inserindo o trabalho no contexto geográfico, temporal e social da vila da Nazaré.

**Figura 5**  
**Vista panorâmica da Nazaré**



**Fonte: foto da autora em março de 2018**

#### 3.1.1. Localização

Uma pesquisa preliminar na Biblioteca Municipal de Nazaré permitiu conhecer melhor a história e a geografia locais. Aí se podem encontrar obras exclusivas sobre a

formação social do povoado que documentam, inclusive com imagens, e nos dão um retrato detalhado da origem e evolução do local.

A Nazaré é uma vila situada no litoral atlântico português a cerca de 150 quilômetros de Lisboa. Possui uma população permanente aproximada de 15 000 habitantes e as suas origens e traços marcantes configuram uma comunidade piscatória peculiar.

Foi nas leituras de Caneco, escritor nazareno, que buscamos informações que ilustram melhor a descrição do início do que temos hoje como a vila da Nazaré :

*“Devido às constantes e impetuosas enxurradas provindas dos montes e campos circundantes à grande lagoa, “[a] Lagoa da Pederneira, [que serviu] como o incremento da construção naval e suas naus e caravelas quinhentistas, e [perante o] quase total declínio social e humano, a praia serviu de «poiso apetecido de todos os seus marítimos e pescadores.»” (Caneco, 1999: 5)*

O mesmo autor situa-nos no tempo para que possamos ter uma ideia da composição desta sociedade piscatória:

*“No entanto, com o acentuado recuo das águas oceânicas a processar-se nos séculos XVII e XVIII, toda a zona arenosa da plataforma continental confinante àquelas massas rochosas foi ficando a descoberto, levando a que, pouco a pouco, fossem sendo ocupadas, de princípio por barcos e apetrechos de pesca, depois por companhas e seus familiares que aí iam levantando os seus casebres, ainda sob a ameaça dos três grandes danos que, constantemente, os ameaçavam: o mar, o rio e a sanha raptora e assassina da pirataria que os acometia.” (CANECO, 1999: 4)*

### 3.1.2. Breve recorte etnográfico

A origem do nome da vila da Nazaré, segundo Caneco (1999), deu-se pela edificação católica, no alto da vila, de um templo mariano erigido em homenagem à Nossa Senhora de Nazaré. Proclamada aos romeiros, que foram aumentando em número ano após ano, até nossos dias, e que, segundo o autor, foi a causa principal do início da vila:

*“cuja festa em sua honra se dá em 5 de agosto, o que propiciou o desenvolvimento do Sítio de Nazareth. Esta data mudou, a partir da Revolução Francesa, para 8 de setembro.” (Caneco, P. 7)*

A invasão francesa ocorrida em Nazaré entre novembro de 1807 e agosto de 1808, devido às atrocidades infligidas, causou a fuga do povo, que só regressa após a retirada das tropas francesas, retomando a vila assolada e reconstruindo-a.

Encontramos na obra de Pedro Penteado e José Maria Trindade (2009) - *A Nazaré e os seus pescadores: entre representações sociais e novas leituras histórico-antropológicas*, obra disponível na Biblioteca Municipal de Nazaré - dados históricos igualmente relevantes:

*(...) um esforço colectivo, que unia homens e mulheres na labuta diária, conjugando o sofrimento com a alegria do trabalho, como preconiza o regime vigente, uma terra abençoada pela Virgem, rica de recursos, que o trabalho transformava em alimento e satisfação.* (Penteado e Trindade, P.21)

Este imaginário sobre os pescadores da Nazaré, promovido pelo Estado Novo, assente na trilogia do sagrado (Virgem de Nazaré), do trabalho (o alar das redes na praia) e das tradições (o barco típico local, o traje, as danças populares). Além de inculcar um conjunto de valores e um modelo comportamental para uso interno, serviu também, pelo menos em parte, de cartaz turístico de um Portugal exótico no mundo contemporâneo. Para o regime, a Nazaré representava um pedaço singular do mosaico que era a cultura e a identidade nacional, e que era preciso preservar<sup>8</sup>.

Na Nazaré estava presente o autêntico, como um testemunho vivo, o povo que tinha dado novos mundos ao mundo, que desafiava o mar impiedoso sem vacilar, representado também pela imagem dos seus pescadores, de barrete negro e rostos tismados, simples e trágicos, testemunhos de tantas tormentas, resistindo ao mar e aos avanços da modernidade. Neles, na sua história e nas tradições de que eram portadores residia, em boa parte, a representatividade da força de Portugal, como rememora a bibliografia nazarena.

---

<sup>8</sup> Maria Henrique Espada (2018) sustenta que Salazar levou a cabo uma extensa e onerosa operação de relações públicas, nos média internacionais, promovendo símbolos da cultura nacional. A vinda do renomado fotógrafo Henri Cartier-Bresson a Portugal e a sua passagem pela fotogénica Nazaré fez parte dessa logística de propaganda.

**Figura 6**  
**Trajes típicos de trabalhadores do mar**



**Foto da autora tirada no Museu Dr. Joaquim Manso**

A Figura 6 dá-nos uma noção aproximada do que podemos ver no quotidiano das ruas da Nazaré. Embora as roupas tradicionais que hoje são usadas pelas mulheres sejam modelos intermédios - entre os modelos de festa (esquerda na foto) e os do trabalho quando da chegada dos barcos à praia (à direita na foto), a saia rodada, o tamanco (ainda que hoje tenha se modernizado e seja feito em couro), o infalível avental e o lenço na cabeça, substituindo o chapéu – eles fazem parte da indumentária que encontramos diariamente nas ruas da vila ou mesmo nos locais de trabalho e de comércio.

Os trajes típicos, que aparecem à esquerda na foto, são utilizados nas festas folclóricas e dias festivos, ocasiões nas quais as mulheres colocam seus adornos, notadamente seus muitos colares de ouro e brincos “à rainha”, com tamancos tradicionais, ou ficando de pés descalços, transportando seus cestos onde outrora alegadamente carregavam peixe ou roupas para lavar à beira do rio.

Pudemos comprovar, pelo menos em uma observação sumária, aquando das nossas primeiras incursões etnográficas no terreno, que os autores supracitados não estavam exagerando ao descreverem o apego dos nazarenos à sua história e às suas coisas. Há um grande envolvimento de toda a sociedade nazarena em dias de festa e, para os locais, é um orgulho andar pela cidade com seus trajes típicos, para assistir a um espetáculo de folclore e, até mesmo, participar do desfile, inclusive levando seus filhos com os trajes

nazarenos, como pudemos constatar. A construção social desta identidade foi-se munindo de uma cultura material que hoje faz parte de uma logística de afirmação positivada.

**Figura 7**  
**Perpetuando a tradição nazarena.**



**Fonte: foto da autora, março de 2018.**

A pesquisa de campo foi feita a partir do mês de março de 2018 e, neste período, decorreu o Festival do Folclore em Nazaré, movimentando a vila de uma forma incrível. Percebeu-se que toda a população estava, de uma forma ou de outra, envolvida no evento. O que presenciamos no terreno não se afasta daquilo que os autores descrevem: os nazarenos têm orgulho de sua origem, preservam sua cultura e querem nos mostrar como respeitar sua história.

Tendo por referência os modelos e artefactos resguardados no Museu Doutor Joaquim Manso, é neste momento, durante o Festival do Folclore da Nazaré, que podemos observar com detalhe como o vestuário, as atividades, as brincadeiras, inclusive, vão, em matéria de folclorização, bem para além das roupas e objetos expostos no museu. Sobretudo nos momentos do festival, vemos nas ruas figuras de pescadores com seus trajes típicos, procurando lembrar figuras e indumentárias que o tempo vai retirando do



quotidiano. Esta participação alargada, marcada por uma exacerbação e uma espetacularização de costumes e indumentárias revela como a cultura do que hoje é exibido, mais do que vivido, participa de uma logística social e politicamente construída, sobretudo durante e pelo Estado Novo, promovendo processos locais de patrimonialização (Fortuna e Peixoto, 2005) e configurando uma “linguagem consensual do património” local (Peixoto, 2017).

**Figura 8**  
**Pescadores com suas redes**



Fonte: foto da autora, março de 2018.

Nestas manifestações não faltam as mulheres, que desfilam seu vestuário utilizado no quotidiano. Para algumas, as roupas utilizadas eram de suas mães, o que comprova que elas estão retratando atividades que integravam o domínio do vivido há bem poucos anos nesta comunidade.

**Figura 9**  
**Lavadeiras adultas e crianças no desfile folclórico.**



Fonte: foto da autora, março de 2018.

A vaidade das nazarenas é amplamente reconhecida pelos autores que as descreveram, sendo destacada como uma característica distintiva do *ethos* local. Essa vaidade se torna especialmente evidente em dias de festa, quando as mulheres se exibem nas ruas com seus "brincos à rainha", uma expressão marcante de sua identidade e tradição cultural. Essa prática não apenas reflete a estética individual, mas também é um testemunho da importância cultural e social que as mulheres da Nazaré atribuem à sua aparência e à preservação de costumes locais.

Vale reforçar aqui que, nas entrevistas, ao me deparar com muitas das nazarenas portando esse tipo de brinco, veio-me a curiosidade de questionar seu uso. Foi então que surgiu a surpresa. Para a maioria das entrevistadas, os brincos não vieram como herança materna, mas, sim como um hábito exuberante de vestir. Um símbolo recente de uma demonstração de *status*. Comprar brincos de ouro é um objetivo transversal entre as mulheres nazarenas, ainda que não o tenham declarado nas entrevistas. Um comportamento que se situa entre os modos de demonstração de saúde financeira, a adesão à iconicidade da joalheria portuguesa e a criatividade que marca as “rupturas na dimensão folclórica”. (Vaz, 2021)

Para adquirir estes adereços em ouro são necessárias muitas economias, visto que não são objetos de baixo custo. Inclusive, é necessário o auxílio de joalheiros da cidade, que vendem os brincos por valores parcelados, conforme as possibilidades de pagamento.

**Figura 10**  
**Brincos “à rainha”.**



Fonte: foto da autora, março de 2018.



### 3.1.3. Impressões e descrição do local da pesquisa: a vila da Nazaré.

O primeiro contato humano que temos ao chegar à vila de ônibus, geralmente, é o convite feito por uma senhora nativa para que se alugue um quarto de sua casa. Por regra, esta senhora traz consigo um cartaz pequeno, escrito à mão, onde oferece o cômodo em, no mínimo, três idiomas: normalmente, inglês, francês e espanhol; por vezes alemão.

Partindo agora para a fisiologia da Nazaré, a vila, em muitas das ruas, ainda permanece com a mesma estrutura do início do seu povoamento.

Caminhando pelas ruas nazarenas, na parte antiga da vila, encontramos ruelas nas quais, de tão estreitas, duas pessoas que se cruzem no caminho têm forçosamente de se encostanr uma na outra. Não raro, encontramos escadarias que terminam numa rua estreita; e, com frequência, esta rua, no seu final, dá início a uma pequena ruela, como bem o demonstra a foto, na qual se pode constatar uma das escadas que dá início à rua, vendo-se ao fundo uma ruela.

**Figura 11**  
**Escadarias e ruelas nazarenas.**



**Fonte: foto da autora em março de 2018.**

**Figura 12**  
**Ruela de uma pessoa só.**



**Fonte: foto da autora, março de 2018.**

Caminhando da paragem do ônibus até ao centro da vila, é natural passarmos por senhoras vestidas com suas roupas típicas, com os infalíveis saia e avental. Como lá cheguei pela primeira vez no inverno, abrigavam-se e aconchegavam-se com um xaile feito de lã, cujas pontas se cruzam nas costas, aquecendo, portanto, o corpo todo até à cintura.

Nos pés, tamancos estilizados, com as pernas tapadas por grossas meias que vão até ao joelho. Na cabeça, geralmente, levam lenços, ou tocas de tricô, por conta do frio forte que fez nesse período.

**Figura 13**  
**Nazarenas tradicionais em suas andanças.**

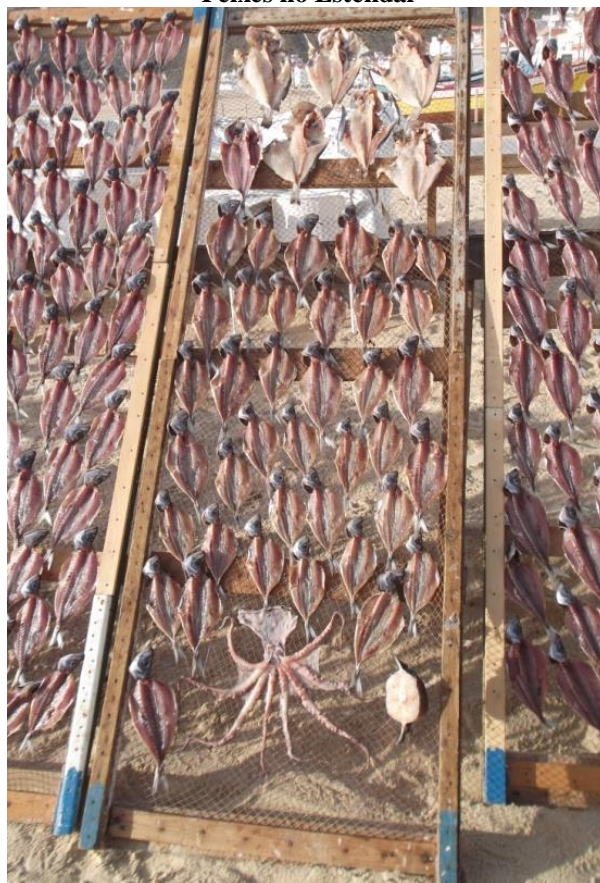


**Fonte: foto da autora, março de 2018.**

Ao chegarmos à beira do mar, à esquerda, temos a apresentação da típica venda de peixes secos feitos pelas mulheres chamadas “peixeiras”, sentadas nos bancos de madeira à frente dos seus expositores, tabuleiros, assentados num estrado em madeira. Adiante, vemos os peixes estendidos em telas emolduradas com madeiras. Sobre estas telas há uma tela maior que impede os pássaros de virem saborear os peixes.

A este conjunto, chama-se “estendal” (popularmente designado por “estindarte”), pois aí se expõem (estendem) os produtos para os olhos encantados dos turistas, que muito raramente os compram e que apenas fotografam esta espécie de museu vivo. É dos estendais que saem os peixes secos comprados pelos locais, normalmente clientes de longa data e de idade mais avançada, que deixam, quase sempre, a escolha do produto à sua pexeira preferida<sup>9</sup>.

**Figura 14**  
**Peixes no Estendal**



**Fonte: foto da autora, março de 2018.**

---

<sup>9</sup> Esta tradição tem-se vindo a deslocar do domínio do vivido para o domínio do exibido, sendo atualmente um dos núcleos (Núcleo 1), organizado segundo uma lógica expositiva, do Museu do Peixe Seco, um projeto concretizado através do programa comunitário MAR2020 e constestado pela Associação de Defesa da Nazaré por alegadamente descaracterizar o local.

**Figura 15**  
**Polvos no Estendal.**



Fonte: fotos da autora, março de 2018.

**Figura 16**  
**Estendal no inverno da vila da Nazaré.**



Fonte: foto da autora em março de 2018.

No Estendal só existem mulheres a vender peixe secos, embora pontualmente o homem que pesca possa fazer companhia à mulher quando a ida ao mar não é viável.



Há uma outra variante de peixe seco: o peixe enjoado. A diferença entre os dois é a forma de salgar e o tempo da salga. O peixe seco leva mais sal e fica menos tempo na salmoura. Já o peixe enjoado fica mais tempo na salmoura e leva menos sal, levando menos tempo para poder ser posto à venda.

A venda do peixe seco começa de manhã e prolonga-se até ao anoitecer. Algumas das peixeiras vendem seus peixes secos para os restaurantes. No entanto, numa rápida recorrida na vila e olhando atentamente os cardápios existentes nas entradas dos restaurantes, poucos são os que contêm em seu cardápio algum prato com peixe seco. Portanto, essa não é a maior fonte de receita das peixeiras vendedoras de peixe seco.

À beira-mar, à direita de frente para o oceano, podem-se observar as falésias, um icon turístico da Nazaré. Sobre as falésias podem ver-se algumas construções, dando forma ao local que é chamado de Sítio.

**Figura 17**  
**Praia, falésias e Sítio da vila da Nazaré.**



**Fonte: foto da autora em março de 2018.**

Observa-se que as falésias erguem-se imponentemente ao lado da praia, criando uma elevação marcante que separa a praia do Sítio. O acesso ao Sítio pode ser feito tanto por estrada quanto por meio de um elevador, operando exclusivamente durante o dia, ou através da utilização de uma extensa escadaria que, apesar de sua extensão, oferece uma inclinação confortável. Este cenário pitoresco não apenas destaca a geografia única do local, mas também fornece diversas opções aos visitantes para explorar e apreciar a beleza do local.

No Sítio, um local de passagem incontornável para quem visita a Nazaré, encontramos um diferente tipo de comércio: preponderantemente há lojas de artesanato, de pequenas bugigangas e, no centro da praça, em frente à Igreja, vemos vendedoras de frutos secos ou de camarinha (sendo a época da baga tradicional), todas elas, igualmente, vestidas com trajes típicos e blusas muito coloridas. Há também produtos um pouco mais modernos em duas barracas: uma vende “Bolas de Berlim”, algo parecido qo que no Brasil chamamos de “sonhos”; a outra barraca vende bebidas aos turistas.

**Figura 18**  
**Vendedora de frutos secos no Sítio, vila da Nazaré.**



**Fonte: foto da autora, março de 2018.**

Enquanto as vendedoras de frutos secos adotam uniformemente trajes típicos, as vendedoras mais jovens, responsáveis pelas barracas de Bolas de Berlim e bebidas, não seguem essa tradição e não utilizam esse tipo de indumentária. Além disso, nas lojas de artesanato ao redor da praça, a maioria das vendedoras também opta por trajes típicos. Essa distinção no vestuário destaca as diferentes abordagens adotadas pelos diversos setores de comércio local, com algumas mantendo fortemente a tradição, enquanto outras optam por uma estética mais contemporânea e alinhada com os ventos da moda.



## Capítulo IV – O *ethos* nazareno

### 4.1. Observar, conhecer e registrar o *ethos* das nazarenas

- *Como é linda a sua cidade!* Comentei.

- *Pois é . . . fomos nós que fizemos tudo isto e ninguém vê!* Respondeu-me a senhora nazarena com sua saia longa em lã marrom, enfeitada com gregas de florezinhas vermelhas, uma blusa estampada com flores num fundo vinho, um xaile cinza, no modelo nazareno, um lenço na cabeça e um belo sorriso estampado no rosto, na esquina em frente ao elevador que leva ao Santuário de Nazaré.

Este foi só o começo de uma interação mais profunda e mais prolongada! A partir desse contacto fortuito, eu decidi que elas mereciam uma maior atenção e uma observação profunda enquanto objeto de estudo, designadamente em termo de hábitos e de traços comportamentais.

Ao chegarmos à vila da Nazaré, diferentemente de outras localidades litorâneas, o que nos chama imediatamente a atenção são as mulheres que andam com saias pelos joelhos e um avental sobre as saias, lenços coloridos à cabeça e, ainda, enfeitadas com brincos e colares, calçando uma espécie de chinelos, no inverno, e meias que vão até aos joelhos, com o tronco coberto por um xaile que cruza no peito e amarra atrás.

Difícilmente seus passos são lentos, a menos que a idade já seja avançada ou que estejam numa conversa descontraída com uma amiga. E as conversas alegres, efusivas, em duplas ou em pequenos grupos, mas em tom audível, são recorrentes no espaço público central da vila. O que impressiona alguém que, como eu, chega para observar é a longevidade dessas mulheres e sua integração total na cena urbana, que dominam simbólica e funcionalmente.

No caso da vila da Nazaré, ainda que essa realidade possa existir, visualmente, dada a vibrante presença de idosas locais no espaço público, parece não se confirmar como regra a realidade enunciada por Ana Alexandre Fernandes, Ana Paula Gil e Inês Gomes, na obra intitulada *Portugal Invisível* (2012), como aqui transcrevemos:



*Os velhos, também commumente designados por pessoas idosas, adquiriram esta designação no decurso das políticas sociais que começaram a desenvolver-se em Portugal por volta da década de 1970 e constituem uma categoria frequentemente associada a fragilidade social e económica (pobreza, isolamento e solidão). . . . (Dornelas et alii, p.173)*

As nazarenas idosas parecem estar por toda a parte, no coração da vila e nas dinâmicas locais ligadas ao turismo e à pesca, inclusive trabalhando, estando economicamente ativas, o que nos autoriza a questionar generalizações como aquela que reproduzimos no seguinte trecho:

*Em qualquer dos casos constatamos a existência de um duplo aspecto a considerar: os **velhos e reformados** adquiriram visibilidade social pela expressão do seu número, mas não conquistaram relevância e protagonismo sociais; a passagem à reforma ou a condição de velhice conduzem-nos, na maioria das vezes, à invisibilidade social, isto é, eles ausentam-se do cenário em que decorre uma boa parte da vida pública. (Idem, p. 173)*

Na tentativa de “fotografar de forma escrita” o cenário do centro da vila da Nazaré em relação ao modo como os locais nele se posicionam, o recorte visual instantâneo revela uma grande desproporção entre homens e mulheres no espaço público. Na rua e nos pequenos comércios, as mulheres superam largamente em número os homens, sendo este um fenómeno cujo diferencial que lhe subjaz não é explicável pela diferença da esperança de vida, correspondendo antes a um *ethos* local marcado por uma cultura de rua e pelos papéis sociais e económicos desempenhados pelas mulheres.

Reportando-nos às nossas hipóteses de trabalho, compreendemos a razão pela qual as monografias sobre Nazaré e sobre as nazarenas nos deram indícios de prevalência de uma cultura matrística nesta sociedade piscatória: elas predominam na cena urbana, seja nas ruas, seja nos cafés, no supermercado, à beira-mar ou na parte alta da vila, chamada de Sítio. Elas integram uma rede de comunicação intensa entre si: todas se conhecem! Todas se ligam de uma forma ou de outra a um conjunto reduzido de famílias que se fixaram no local como comunidade piscatória e que foram fazendo a Nazaré que hoje temos. Quase como se fosse uma espécie de Cornerville, ancorada em características de uma “Sociedade da esquina” (de William Foote Whyte).

Concluimos depois, com o avançar do estudo etnográfico, que há sempre um elo de parentesco entre as nazarenas anciãs, confirmando a existência de um contexto do tipo “clã estendido”, que havíamos postulado em nossas hipóteses.

É sabido que as comunidades piscatórias, geralmente, reservam às mulheres atividades específicas decorrentes da pesca, designadamente tarefas de “natureza feminina” (Amorim, 2005). No entanto, os estudos monográficos locais relativos à comunidade piscatória da Nazaré revelam indícios de uma sociedade onde a distribuição do poder não confina as mulheres aos restritos e “expectáveis” papéis femininos.

Um dos monógrafos nazarenos, José António Caneco, interessado, como era, na história local e exímio defensor das tradições nazarenas, referindo-se à história da formação da vila pelos ílhavos, nos descreve particularmente a autoridade que a mulher nazarena impôs na casa de família. Esse ethos inicial de afirmação da mulher ter-se-á alargado posteriormente ao domínio público, beneficiando da oportunidade trazida pela ausência prolongada dos homens no mar.

Para iniciarmos a busca do ethos nazareno e de ramificações da autoridade matriarcal que, entre outros, Caneco nos indicou, partimos de uma abordagem teórica/metodológica que radica lateralmente nos estudos de comunidade (Brandão e Feijó, 1984; Oliveira e Maio, 2011), convocando também abordagens das teorias feministas. Mantivemos por pano de fundo a questão de pesquisa: saber se, na Nazaré, nos encontramos perante um regime matriarcal moderno; ou seja, uma cultura matrística que nos aproxima da teoria defendida por Göettner-Abendroth (2007).

Caneco (1999) aponta nesse sentido, quando afirma: “No que ao factor humano diz respeito, coube sempre à mulher nazarena todo o protagonismo capacitado e influente do âmbito do lar e da comunidade.” (Caneco, P.18)

Brøgger (1992a), outro autor que viveu por muito tempo na Nazaré, reitera o mesmo argumento, ao dar conta que

*“(...) as mulheres [têm] maior confiança e orgulho do que os homens. Caminham com passo decidido, imprimindo às saias um ritmo balanceado, que dá a impressão de ter sido cuidadosamente coreografado, sobretudo quando nas suas lides diárias transportam as caixas de peixe ou bacias de roupa à cabeça, formam um quadro invulgar.” (Brøgger, P. 75)*

Não é despreciando notar que, sendo os autores citados homens (Caneco e Brøgger), temos uma possibilidade maior de estarmos, de facto, diante de um modelo feminino de gestão de uma comunidade, o que nos colocaria perante uma sociedade de orientação matriarcal.

Considerando que Portugal é retratado como uma sociedade patriarcal, que os estudos que procedem a essa caracterização incidem particularmente na análise literária (Saldanha, 2014) e que possa existir uma excessiva generalização, afigura-se heurísticamente relevante indagar o processo de empoderamento das nazarenas e colocar a hipótese da existência de uma sociedade matriarcal fora do tempo e do espaço da sua emergência e afirmação, ainda que, insistimos, não estejamos à procura de uma sociedade matriarcal tradicional.

Retomando o conceito de *habitus* de Bourdieu (1997), anteriormente trazido à colação, postulamos que um conjunto de aquisições duráveis socialmente adquiridas acaba por configurar subjetividades localmente socializadas que consolidam um *ethos* que enquadra formas de percepção, de apropriação e de ação que dão forma a um contexto sujeito a uma cultura matrística. O espaço social da vida quotidiana nazarena constitui-se, nessa perspectiva, como um campo estruturado por estilos de vida e por disposições que relevam um *ethos* distintivo.

Inegavelmente, as mulheres nazarenas têm uma visibilidade evidente na esfera da sua comunidade, o que lhes pode proporcionar um certo poder em matéria de decisões familiares. Ainda que isso possa ocorrer tendencialmente no círculo da intimidade, há que ponderar a hipótese de estarmos perante uma relevante ascendência do poder feminino.

Nesta perspectiva, privilegiar os relatos de vida das mulheres da comunidade piscatória da Nazaré é fundamental para desenvolver um olhar sociológico que nos coloque para lá do lado pitoresco com que essa realidade é comumente olhada (Vieira, 2015; Trindade, 2008). O trabalho desenvolvido à beira-mar, na marginal onde todos passeiam, ou no Sítio, onde a praça é o palco dessas mulheres que trabalham a tempo inteiro, é visto oficialmente como um trabalho ou como elemento estético de um quadro que visa criar um cenário turístico idealizado?

É neste contexto que vale a pena convocar teorias feministas utilizadas por Santos (2004) para relevar a importância do trabalho das mulheres em pequenas comunidades. Transcrevendo Dietrich e Nayak:

*“A perspectiva feminista sobre as pescas valoriza o trabalho da mulher no sector artesanal e a sua contribuição para a subsistência e encara toda a produção alargada apenas como construída sobre a produção de subsistência, negando a legitimidade de um processo de produção que destrói as formas de vida das comunidades costeiras, bem como os recursos pesqueiros.”* (Apud Santos, pp. 285-286).

Identificar o *ethos* - palavra de origem grega que significa a descrição do lugar onde alguém vive, seus hábitos, costumes, etc. – significa, para a sociologia, referenciar hábitos ou crenças, maneiras de estar e de agir, que definem uma comunidade ou uma nação. No nosso caso, pretende-se não só relevar a especificidade, mas também para dar conta do papel preponderante das mulheres na consolidação de um modo de vida que perdura.

Especificamente, esta parte do trabalho foi, pessoalmente, a mais prazerosa e complacente. Por isso, juntamos à componente textual descritiva uma dimensão visual, trazida através de imagens, que foi marcante para criar a empatia necessária com o objeto de estudo. Afinal, um objeto de estudo que não nos apaixone não permite cumprir todos os objetivos de realização de uma tese.

Esta componente descritivo-visual procura dar conta que há uma sociedade diferenciada em várias dimensões e que as nazarenas merecem que se observe e documente tudo o que for possível conhecer em relação ao seu tempo, às suas atividades, para além de seu quotidiano, suas vidas, enfim, seu *modus vivendi* no início deste nosso século XXI.

**Figura 19**  
**Comentários femininos particulares**



Fonte: <https://viajardemochilaascostas.blogspot.pt/2014>

Tanto na parte da vila que fica à beira-mar, quanto no Sítio, para além das conversas despreocupadas e triviais mantidas nas calçadas sobre o estado do tempo, é hábito das mulheres reunirem-se nos cafés, para um café e uma conversa. O tom da conversa só

baixa quando o assunto é muito grave ou sensível e pode causar danos. Caso contrário, as conversas ocorrem com o tom de voz com que vendem seus produtos.

Nessas conversas, que tive a oportunidade de observar, percebe-se a existência de comentários sobre a forma de vender das parceiras e fala-se muito sobre como as colegas fazem para chamar mais a atenção dos turistas para os seus produtos. Fica perfeitamente claro que existe competição de pequenos grupos em relação às vendas. O metier de agenciamento de oportunidades trazidas pelo turismo envolve, por isso, um mercado campo de disputas. E na passagem de um *ethos* de comunidade piscatória para um *ethos* de comunidade turística, as nazarenas seguem surfando na crista da onda que anima económica e culturalmente a localidade.

À beira-mar, há uma liderança inegável de Francelina, uma das peixeiras por nós entrevistadas. Esta liderança, consolidada ao longo dos anos, traz-lhe, por um lado, a exposição pública que decorre das entrevistas que concede a jornais, revistas e até para programas de rádio e de televisão; por outro lado, porque é uma mulher que possui desenvoltura ao falar e porque tem um amplo conhecimento do setor da pesca.

Este papel de intermediação entre a comunidade local e o exterior em relação ao qual ela se exhibe na sua nova faceta de comunidade pesqueira tradicional transformada em polo turístico animado pelo surf não se processa sem alguma vozeria. A exposição de Francelina à mídia, sua expressão verbal, sua disposição para o trabalho, sua forma direta de vender, e de ser, causa alguns tensões com o grupo. Sinalizamos com este exemplo uma espécie de tensões rituais que sempre ocorrem entre clãs estendidos, como sinalizam os estudos comunitários que se debruçam sobre pequenas comunidades caracterizadas pelo interconhecimento e por laços de familiaridade (Bell, 2002). No caso vertente, as fofocas (o *gossip*, que testemunhei), a crítica e o tomar partido são mecanismos de regulação necessários ao equilíbrio no acesso a oportunidades do mercado turístico.

O café frequentado pelas peixeiras é, sem dúvida, o melhor local para se obter informações quando se realiza uma pesquisa do tipo da que concretizei. Designadamente porque é aí que a conversa flui de forma informal e muito à vontade. É também um lugar onde, para lá das conversas, se podem atestar as rivalidades. Por exemplo, grupos de peixeiras rivais, propositadamente, não se cruzam no café no mesmo horário.

O mesmo fenômeno da formação de liderança e de pequenos grupos rivais ocorre no Sítio, com as vendedoras de frutos secos.

Há igualmente, entre as peixeiras e as vendedoras do Sítio, um preconceito recíproco<sup>10</sup>. As peixeiras relevam que as vendedoras do Sítio falam palavrões e dão maus exemplos para os estrangeiros (turistas). E que suas blusas são muito coloridas, o que não condiz com as roupas típicas das nazarenas. Já as vendedoras do Sítio dizem que as peixeiras pretendem fazer-se passar por mais originais, mas que, no fundo, são antiquadas. Esta situação de tensão num mercado limitado, mas disputado, se repercute na vida de todos os dias mas também nos momentos extraordinários. Mesmo no carnaval, uma festa bem popular e um momento de sátira, estes dois grupos não se misturam nunca. Tampouco pude observar a presença das vendedoras do Sítio nas festas de folclore, onde apenas marcaram presença as peixeiras e os pescadores. A competição afere-se também pelos comentários relativos à quantidade de correntes de ouro que esta ou aquela carrega no pescoço. Por regra, as vendedoras do Sítio, com os trajes típicos de trabalho mesclam cordões grossos em ouro que lhes enfeitam o colo, diferentemente das peixeiras que trabalham à beira do mar. Outro foco em que a competição se manifesta tem a ver com melhorias realizadas na casa onde se mora. O tamanho da casa, os metros quadrados, o número de quartos (que podem ser uma importante fonte de renda) e até a qualidade dos equipamentos que equipam as cozinhas são critérios de aferição de status. Contudo, a competição se dá sempre por coisas materiais, jamais comentam sobre “seus homens”, seus maridos, ou até mesmo sobre questões familiares.

Em relação à religiosidade, é impressionante a predominância do catolicismo na comunidade da vila da Nazaré, fato que é amplamente destacado nos estudos comunitários sobre povoados pesqueiros (Baez e Sampaio, 2019). As frases cotidianas e os cumprimentos de circunstância (o “*Então, como vai?*” - “*Vai-se indo como Deus quer.*”) são reveladores dessa realidade.

Neste ponto, é preciso registrar que a pesquisa de campo feita na Nazaré teve o seu período mais intenso, de permanência quotidiana, no mês de março de 2018, coincidindo com as cerimônias religiosas e as procissões, nas quais participámos e pudemos documentar.

---

<sup>10</sup> Estes dois grupos não são totalmente estanques. No Sítio, encontrei duas mulheres que foram peixeiras à beira-mar e que, tendo juntado algumas reservas, conseguiram comprar, uma delas, uma banca de frutos secos e, a outra, uma pequena camioneta para transportar peixes para vilas e cidades próximas.

Na figura 20 vemos o trajeto de entrada na vila da Nazaré da procissão do Senhor morto, que sai da praia da Pederneira e vai até ao Sítio, parte alta, onde a imagem ficará guardada até à Páscoa. Constatamos que, apesar do mau tempo, a procissão vai ficando cada vez maior com a adesão dos residentes locais ao longo do trajeto.

**Figura 20**

**A procissão do Senhor morto**



**Fonte: foto da autora, março de 2018.**

Outro sinal de religiosidade é o luto que muitas nazarenas preservam, segundo os “preceitos religiosos”, usando a cor preta em toda a indumentária. Inclusive, para algumas, que fizeram questão de me mostrar, sua roupa íntima é igualmente preta. Além disso, no período do luto, normalmente por um ano, não é permitida nenhuma maquiagem, nem mesmo um batom neutro ou esmalte nas unhas.

Causa-nos, a nós, estrangeiros, uma estranheza ao vê-las à beira do mar envoltas em panos pretos, contrastando com o cenário e a luz do sol refletida na água. O luto tem um prazo determinado, embora, algumas delas digam que o duplicaram por terem perdido mais que um ente chegado: um marido, uma irmã, ou um filho. Há inclusive rezas populares para mortos, como nos presenteia **Irene**, uma das entrevistadas, que teve a paciência de me ensinar como a ela ensinou a sua avó:

*Bom dia (ou boa tarde) Ato Sagrado.  
Corpo que estás a entrar.  
Que já foste como eu e eu hei de ser como vós.  
Pedi ao Senhor por mim que eu rezarei por vós.*  
(Rezar um Padre Nosso e uma Ave Maria).

PARTE III  
A CULTURA MATRÍSTICA DA NAZARÉ





## Capítulo V - A pesquisa: da metodologia à realidade da pesquisa

### 5.1. Obstáculos, dificuldades, cronograma de execução.

A elaboração de toda a programação é cuidadosamente fundamentada em dados concretos e condições ideais. No entanto, é desafiador antecipar todos os obstáculos que uma pesquisa de campo pode apresentar. Aspectos imprevisíveis, como condições climáticas adversas, podem impactar significativamente o andamento da pesquisa. Além disso, fatores humanos, que podem variar de uma sociedade para outra, também representam desafios, podendo incluir resistência hostil à pesquisa ou peculiaridades culturais que influenciam a abordagem do estudo. A flexibilidade e a capacidade de adaptação são, portanto, elementos cruciais para o sucesso de uma pesquisa de campo, permitindo ajustes conforme as circunstâncias reais que podem surgir durante o processo.

#### 5.1.1. Encarando os obstáculos

Seguindo o princípio de Bourdieu, que afirma que "A pesquisa é talvez a arte de se criar dificuldades fecundas e de criá-las para os outros. Nos lugares onde havia coisas simples, faz-se aparecer problemas" (Bourdieu, p.47), reconhecemos que, ao invés de nos limitarmos a observações superficiais, é crucial questionar e investigar de maneira aprofundada. Essa abordagem permite obter uma compreensão mais precisa e próxima da realidade no momento em que conduzimos uma pesquisa, transcendendo as aparências e buscando compreender a complexidade subjacente aos fenômenos sociais em estudo.

Tratando-se de uma pesquisa sociológica, utilizamo-nos de entrevistas centradas em trajetórias de vida, de modo a podermos registrar regularidades e padrões e a embasar conclusões aceitáveis e passíveis de comprovações.

Seria infrutífero e insensato determinar, antes de conhecermos o nosso campo de trabalho e o nosso objeto de estudo, quantitativamente, um número de entrevistas que

possibilitasse uma representatividade ou uma saturação da pesquisa. Ao chegarmos à vila e ao tentarmos as primeiras abordagens, foi ficando claro que o material humano poderia nos assegurar um panorama suficientemente seguro para recolhermos testemunhos que nos permitissem retratar as nazarenas e o seu contexto.

Inicialmente era fundamental entrevistar as peixeiras, mulheres que vendem peixe seco à beira do mar, mesmo junto ao calçadão, à esquerda da rua principal quando nos deparamos com o mar. Elas representam o cenário vivo de todas as pesquisas sobre as nazarenas, ocupando o espaço público vestidas como se costuma ver nas fotos das monografias históricas, nas revistas ou mesmo na Internet.

Depois de várias leituras exploratórias, de repente, eu estava diante delas. O cerne do meu objeto de estudo!

As que estavam permanentemente em seus postos de venda, quando havia uma melhora no tempo, ou nos finais de semana, eram 8 peixeiras, no máximo.

Fixei, por isso, o objetivo de entrevistar mais de metade delas. Acreditei que entrevistando 5 peixeiras teria depoimentos suficientemente detalhados e uma porta aberta para novas perspectivas de pesquisa e para a realização de mais entrevistas.

Tendo amadurecido a ideia de identificar o período mais adequado para realizar o grosso da pesquisa de campo, o meu maior obstáculo era ter apenas 31 dias de permanência constante na comunidade para realizar um conjunto de tarefas que me havia proposto. Como não dispunha de muitos recursos, pois fiz o doutorado sem auxílio financeiro de algum órgão financiador, o valor de trezentos euros de aluguel pesava muito no meu orçamento. Embora não precisasse de transporte, pois percorria quotidianamente o território da pesquisa a pé, apesar de estar a uma distância de 40 minutos da beira-mar (no percurso descendente; 50 minutos no percurso ascendente), tinha ainda custos de alimentação. Havia dias em que fazia o percurso casa-beira-mar duas vezes ao dia. O acesso ao Sítio, na parte superior da vila, estava mais facilitado, dada a localização da residência. Levava 25 minutos para subir e uns 15 minutos para descer. Todavia, o foco da pesquisa estava à beira-mar e nas proximidades, no núcleo mais antigo da vila. Ajudou-me o fato de estar habituada a caminhar muito diariamente.

O segundo obstáculo foi o estado do tempo. Choveu 25 dias do mês que lá passei. Além disso, em meados do mês, passou a tempestade Gisele. Os meios de comunicação

pediram que as pessoas que não tivessem urgência de sair de casa, não o fizessem, por razões de segurança.

Contudo, o maior obstáculo foi conseguir a primeira entrevista.

Como eu havia idealizado, através da leitura de monografias e pela consulta de meios eletrônicos, entrevistar uma figura feminina que reificasse a nazarena, eu optei por abordar uma senhora que estava de forma imponente diante do tabuleiro de peixe seco. Quando cheguei à beira-mar, lá estava ela. Num primeiro momento, foi bem emocionante poder vê-la *in loco*, presencialmente. No entanto, ao me aproximar dela e ao dizer-lhe que gostaria de entrevistá-la, ela logo foi dizendo que não tinha tempo e, depois, ainda perguntou para qual jornal ou revista eu estaria trabalhando. Na seqüência, expliquei-lhe que estava fazendo um doutorado, e então foi pior a emenda que o soneto. Perguntou-me se eu lá tinha idade para fazer um doutorado! Senti na pele o preconceito relacionado à idade. A imagem que subjaz no imaginário comum em relação aos estudos é que há uma idade pré-estabelecida para estudar e ponto final. Essa idade, nitidamente, não era a minha. Ao detalhar o que estava fazendo, insistentemente, ouvi um pouco mais: “*E o que é que uma brasileira vem pesquisar na Nazaré?*” Decidi sentar-me, calmamente, para ver de que forma eu poderia romper com essas barreiras. Retorqui: “Porque me apaixonei pelo tema das mulheres da Nazaré e decidi que quero mostrar o valor que elas têm.” Ela ficou pensando. Mesmo assim, me disse para voltar no outro dia porque não tinha tempo para falar comigo. E não passava ninguém por ali. E ali estávamos, ela e eu e uma colega um pouco distante. Só nós três na beira do mar, encarando o vento e o frio.

Voltei no dia seguinte, às 9 horas, cumprindo o que foi acordado, pois esse era o horário do começo do trabalho. Mas chovia e ventava. Tive que esperá-la até às 11 horas, momento em que surgiu um senhor e começou a mexer nos varais. Fui falar com ele e descobri que ele era o marido de Dona Francelina. Foi mais fácil explicar-lhe a ele meus intentos. Pedi que falasse com ela, que intercedesse e que lhe explicasse o que eu precisava. Naquele dia pensei que estava no lugar errado, com muitos anos de atraso, e que deveria ter feito esta pesquisa no meio do século passado.

Voltei no dia seguinte e lá se foram quatro dias sem conseguir falar com ninguém. Sem ter referencial para absolutamente nada relacionado com minha pesquisa empírica. Nesse dia, levei um bolinho para ela. Talvez fosse mais simpática e acolhedora comigo.

Sentei no chão, ao lado dela, e começamos a falar. Mas ela já foi avisando: “*Se ligar o gravador eu não falo mais.*” E eu o guardei.

Este foi outro obstáculo de monta. Eu estava predisposta a gravar as conversas e a fotografar muito. Era esse o protocolo de pesquisa. Mas, ao contrário do planejado, tive que pegar um bloco e escrever muito. Às vezes com letras que nem eu podia bem compreender.

### 5.1.2. Superando as dificuldades.

Francelina abriu-me os contatos para outras peixeiras. Mas também os fechou para outras. Demorei 10 dias a perceber claramente que havia dois grupos de trabalhadoras ali: o grupo liderado por Francelina (e é inegável a sua liderança) e outro grupo, que não sei precisar quem lídera, ou se há liderança, porque não me deixaram chegar nem perto de uma frase trocada. Perante as tentativas de abordagem, apenas diziam “*Não vamos falar!*” ... e ponto final.

Agradei a Francelina e disse-lhe da sua importância para mim. A partir dali, todos os dias eu ia vê-la. Às vezes com um bolinho comprado em uma confeitaria. Às vezes com alguma coisinha qualquer que tivesse achado no supermercado. E, já na segunda semana, sentava-me com ela no café em frente ao estendal. Uma porta se abriu. Outra se fechou.

Ficou definida a quantidade de pessoas que eu poderia entrevistar. Felizmente, foi uma quantidade que atendendo ao total de 8 peixeiras, correspondeu às minhas expectativas iniciais. Consegui entrevistar cinco,  $\frac{2}{3}$  das peixeiras da beira do mar. Como a faixa etária não era muito variável e, de acordo com as informações secundárias que recolhi, todas tinham um nível sócioeducativo similar ao grupo estudado, e uma trajetória de vida similar, não considerei uma perda.

Outra dificuldade enfrentada foi deparar-me com a rede de relacionamentos fortíssima na comunidade. Quando passei para outras atividades em que as nazarenas assumem um papel relevante, depois de realizadas as 5 entrevistas, me diziam sempre para voltar no dia seguinte. Quando retornava e ia me apresentar me diziam que já sabiam quem eu era e o que fazia ali, pois tinham ido tirar informações. Esse fato ocorreu

inclusive quando iniciei a pesquisa na parte alta da cidade, o Sítio. Lá chegando, fui falar com Conceição. Ela nem se surpreendeu, porque já sabia que eu chegaria. Inclusive, queria que fosse ela a primeira a ser entrevistada porque queria fazer parte da pesquisa. Foi uma das mulheres com uma história de vida das mais interessantes que encontrei no meio. Sua alegria é contagiante, sempre cantando, perfumada, com um sorriso imenso e com brincos lindos, de ouro, claro.

Em suma, deparei-me com um modelo de organização social muito fechado sobre si próprio, algo que, de resto, é comum nas culturas matriarcais. Tive de ser paciente e, sobretudo, persistente. Considerando relatos de pesquisadores em incursões no campo, dadas as contingências de minha própria inserção, concluo que, apesar de tudo, fui contemplada pela sorte e que alcancei o pretendido rapidamente, uma vez que consegui vencer os preconceitos e me aproximar de forma sociável e até amigável com a maioria das mulheres que foram sendo referenciadas como relevantes para a pesquisa.

Minha presença no campo permitiu muitas horas de conversa informal. Afinal eu estava ali o tempo todo, partilhando o espaço e o tempo (de trabalho e de ócio) daquelas mulheres de quem me fui tornando próxima. Para além da aplicação do guião das entrevistas, os depoimentos ganharam (e foram enriquecidos por) um efeito de contexto, atendendo a que os temas de conversa versavam sobre seus problemas cotidianos, suas vidas familiares, problemas com filhos, incertezas sobre suas vidas. Naturalmente, como em todo o diálogo, houve sempre uma via de mão dupla. Eu também tive que saciar sua curiosidade sobre os motivos que me levaram a escolher a vila da Nazaré e as mulheres como objeto de estudo e alimentar as conversas com dimensões da vida privada. Sei que o ponto fulcral foi ter-lhes explicado, e elas terem entendido isso, o entusiasmo que me motivou depois de ter lido sobre elas e sobre a vila e sobre a possibilidade de estarmos perante uma comunidade diferenciada onde as mulheres surpreendem por sua força e influência decisional. Vencidas as primeiras barreiras, até as vizinhas vinham sentar-se e conversar, quando eu estava com as mulheres de quem me tornei mais próxima. E não se importavam de falar de suas vidas e até de opinar sobre quem era melhor eu entrevistar ou não.

**Figura 21**

**Auzenda, Carolina e Francelina e uma sua amiga, comigo**



**Fonte: foto da autora, março de 2018**

O mais exitoso foi ter conseguido entrevistar vinte e uma mulheres dessa comunidade e ter mantido com elas conversas informais para além do guião, o que me permitiu um melhor conhecimento do objeto de estudo.

## 5.2. A metodologia

Pesquisar é mais do que simplesmente investigar; é alimentar a curiosidade inata que impulsiona a busca por conhecimento. Cada fato, quando explorado de maneira aprofundada, tem o potencial de transformar a nossa percepção prévia, oferecendo novas perspectivas e esclarecimentos abrangentes sob a iluminação rigorosa da ciência. A pesquisa não apenas desvenda as complexidades de um tema, mas também abre portas para um entendimento mais profundo e uma apreciação mais rica das complexidades que moldam o mundo ao nosso redor. Dessa forma, a pesquisa se torna uma jornada contínua de descoberta, desafiando constantemente nossas suposições e contribuindo para o avanço do conhecimento humano.

Para a ciência social, é importante que não se perca a explicação dos fatos além de tê-los mensurado o que, segundo Caviedes (2007), todos os dados obtidos em uma pesquisa se entrelaçam, se permeiam, se interligam:

*“La diferencia fundamental es que cada problema estudiado no se asume como una totalidad y sin coincidencia con otros procesos. Los estudios que se hacen bajo esta perspectiva son estudios en donde la **comparación** tiene un papel central, y buscan que cada fenómeno, a partir con la relación con los demás, encuentre su posición con el contexto más amplio de lo teórico, lo espacial o lo temporal”<sup>11</sup>. (Caviedes, P. 220)*

Na condução deste estudo, optou-se pela abordagem metodológica da pesquisa exploratória, um tipo de investigação que visa desenvolver e formular problemas ou hipóteses. Essa modalidade de pesquisa se destaca por sua capacidade de proporcionar uma compreensão aprofundada e abrangente do tema em estudo, permitindo a análise sob diversas perspectivas à luz da ciência.

A pesquisa exploratória, segundo Gil (2008), desempenha um papel crucial na fase inicial de investigações científicas, proporcionando um panorama mais amplo e elucidativo sobre o fenômeno em questão. Ao adotar essa abordagem, busca-se não apenas identificar variáveis e fatores relevantes, mas também estabelecer conexões entre diferentes elementos que possam influenciar o objeto de estudo.

Dessa forma, a escolha pela pesquisa exploratória neste contexto fundamenta-se na necessidade de aprofundar o entendimento sobre o tema em análise, permitindo uma análise mais abrangente e enriquecedora das dinâmicas e complexidades envolvidas. Essa metodologia visa não apenas responder a questionamentos iniciais, mas também proporcionar *insights* que possam orientar investigações futuras e contribuir para o avanço do conhecimento na área em que pesquisamos.

*“As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.” (Gil, P.27).*

Ao enfrentarmos a necessidade de determinar o tamanho da pesquisa, deparamo-nos com uma questão crucial: qual seria o tamanho adequado da população a estudar para o nosso caso específico? Diante dessa incerteza, optamos por adotar uma abordagem de pesquisa baseada em uma amostra de conveniência.

---

<sup>11</sup> Tradução da autora: “A diferença fundamental é que cada problema estudado não se assume como uma totalidade e, sim, uma coincidência com outros processos. Os estudos que se fazem sob esta perspectiva são estudos onde a **comparação** tem um papel central, e buscam que cada fenômeno, a partir da relação com os demais, encontre sua posição com o contexto mais amplo que o teórico, que o espacial e que o temporal.”



Dessa forma, ao adotar a pesquisa por uma amostragem de conveniência, buscamos conciliar a necessidade de obter resultados confiáveis com a limitação prática de recursos e tempo disponíveis. Essa abordagem permitiu que os dados coletados ofereçam uma visão substancial do fenômeno analisado, garantindo ao mesmo tempo eficiência na execução da pesquisa. Ao fazermos essa escolha metodológica, reconhecemos a importância de equilibrar a profundidade da investigação com a praticidade da implementação, garantindo que a pesquisa seja conduzida de maneira rigorosa e relevante para os objetivos propostos.

O ponto de partida para o início da pesquisa foi a construção de um desenho metodológico que se adaptasse às nossas condições específicas. Optei por adotar a abordagem de pesquisa por conveniência e bola de neve, considerando as particularidades do contexto em que estava inserida. Essa estratégia permitiu uma coleta de dados mais flexível e adaptada à dinâmica das comunidades piscatórias como a nazarena.

Ao utilizar a pesquisa por conveniência, selecionamos participantes com base na disponibilidade e acessibilidade, reconhecendo que, em determinadas circunstâncias, essa abordagem oferece vantagens práticas, facilitando o engajamento das mulheres em nosso estudo. A abordagem de bola de neve complementa essa metodologia ao utilizar participantes iniciais para identificar e recrutar novos membros para a pesquisa. Essa estratégia, fundamentada nas redes sociais tradicionais e nas conexões comunitárias, nos permitiu ampliar nossa amostra de maneira orgânica, alcançando mulheres que não tinham sido inicialmente identificadas, mas que desempenham papéis relevantes na comunidade piscatória nazarena.

Na escolha do método por amostragem, fundamentamo-nos nas orientações de Gil (2007) para justificar essa abordagem, reconhecendo-a como crucial em um momento decisivo do planejamento da pesquisa. Segundo o autor, a amostragem é uma estratégia fundamental para obter uma pesquisa representativa, e a definição do tamanho da amostra é um passo crucial nesse processo. Ainda que, no caso vertente, não houvesse uma preocupação com a representatividade estatística.

De acordo com Gil, a amostra é uma seleção de elementos da população que serão investigados para extrair conclusões e generalizações sobre o conjunto total. A determinação do número adequado de participantes é essencial para garantir a representatividade dos resultados obtidos. O autor ressalta que a definição do tamanho da

amostra deve levar em consideração diversos fatores, como a variabilidade da população, a precisão desejada nas estimativas e as limitações logísticas e orçamentárias da pesquisa. Dessa forma, ao seguir as diretrizes propostas por Gil (2007, P. 90), e atendendo às circunstâncias em que me encontrava, busquei assegurar que amostra fosse suficientemente robusta e capaz de oferecer conclusões relevantes sobre a comunidade nazarena.

Procurei, sobretudo, incluir na amostra “mulheres, peixeiras, trabalhando à beira-mar”, uma vez que esse era o perfil mais estreito de entrevistadas que procurava para responder aos objetivos da pesquisa.

### 5.3. Os métodos escolhidos

A combinação de métodos quantitativos e qualitativos revela-se uma estratégia valiosa para a investigação do fenômeno em análise. Essas abordagens se complementam de maneira integral na busca que estamos empreendendo neste estudo. Nessa medida, concretizamos uma pesquisa que, estruturando-se em uma componente qualitativa, combinará as duas metodologias: quantitativa e qualitativa. Segundo Hartmut Günther (2006):

*“Inicialmente, devemos admitir que não concordamos com a dicotomia de Dilthey quando afirmou "explicamos a natureza, compreendemos a vida mental". O ser humano e, portanto, sua vida mental faz parte da natureza; desta maneira, encontra-se em constante interface com a natureza. Conseqüentemente, a ciência do ser humano e da sua vida mental consiste em um esforço concomitante de explicar e compreender. Mais enfaticamente, explicação e compreensão dependem uma da outra, são impossíveis uma sem a outra.”*  
(Günther, P. 202)

Frederick Erickson (1986), por exemplo, aborda a metodologia qualitativa como uma investigação interpretativa. Ele argumenta que essa abordagem concentra-se nos atores sociais e nos fatores que os envolvem. Portanto, para Erickson, as metodologias quantitativas e qualitativas convergem para produzir os resultados finais de uma pesquisa, sendo mutuamente permeáveis e, frequentemente, sobrepostas. Miles e Huberman (1984) reconhecem diferenças nos “discursos” de ambas as metodologias, mas afirmam que há

um continuum entre ambas nas conclusões de cada pesquisa, o que mais nos motiva para assumir este entendimento.

Contudo, tratando-se de uma pesquisa que utilizará as duas metodologias, a pesquisa qualitativa - que foi definida por Gil (2008) como uma ferramenta cujas *“investigações [...] podem ser definidas por sua diversidade e flexibilidade, não admitem regras precisas aplicáveis a uma ampla gama de casos”* (Gil, P.31), é pontualmente complementada por indicadores quantitativos.

A imperatividade da ética permeia todas as fases de nossa pesquisa, emergindo como um princípio norteador essencial. Um dos pilares éticos fundamentais reside na preservação zelosa da identidade dos participantes, conferindo-lhes a prerrogativa crucial de decidir voluntariamente sobre sua participação no grupo de estudo. Essa salvaguarda não apenas respeita a autonomia dos envolvidos, mas também fortalece a integridade de nosso processo de pesquisa.

#### 5.4. Coleta de dados

Para a coleta dos dados foi utilizado um questionário com algumas perguntas fechadas, designadamente de caracterização sociográfica. E um roteiro, semiestruturado, com algumas perguntas abertas, para que as entrevistadas possam expressar suas idéias de forma detalhada e livre.

A avaliação das respostas demanda a interseção de dados com as demais perguntas que identificam as entrevistadas. Esse procedimento visa extrair o máximo de informações substanciais para fundamentar e justificar nossa pesquisa, possibilitando a construção de um perfil abrangente das participantes em nossa amostra.

Essa abordagem estratégica de cruzamento de dados não apenas enriquece a análise, mas também proporciona uma compreensão mais profunda e contextualizada das experiências e perspectivas das entrevistadas. Ao traçar conexões entre diferentes aspectos levantados nas respostas e nos elementos identificadores das participantes, almejamos capturar nuances significativas que contribuirão para a robustez e relevância dos resultados obtidos.

Ao obtermos os dados finais desta pesquisa, almejamos atingir os objetivos propostos, tanto o geral quanto os específicos. Nossa intenção é desvelar o papel desempenhado pelas mulheres nas comunidades pesqueiras em Portugal (particularmente a nazarena), compreendendo sua realidade, organização, habilidades gerenciais, nível intelectual, responsabilidades em relação aos dependentes, e sua influência na construção da sociedade que as envolve. Buscamos, ainda, analisar como essas mulheres encaram e refletem sobre sua própria realidade, proporcionando uma visão aprofundada e esclarecedora sobre suas vidas nesse contexto específico.

Em tempo, Valcárcel (2016) fala da caminhada das mulheres rumo à sua independência: “*As mulheres se movem em todo o planeta Terra, facilitando-lhes o caminho ou não.*” (Valcárcel, P. 9). Atendendo ao objeto de estudo selecionado, justifica-se o recurso às histórias de vida abreviadas, por via de entrevistas semiestruturadas, uma vez que se exige alguma profundidade de abordagens<sup>12</sup>.

As histórias de vida dão lugar a uma abordagem baseada na análise crítica do discurso. Inicialmente pretendíamos efetivar cerca de 30 entrevistas que dariam lugar à realização de retratos sociológicos (Lahire, 2004), mas as limitações de recursos da pesquisa dificultaram a concretização desta técnica.

Ainda assim, procuramos elaborar retratos que separam as entrevistadas em perfis-tipo e que procuram aferir o alinhamento e a coerência disposicional dos casos tratados com as hipóteses em cima enunciadas. Além do guião, as entrevistas foram feitas recorrendo à fotoelicitação (Harper, 2012), com uso de fotografias das entrevistadas e fotografias recolhidas pela pesquisadora, de modo a fazer emergir emoções e discursos marcados pela afetividade e pela manifestação das subjetividades.

---

<sup>12</sup> Histórias de vida abreviadas referem-se a narrativas condensadas ou resumidas que apresentam uma visão geral ou uma síntese dos principais eventos e experiências ao longo da vida de uma pessoa. Essa abreviação pode ser alcançada por meio da seleção de eventos-chave, momentos significativos ou tópicos específicos, permitindo que o narrador conte sua história de uma maneira mais concisa. Essa abordagem é muitas vezes utilizada em pesquisas acadêmicas, entrevistas ou projetos que buscam capturar a essência das experiências de vida de um indivíduo de forma mais acessível e resumida (Riessman, 1993).

## 5.5. Entrevistas, divisão em blocos, dimensões e conceitos

A estruturação das entrevistas foi elaborada com base na elaboração de um guia que visava alcançar os seguintes objetivos primordiais:

A. Aprender o patrimônio plural de disposições que formam o habitus das mulheres nazarenas;

B. Relacionar sistemas de condições/desigualdades de origem com desigualdades/oportunidades de percursos de vida;

C. Fomentar a reflexividade biográfica.

As entrevistas foram organizadas em blocos, cada um correspondendo aos objetivos mencionados acima. No entanto, para uma abordagem mais aprofundada, cada bloco foi especificado em termos de suas dimensões, como será demonstrado a seguir.

O Bloco A foi subdividido em três partes distintas, cada uma direcionada para uma abordagem específica:

Trajatória de vida antes da constituição da família. Nesta primeira parte, o foco recaiu sobre a narrativa da entrevistada antes de estabelecer sua família. Aqui, buscamos compreender os eventos, experiências e decisões que moldaram sua vida antes do compromisso familiar.

Trajatória Pós-Casamento. A segunda parte deste bloco explorou a trajetória da entrevistada após o casamento, formal ou não, examinando detalhadamente sua trajetória desde o ponto de partida até suas realizações e desafios ao longo do caminho. Buscamos entender as transformações e adaptações vivenciadas neste período.

Expectativas Futuras. A terceira e última parte deste bloco abordou as expectativas da entrevistada em diversas dimensões da vida. Aqui, procuramos compreender suas aspirações, projetos e metas para o futuro, tanto pessoais quanto profissionais, explorando suas visões e perspectivas em relação ao que está por vir.

Este bloco de pesquisa tem como objetivo investigar a origem da entrevistada em uma abordagem abrangente, que engloba diversos aspectos de sua vida e contexto socioeconômico. Além de compreender a origem familiar e as circunstâncias socioeconômicas, busca-se analisar detalhes pessoais, a evolução da carreira profissional,

momentos cruciais ao longo da vida, assim como as conquistas e realizações dos pais da entrevistada. Também são considerados indicadores relacionados à liderança, poder, empoderamento e realização pessoal.

Este bloco é inaugurado com uma imersão da entrevistada em seu passado, promovendo uma reflexão profunda sobre sua história. Isso inclui uma análise minuciosa do ambiente familiar de sua infância, as condições de moradia e o contexto socioeconômico em que cresceu. Além disso, são coletadas informações sobre a família atual ou aquela que está em processo de formação, proporcionando *insights* valiosos sobre as influências e aspirações presentes na vida da entrevistada.

Indagamos sobre uma figura significativa em sua formação pessoal, conduzindo-a numa viagem pelas memórias desde a infância até sua jornada rumo à autonomia. Além disso, exploramos sua trajetória profissional, solicitando que descreva o início de suas atividades econômicas e o caminho percorrido até o momento presente. Nosso intuito é capturar a percepção que ela tem de si mesma, a imagem que imagina ou reconhece, e como essa percepção se reflete para os outros, incluindo familiares, amigos, colegas e, em última análise, sua comunidade.

Prosseguimos nossa exploração em direção ao presente, abordando sua relação conjugal, caso exista. Investigamos aspectos como o encontro com seu parceiro, o local escolhido para morar e as condições desse ambiente, levando-a a refletir sobre a qualidade de vida: era melhor no passado ou é melhor agora? Em seguida, questionamos se a entrevistada se considera feliz ou o que ela acredita que falta para alcançar essa felicidade. Concluimos este bloco examinando suas expectativas para o futuro, imaginando uma Nazaré ideal, dos sonhos, para que possamos contribuir, na medida do possível, para a criação de cenários promissores.

O Bloco B foi o mais abrangente e, portanto, exigiu uma subdivisão em cinco partes distintas: "Outras dimensões da trajetória social e familiar e origens sociais"; "Trabalho (remunerado, não remunerado, outras fontes de renda)"; "Dinâmica do poder no contexto familiar (Patriarcado/Matriarcado)"; "Relações familiares, afetivas e residenciais"; e "Redes de sociabilidade (atualmente e ao longo da trajetória de vida)".

No Bloco B, encontramos informações igualmente essenciais para fundamentar esta tese, como, por exemplo, a origem tanto da família de origem quanto da família do cônjuge, se aplicável; os locais de residência na infância e na atualidade, bem como a

composição familiar; e, com o intuito de explorar suas memórias enquanto adulta, investigamos pessoas e eventos significativos ou marcantes em sua vida. Da mesma forma, buscamos detalhes sobre sua trajetória profissional, desde as tarefas diárias até às responsabilidades cotidianas, incluindo a investigação de outras fontes de renda além da ocupação principal. Indagamos também sobre sua satisfação em relação ao seu trabalho atual. Posteriormente, abordamos questões financeiras e de gestão de renda, investigando a composição dessa renda e as contribuições de cada membro do núcleo familiar.

Na sequência, as perguntas abordam o tema do poder e suas dinâmicas. Investigamos como o poder é manifestado, possíveis discrepâncias nesse aspecto entre a entrevistada e sua mãe, e quem ela procura como referência ou guia para questões relacionadas à educação dos filhos e à gestão familiar. Ao explorar aspectos da família, afetos e residência, buscamos tanto informações objetivas quanto subjetivas.

As informações objetivas abarcam os padrões de comportamento familiar passados de geração em geração, inclusive seu impacto na vida dos filhos. Em seguida, questionamos a entrevistada sobre a autenticidade das informações sobre as mulheres nazarenas, procurando compreender o que as diferencia e justifica. Para concluir este bloco, perguntamos à entrevistada sobre sua condição como mulher e se ela se sente livre ou não.

Dando continuidade, quisemos indagar sobre suas sociabilidades, redes de amigos ou amigas, atividades de lazer, laços de solidariedade, e, por fim, se faz parte de alguma associação, e se há alguma especial que congregue mulheres.

No Bloco C (Avaliação e Sugestões), buscamos obter feedback para avaliar o panorama geral dos temas discutidos durante a entrevista. Naturalmente, valorizamos a opinião da entrevistada e, nesse momento, não fazemos perguntas diretas; em vez disso, dialogamos e ouvimos atentamente, buscando captar o que está implícito para enriquecer suas narrativas de vida.

Neste momento, a conversa flui de maneira natural, facilitada tanto pelo tempo que compartilhamos juntas quanto pela relação de confiança que construímos. A empatia mútua entre entrevistadora e entrevistada cria um ambiente propício para discutir abertamente projetos de vida, insatisfações, conquistas e sonhos. Esta fase nos permite rematar a valiosa contribuição de ter ouvido uma narrativa completa da trajetória de vida, procurando agregar detalhes adicionais que sempre enriquecem os resultados.

A amplitude desta pesquisa oferece uma base sólida para desvendar o habitus nazareno, investigando a influência de suas raízes ancestrais. Isso nos capacita a construir, de maneira realista, o ethos nazareno neste período específico da história da vila da Nazaré, enriquecendo nossa compreensão da cultura e identidade locais.

As dimensões abordadas nos blocos são subdivididas em categorias analíticas que fornecem uma base sólida para uma análise abrangente, tanto qualitativa quanto quantitativa, bem como uma análise de conteúdo por meio de inferências processuais.

Os principais temas abordados em nossas entrevistas giram em torno da estruturação familiar, englobando tanto as gerações passadas quanto as presentes e futuras. Ao explorar o contexto familiar, somos levados a discutir o empoderamento feminino. No entanto, para entendermos plenamente essa questão, é crucial examinar suas atividades econômicas.

Ao relacionar as dimensões "pública" e "privada" do trabalho, temas que têm sido amplamente discutidos até este ponto e serão abordados novamente mais adiante, examinamos detalhes específicos sobre a distribuição de tempo entre as responsabilidades domésticas e profissionais, incluindo considerações sobre remuneração, benefícios sociais, tomada de decisões financeiras, opções alternativas e outras fontes de renda. Esta abordagem oferece uma visão completa que nos permite não apenas analisar questões financeiras, mas também entender dinâmicas de dominação e poder.

Através da análise do trabalho realizado por elas, seja remunerado ou não, conseguiremos compreender as relações de poder presentes nas atividades do cotidiano e nas tarefas diárias, bem como a divisão do trabalho. Isso nos fornecerá uma orientação clara sobre os aspectos que estamos investigando na sociedade nazarena.

Outra questão que pode nos oferecer insights sobre as possíveis dinâmicas de um clã estendido na comunidade nazarena surge durante as perguntas relacionadas à habitação. Exploramos detalhes sobre as condições habitacionais, a adequação do espaço para a família, as melhorias realizadas ou desejadas, os custos de manutenção, a gestão do mobiliário e equipamentos, e quem assume essas responsabilidades. Essas considerações sobre as condições materiais fornecem um panorama do estilo de vida dessa comunidade.

Não poderíamos deixar de explorar a questão do grau de organização feminina na sociedade nazarena, nem de investigar a existência de uma organização social na



comunidade. Embora seja conhecido o papel importante do sindicato dos pescadores nas comunidades piscatórias, surge a dúvida se esta é uma associação exclusivamente masculina na Nazaré, sem a participação das mulheres que também podem buscar reivindicações para a comunidade pesqueira. Seriam suas necessidades semelhantes às dos homens? Existe alguma política específica para as mulheres? Qual é o nível de participação na organização? E qual seria a forma ideal de organização feminina na comunidade? Essas questões são essenciais para compreendermos a dinâmica social e de gênero na Nazaré.

Finalmente, chegamos aos seus sonhos, expectativas e anseios, tanto para o futuro pessoal quanto para o das próximas gerações. Consideramos também novas formas de gestão do trabalho, a continuidade da cultura e da imagem da comunidade, buscando alternativas que possam fortalecer sua presença no trabalho original.

Por último, esperamos que sua contribuição pessoal possa nos oferecer *insights* especiais para iluminar suas vidas e, assim, elevar seu reconhecimento não apenas nacional, mas também, se possível, internacionalmente, algo que certamente merecem.

## 5.6. Da teoria à prática: realidade efetiva

Efetivamente, o número de peixeiras era bastante reduzido para considerarmos como representativo o suficiente para formarmos uma opinião sobre o principal objetivo da nossa pesquisa.

Além disso, essas mulheres representavam um grupo específico, trabalhando em um local exclusivo, o que não nos proporcionaria uma amostra ampla o bastante para refletir de forma abrangente a diversidade das mulheres de Nazaré que estão direta ou indiretamente ligadas à atividade pesqueira, o que poderia comprometer a credibilidade da pesquisa.

No caso das peixeiras, em especial, as condições climáticas adversas muitas vezes limitavam o número de mulheres presentes à beira-mar vendendo peixe. Apesar de haver dezesseis bancadas disponíveis para a exposição dos produtos, raramente todas eram ocupadas simultaneamente. No verão, quando a venda aumenta, pode-se encontrar de oito

a dez peixeiras que são constantes nessa atividade, e duas ou três, ocasionalmente, por datas especiais.

Isso significa que as opiniões que recolheríamos dessas mulheres não representariam necessariamente todas as mulheres de Nazaré, mas poderiam ser consideradas como uma amostra representativa ou um ponto de referência para entender a realidade das mulheres de Nazaré que usam as "sete saias" e têm mais de cinquenta anos.

Diante dessa situação, não tivemos outra opção senão buscar um número mais representativo para embasar uma pesquisa desse nível. Não hesitamos em ampliar nosso espectro de entrevistadas, indo além das peixeiras, e buscamos outras mulheres que estivessem envolvidas direta ou indiretamente com produtos da pesca.

Ainda havia uma outra condição *sine qua non*: as entrevistadas teriam que ser mulheres de pescadores, filhas de pescadores, e por último, netas de pescadores e/ou peixeiras, incluídas nas faixas etárias que gostaríamos de entrevistar.

Começamos nossa análise focando no produto principal: o peixe. Em seguida, ampliamos nossa pesquisa para compreender os diferentes tipos de venda de peixe encontrados na região, incluindo peixe seco (geralmente vendido pelas peixeiras), peixe fresco, peixe congelado e restaurantes que priorizam peixes em seus cardápios.

Ao explorarmos a realidade das atividades econômicas locais, percebemos que não havia uma população significativamente grande envolvida em cada uma das atividades econômicas inicialmente previstas. No entanto, ainda assim, dispúnhamos de material suficiente para conduzir uma pesquisa de boa qualidade. Isso nos permitiria alcançar nossos objetivos iniciais e nos forneceria resultados robustos para uma análise abrangente, baseada em uma amostra representativa da população estudada.

Outras entrevistadas precisavam ser selecionadas. Então imaginei a abordagem para as mulheres que encontrava em seus locais de trabalho. Estabeleci um primeiro contato, no qual fazia as seguintes perguntas: "Você é da Nazaré? É filha ou esposa de pescador? É mãe de uma peixeira?" Se uma das respostas fosse afirmativa, estava confirmada a condição essencial para participar da pesquisa.

Pesquisei quantas peixarias de venda de peixes congelados existiam no centro da vila e encontrei duas. Portanto, fui até lá para entrevistar as funcionárias, mas só consegui contato com duas mulheres que trabalhavam em uma das peixarias: a proprietária e sua

funcionária. No entanto, as duas são metade das mulheres trabalhadoras nessa atividade específica. Fui também ao Mercado Central, busquei entrevistadas e consegui duas de cinco das mulheres que lá trabalham. Adicionalmente, considerando que esta seleção não era suficiente, fui ao encontro de mais mulheres que estivessem relacionadas com a pesca e, no Sítio, encontrei duas vendedoras de frutos secos cujos pais eram pescador e peixeira, respectivamente. Além disso, por indicação de uma das entrevistadas, aproximei-me de uma dona de restaurante cujo pai foi pescador e formou uma equipe com alguns barcos. Entrevistei também sua nora, que ajuda no restaurante nos intervalos do seu próprio trabalho.

Com essa abordagem, conseguimos expandir nossa amostra e aumentar a representatividade do nosso estudo. Além disso, existia a possibilidade de, através da “bola de neve” encontrarmos mais participantes com perfis adequados durante o processo, o que fortaleceria ainda mais nossa amostra. Isso nos deu uma base sólida para garantir maior confiabilidade nos resultados obtidos a partir das entrevistas.

Lembrando Gil (2007), consideramos que o tamanho da nossa amostra era adequada para o que nos propomos:

*“A amostragem se fundamenta em leis estatísticas que lhe conferem fundamentação científica: a lei dos grandes números, a lei de regularidade estatística, a lei da inércia dos grandes números e a lei da permanência dos pequenos números. “(Gil, P.90)*

Fui confrontada com dificuldades inesperadas durante a pesquisa. A impossibilidade de utilizar o gravador de voz e imagem certamente representou um obstáculo inesperado, afetando o fluxo das entrevistas e a obtenção dos dados desejados. É compreensível que a presença desses dispositivos tenha gerado desconforto e desconfiança nas entrevistadas, levando-as ao silêncio e impedindo a continuidade das gravações.

Em relação ao tamanho da amostra, mesmo que não tenha alcançado o número inicialmente planejado, é importante destacar que a quantidade de entrevistadas é suficientemente representativa para atender aos objetivos propostos. Cada entrevista realizada contribui para enriquecer o conjunto de dados e proporcionar *insights* valiosos para a pesquisa.

Quanto à condução das entrevistas, retenho que é essencial preparar-se minuciosamente e estar atento para aproveitar oportunidades que surjam durante a

conversa, conectando-as às questões pertinentes. A flexibilidade e a capacidade de adaptação são fundamentais para garantir que a interação com as entrevistadas seja produtiva e que informações relevantes sejam capturadas, mesmo diante de imprevistos.

Realço as dificuldades enfrentadas durante as entrevistas, especialmente ao realizá-las nos locais de trabalho das entrevistadas, onde o atendimento a clientes e fornecedores, chamadas telefônicas e interferências externas eram frequentes. Além disso, as condições meteorológicas adversas, como chuva e vento, também contribuíram para interromper ou dificultar o andamento das entrevistas, exigindo, por vezes, a mudança para espaços mais protegidos. Esta análise é crucial para compreender como os imprevistos afetaram o andamento das entrevistas e, conseqüentemente, os resultados alcançados. Reconhecer esses desafios é o primeiro passo para aprimorar futuras pesquisas. Uma estratégia viável seria agendar entrevistas em horários menos movimentados ou em locais mais controlados, o que poderia proporcionar um ambiente mais propício para uma comunicação eficaz. Além disso, é importante estar preparado para lidar com possíveis interrupções, como fornecer um espaço alternativo ou reagendar a entrevista, se necessário. Essas medidas podem contribuir para minimizar as interferências externas e garantir a qualidade e fluidez das entrevistas.

É interessante notar como as respostas às questões frequentemente levavam a uma ampla gama de lembranças, eventos e reflexões, indo além do escopo inicial da pergunta. Por exemplo, ao indagar sobre *a pessoa mais influente em suas vidas*, muitas entrevistadas não apenas mencionavam indivíduos específicos, mas também evocavam uma série de eventos, contextos e decisões que moldaram suas trajetórias. Em muitos casos, essas influências remontavam às figuras maternas, destacando o papel de autoridade e poder exercido por suas mães. Essa interconexão entre as respostas destaca a complexidade e a profundidade das experiências de vida das entrevistadas, proporcionando *insights* valiosos que enriquecem nossa compreensão do tema em estudo.

### 5.7. A profundidade e complexidade das questões: observações preliminares

A dimensão mais proeminente e recorrente nas entrevistas foi aquela relacionada à "família". Ficou claro que este é um aspecto central e fundamental na vida de todas as

entrevistadas, sendo considerado não apenas como uma parte importante de suas vidas, mas também como o foco principal e o objetivo principal de suas existências. As discussões sobre a família abrangeram uma ampla gama de tópicos, incluindo relações familiares, papéis de gênero, dinâmicas domésticas, educação dos filhos e a influência das figuras parentais em suas vidas. Essa ênfase na família reflete a importância cultural e social atribuída a essa instituição na comunidade nazarena, destacando sua centralidade na vida e na identidade das entrevistadas

A questão destinada a explorar o "auto-reconhecimento" das entrevistadas muitas vezes as deixava pensativas. Isso sugere que, para a maioria delas, exceto três, a reflexão sobre sua própria identidade e importância pessoal não era algo comum ou frequentemente considerado. No entanto, para algumas, essa reflexão inicial levou a uma percepção mais clara de sua própria importância dentro da família e da sociedade, como mencionado por cinco delas em conversas subsequentes após as entrevistas. Essa descoberta destaca a possibilidade de que o processo de entrevista e auto-reflexão possa ter desencadeado uma maior consciência sobre sua própria identidade e papel social para algumas das entrevistadas.

É gratificante perceber que as entrevistas contribuíram para uma reflexão mais profunda sobre o valor e a importância das entrevistadas para suas famílias e comunidades. Esse resultado indica que o processo de entrevista não apenas forneceu dados para a pesquisa, mas também teve um impacto positivo nas participantes, permitindo-lhes reconhecer e apreciar melhor sua própria importância e papel social. Essa realização adiciona um aspecto significativo ao valor do trabalho realizado, mostrando como a pesquisa pode ter um impacto positivo além dos objetivos iniciais.

É intrigante observar que a maioria das entrevistadas dedica uma quantidade significativa de horas ao trabalho "profissional", em contraste com o trabalho privado/doméstico, que não recebe a mesma prioridade. Esse aspecto destaca a carga de responsabilidades e demandas enfrentadas por essas mulheres em seu cotidiano, especialmente no que diz respeito às obrigações relacionadas ao trabalho fora de casa. Além disso, ao acrescentar questões sobre as tarefas domésticas e as responsabilidades do dia a dia, é possível perceber como essas mulheres precisam equilibrar diversas demandas em suas vidas, mesmo quando o trabalho fora de casa ocupa a maior parte de seu tempo. Essa dinâmica ressalta a complexidade das vidas das entrevistadas e as diferentes pressões que enfrentam em suas múltiplas esferas de atuação.

Essa observação ilustra vividamente a prioridade dada ao trabalho fora de casa, mesmo em detrimento das responsabilidades domésticas essenciais. O relato dessa entrevistada demonstra como as demandas do trabalho externo muitas vezes superam as obrigações pessoais e familiares, mesmo quando reservam um tempo específico para essas tarefas. Isso evidencia a importância e o comprometimento dessas mulheres com suas atividades profissionais, destacando os desafios enfrentados na conciliação entre trabalho e vida pessoal.

É compreensível a relutância em compartilhar detalhes específicos sobre a renda familiar, especialmente considerando a sensibilidade em torno dessa questão. No entanto, ao observar os bens materiais e outros indicadores de padrão de vida, é possível inferir sobre a situação financeira sem necessariamente revelar valores exatos de renda. Essa cautela pode refletir preocupações legítimas sobre privacidade e segurança financeira, especialmente em relação a questões fiscais. Essa dinâmica evidencia as complexidades em torno das finanças pessoais e as diferentes perspectivas sobre transparência financeira.

A ausência das mulheres no processo de organização da comunidade piscatória é um aspecto significativo a ser considerado. Isso pode indicar uma lacuna na representação de gênero dentro dessas estruturas organizacionais, o que pode resultar em uma falta de voz e participação das mulheres em questões importantes relacionadas à comunidade. Essa observação ressalta a necessidade de promover uma maior inclusão e participação das mulheres em organizações comunitárias e sindicatos, garantindo que suas vozes sejam ouvidas e suas preocupações sejam devidamente consideradas. Isso pode contribuir para uma representação mais equitativa e inclusiva dos interesses de toda a comunidade.

É interessante observar como a questão da moradia se destaca como um tema de grande importância e interesse para as entrevistadas. Isso sugere que a moradia não é apenas vista como um espaço físico, mas também como um símbolo de estabilidade, conforto e segurança para suas famílias. O fato de dedicarem seus esforços e recursos para melhorar ou adquirir propriedades residenciais reflete a importância que atribuem à qualidade de vida e ao bem-estar de suas famílias. Essa priorização da moradia também pode indicar a busca por status social e segurança financeira dentro da comunidade.

Os “sonhos” das entrevistadas reforçam a centralidade da família em suas vidas e aspirações. Ao expressarem seus sonhos relacionados aos filhos e à descendência, elas destacam a importância da continuidade da família e o desejo de proporcionar um futuro

melhor para as gerações seguintes. Essa ênfase na família como foco dos sonhos sugere uma forte conexão emocional e um compromisso com o bem-estar e a felicidade de seus entes queridos. Esses sonhos também podem refletir valores culturais e sociais enraizados na comunidade, onde a família é valorizada como uma unidade fundamental da sociedade.

## 5.8. Considerações sobre o trajeto da pesquisa e a adaptação da metodologia.

A opção pela pesquisa qualitativa se mostra adequada para o contexto da investigação, uma vez que permite uma compreensão mais profunda e contextualizada das experiências, percepções e significados das mulheres nazarenas em relação à família e à sociedade. Ao se concentrar em entrevistas detalhadas e em profundidade, podemos capturar nuances, valores culturais e dinâmicas sociais que não seriam facilmente detectáveis por meio de métodos quantitativos. Isso possibilita uma análise mais rica e abrangente dos temas abordados na pesquisa, oferecendo *insights* valiosos sobre a vida e as perspectivas das entrevistadas. Além disso, a abordagem qualitativa permite uma maior flexibilidade e adaptação durante o processo de coleta de dados, permitindo explorar questões emergentes e aprofundar áreas de interesse conforme necessário.

Seguimos uma pesquisa exploratória orientada, que não se limitou à mera conceptualização sobre a possível existência de um matriarcado na comunidade nazarena. Nosso objetivo foi obter dados significativos que não só esclarecessem essa questão, mas também abrissem novas perspectivas para estudos futuros. Nesse sentido, as leituras dos conteúdos de Gil (2007) foram fundamentais como suporte teórico, fornecendo perspectivas analíticas valiosas que orientaram nossa abordagem e observação.

No entanto, apesar de termos um roteiro com as perguntas organizadas por blocos específicos (que exploraremos posteriormente), não pude ignorar outro método: o da observação. Esse método, tecnicamente conhecido como observação, conforme definido por Gil (2007), implica:

*“O método observacional é um dos mais utilizados nas ciências sociais e apresenta alguns aspectos curiosos. Por outro lado, pode ser considerado como o mais primitivo, e conseqüentemente o mais impreciso. Mas, por outro lado, pode ser tido como um dos mais modernos, visto ser o que possibilita o mais elevado grau de precisão nas ciências sociais.” (Gil, P.16)*

Considero absolutamente impossível passar horas entrevistando alguém sem poder observar sua fisionomia, seus sorrisos, os olhos marejados, as sensações, os sentimentos. Há sempre uma complementaridade que podemos agregar aos nossos comentários e conclusões posteriores.

Vem a meu amparo novamente Gil (2007):

*“Observação como técnica de coleta de dados A observação constitui elemento fundamental para a pesquisa. Desde a formulação do problema, passando pela construção de hipóteses, coleta, análise e interpretação dos dados, a observação desempenha papel imprescindível no processo de pesquisa. É, todavia, na fase de coleta de dados que o seu papel se torna mais evidente. A observação é sempre utilizada nessa etapa, conjugada a outras técnicas ou utilizada de forma exclusiva. Por ser utilizada, exclusivamente, para a obtenção de dados em muitas pesquisas, e por estar presente também em outros momentos da pesquisa, a observação chega mesmo a ser considerada como método de investigação.” (Gil, P. 100)*

Ainda havia a preocupação sobre relatar ou não as observações do que estava implícito nas falas, mas que não se traduziam em palavras. Temendo não ser objetiva diante de comentários subjetivos e, sobretudo, perder a veracidade da coleta de dados, recorri novamente a Gil (2007), que me ajudou e justificou a necessidade dessas observações serem descritas.

101

---

*“A observação nada mais é que o uso dos sentidos com vistas a adquirir os conhecimentos necessários para o cotidiano. Pode, porém, ser utilizada como procedimento científico, à medida que: a) serve a um objetivo formulado de pesquisa; b) é sistematicamente planejada; c) é submetida a verificação e controles de validade e precisão (Selltiz et al., 1967, p. 225). A observação apresenta como principal vantagem, em relação a outras técnicas, a de que os fatos são percebidos diretamente, sem qualquer intermediação. Desse modo, a subjetividade, que permeia todo o processo de investigação social, tende a ser reduzida”. (Gil, P.100)*

Para além desses cuidados, temos a certeza de que nossa amostra nos aproximou de um nível de saturação estatística, segundo o conselho da metodologia científica que convida a realizar entrevistas até ao ponto em que já há informação nova nos depoimentos recolhidos.





## Capítulo VI - Trajetória de vida antes de uma união

Dividimos o guião em três partes fundamentais para construir uma história de vida de nossas entrevistadas e a forma mais adequada que consideramos foi induzi-las a uma viagem no tempo, partindo de suas memórias mais remotas, de tal forma que nos indicassem suas origens, com detalhes, preferencialmente.

### 6.1. Construção do primeiro bloco do guião.

A trajetória de vida é onde começamos a conhecer verdadeiramente nossas entrevistadas. Ela não apenas revela o início do percurso de suas vidas, mas também lança luz sobre o histórico do papel da mulher nazarena na organização familiar. Além disso, destaca-se a descrição de suas funções no sustento da família.

Essa descrição da trajetória de vida abrange desde aspectos mais específicos até aos mais abrangentes. Não se limita apenas ao papel da mulher nazarena na família e na sociedade, mas também explora sua jornada em direção ao empoderamento.

Além desses fatores, podemos coletar dados que indiquem a presença indícios de matrilocalidade, seja através de sinais que nos levem a investigar essa origem, seja pela confirmação da continuidade do habitus através do local escolhido para residir e formar uma nova família.

Neste mesmo bloco, também podemos verificar a existência ou não de um tendências de clãs estendidos. Para isso, analisamos o percurso de vida de cada entrevistada antes e depois de formar uma nova família.

Nossa pesquisa teve início com a entrevista de cinco das oito peixeiras que trabalham regularmente próximo ao Estendal, à beira-mar da vila da Nazaré, mesmo em dias de frio, vento e pouco sol. É importante destacar a faixa etária dessas trabalhadoras, em particular. Ao chegar à beira-mar e nos depararmos com as peixeiras, vestindo os trajes típicos das nazarenas, percebemos que aparentemente nenhuma delas tinha menos de cinquenta anos, uma observação que posteriormente pudemos confirmar.

6.2. Trajetória de vida – Descrição do percurso antes de constituir família.

*- Onde nasceu? Quando? Quem eram os pais? O que faziam? Andou na escola? Onde viveu (sempre na mesma rua, a mesma casa)?*

Através dessas questões, buscamos que nossas entrevistadas revisitassem suas origens de maneira direta, enquanto lhes garantíamos total liberdade para expressarem o que considerassem relevante.

No primeiro questionamento, exploramos o local de nascimento: a vila da Nazaré. Embora as respostas fossem unânimes, esse era um ponto crucial para participar de nossa pesquisa, afinal, estamos lidando com mulheres nazarenas. No entanto, para envolvê-las mais profundamente em sua própria história, era essencial que começassem a se situar nesse contexto como ponto de partida.

Perguntadas sobre quem eram seus pais, tivemos o seguinte retorno:

**Francelina:** o pai era pescador e a mãe trabalhava no armazém de peixe.

**Auzenda:** o pai era pescador e a mãe era peixeira.

**Carolina:** o pai era pescador de bacalhau e a mãe vendedora de peixe.

**Ana Palmira:** o pai era pescador de rede de arrasto e a mãe era peixeira.

**Maria Adelaide:** o pai era pescador e a mãe era peixeira.

Para uma melhor avaliação das observações mencionadas anteriormente, organizamos um quadro contendo informações básicas, como idade, escolaridade e atividade principal. A entrevistada mais idosa nasceu em janeiro de 1938, enquanto a mais jovem nasceu em maio de 1956. Esses dados nos ajudarão a contextualizar e compreender melhor as características e experiências das entrevistadas:

**Tabela 1: Primeiras entrevistadas**

Nome	Idade	Classe	Atividade principal:
1. Ana Palmira	68	4ª	Seca do peixe – vende na praia, marido pescador.
2. Auzenda	75	1ª	Seca do peixe – venda na praia, marido pescador.
3. Carolina	71	4ª	Seca do peixe – venda na praia, marido pescador.
4. Francelina	62	6ª	Seca do peixe – venda na praia, marido pescador.
5. Maria Adelaide	80	1ª	Seca do peixe – vende na praia, marido pescador

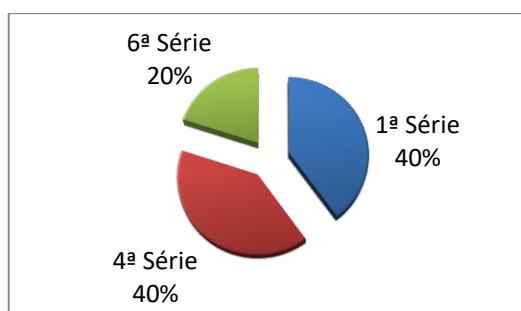
Temos aqui uma realidade transversal: todas as peixeiras tiveram pais pescadores e mães diretamente ligadas à venda do peixe.

Conseguimos confirmar a observação inicial sobre a faixa etária das peixeiras: a mais jovem entre elas tinha sessenta e dois anos na época das entrevistas, sendo que todas estavam acima dos cinquenta anos.

Além disso, é importante destacar o nível de escolaridade das peixeiras entrevistadas. A maioria delas relatou ter interrompido os estudos após ter concluído a quarta série (quarto ano de escolaridade) devido à distância da escola e à necessidade de começar a trabalhar muito cedo.

O gráfico 1 permite melhor visualização destes dados:

**Gráfico 1: Escolaridade completa das primeiras entrevistadas**



A pesquisa não se limitou apenas às peixeiras, pois seria um número reduzido de entrevistadas que não seria suficiente para sustentar uma tese. Buscamos, com a abordagem complementar que foi identificada anteriormente, complementar e conseguimos um total de vinte e uma entrevistadas, como detalhamos no item 3.5 - Da teoria à prática: realidade efetiva.

A seguir, apresentamos uma tabela que representa nossa amostra, fornecendo dados sobre as origens familiares das entrevistadas relacionadas à pesca: se são filhas de pescadores, esposas de pescadores, ou pertencem à terceira geração de famílias de pescadores. Esses dados nos oferecem uma visão abrangente das trajetórias de vida, destacando a heterogeneidade em relação às origens sociais. Isso nos permite gerar dados de pesquisa que sustentam nossos objetivos e nos permitem afirmar resultados conclusivos posteriormente.

Apresentamos a seguir a Tabela 2 que identifica as entrevistadas, sua idade, escolaridade e a origem familiar com ligação à pesca:

Tabela 2: Identificação de todas as entrevistadas

Nome:	Idade	Classe	Ligação familiar com a pesca:
1. Ana Cristina	48	4ª	Filha e mulher de pescador.
2. Ana Palmira	68	4ª	Peixeira e mulher de pescador.
3. Anabela	49	5ª	Vende peixe na peixaria.
4. Auzenda	75	1ª	Peixeira e mulher de pescador.
5. Carla Lopes	45	12ª	Filha de pescador e mulher de pescador.
6. Carla Sofia	34	12ª	Auxilia no restaurante <sup>13</sup> ; casada c/ neto de pescador.
7. Carolina	71	4ª	Peixeira e mulher de pescador.
8. Dina	43	6ª	Pais: pescador e mãe peixeira; mulher de pescador.
9. Felipa	27	12ª	Neta de pescador.
10. Francelina	62	6ª	Peixeira e mulher de pescador.
11. Hígina	46	9ª	Filha de pescador e mulher de pescador.
12. Irene	57	6ª	Pai pescador e mãe peixeira.
13. Isabel Maria	54	4ª	Filha de trabalhadora no armazém de peixes.
14. Lara	38	N.S. <sup>14</sup>	Mãe trabalhou no armazém de peixes.
15. Maria Adelaide	80	1ª	Peixeira; mulher de pescador.
16. Maria Antonia	58	6ª	Venda de peixe no mercado.
17. Maria da Conceição	55	4ª	Já vendeu peixe, filha de pescador e mulher de pescador.
18. Maria da Nazaré	75	4ª	Transporte de peixe.
19. Orlanda	48	8ª	Loja de peixes congelados.
20. Rosária	61	4ª	Vende peixe no mercado; pai pescador e mãe peixeira.
21. Teresa	49	12ª	Tirando carteira de habilitação para pescar no mar.

Diante do quadro acima, podemos observar as origens familiares de nossas entrevistadas. Analisando suas histórias familiares, notamos que nem todas seguiram o mesmo caminho profissional de suas mães. Existem diversas razões para isso, como descrito em alguns dos relatos a seguir:

**Francelina:** *“Minha mãe sempre fez de tudo para eu não seguir esta vida, mas, quando meu marido ficou doente, e eu fazia macramê e tapetes, com o que conseguia vender não dava para sustentar a casa e minha sogra, que era peixeira, me trouxe para a beira da praia e me ensinou a trabalhar. E eu fui ficando por aqui, não conseguia nada melhor porque não pude estudar. Acostumei-me.”*

**Maria da Conceição:** *“Casei-me e vim morar no Sítio. Na casa da minha sogra, onde tinha mais espaço e meu marido construiu para nós no terreno dela. Então ela me falou com uma pessoa conhecida para eu trabalhar vendendo frutos secos. Fiquei nesse trabalho, juntei dinheiro até que consegui comprar minha barraca. Aqui é melhor, trabalho menos, não tenho que sair de casa nas madrugadas.”*

**Maria da Nazaré:** *“Quando meu pai morreu de cancro no pulmão, minha mãe voltou a vender peixe e eu, de novo, fui junto com ela vender peixe em Pataias, ia de porta em porta, ia na carreira. Eu levantava às cinco horas e caminhava um quilômetro*

<sup>13</sup> Carla Sofia: casada com o filho da entrevistada Irene: funcionária pública que em todas horas vagas vai para o restaurante auxiliar no que for necessário.

<sup>14</sup> N.S.: usamos a sigla para informar: Nível Superior.

*com peixe à cabeça para chegar ao centro de Pataias, depois, de porta em porta a bater. E esta vida foi mesmo assim até ter a coragem de tirar a carta de condução. Com muito sacrifício, comprei a carrinha. Ia vender muito mais e como vendi e vendo! Minha mãe já vendia aos doutores, agora, eu.”*

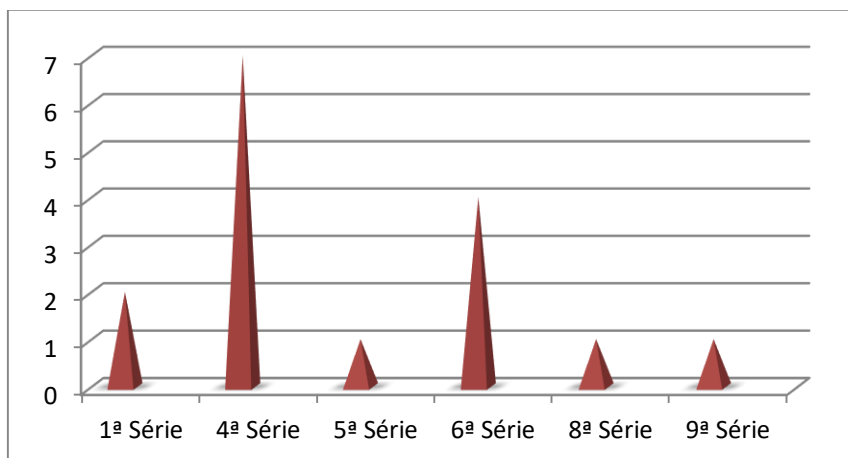
**Maria Antonia:** *“Eu era só da casa, não tinha trabalhado fora antes. A mãe era peixeira. Separou-se do pai e ficou criando os filhos sozinha! Eu estudava e ficava cuidando das coisas de casa, gostava. A mãe não queria essa vida pra mim. Casei com quatorze anos. Com trinta e cinco anos fui trabalhar no hipermercado. Já não há mais. Me separei com 38. Vim para aqui, trabalhar com minha tia na venda do peixe.”*

### 6.3. Escolaridade

Inicialmente, questionamos as peixeiras sobre sua trajetória educacional e constatamos que nenhuma delas avançou além da sexta série (sexto ano de escolaridade). Detalhadamente, apenas Francelina alcançou a sexta classe, enquanto Ana Palmira e Carolina frequentaram até à quarta classe. Por outro lado, Auzenda e Maria Adelaide só conseguiram frequentar a primeira série e não concluíram o ciclo escolar (escola primária/primeiro ciclo).

Ao entrevistar outras mulheres, observamos que a realidade educacional das mais velhas não diferia muito daquela das peixeiras. Houve uma concentração maior de entrevistadas que não conseguiram avançar além da quarta série. Destaca-se apenas uma entrevistada que concluiu o ensino superior e possui pós-graduação. Esses dados serão apresentados de forma mais visual em seguida.

**Gráfico 2: Escolaridade de todas entrevistadas**



#### 6.4. Retratos da infância da maioria das entrevistadas: origem.

Na época em que nossas entrevistadas, hoje com mais de quarenta anos, eram crianças, os barcos costumavam atracar diretamente em frente ao Estendal, o que originou a prática da seca do peixe ali mesmo, à beira-mar. Esse era o local onde ocorria a seleção do peixe para venda na lota, e os peixes menores, que não tinham valor comercial, eram deixados para as mulheres realizarem o processo de secagem e posteriormente levá-los para vender em outras vilas e cidades próximas.

As primeiras peixeiras vendiam o peixe de porta em porta, levando seus filhos consigo, já que não havia creches disponíveis e nem recursos financeiros para pagar por cuidados infantis. As crianças costumavam dormir à beira-mar, aguardando a chegada dos barcos, enquanto suas mães trabalhavam por perto. Quando os barcos finalmente chegavam, as crianças ajudavam suas mães a carregar os peixes para a venda, como relatou uma de nossas entrevistadas:

**Carolina:** *“Eu dormia na areia para esperar os barcos chegarem para levar a cabaça à cabeça para vender nos armazéns. O trabalho era os rapazes: tiravam os peixes dos pequeninos com arames!”*

108

---

Carolina riu ao lembrar uma brincadeira de mau gosto, e pedi que ela me explicasse melhor. Ela compartilhou que os meninos mais velhos costumavam roubar os peixes delas para vendê-los, utilizando anzóis improvisados feitos de arame para retirar os peixinhos. O roubo só era percebido quando chegavam em casa para vender os peixes, geralmente carapaus ou sardinhas, dependendo da época do ano.

A vida era extremamente árdua para aqueles envolvidos na pesca, e ainda mais difícil para as mulheres que ficavam responsáveis pelos pequenos peixes para vendê-los, seja frescos ou secos. Esse estilo de vida caracterizado por longas jornadas de trabalho e viagens frequentes para cidades vizinhas, percorrendo longas distâncias, explicava a ausência das crianças na escola - estudar não era uma tarefa simples quando havia o cansativo e incessante trabalho; a sobrevivência era a prioridade.

Outra entrevistada nos oferece uma perspectiva diferente sobre a escolha entre trabalho e educação:

**Orlanda:** *“Não gostava de ir à escola. Só gostava de trabalhar, queria ter minhas coisas!”*

Diante do exposto, é compreensível que a prioridade para todas essas entrevistadas tenha sido sempre o trabalho. Com a escola mais próxima oferecendo apenas até a quarta série, essa circunstância foi determinante para a maioria das mulheres decidir não prosseguir os estudos, uma vez que a outra escola, que oferecia até a sexta série, ficava muito distante e não havia meio de transporte disponível, obrigando-as a ir e vir a pé.

Além disso, elas também auxiliavam suas mães na recolha do peixe à beira-mar e realizavam tarefas domésticas, inclusive cuidando dos irmãos mais novos. Ficava extremamente difícil para elas suportar, além do trajeto de ida e volta, o estudo e as tarefas escolares, o que as levou a abandonar os estudos precocemente e traçar suas trajetórias de vida dessa forma.

Descobrimos que o abandono precoce dos estudos não foi exclusivo das peixeiras; esse cenário, por razões semelhantes ou priorização do trabalho e da sobrevivência, foi uma situação comum entre as demais entrevistadas. Ao final, constatamos que isso ocorreu em vinte das vinte e uma mulheres nazarenas entrevistadas.

## 6.5. Atividade principal e ligação com a pesca.

Definimos que a seleção das demais entrevistadas seria baseada na sua conexão direta ou indireta com a pesca, como já mencionado anteriormente. Apresentamos abaixo uma pequena tabela que além dos dados previamente descritos, oferece informações sucintas sobre o trabalho atual de cada uma das entrevistadas, proporcionando uma compreensão mais completa da trajetória de vida das mulheres nazarenas.

Diante do panorama exposto na Tabela 3, confirmamos que a condição essencial para a seleção das demais entrevistadas, representando as mulheres nazarenas neste estudo, era sua ligação com a pesca, seja de forma direta ou indireta. Verificamos que essa escolha foi acertada, pois essa ligação prevalece tanto em suas origens quanto em suas situações atuais, e até mesmo em seus sonhos futuros, os quais estão prestes a se concretizar.

De fato, dezesseis das nossas entrevistadas têm ou tiveram pais ligados à pesca e/ou são casadas com pescadores. Além disso, no caso da entrevistada Teresa, ela está em processo de obtenção de uma carteira que a habilitará a pescar em alto mar. Seu objetivo



é tornar-se a segunda mulher em Nazaré a ter essa autorização, demonstrando a força e a determinação das mulheres nazarenas em se envolverem ativamente nas atividades relacionadas à pesca.

**Tabela 3: Atividade principal**

Nome:	Idade	Classe	Atividade principal:
1. Ana Cristina	48	4ª	Doméstica, filha e mulher de pescador.
2. Ana Palmira	68	4ª	Seca do peixe – vende na praia, marido pescador.
3. Anabela	49	5ª	Vende peixe na peixaria.
4. Auzenda	75	1ª	Seca do peixe – venda na praia, marido pescador.
5. Carla Lopes	45	12ª	Filha de pescador, marido pescador.
6. Carla Sofia	34	12ª	Trabalha na Câmara da Nazaré <sup>15</sup> .
7. Carolina	71	4ª	Seca do peixe – venda na praia, marido pescador.
8. Dina	43	6ª	Pais: pescador e mãe peixeira; marido pescador
9. Felipa	27	12ª	Venda de bolas de Berlim, no Sítio
10. Francelina	62	6ª	Seca do peixe – venda na praia, marido pescador.
11. Higinia	46	9ª <sup>16</sup>	Filha de pescador e marido pescador.
12. Irene	57	6ª	Proprietária de restaurante, pai pescador, mãe peixe
13. Isabel Maria	54	4ª	Venda de frutas secas no Sítio.
14. Lara	38	N.S. <sup>17</sup>	Professora. Mãe trabalhou no armazém de peixes <sup>18</sup> .
15. Maria Adelaide	80	1ª	Seca do peixe – vende na praia, marido pescador.
16. Maria Antonia	59	6ª	Venda de peixe no mercado. Ex marido pescador.
17. Maria da Conceição	55	4ª	Venda de frutas secas na Praça do Sítio <sup>19</sup> . V. peixe.
18. Maria da Nazaré	75	4ª	Transporte de peixe e outros produtos. Pai pescador
19. Orlando	48	8ª	Loja de peixes congelados.
20. Rosária Parreira	61	4ª	Venda de peixe no mercado. Pai pescador, mãe peixeira.
21. Teresa	49	12ª <sup>20</sup>	Tirando carteira de habilitação para navegar e pescar

Temos doze entrevistadas que estão atualmente casadas com pescadores, ou já estiveram. Entre elas estão Maria Antónia, Teresa e Lara, cujas histórias são mencionadas nas notas de rodapé. Evidentemente, essas mulheres deram prioridade à subsistência de suas famílias, mesmo em situações como a escolha do local da escola para seus filhos,

<sup>15</sup> Pais ligados à pesca indiretamente, mas o marido é neto de pescador e peixeira, já que é filho da entrevistada Irene, proprietária do restaurante.

<sup>16</sup> Higinia Carlinhos fez a nona classe já há poucos anos, durante o fundo de desemprego.

<sup>17</sup> N.S.: utilizamos, neste caso, esta sigla para significar Nível Superior.

<sup>18</sup> Lara é casada com um líder sindical dos pescadores, e já foi pescadora, obviamente.

<sup>19</sup> Sítio: denomina-se a parte alta da vila da Nazaré, onde fica uma praça com um coreto em frente à Igreja. Esta entrevistada também (V. peixe) vendeu peixe de porta em porta quando menina e adolescente e é casada com pescador.

<sup>20</sup> Teresa orgulha-se de ter conseguido terminar a 12ª série já com seus 42 anos, e ainda fez, em sua trajetória de trabalho, diversos cursos técnicos. Foi casada com pescador, com quem teve dois filhos.

onde a distância da construção não foi considerada uma prioridade para facilitar o acesso à educação das crianças desta comunidade.

Essa escolha, como evidenciado em várias respostas, teve um impacto significativo na trajetória de vida das entrevistadas. Muitas delas compartilharam suas histórias sem que essa questão específica tenha sido formulada, o que demonstra a profundidade do impacto dessas decisões em suas vidas. Essas narrativas são descritas detalhadamente abaixo.:

**Auzenda:** *“Fui até a primeira classe porque comecei a trabalhar quando passava para a segunda classe.”*

**Carolina:** *“Sempre fiz meu trabalho com alegria, afinal, era o que podia com o pouco estudo que eu tive (em tom de lamentação, encolhendo os ombros).”*

**Francelina:** *“Eu gostava de ter estudado mais. Crianças pobres escreviam cartinhas para o Diário Popular, Rua Luz Soriano, Lisboa, lembro ainda, na época de natal, pediam bonecas, carrinhos, camisolas e também davam cinquenta bolsas de estudos. Eu escrevi contando a vida da família, a divisão da casa que era muito pequena para onze crianças, e vieram de Lisboa confirmar o que eu falei. Como minha mãe preferiu que a bolsa fosse para mim porque meu irmão, por ser homem, ia precisar mais de estudar, eu pedi para ele. Foi uma chance perdida. No final, ele não quis estudar e perdeu a bolsa e eu também.”*

**Teresa:** *“Eu sempre quis estudar mais, mas, não dava, tinha que trabalhar e muito prá ajudar na casa. Mas agora, estou bem orgulhosa: terminei a 12ª série com 42 anos! Um passo de cada vez!”*

## 6.6. Pessoa importante para a vida

Prosseguindo, buscamos compreender melhor as atitudes das entrevistadas em relação à vida, explorando quem elas admiravam e se espelhavam para moldar suas próprias trajetórias. Ao questionarmos sobre a pessoa mais influente em suas vidas, aquela que moldou quem são hoje, obtivemos as respostas inseridas na Tabela 4.

Perante o constante na Tabela 4, é evidente que a figura materna emerge como a mais significativa para a maioria das entrevistadas, já que onze delas responderam prontamente, sem hesitação, de maneira incisiva. Duas entrevistadas atribuem importância igual tanto ao pai quanto à mãe, sem fazer distinção entre os dois. Por outro lado, uma das entrevistadas foi criada pela avó, que desempenhava para ela o papel de mãe.

**Tabela 4: Pessoa mais importante da vida**

Nome:	Idade	Pessoa mais importante para sua formação e sua vida:
1. Ana Cristina	48	A mãe, depois os filhos.
2. Ana Palmira	68	O pai.
3. Anabela	49	Hoje: primeiro os filhos; depois a mãe, o pai e o marido.
4. Auzenda	75	Mãe: enquanto criança; os filhos, quando adulta.
5. Carla Lopes	45	As filhas.
6. Carla Sofia	34	A avó que ajudou a criá-la.
7. Carolina	71	A mãe.
8. Dina	43	A mãe.
9. Felipa	27	Igualmente pai e mãe.
10. Francelina	62	O Irmão falecido em acidente aos 22 anos.
11. Higina	46	A mãe.
12. Irene	57	Pai e filhos
13. Isabel Maria	54	A mãe.
14. Lara	38	A mãe.
15. Maria Adelaide	80	A mãe, depois o marido.
16. Maria Antonia	59	A mãe, depois os filhos.
17. Maria da Conceição	55	Antes, o pai. Agora: a netinha de quatro meses: Melissa.
18. Maria da Nazaré	75	O pai.
19. Orlanda	48	Pai e mãe, antes; agora, os filhos.
20. Rosária Parreira	61	Mãe, antes; depois os três filhos.
21. Teresa	49	A mãe.

Outro fato que aqui me parece importante ressaltar é o evento da maternidade, que fez com que quatro das nossas entrevistadas declarassem que suas mães foram mais importantes antes do nascimento de seus filhos, como responderam: Rosária, Orlanda, Auzenda e Anabela.

Três entrevistadas destacaram a figura masculina de seus pais como sendo a mais importante em suas trajetórias, sem mencionar suas mães como influentes. No entanto, ao analisarmos suas histórias de vida, poderemos compreender melhor as razões por trás dessa escolha, como será evidenciado ao longo de suas narrativas. Além disso, algumas entrevistadas compartilharam relatos que explicam o motivo dessa preferência ou expressaram admiração por suas mães, como veremos a seguir:

**Teresa:** *“Minha mãe ficou viúva com quarenta anos e criou os filhos dali para a frente como uma guerreira, enfrentando todas as dificuldades e sempre do nosso lado!”*

**Higina:** *“Eu lembro que minha mãe era muito boa em matemática. Quando eu tinha que levar pra escola algum “trabalho” de matemática era sempre ela que vinha me socorrer. Incrível!”*

**Carolina:** *“Sempre na maior pobreza, minha mãe sempre tinha muito cuidado e muito carinho. Ela brincava conosco até quando a comida era pouca e ela, brincando, fingia que não tinha fome.”*

A escolha da figura paterna como a mais importante na vida de três das entrevistadas se deve ao fato de que, segundo elas, o pai desempenhou e continua desempenhando um papel crucial em suas trajetórias. Isso fica evidente a partir de relatos sobre dois desses pais que deixaram uma marca profunda na vida delas. Esses relatos foram obtidos de maneira delicada, pois bastava eu perguntar "É mesmo?" após a questão e a resposta para que elas se sentissem motivadas a compartilhar os motivos por trás dessa escolha.

**Maria da Nazaré:** *“Meu pai sempre foi um homem muito inteligente e meu melhor amigo. Ele era um artista. Pintava, fazia móveis e brinquedos inventados, tudo em madeira. Ah! Até caixão para crianças ele fazia. Uma vez, veio o Bispo à vila, e meu pai fez cadeiras de madeira para colocar na frente da igreja, e vendeu os lugares todos para as pessoas que queriam ver o bispo sentadas, e ele organizou do jeito que ninguém ficou à frente das cadeiras! Também foi ele que começou o negócio das bonecas! Sim, senhora! Minha tia fazia bonecas, e ele teve a idéia de vestir as bonecas como nós, e colocou no chão da praça. Foi um sucesso! Cresceu tanto que ele comprou várias máquinas de costura e tinha muitas costureiras e ele saía para vender até em Lisboa as nazarenas.”*

**Orlanda:** *“Meu pai era conhecido como um homem diferenciado. Muito inteligente. Tinha mais de um barco e ele me pedia para ajudar e eu fazia os pagamentos das iscas, do gásóleo, depois eu já fazia quase tudo. Ele confiava muito em mim. Aprendi muito com ele.”*

É importante destacar o caso de Orlanda, cuja mãe se juntava à avó, sogra de sua mãe, e passavam o dia inteiro trabalhando na atividade pesqueira, deixando para Orlanda o cuidado do irmão mais novo, além das responsabilidades de preparar as refeições e arrumar a casa. Orlanda realizava essas tarefas diariamente o mais rapidamente possível, pois desejava estar sempre próxima de seu pai. Ele lhe oferecia todo o carinho e atenção, além de ensiná-la todas as nuances de seu trabalho como proprietário de barcos de pesca. Ele até confiava a ela a responsabilidade de realizar pagamentos aos pescadores, mestres e outros envolvidos na pesca, com diferentes valores, tarefas que Orlanda dominava bem e sabia como dividir adequadamente a cada retorno.

## 6.7. Das amizades, escolhas e preferências.

A pergunta que procurou conhecê-las de forma a saber suas relações amistosas foi: *“As pessoas com quem mais se dá hoje são pessoas relacionadas com a sua infância e juventude ou são amizades mais recentes?”*

Tabela5: Preferência por amigas.

Nome:	Idade	Amigos de ontem ou de hoje?
1. Ana Cristina	48	De ontem: escola e grupo de carnaval.
2. Ana Palmira	68	De ontem, eram mais sinceros.
3. Anabela	49	Amigas de escola ainda.
4. Auzenda	75	Amigas de ontem.
5. Carla Lopes	45	Desde sempre.
6. Carla Sofia	34	De escola.
7. Carolina	71	De ontem.
8. Dina	43	De escola.
9. Felipa	27	Da escola.
10. Francelina	62	De ontem e de hoje.
11. Higina	46	De colégio.
12. Irene	57	De ontem.
13. Isabel Maria	54	Amigas de ontem.
14. Lara	38	De ontem e de hoje.
15. Maria Adelaide	80	De ontem.
16. Maria Antonia	59	De longa data, de escola ainda.
17. Maria da Conceição	55	Amigos de ontem,
18. Maria da Nazaré	75	Poucas amigas.
19. Orlanda	48	Desde os tempos de escola
20. Rosária Parreira	61	Amigos antigos e novos.
21. Teresa	49	Amigos de hoje

Diante das respostas a essa pergunta, observamos que se trata de um grupo de mulheres que, em geral, mantêm laços de amizade dentro de seu círculo familiar e vizinhança. Isso se evidencia pelo fato de que as colegas de escola eram frequentemente vizinhas, com pais e mães envolvidos em atividades econômicas similares. No entanto, apenas três entrevistadas ampliaram seu círculo de amizades para incluir pessoas fora desse contexto: Francelina, Lara e Rosária. Por outro lado, Teresa afirma exclusivamente que tem amigos no presente, mas não no passado.

Compreende-se, portanto, o motivo das dificuldades que enfrentei, que certamente não foram um caso isolado, ao tentar estabelecer o primeiro contato e iniciar conversas mais pessoais sobre o cotidiano e as histórias de vida das entrevistadas e suas famílias.

Esse desafio foi amenizado graças a Francelina, que acolhe tanto amigades recentes quanto antigas. Diante dessas respostas, especialmente a de Francelina, posso concluir que escolher Francelina como meu contato foi uma decisão acertada. Ela demonstrou estar aberta a novas amigades e a compartilhar conhecimentos, o que facilitou o início da pesquisa de forma inesperada, mas muito positiva.

Algumas entrevistadas ainda complementaram suas respostas justificando-as:

**Ana Palmira:** *“Amigos? Os de ontem! Eram mais sinceros! Hoje não se pode confiar!”*

**Carla Lopes:** *“As minhas irmãs é que são minhas amigas. Só elas.”*

**Carolina:** *“Antigamente a gente era muito pobre, mas todos se ajudavam, as que tinham mais dava para quem não tinha. Aconteceu comigo muitas vezes. Eram todos por um e um por todos. Hoje, ninguém ajuda mais ninguém e cada qual que se safe. As pessoas contam sempre tudo!”*

**Maria da Conceição:** *“Amigos de ontem sempre mais: eram mais amorosos, mais amigos, tinham mais amor, e eram sempre pessoas muito mais velhas.”*

**Maria Adelaide:** *“Já morreram quase todas, mas eram vizinhas, colegas de praia, da lida do peixe.”*

Pelo que observamos, para as mulheres de Nazaré, os principais locais para fazer amigos são a escola e o local de trabalho, na maioria dos casos. Além disso, elas tendem a manter esses laços de amizade ao longo de suas vidas, o que evidencia um certo conservadorismo que, entre outros fatores, contribui para a preservação do *ethos* da comunidade.

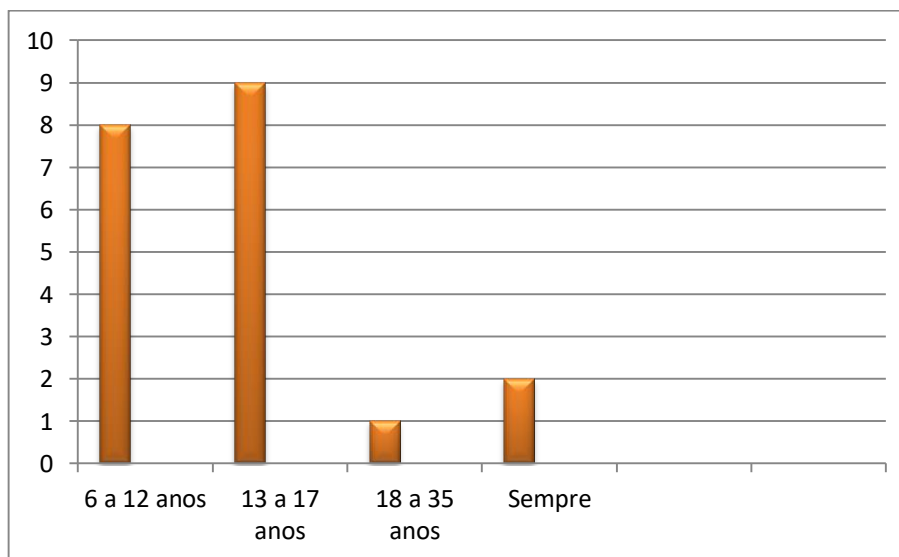
## 6.8. Trabalho remunerado ou nem tanto

A seguir temos perguntas relacionadas ao trabalho: *“Quando começou a trabalhar? Fazendo o quê?”*, e, novamente, as informações que recebemos são surpreendentes, principalmente no tocante à idade de início do trabalho, como podemos perceber na Tabela 5:

**Tabela 5: Trabalho de ontem e hoje**

Nome:	Idade	I.C.T. <sup>21</sup>	O que fazia (inicialmente e hoje):
1. Ana Cristina	48	15	Serviços de limpeza e faz e conserta redes.
2. Ana Palmira	68	6	Carregava água, venda de peixe seco.
3. Anabela	49	15	Pastelaria, venda de peixes frescos.
4. Auzenda	75	8	Venda de peixe fresco, venda de peixe seco.
5. Carla Lopes	45	Do lar	Trabalho doméstico não remunerado.
6. Carla Sofia	34	14	Vendia roupas, funcionária pública municipal.
7. Carolina	71	9	Venda de peixe fresco e seco, pesca de enguia.
8. Dina	43	14	Vendas e trabalho burocrático: loja de pneus.
9. Felipa	27	17	Vendia roupas; vende “Bolas de Berlim”
10. Francelina	62	9	Turismo, fábrica, pastelaria, vende peixe seco.
11. Higina	46	16	Filetes de peixe, cerâmica, doméstica.
12. Irene	57	7	Ajudava pai e mãe, hoje é dona de restaurante.
13. Isabel Maria	54	13	Vendia caranguejos, vende frutos secos.
14. Lara	38	15	Restaurante, professor.
15. Maria Adelaide	80	Sempre	Vendia peixe fresco, vende peixe seco.
16. Maria Antonia	59	35	Repositora de produtos, vende peixe fresco.
17. Maria da Conceição	55	7	Vendia peixe, operária, vende frutos secos
18. Maria da Nazaré	75	10	Artesanato, venda de peixe, transporte de peixe
19. Orlanda	48	Sempre	Vendia peixe fresco, dona de loja de peixe.
20. Rosária Parreira	61	11	Venda de peixe fresco.
21. Teresa	49	14	Trabalhos com vidro, cozinha, em trâmites documentais para pescar no mar.

**Gráfico 3: Faixa etária do começo do trabalho remunerado**



<sup>21</sup> Para reduzirmos o cabeçalho da coluna, utilizamos a sigla de I.C.T. para identificar a Idade que Começou a Trabalhar.

Pode-se observar claramente, conforme demonstrado no gráfico acima, que a faixa etária com maior incidência de mulheres que começaram a trabalhar remuneradamente está entre os treze e dezessete anos. No entanto, é importante notar que duas entrevistadas relataram ter trabalhado desde sempre, ou seja, desde que tinham consciência de que estavam trabalhando. Isso faz com que essas duas faixas etárias estejam empatadas em termos de representatividade.

Encontramos, portanto, dois grupos significativos de mulheres: um grupo que começou a trabalhar ainda na primeira infância e outro grupo que iniciou o trabalho durante a pré-adolescência e adolescência. Essa variedade de experiências evidencia a diversidade de trajetórias de vida dentro da comunidade estudada.

De dezoito a 35 anos, tivemos a menor representatividade, ou ainda, a exceção.

Tivemos uma entrevistada que não recebe remuneração por seu trabalho, uma vez que fica restrita ao domínio privado, melhor dizendo, cuidando da família e da casa, sem nenhuma remuneração, nos moldes do patriarcado tradicional antigo.

Considerando a importância desse tema, decidimos expandir além do quadro e gráfico apresentados anteriormente, detalhando os trabalhos realizados por cada uma das entrevistadas ao longo de suas trajetórias como mulheres economicamente ativas.

É surpreendente notar que todas as mulheres envolvidas na venda de peixe seco, assim como as peixeiras, começaram sua vida econômica ainda na primeira infância. Além disso, Orlanda e Maria da Conceição também iniciaram seu trabalho vendendo peixe fresco nas proximidades da vila de Nazaré. Irene, por sua vez, começou a ajudar seus pais nos trabalhos ligados à pesca e no preparo do peixe aos sete anos de idade. Esses exemplos destacam como a participação no sustento da família começou desde cedo para muitas das entrevistadas.

É importante ressaltar que, mesmo recebendo algum dinheiro desde tenra idade, as crianças geralmente entregavam esse dinheiro à mãe até atingirem a idade de quinze ou dezesseis anos, contribuindo assim para complementar a renda familiar.

Apenas duas entrevistadas desempenhavam predominantemente tarefas domésticas: Carla Lopes, que é "do lar" e ocasionalmente realiza trabalhos sazonais, como vendedora em lojas de roupas durante o verão, quando é convidada para tal; e Maria Antônia, que inicialmente se dedicava às tarefas domésticas. No entanto, ela começou a trabalhar remuneradamente aos 35 anos, quando seu primeiro casamento enfrentava



problemas e ela decidiu assegurar sua independência financeira antes de se divorciar pela primeira vez. Esses exemplos ilustram como algumas mulheres assumiram papéis tradicionais em casa, enquanto outras optaram por buscar oportunidades de trabalho remunerado para garantir sua autonomia financeira.

Ainda trazemos relatos que consideramos relevantes para maiores conhecimentos sobre a trajetória de trabalho destas mulheres nazarenas:

**Ana Cristina:** *“Comecei a trabalhar com quinze anos, quando meu pai faleceu, ajudando a mãe na limpeza das casas, depois, fui trabalhar limpando um hotel. Adro arrumar a casa. Também sou rendeira (quem faz redes). Fui pedir emprego prá varrer rua na Câmara e nem me ouviram. Implorei, chorei, expliquei que tinha perdido o pai e que precisava muito de trabalho, e não se importaram comigo! Aqui ninguém ajuda ninguém.”*

**Anabela:** *“Ah, pois! Comecei a trabalhar numa pastelaria, quando tinha quinze anos. Depois vim para a venda do peixe. Faz já vinte e sete anos que vendo peixe. Quero é ter minha pastelaria. Está difícil juntar algum porque minha filha está a fazer mestrado em educação em Castelo Branco e ano que vem é meu filho que vai, mas hei de conseguir!”*

**Ana Palmira:** *“Desde seis, sete anos, andava a carregar as dornas (bacias de alumínio) com água. Trazia água do mar nas dornas para lavar o peixe. Deitava a água suja das dornas ao mar e andava a trazer novamente, limpa. As dornas eram feitas em Caldas da Rainha. Com onze a doze anos ia com a mãe já com dornas maiores. Levamos as dornas assim: com tábuas na cabeça para não virar as dornas.”*

**Auzenda:** *“Aos oito anos de idade ia com a mãe vender peixe a São Martinho do Porto e à Senhora dos Mangues, a pé, claro, com o peixe à cabeça. As cinco horas saíamos de casa para ir à lota pegar os peixes, depois, ir vender. Depois, vim com a mãe vender peixe na praia, e aqui fiquei.”*

**Carla Sofia:** *“Trabalho desde os quatorze anos, mas, oficialmente, comecei com dezesseis, numa loja de roupas. Também trabalhava no Mercado Municipal, nas horas que sobravam. Fiz concurso, passei, e agora trabalho na Câmara Municipal. Venho sempre ajudar no restaurante nas horas de almoço e no final da tarde, quando há muito movimento. Finais de semana também.”*

**Carolina:** *“Lembro de aos nove anos dormir na areia para esperar os barcos chegarem. Pegava os peixes e carregava na cabaça á cabeça para vender nos armazéns. O problema é que os maiores roubavam-lhes os peixes “pescando-os” com um arame. Pegava peixe das embarcações na praia, depois, já vendia peixe, limpava e vendia. Aos doze anos eu já fazia limpeza em casas de família. À noite, quando era o tempo, eu ia buscar enguias, que era proibido, mas não tinha jeito, precisava disso também.”*

**Felipa:** *“Trabalho desde os dezessete anos. Fiz um curso profissional de animação e fui trabalhar num berçário com crianças de até três anos. Gostava muito desse trabalho. Depois, fui estudar em Leiria e lá trabalhei numa loja de roupas. Meu namorado resolveu voltar para Nazaré e voltei com ele. Vivemos juntos e agora eu trabalho aqui. (Barraca de vendas de “Bolas de Berlim”)”.*

**Francelina:** *“Então, comecei a trabalhar aos nove anos. Era numa casa que vendia vinhos do Porto. Ficava toda vestida com as roupas típicas das nazarenas, eu e meu*

*primo. Ganhava trezentos escudos por mês. Levava á mãe. Depois, fui trabalhar á fábrica de peixe. Fiquei lá por mais de dez anos. Depois, trabalhei numa pastelaria, onde conheci meu marido. Depois, por motivo de doença dele, minha sogra me trouxe para a venda do peixe sec. Aprendi tudo com ela. E cá estou, mas já fiz muita coisa. Fiz tapete, fiz macramê, fiz arranjos.”*

**Higina:** *“Comecei a trabalhar com dezesseis anos. consegui trabalho no Canadá, através de primos que lá já estavam. Fui fazer filetes de peixes numa fábrica. Fiquei lá por dois anos. Depois, vivia com na casa dos meus primos, não me sentia em casa. fiquei por lá por dois anos, mas, a saudade da família não permitiu que eu continuasse no estrangeiro. Voltei e fui trabalhar numa fábrica de loiças portuguesas e, quando fechou a fábrica, fiquei sem emprego. Hoje estou sem trabalho, fazendo apenas as atividades domésticas, mas sem parar de buscar um trabalho. “*

**Irene:** *“A mãe e a vó estendiam peixe. Meu pai tinha barcos de pesca e já tinha uns vinte homens trabalhando para ele. Eu ajudava no que ele precisasse. Depois nasceu o meu irmão, eu tinha sete anos. Fui tomar conta dele. Então tinha que cuidar da casa e do meu irmão. Gostava mesmo era de ajudar meu pai. Eu fazia pagamentos das iscas, do gásóleo, pagava os homens, fazia todos os cheques. Depois, casei e juntos abrimos o restaurante. Estou aqui.”*

**Isabel Maria:** *“Eu comecei a trabalhar com treze anos, quando meu pai morreu. Eu vendia caranguejo na praia e, depois, ia lá pra cima vender frutos secos. Com esses trabalhos fui juntando dinheiro e agora tenho a minha barraca de frutos secos aqui em cima.”*

**Lara:** *“Comecei aos 15 anos a trabalhar nos períodos de férias num restaurante de um familiar (é muito comum este tipo de trabalho sazonal e sem qualquer tipo de contrato na Nazaré com o público jovem). Depois de terminado o curso, comecei a dar aulas no ano letivo 2003/2004. Sou professor do 3º Ciclo Básico e do Ensino Secundário.”*

**Maria Adelaide:** *“Eu me lembro de trabalhar desde sempre. Ia com minha mãe. Depois, levantava ás quatro ou cinco horas e ia vender peixes nas amostras feitas em palha. Ia nas vilas aqui perto. Com três dias de parto eu já ia de novo vender peixe. Depois vim pr´aqui, na lida do peixe seco. Nunca parei de trabalhar.”*

**Maria da Conceição:** *“Ai, vida, vida! Quanto mais custa, mais comprida!”. “trabalho desde os sete anos, ia vender percebes (tipo de marisco) sozinha Depois, com oito ou nove anos, eu ia com os pais já para a Marinha Grande, sempre por conta própria. Depois, consegui a barraca para vender frutos secos. Falei com o fornecedor que eu via sempre por aqui e ele me permitiu a primeira compra e foi assim que cheguei aqui.”*

**Maria da Nazaré:** *“Comecei a ajudar meu pai com uns dez anos, ele fazia miniaturas de barcos para vender, além das mobílias. Ajudava na marcenaria, depois, já com quatorze anos eu fui vestir bonecas, para vender nas barraquinhas. Eu cheguei a ter uma loja de bonecas, mas meu irmão vendeu as máquinas e não deu mais. Fui vender peixe em Pataias, de porta em porta. Eu ia na carreira (tipo de caminhonete que transportava trabalhadores). Levantava às cinco horas e caminhava um quilômetro com o peixe à cabeça. Fui fazer os documentos para conduzir. Fiz a quarta classe para ter a carteira de condução. Aí meu marido me deu uma carrinha de 3.500 Kg, mas ele deu só a entrada, o resto era eu quem tinha que pagar. Comecei a levar o peixe por onde desse,*

*e na volta, fazia frete do que tivesse para carregar: tijolos, areia, peixe. Ganhava quinhentos escudos por frete! Paguei a carrinha e cá estou.”*

**Orlanda:** *“Trabalho desde sempre. Lembro-me ainda de ir com a mãe à beira da praia, dormir lá aguardando os barcos chegarem. Recolher peixe, colocar em caixas sobre a cabeça, vender em Ardido, Cortiado e Poço das Vinhas, a pé. Minha mãe tem já oitenta e cinco anos e me ajuda nas coisas da casa. Com o trabalho consegui ter a minha loja.”*

**Rosária:** *“Comecei a trabalhar com onze anitos. Vendia peixe no mercado junto com minha irmã mais velha. Minha mãe tinha já quarenta e cinco anos quando ficou grávida de mim. Minha irmã já tinha esta banca. Passei a vida toda a vender peixe até agora. Sempre vendendo peixe no mercado.”*

**Teresa:** *“Meu primeiro trabalho foi com quatorze anos. Comecei a trabalhar numa vidraçaria, atendendo no balcão e medindo os vidros. Depois, eu já fui aprender a cortar vidro e montar. Daí aprendi a pintar, e depois ainda já ajudava a carregar e descarregar o caminhão. Mas já fiz de tudo um pouco. Até cuidar de crianças e idosos. Agora tenho um trabalho numa cozinha de um retiro. Estou fazendo os cursos para ter minha documentação e ir pescar no mar. Vou ser a segunda mulher nazarena a fazer isso, tu vais ver!”*

É notável que esta questão despertou um grande interesse por parte das entrevistadas, que se sentiram completamente à vontade para discorrer sobre suas experiências de trabalho. Durante a entrevista, muitas delas demonstraram um orgulho evidente em relação às suas trajetórias profissionais, e a maioria se dedicou a relembrar detalhes de seu passado laboral. Embora eu não traga todos esses relatos aqui para evitar prolongar a discussão com detalhes que, para os propósitos da pesquisa, serviriam apenas como ilustrações, é importante ressaltar que esses dados foram extremamente ricos para validar a veracidade dos depoimentos coletados. Esse engajamento das entrevistadas contribuiu significativamente para enriquecer a compreensão das dinâmicas de trabalho na comunidade estudada.

Neste quesito, acredito ter conseguido delinear de forma adequadamente descritiva o início da trajetória de vida das mulheres de Nazaré envolvidas nesta pesquisa. Como evidenciado, trata-se de uma jornada que, para a grande maioria, teve início desde tenra idade, sem uma clara visão do destino final, mas com uma determinação inabalável para seguir adiante.

Fica bastante evidente que as mulheres de Nazaré não aguardam passivamente pela sorte, mas sim buscam ativamente oportunidades de trabalho e perseguem seus objetivos. Essa característica é observada na maioria dos casos, refletindo uma forte determinação e uma mentalidade empreendedora enraizada na comunidade.

Dando continuidade às questões, preferi não aplicar a questão: ***“Que tipo de trabalhos teve até constituir família? (ou ao longo da sua vida (se não constituiu família)?”***, por ter sido já bem extenso o depoimento de cada uma na questão que iniciava por perguntar com quantos anos haviam começado a trabalhar e que tipos de trabalho faziam, as entrevistadas alongaram-se nas respostas antecipando esta questão, motivo pelo qual, embora incluída no guião, não a repetimos, por considerá-la redundante.

#### 6.9. Clã estendido existente na Nazaré?

Agora, complementando o primeiro quadro de questões, trazemos a pergunta ***“Onde viveu (sempre na mesma rua, na mesma casa)?”***

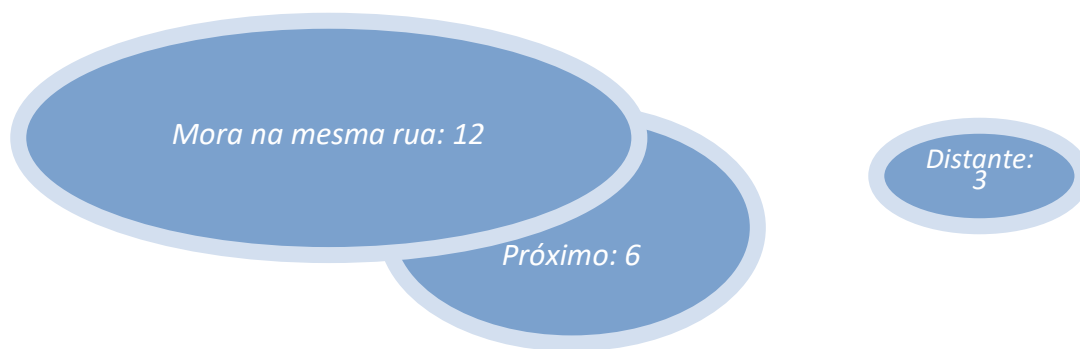
Desta forma, iniciamos a coleta de informações que podem confirmar ou refutar a presença de um clã estendido na comunidade de Nazaré. Perguntamos às entrevistadas onde elas moravam e se ainda residem na mesma rua ou nas proximidades. Através dessas referências domiciliares, buscamos obter indicadores sobre a estrutura familiar e comunitária. Mais uma vez, para facilitar a análise dos dados, vamos utilizar um quadro resumido com as respostas obtidas:

Através da tabela 6, é possível constatar que dezenove das entrevistadas residiram sempre, ou na maior parte de suas vidas, na mesma casa. Quando mudavam, optavam por outra residência na mesma rua ou em local muito próximo. Apenas duas entrevistadas tiveram endereços distintos após o casamento ou união: uma delas mudou-se para Leiria em busca de trabalho e estudo, mas retornou à Nazaré quando seu namorado decidiu voltar para sua terra natal e eles decidiram viver juntos lá; a outra entrevistada foi morar no Sítio, parte alta da vila, por comodidade, já que a sogra tinha uma casinha disponível para o novo casal. A entrevistada Maria Adelaide recentemente mudou-se para uma casa mais confortável, um pouco distante de sua residência anterior. Esses dados reforçam a forte ligação das entrevistadas com suas comunidades locais e a tendência de permanecerem próximas de seus lares originais.

**Tabela 6: Residência. Formação de clãs?**

Nome:	Idade	Morou sempre na mesma rua?
1. Ana Cristina	48	Na mesma rua, mas em várias casas: tinha que alugar. <sup>22</sup>
2. Ana Palmira	68	Sim. Sempre na mesma rua.
3. Anabela	49	Não exatamente na mesma rua, mas próximo.
4. Auzenda	75	Sim, na mesma rua. Sempre no mesmo local
5. Carla Lopes	45	Sim, até casar, mas mudou-se para perto.
6. Carla Sofia	34	Viveu sempre na mesma rua.
7. Carolina	71	Sim, na mesma rua. Sempre, até hoje.
8. Dina	43	Viveu sempre na mesma rua.
9. Felipa	27	Não, mudou-se algumas vezes. <sup>23</sup>
10. Francelina	62	Sim, até casar. Mudou-se para perto.
11. Hígina	46	Sim. Sempre na mesma rua.
12. Irene	57	Sim. Sempre na mesma rua
13. Isabel Maria	54	Sim, viveu sempre na mesma rua.
14. Lara	38	Não, mas depois do casamento mudou-se para perto.
15. Maria Adelaide	80	Sim. Sempre, até a poucos anos.
16. Maria Antonia	59	Mudou-se, mas sempre na mesma região, na vizinhança.
17. Maria da Conceição	55	Sim, na mesma. Após, foi para o Sítio: casa da sogra.
18. Maria da Nazaré	75	Sim, até hoje na mesma rua.
19. Orlanda	48	Sim, até casar, onde foi morar na parte de cima, no Sítio.
20. Rosária Parreira	61	Sim, na mesma rua, sempre na mesma casa.
21. Teresa	49	Não, mudei-me, mas para muito próximo.

Portanto, temos a representação visualizada de outra forma:

**Gráfico 4: Clã estendido?**

<sup>22</sup> Mudava-se toda vez que chegava o verão porque a proprietária pedia a casa para alugar a turistas que pagavam melhor.

<sup>23</sup> A entrevistada viveu antes numa aldeia próxima: pais plantavam. Foi para Leiria vive atualmente na Nazaré.

Diante dos dados apresentados na tabela 6 e visualizados no gráfico 4, torna-se evidente a preferência das mulheres de Nazaré por permanecerem muito próximas de suas casas maternas, preferencialmente na mesma rua. Pode-se conjecturar que esse fenômeno seja resultado de uma combinação de comodidade, conveniência e, possivelmente, limitações financeiras, já que muitas vezes é necessário permanecer próximo à família original mesmo após o casamento, seja ocupando terrenos adjacentes no mesmo pátio, residindo no andar de cima ou até mesmo nas imediações.

Diante dessa situação, surge a questão: poderíamos estar diante da existência de um clã estendido nos moldes contemporâneos? Essa hipótese parece bastante plausível, considerando que é raro encontrar mulheres que se distanciam significativamente de sua família de origem. Esses indícios fortalecem a ideia de que estamos lidando com a presença de um clã na comunidade de Nazaré.

O clã estendido nazareno é uma forma de organização familiar que se estende além da unidade nuclear composta apenas pelos pais e filhos. Nesse tipo de estrutura, várias gerações de uma família, incluindo avós, tios, tias, primos e primas, vivem frequentemente em proximidade física ou mantêm laços sociais e emocionais próximos. Os membros da família residem tendencialmente em casas separadas, mas próximas umas das outras, na mesma rua ou quarteirão. Compartilham recursos, apoiam-se mutuamente em questões financeiras, sociais e emocionais, e muitas vezes desempenham papéis ativos na criação e cuidado das crianças. Este tipo de estrutura familiar pode ser influenciado por uma variedade de fatores, incluindo tradições culturais, necessidades econômicas, mudanças nas dinâmicas familiares e preferências individuais. Todos estes fatores estão presentes, de uma forma ou de outra na Nazaré contemporânea que atravessou um processo de reconversão simbólico-funcional (Fortuna e Peixoto, 1997).

#### 6.10. Condições sociais de antes e de agora

Dando continuidade às questões que dizem respeito ao percurso familiar, tivemos a curiosidade de verificar as condições sociais destas e fizemos a pergunta: “*Como eram as condições sociais da família onde nasceu?*”. E na seqüência: “*Melhoraram ao longo da vida?*”

A estas questões obtivemos os seguintes retornos, seguindo-se resumos elucidativos pela ordem alfabética do nome das entrevistadas:

**Ana Cristina:** *“Minha casa é confortável hoje. Tive uma infância pobre. Além do mais, a casa agora é própria. Vivia na mesma rua, mas a casa era alugada e quando chegava o verão a gente tinha que sair e ver onde morar. Todos os anos era a mesma coisa. Claro! Os turistas pagavam mais. Agora, não, agora a casa é nossa! Tenho conforto em casa, minha casa é bem bonita. As condições melhoraram, muito!”*

**Ana Palmira:** *“Éramos muito pobres. Lembro-me que ia ao rio, caminhava quatro, cinco quilômetros a pé, para lavar roupa. A gente dobrava a roupa; quando saía da gamela, parecia que tinha sido passada a ferro. E isso era para toda a gente. Saíamos às quatro horas da manhã e voltávamos pelas quatro ou cinco da tarde. Íamos em grupo. Para lavar? Sabão e lixívia para os lençóis brancos e deitava-os a corar (quarar ao sol). nunca passei fome. A mãe trabalhava todos os dias para nunca faltar nada para nós. Hoje há mais máquinas, mais comodidade, não há tanta exploração.”*

**Anabela:** *“Nunca passei dificuldade, sempre tinha como comprar o que precisava. O que mudou foi a comodidade, os equipamentos que a gente pode ter em casa.”*

**Auzenda:** *“A vida é melhor agora, come-se melhor. Tem manteiga e iogurte. Manteiga era só para o Natal. Rabinho de bacalhau e fazer com batatas. Andava descalça. O pai trazia sapatos de Lisboa, eu não estava acostumada e deitava-os fora. Ele comprava na Praça da Figueira, uns chinelos de trança, assim, como se fosse tamanco, sabe?”*

**Carla Lopes:** *“Não, não mudou nada, além da responsabilidade. Hoje sou mãe de duas filhas.”*

**Carla Sofia:** *“A vida mudou para melhor. Hoje eu tenho mais independência financeira e isto é muito importante. Desde que passei no concurso da Câmara a vida melhorou, e agora, ainda, casada, melhor.”*

**Carolina:** *“A vida melhorou, quer dizer, melhorou no conforto da casa. As pessoas, não. Antigamente existia mais amizade, hoje, há muita competição, ninguém ajuda ninguém. E fome a gente não passa.”*

**Dina:** *“A vida só tem mais comodidade, mas de resto é igual.”*

**Felipa:** *“É igual ontem e hoje. O problema está no que vejo: as pessoas passam valores falsos para os filhos: é o dinheiro que é mais importante. Quando eu trabalhava na loja de decoração, eu via gente comprando móveis todo ano, mas comiam sopa todo dia. Vendendo imagem! As pessoas são invejosas: uma sempre quer ter mais que a outra tem!”*

**Francelina:** *“Quem tá no convento é que sabe o que vai lá dentro!”* Iniciou com este provérbio. *“A vida melhorou, a casa está com tudo que precisa. A filha, que se separou do marido, decidiu comprar um apartamento para ir morar com sua filha, isto é muito bom, ensinei independência e ela aprendeu! O filho anda no embarque. Mas . . . o que lá vai, lá vai!”*

**Higina:** *“A vida melhorou, sim, senhora. Tive uma infância pobre. No natal, minha mãe, quando conseguiu, deu-nos uma boneca, e então tínhamos que brincar que a boneca era filha de todas as irmãs. Era assim. Hoje a gente ainda é pobre, mas tem conforto, comodidade. Tem mais liberdade e mais dinheiro também.”*

**Irene:** *“Nunca passei fome, tinha fartura. Mas tinha que cuidar do meu irmão o tempo todo, era como se eu fosse a mãe dele porque a mãe estava sempre na lida da pesca. Depois, tinha que cuidar da casa. E eu queria era ajudar meu pai. Era o que eu gostava de fazer. Agora, tenho um restaurante, e trabalho também o tempo todo. Há mais comodidade na vida, mas é só isso.”*

**Isabel Maria:** *“Hoje temos mais condições em casa. A vida não é fácil igual. A gente tem que viver a vida que temos! E tem que se cuidar porque no inverno não se vende nada, e temos que sustentar tudo do mesmo jeito.”*

**Lara:** *“As condições de vida passaram de razoáveis para boas.”*

**Maia Adelaide:** *“Era muito pobre. Eu só queria trabalhar, não podia pensar em estudar. Hoje não passo dificuldade. A casa teve melhorias, mas as pessoas mudaram. São falsas, são muito soberbas.”*

**Maria Antonia:** *“A mãe era um pouco ausente, eu é que fazia as tarefas de casa. Hoje a vida tem mais conforto. Mas o momento está bem difícil. Não quero falar, não quero pensar. Estar na vida, é o que quero.”*

**Maria da Conceição:** *“As condições de vida melhoraram. Agora é mais confortável. Agora tem mais dinheiro. A gente tinha que vender cem escudos para oito pessoas. Dia oito de setembro era o dia da roupa nova, dia da Nossa Senhora: as roupas eram dadas e sapatos também. As crianças andavam descalças e sem muita roupa, por isto tem dado tanta doença nos ossos! Hoje temos tudo!”*

**Maria da Nazaré:** *“Fome, nunca passei. Quando eu tinha oito anos, por causa das bonecas que o meu pai inventou e vendia muito, a família ficou bem. Depois o pai morreu de cancro e a vida mudou pra pior. Eu trabalhei muito. As condições hoje melhoraram e muito! Não tem nada a ver com outrora.”*

**Orlanda:** *“A vida mudou para melhor se a gente fala em casa, temos comodidades. Ficou mais fácil trabalhar.”*

**Rosária:** *“Antigamente tinha mais fome. Mas a vida mudou para pior: falta respeito, falta amor. Só existe pobre e rico, não há mais classe média.”*

**Teresa:** *“Minha família era muito pobre. Quando tinha um brinquedo era de todos, não dava para ter um pra cada um. A gente entendia. Depois, casei, e, em pouco tempo, minha vida piorou e muito. Agora, faz um quase um ano que consegui sair, e estou melhor, muito melhor. Fazendo um curso, acreditando que vai mudar e sozinha! Com meus filhos, que são a minha força. Trabalhando, vou chegar lá. Vou ter minha RAIS para conduzir o barco!”*

Os depoimentos coletados nos dão a certeza de que estamos diante de uma comunidade que, através dos frutos de seu trabalho, alcançou significativas melhorias e atualizações, especialmente no que diz respeito às comodidades proporcionadas pela tecnologia nos últimos anos. A introdução de equipamentos e aparelhos tecnológicos tem contribuído para simplificar as tarefas domésticas, permitindo que as mulheres, em particular, possam direcionar o tempo anteriormente dedicado a essas tarefas para outras atividades.



Essa modernização tecnológica não apenas facilita as atividades diárias, mas também possibilita um aumento da eficiência e produtividade no lar. Como resultado, as mulheres da comunidade têm mais tempo e liberdade para se envolverem em outras tarefas, como o desenvolvimento profissional, o engajamento comunitário ou o lazer. Essa transformação reflete não apenas um avanço tecnológico, mas também um progresso social e uma melhoria na qualidade de vida para as famílias e as mulheres de Nazaré.

No caso em estudo, nossas entrevistadas se beneficiaram da tecnologia como tantas outras mulheres no mundo ocidental. No entanto, elas também fazem uma reflexão sobre os impactos da globalização, que trouxe consigo uma sensação de saudade pelos valores humanos e amizades sinceras.

Os relatos das entrevistadas destacam uma simbiose entre os tempos passados e atuais, especialmente no que diz respeito aos sentimentos de amizade e sinceridade. Surpreendentemente, em todas as faixas etárias, houve um consenso de que é mais difícil acreditar nesses valores nos tempos atuais.

É importante ressaltar que essa comparação não foi induzida pela questão apresentada às entrevistadas. Elas próprias trouxeram à tona esses sentimentos e fizeram a correlação entre as condições materiais e as condições humanas, com seriedade e reflexão.

Um depoimento particularmente relevante é o de Felipa, a entrevistada mais jovem, que compartilhou suas observações enquanto trabalhava em uma loja de decoração na Nazaré. Ela destacou os valores que os pais estão transmitindo para seus filhos atualmente, enfatizando que esses valores são transmitidos não apenas por meio de discursos, mas principalmente por meio de atitudes. Esse testemunho ilustra a importância contínua dos valores humanos mesmo em um mundo cada vez mais globalizado e tecnológico.

### 6.11. Momentos marcantes pela dificuldade

Incrivelmente, a questão anterior, que não tinha esse propósito, fez um linque que deixou mais fácil a reflexão para a questão seguinte: *“Houve momentos críticos ou*

*díficeis (identifica um episódio marcante na vida familiar?) e o porquê de ser marcante?”*

Preferimos seguir na mesma ordem alfabética das entrevistadas para transcrevermos resumidamente as respostas obtidas para esta questão.

**Ana Cristina:** *“Precisava trabalhar para ajudar a família quando o pai faleceu. Me humilhei pedindo a todo mundo. Ninguém me ajudou, e eu só queria trabalhar, só precisava trabalhar.”*

**Ana Palmira:** *“Quando meu marido foi para Ultramar. Eu fiquei com meu filho de um ano e meio. Não tinha remédio. Só esperar os aerogramas que ele mandava.”*

**Anabela:** *“Momento difícil é quando um filho pede alguma coisa e não se consegue dar. Vira objetivo até conseguir.”*

**Auzenda:** *“A morte do pai. Ele era bacalhoeiro. Morreu no Canadá. Nem o corpo dele veio prá cá. A gente não tinha dinheiro para buscar. Foi muito triste.”*

**Carla Lopes:** *“A doença da minha filha, com dezassete meses. Os médicos disseram que ela não ia sobreviver, e eu pensei que ia morrer. Foi operada e já está com vinte e três anos. Ela está forte e linda!”*

**Carla Sofia:** *“A morte da minha avó. Eu sofri tanto, tanto. Ela ajudou a me criar, foi a minha mãe, de verdade. Uma amiga.”*

**Carolina:** *“A morte do meu filho, faz cinco meses. Eu cuidava dele desde uma cirurgia mal feita que deixou ele em cadeira de roda. Ele foi fazer uns exames, fizeram uma cirurgia e de novo, um erro, e meu filho se foi, com cinquenta anos. Eu era tão alegre, fazia as pedras da rua rirem, cantava fados da manhã à noite. Nunca mais canto fados. Rir? Do quê? A vida dá-nos, mas também rouba-nos.”*

**Dina:** *“A morte do pai e do sogro, de quem gostava muito.”*

**Felipa:** *“A separação dos pais, foi há treze anos, mas acho que ele ainda gosta dela. Não sei, ela não gosta mais dele, já tem um namorado. Eu fico no meio e não sei o que fazer. É muito ruim isso.”*

**Francelina:** *“A doença do meu marido. Ele ficou fora do trabalho, eu tinha que sustentar a casa sozinha. Depois, em 1980, morreu meu irmão, num acidente de carro. Nós tínhamos muita afinidade, ele é que me ajudava a criar meus filhos. Eu fiquei muito mal. Sofro até hoje a falta dele. Ano passado perdi minha irmã, depois meu cunhado.”*

**Higina:** *“A morte da minha avó. Fui criada por ela.”*

**Irene:** *“A morte do meu pai. Foi uma perda muito grande.”*

**Isabel Maria:** *“Falecimento do meu pai. Depois, agora, do meu irmão.”*

**Lara:** *“A falência da loja da mãe. O meu pai que deixou a EDP. Depois, a perda dos meus pais com um ano de diferença um do outro.”*

**Maia Adelaide:** *“O meu homem foi à costa e virou o barco. O vizinho veio me avisar. Pedi para ele me levar. Quando cheguei lá, achei que não ia ter forças, mas meu homem estava vivo. Agora ele se foi. Eu espero ir logo para o lado dele.”*

**Maria Antonia:** *Eu não quero falar. Não quero lembrar.”*

**Maria da Conceição:** *“A morte do pai. Ele ficou onze meses doente, com cancro no pulmão. Depois a mãe teve um AVC, mas ela já está andando.”*

**Maria da Nazaré:** *“A morte do pai. Dali para a frente a família se separou.”*

**Orlanda:** *“A empresa que faliu. Só consegui superar com a força dos filhos e muito, muito trabalho.”*

**Rosária:** *“O marido foi para Ultramar e fiquei com a filha pequena nos braços. Não sabia se ele ia voltar.”*

**Teresa:** *“A perda de dois irmãos, com quatro meses de diferença um do outro. O primeiro morreu num acidente. Depois, minha irmã morreu de cancro.”*

Por estes depoimentos, vemos que a maioria (dezenove entrevistadas) reconhecem momentos críticos ou difíceis ligados à perdas humanas, duas outras, trouxeram perdas financeiras igualmente.

Também aqui temos o fato histórico da convocatória para defender a colônia portuguesa como foi citado em duas ocasiões: a ida dos pescadores para a Guerra do Ultramar, na África (Angola, Guiné-Bissau e Moçambique), que terminou com o golpe de estado de 25 de abril de 1974, a Revolução dos Cravos, acabando com o salazarismo em Portugal.

## 6.12. Os sonhos dos pais

A questão seguinte tem o objetivo de conhecer a realização dos pais, e foi assim formulada: *“Acha que os seus pais realizaram os sonhos que tinham?”*

Nesta questão, observou-se uma unanimidade entre as entrevistadas, porém com uma perspectiva peculiar: todas elas mencionaram a família como o aspecto mais gratificante de suas vidas. Para elas, a verdadeira realização é ver seus filhos crescidos, trabalhando e seguindo suas próprias vidas.

De acordo com os parâmetros estabelecidos por elas, a realização de seus pais também é completa, uma vez que muitas delas já agregaram filhos à família original, e em alguns casos, até netos. Além disso, algumas entrevistadas estão se encaminhando para a formação de novos núcleos familiares que em breve incluirão bebês que estão em gestação.

Esses relatos destacam a importância central da família na vida das mulheres de Nazaré e refletem a felicidade e o orgulho que sentem ao verem seus filhos e netos crescerem e prosperarem. A família é percebida como uma fonte de alegria, realização e continuidade das tradições e valores familiares.

### 6.13. Fotografias

Queríamos também falar com as entrevistadas das lembranças perpetuadas através das fotografias, documentando momentos e fases importantes da vida familiar. Então pedimos: *Tem alguma foto da família antes do casamento?* Pedimos para descrever a foto e referir a importância que esses aspectos tiveram para o tipo de percurso que fez até constituir família?

É importante observar a idade média das entrevistadas no momento em que se casavam. As entrevistadas mais antigas geralmente se casavam muito jovens, e antes do casamento, as condições familiares eram frequentemente precárias. Na maioria dos casos, elas não tinham recursos para possuir uma câmera fotográfica, o que seria considerado um luxo impensável na época, muito menos contratavam um fotógrafo para registrar o momento.

Por esse motivo, apenas três entrevistadas mencionaram ter fotos de seus casamentos e puderam mostrá-las e descrevê-las. Curiosamente, essas três entrevistadas foram as mais jovens, o que reflete uma melhoria significativa nas condições financeiras atuais, permitindo-lhes esse "luxo" impensável no passado.

Um relato significativo é o de Felipa, a entrevistada mais jovem, que declarou:

**Felipa:** *“Lembro da foto da praia. Eu ainda a guardo. Fomos todos da família numas férias ao Algarve. Eu tinha cinco anos. Fomos todos: pai, mãe, outros quatro irmãos, avós, tios. A família toda reunida, momento maravilhoso, inesquecível.”*

**Figura 22**  
**Felipa em seu local de trabalho**



**Fonte:** foto da autora, março de 2018.

#### 6.14. Reflexões provocadas às nazarenas sobre si

130

Para concluir o percurso e trazê-las à atualidade, fizemos dois questionamentos com a intenção de provocá-las para refletirem sobre si, seu papel na família, na sociedade, na definição de sua vida.

**- Como se vê hoje diante da família? (liderança, poder, respeitabilidade) E como mulher, como se sente hoje? (realização pessoal, empoderamento, o que falta)**

**Ana Cristina:** “Olha, sou eu quem faz tudo! Então, sou importante, sim!” “Sim, em parte realizada: a casa está como eu queria! Tenho vizinho só no verão. Falta mesmo é um emprego, aí, sim!”

**Ana Palmira:** “Eu tenho filho com curso superior e quem ajuda sou eu! Então sou importante! Eu tenho poder, sim, senhora. Eu trabalho, quem mais colabora em casa sou eu. Se pudesse, largava essa vida, ia fazer outras coisas, mas é o que tenho. “ Sou feliz porque sou livre!”

**Anabela:** “Sou respeitável, sim. Tenho um filho de dezessete anos que ainda me pede licença para sair. Gosto do que faço: me dá liberdade de comprar o que quero.” “Me sinto realizada, meus filhos estão bem, têm tudo, e eu estou bem. Tenho um marido muito bom.”

**Auzenda:** *“Ora, pois! É sempre tudo comigo! Às vezes, quando surge um problema com o homem, ele pede: Vá lá, vá lá!” “Sou realizada, sim, meus filhos estão bem, e eu tenho saúde para seguir em frente!”*

**Carla Lopes:** *“Não sei, não sei se sou reconhecida.” “Me sinto realizada, tenho minha família, uma casa, tenho o que preciso.”*

**Carla Sofia:** *“Sou reconhecida, sou trabalhadora, uma mulher feliz.” “Sou uma mulher realizada, só faltam os filhos.”*

**Carolina:** *“Eu sempre fui a amiga dos meus filhos.” “Já fui, agora não, por causa do meu filho que se foi.”*

**Dina:** *“Sou reconhecida, sim, como amiga, como mulher, como tudo!” “Sou, sim, sou uma mulher realizada, tenho minha família, minha casa, meu emprego.”*

**Felipa:** *“Sou, no trabalho, com meu companheiro, me sinto amada.” “Sou feliz com o que tenho, um dia ainda tenho filhos.”*

**Francelina:** *“Sou reconhecida, sim, pelo meu trabalho, pela forma de ser, na família, tudo!” “Sou realizada: meus filhos estão encaminhados. São os filhos a nossa vida, e os netos, a nossa esperança!”*

**Higina:** *“Sou reconhecida sim, basta ver que, quem tiver aflito, com vontade de chorar, recorre sempre a mim! Sempre é tudo comigo!”. “Mais ou menos, gostava de ter a casa paga. É, estou realizada, sim, até aqui, mas sempre quero um pouco mais, eu não consigo me contentar com o pouco.”*

**Irene:** *“Se eu sou reconhecida? Sem mim, isso aqui não anda!” “Sou realizada, sim, tenho o que quero, minha família, meu trabalho, tenho tudo.”*

**Isabel Maria:** *“Ora, pois! Sou indispensável! Sou eu quem faz tudo!” “Realizada, sim, tenho o que quis ter.”*

**Lara:** *“Para minha família, eu sou uma menina feliz!” “Sim, sou realizada, mas a realização é um processo permanente, nunca está terminado. Como tal ainda tenho desafios e objetivos para alcançar”. “Reconhecida pela sociedade? Sim, e eu fiquei bem surpresa quando do falecimento de meus pais: vieram tantas pessoas para se solidarizarem comigo que eu não esperava de jeito nenhum. Portanto, sou reconhecida, com certeza.”*

**Maria Adelaide:** *“Sempre fui reconhecida, sim, uma mulher trabalhadeira, uma mãe amorosa. Uma mulher que amava seu homem.” “Realizada, sim, vendo meus filhos.”*

**Maria Antonia:** *“Reconhecida? Talvez!” “Realizada? Sim, consegui alcançar os meus objetivos.”*

**Maria da Conceição:** *“Sou muito valorizada, sim, senhora! Pelo meu marido e meu filho!” “Realizada, já tenho a casa para meu filho. Vai ser diferente com ele. Eu não tive nada, não herdei nada, meus pais não me deixaram nada, ele já tem!”*

**Maria da Nazaré:** *“Reconhecida por todos, pela família e todos que me conhecem! Cheguei onde queria!” “Olho prá traz e vejo que sou uma mulher realizada, sim, senhora! Se os meus filhos não vêm me ver, não tem problema, eu continuo aqui.”*

**Orlanda:** *“Sou reconhecida, sim, uma mulher corajosa.” “Realizada: consegui levantar meu negócio e cá estou novamente. Meus filhos, tudo muito bem.”*

**Rosária:** *“Reconhecida? Sim, uma mulher de trabalho, de respeito, uma boa mãe.”*  
*“Sou realizada, sim. Meus filhos fazendo o que gostam, estão bem na vida, e eu trabalhando, é o que importa.”*

**Teresa:** *“Sou reconhecida, sim, como uma mulher de coragem. E quero ir mais longe ainda.”* *“Realizada, enquanto mulher e livre. Mas falta um pouco mais. Eu vou alcançar!”*

Pelas respostas obtidas, observamos que apenas uma das entrevistadas não tem certeza se é reconhecida e pelo quê. No entanto, as demais expressaram segurança em relação ao reconhecimento, seja por parte da família, na maioria dos casos, ou através de seu trabalho, na comunidade a que pertencem.

Quanto à realização pessoal, todas as entrevistadas se referem à família e aos filhos, mesmo aquelas que ainda não os têm. A maternidade é considerada um objetivo de vida para muitas delas. Esse dado reforça a ideia de que a família é fundamental para as mulheres de Nazaré, seguindo um modelo tradicional em que o núcleo familiar é considerado o pilar da sociedade. Esse padrão reflete não apenas a importância da família em suas vidas, mas também a influência das tradições culturais e sociais na comunidade.

Ao considerar o conceito de autoestima e sua relação com o comportamento coletivo, podemos recorrer a uma citação de Simmel (2006), que afirma: "O caráter do comportamento coletivo não se situa no 'meio', mas sim no limite inferior dos participantes." Nesse contexto, o limite inferior dos participantes em nossa análise são as mulheres da amostra estudada, que nos fornecem perspectivas significativas para entender a sociedade de Nazaré como um todo.

Observamos que quase todas as entrevistadas declaram sentir-se valorizadas, o que indica uma consciência de reconhecimento não apenas dentro de suas famílias, mas também dentro da comunidade à qual pertencem. Esse fenômeno contradiz o princípio mais comumente observado no mundo ocidental nos últimos dois séculos, conforme descrito por Singly (2011):

*“A valorização direta dos recursos masculinos no mercado de trabalho pode na realidade encobrir uma mobilização de ambos os cônjuges, pondo-se a mulher ao serviço do sucesso do parceiro.”* (Singly, P.127)

Com base nas informações fornecidas até agora, fica claro que as mulheres de Nazaré não são dependentes de uma valorização indireta, pois são elas mesmas o centro desse reconhecimento. Portanto, a afirmativa anteriormente citada, de que o comportamento coletivo se situa no limite inferior dos participantes, não se aplica neste

caso. Pelo contrário, as mulheres de Nazaré estão no cerne da valorização em sua comunidade, o que reflete uma dinâmica social e cultural distinta daquela descrita pelo princípio citado.





## Capítulo VII - Origens sociais - outras dimensões da trajetória familiar e social

Este bloco de informações proporciona um mergulho nas memórias de infância e adolescência das entrevistadas, explorando aspectos que vão desde a composição de seus agregados familiares até a figura mais significativa em suas vidas. Além disso, solicita-se descrições detalhadas de suas moradias, incluindo comparações entre as condições físicas das residências anteriores e as atuais.

Essas informações são valiosas não apenas para compreender as experiências pessoais das entrevistadas, mas também para examinar mudanças ao longo do tempo em suas condições de vida e padrões de habitação. Isso pode oferecer insights importantes sobre desenvolvimento socioeconômico, transformações familiares e dinâmicas de comunidade na região de Nazaré.

Este bloco de questões aborda a ideia central do trabalho, seja ele remunerado ou não, incluindo o número de horas trabalhadas e o compartilhamento de atividades domésticas. No entanto, a parte fundamental desta pesquisa reside na investigação das relações de poder na sociedade de Nazaré, visando determinar se ela pode ser classificada como matriarcal ou patriarcal.

A partir dessas relações de poder, busca-se entender os elementos que compõem o *habitus* de Nazaré, incluindo a consciência das mulheres sobre sua própria liberdade. O bloco de questões também explora a sociabilidade das entrevistadas e sua participação em associações ou organizações de diversos tipos.

Essas questões fornecerão *insights* valiosos sobre a estrutura social e cultural de Nazaré, bem como sobre as percepções das mulheres em relação ao poder, liberdade e participação comunitária. Isso contribuirá para uma compreensão mais completa da dinâmica dessa sociedade e das experiências de suas habitantes.

### 7.1. Caracterização da trajetória familiar, em particular, depois do casamento

É interessante notar que, ao mudar o foco das perguntas para as relações amorosas das entrevistadas, todas elas demonstraram um comportamento perceptível de interesse e até mesmo de entusiasmo. Esse comportamento se manifestou através de sorrisos e olhares atentos, indicando uma disposição para compartilhar suas experiências pessoais.

Ao discorrerem sobre suas vidas relacionadas às suas uniões, as entrevistadas demonstraram uma notável sensação de conforto e familiaridade. Elas compartilharam detalhes de seus casamentos de maneira espontânea, como se estivessem conversando com alguém próximo ou conhecido, sem a necessidade de serem questionadas além das perguntas iniciais.

Essa reação revela não apenas a importância que as entrevistadas atribuem às suas relações amorosas, mas também a disposição delas para compartilhar suas histórias e experiências de vida. Esse nível de abertura e franqueza pode fornecer pistas valiosas sobre a dinâmica dos relacionamentos e das famílias na comunidade de Nazaré.

### 7.2. O escolhido, o ninho e os filhos

Começamos por descobrir o local que serviu de cenário para oportunizar a escolha do parceiro para a formação de sua família. Em seguida, preferimos perguntar numa sequência para transformar a resposta na real história, desde o conhecimento do seu escolhido até os dias de hoje. Foram questões diretas e em conjunto, permitindo que as entrevistadas compartilhassem sua jornada amorosa de forma completa e detalhada.

*- Como conheceu seu marido?*

*- E o que fazia o seu marido quando se casaram?*

*- O que fazia antes de se casar?*

*- Onde foram viver?*

*- Teve filhos? Quantos?*

Transcrevemos sumariamente as respostas:

**Ana Cristina:** *“Conhecemo-nos num baile, ele fazia sinal para ir dançar, e eu fui. Ele foi meu primeiro namorado. Casei com dezoito anos. O casamento foi a felicidade! Ele era pescador, agora tem um barco: é pescador por conta própria. A gente foi morar do lado da casa da mãe. Hoje a gente mora perto, agora a casa é nossa, não é mais alugada. A vida de casada tem mais responsabilidade. Tive dois filhos, dois homens. Eu só preciso ter um emprego para ter o meu dinheiro, de novo.”*

**Ana Palmira:** *“A sogra era colega da mãe. A gente se conhecia desde sempre. Tive dois filhos. Casei muito nova, quase criança. A vida não mudou muito. A gente faz o que sempre fez. Fomos morar na mesma casa, da mãe. Depois conseguimos nossa casinha, mas bem perto. Tivemos dois filhos, todos dois são homens. Meu marido há quatorze anos não trabalha.”*

**Anabela:** *“Eu conheci-o na praia. Ele era vendedor de loja de ferragem. Agora ele tem outro trabalho: é pedreiro. Criou um “Disque pedreiro”, onde contratam, ele vai. À noite ele atende e faz trabalhos nos finais de semana, ou quando dá. Tivemos dois filhos. Fomos morar perto da mãe. Tivemos dois filhos, um casal. A vida muda, sim, temos mais responsabilidades. Noutra encarnação quero ser homem! Como mulher, temos muito trabalho! Já estou a educar meu filho diferente: acorda, arruma a cama, faz o café dele, lava a roupa dele.”*

**Auzenda:** *“Ele era da Nazaré, mas vivia em Lisboa. Numa de suas vindas, começou o namoro. Casamos. Nunca me separei! Mas vontade não me falta. Tivemos dois filhos, um rapaz e uma rapariga.”*

**Carla Lopes:** *“Éramos vizinhos, e andávamos à escola também. Um dia, na praia, ele perguntou-se se eu sabia jogar à raquete. Começamos por aí. Ele já tinha uma casa, e fomos morar lá. Não era perto da casa da mãe. Mas não é tão longe assim. Temos três raparigas. A vida não mudou em nada para além da responsabilidade. Eu fazia o trabalho doméstico e faço ainda, só que agora a casa é minha! E tenho três filhas!”*

**Carla Sofia:** *“Nos conhecemos através do facebook. Quer dizer, a gente já se tinha visto na rua, no café, mas a gente nunca se falou antes. Daí fomos conversando, fomos nos conhecendo. Ele me convidou para tomar um café e eu fui. Casamos faz pouco, e só falta ter um bebê para completar a felicidade. Mudou a vida, sim, estou muito, muito feliz.”*

**Carolina:** *“A gente se conheceu a vida inteira, éramos vizinhos. Então a mãe não queria que ver a gente junto sem casar. Eu tinha dezesseis anos, ele também, e eu subi lá em cima. Falei com o padre, ele disse que custava dinheiro casar, eu falei que não tinha. O padre disse que precisava ter testemunha, eu fui à secretaria e pedi pr’os dois que li estavam servir de testemunhas. Pronto! Nos casamos. Eu tive meu filho com dezessete anos. E ele andava sempre comigo, no trabalho. A vida não mudou. Só quando ele foi para Ultramar, e eu fiquei com meu filho com nove meses e foi assim até ele fazer três anos, quando ele voltou d’Angola. Eu passei até fome. Ele voltou e foi ao embarque. Nunca mais passei fome. Ele ficava fora muito tempo, eu ficava no máximo dez dias com o marido à casa. Depois veio a filha. Um encanto. Linda. Maravilhosa. Meu homem morreu faz três anos. Agora perdi meu filho. Restou minha filha, uma filha de ouro! Meu filho levou com ele minha alegria.”*

**Dina:** *“Conheci meu marido desde sempre: éramos vizinhos. Um dia deu o clic. Casamos. Temos uma menina. A vida muda quando a gente é mãe. De resto, dá quase igual. Melhoraram as condições financeiras, com muito trabalho.”*

**Felipa:** *“Nos conhecemos na escola. Éramos muito amigos. Começamos a namorar. Brigamos. Eu fui a Leiria trabalhar e estudar. Nunca mais vi. Um dia ele voltou. Voltamos a namorar. Aí ele decidiu que vinha pr´aqui, e eu vim com ele. Moramos juntos, não casamos. Não temos filho, não dá ainda. Mas eu quero ter, quando der. Em julho vai fazer um ano que cá estamos.”*

**Francelina:** *“Então, conhecemo-nos na pastelaria onde eu trabalhava. Eu já o via, vivia mesmo ao pé de nós. Casei-me aos vinte anos, bem mais tarde do que toda a gente. Fui morar longe da família. Tive dois filhos, um rapaz e uma rapariga, a Neusa, que conheces, lá da Biblioteca. Meu filho anda ao embarque. Meu marido ficou doente e afastou-se do trabalho. Foram quatorze anos. Foi difícil, mas conseguimos superar e cá estamos. Vivi e vivo em prol dos filhos: são os filhos a nossa vida e os netos, nossa esperança.*

**Higina:** *“Meu marido era vizinho, também à escola andávamos. Casamos e temos um rapazola. Fomos viver perto da mãe. A vida está mais confortável. Estamos comprando a casa. A casa agora não é tão perto da mãe.”*

**Irene:** *“Ele estava morando no Canadá. Um dia ele veio. Conversamos. Ele voltou. Um dia chegou uma carta dele e eu pensei que ele queria alugar casa, mas a carta estava endereçada para mim. Começamos a nos escrever. Ele me pediu em namoro, eu não aceitei. Daí num dezembro ele veio. Falou com meu pai, disse que não queria namorar, ele queria casar. Conversou comigo, eu pensei e aceitei. Em janeiro nos casamos. O nome dele é Francisco, mas eu o chamo de Cica. Tivemos dois filhos: um rapaz e uma rapariga. A vida mudou, sim, abrimos o restaurante juntos. Trabalhamos muito, mas criamos nossos filhos e eles estão bem.”*

**Isabel Maria:** *“Meu marido era meu vizinho. Casei tarde, tinha vinte e três anos. Meu marido é embarcado, fica seis meses embarcado e dois meses em casa. Tivemos dois filhos, um casal. A vida mudou porque temos mais responsabilidade quando a gente é mãe. Eu tenho que trabalhar muito mais. Quero deixar uma vida boa para os meus filhos. Meus pais não me deixaram nada, para eles vai ser diferente, já disse isso?”*

**Lara:** *“Conheci o João desde sempre, das ruas, da escola da Nazaré, . . . mas o clique só aconteceu quando, numas férias, trabalhámos no mesmo restaurante de parentes nossos. Temos uma união de facto. Uma filha linda. A vida muda, sim, mas mudou para melhor, me sinto completa.”*

**Maria Adelaide:** *“Eu era muito bonita, mas ele também o era. Ele era lindo! A gente vivia perto, éramos vizinhos. Casei com quatorze anos menos três dias. A mãe disse que não queria eu assim dentro de casa sem casar. Então fui à igreja. Não tinha dinheiro para pagar e nem padrinho. Fui à taverna e pedi duas pessoas para irem como testemunha. O padre casou-nos. Pedi ao padre que me desse um papel para eu provar que estava casada. Voltei para casa com o papel na mão. Éramos muito pobres. A cama foi a vizinha que nos emprestou, e o colchão foi a outra vizinha. Era tudo emprestado. Três dias depois do parto, da Lucia, a primeira, eu já ia vender peixe. Um dia teve aqui um naufrágio, vieram me chamar, eu pensei que ia morrer. Um vizinho me levou prá ver. Eu nem queria ver. Mas ele não era um dos mortos. Ele chegou depois, sobreviveu! Vivemos casados até ao fim. Eu amava ele e ainda amo. Meu amor!”, disse isto e*

mostrou-me a foto dele que carrega no medalhão pendurado à corrente de ouro ao pescoço.

**Maria Antonia:** *“Conhecemo-nos na escola. Ele é pescador. Casei-me com quatorze anos. Sonhava em me libertar da minha mãe. Acabei ficando presa a uma responsabilidade maior. Tivemos quatro filhos. São três rapazes e uma rapariga. Divorciei-me com trinta e oito anos. Não aceito certas coisas. Casei de novo, com um homem do mesmo grupo de amigos, caminhoneiro. Também me divorciei dele. É assim. Se não dá certo, não dá certo. Morei sempre perto da família.”*

**Maria da Conceição:** *“Nós éramos vizinhos. Eu o conhecia daqui e da escola. Eu me apaixonei por ele, tinha dezessete anos. Nunca namorei. Esperei por ele, aí, quando eu já tinha vinte e quatro, ele percebeu e começamos a namorar. Fiquei grávida. A família queria saber de quem era a criança, eu falei. Aí a gente casou. Faz já vinte e três anos! Tivemos três filhos. Éramos pobres, nunca passei fome, mas a comida era sempre a mesma: sopinha e maçã, assim, meio podre, que a gente ganhava, até prá fazer suco”.*

**Maria da Nazaré:** *“Eu conheci eu marido desde sempre. Éramos vizinhos. Namoramos por quatro anos e só casei depois do pai falecer. Eu tinha vinte e um anos. Tivemos três filhos. Fui muito feliz com ele. Era um homem bom. E muito companheiro. Moramos sempre na mesma rua, e eu voltei para a mesma casa. Meus irmãos me trapacearam, venderam a fábrica de cerâmica e queriam a casa, eu não deixei. Fomos à justiça. Eu ganhei. E trabalhando dia e noite, consegui tudo de volta. Quando criança, a vida era muito difícil, depois, com as bonecas que eu pai vendia, eu tinha oito anos, tivemos um período muito bom. Aí meu pai morreu e ficou mais difícil. Casei, trabalhando muito e muito. A vida voltou a melhorar. Hoje estou bem, de novo.”*

**Orlanda:** *“Ele não era da Nazaré. Ele veio morar aqui com onze anos. Depois, ele freqüentava o mesmo café que meu pai freqüentava. Ele também era pescador, colega do meu pai. Eram amigos. Eu não gostava dele no começo. Meu pai dizia que ele era um homem bom. Ele vivia sozinho, eu apresentei uma amiga, e eles namoraram por um tempo. Ele teve um acidente de carro e eu cuidei dele. Daí conheci ele melhor, comecei a gostar dele. Ele sempre gostou de mim. Aí começou o namoro e casamos. Tivemos duas filhas. A vida era mais difícil, sim, hoje temos conforto. Temos tudo, mas trabalhamos muito.”*

**Rosária:** *“A gente era colega, mas não vizinhos. Eu me apaixonei à primeira vista. Foi num baile de carnaval. Casei com dezesseis anos. A vida era mais difícil. E piorou muito quando ele foi para Ultramar, fiquei com uma filha pequena nos braços. Depois, quando ele voltou, as coisas voltaram a andar. Tivemos três filhos, uma rapariga e dois rapazes. Hoje temos tudo, nossos filhos estão bem, mas imigrados: Bélgica, Inglaterra e Emirados. Voltam uma vez ao ano, fico tão feliz, os filhos todos à casa. É muito bom. Moramos sempre na mesma casa.”*

**Teresa:** *“Casei-me ainda muito nova, e tive a minha filha cedo. Ele trabalhava como vendedor numa loja e à noite, ia à pesca. Sim, tinha dois trabalhos. Depois, meu marido andou à bebida, ficou agressivo. Não era mais o homem com quem casei. Fiquei grávida novamente. Ele foi internado, foi fazer um tratamento e os remédios que lhe deram desencadeou um problema novo: ele ficou viciado. Piorou a agressão na sua volta. Minha vida era um inferno. Não passava fome, nem dificuldade, mas não quero nem lembrar de tudo o que passei. Faz um ano, quase, consegui fugir de casa com meus dois filhos: eles quiseram me acompanhar! Foi tão bonito! Vivi até então na mesma rua. Agora estou longe, estou feliz de novo, começando do zero, com um emprego novo, com meus filhos perto, feliz. E tenho um amor de verdade, um colega do meu ex marido, que*

*sempre me admirou. Um grande amigo, me ajudou e me ajuda em tudo, um parceiro. Finalmente! Só falta terminar o curso para ter meus documentos e tentar a pesa em alto mar. Vou com ele.”*

Pelos relatos apresentados, fica evidente que as entrevistadas escolheram formar seus novos lares com pessoas pertencentes ao mesmo círculo social ou comunidade. Em muitos casos, os parceiros escolhidos eram vizinhos ou colegas de escola, o que garantia um conhecimento prévio de suas origens e histórias.

A exceção a essa tendência foi o caso de Orlanda, cujo parceiro não era originário de Nazaré. No entanto, ele já tinha vínculos estreitos com a comunidade, sendo colega do pai de Orlanda e frequentador do mesmo ambiente social. Além disso, sua atuação prestativa em um momento de necessidade contribuiu para que a família de Orlanda confiasse plenamente nele.

Esses padrões de escolha de parceiros refletem a importância da proximidade social e do conhecimento mútuo na formação dos laços conjugais em Nazaré.

Essas observações são crucialmente importantes para melhor compreender o contexto social de Nazaré. Trata-se de uma comunidade situada em uma praia portuguesa, frequentada majoritariamente por turistas europeus. Apesar das oportunidades de estabelecer relacionamentos com estrangeiros, as entrevistadas afirmaram não ter conhecimento de nenhum caso de casamento com turistas.

Essa constatação indica que, mesmo diante das influências externas do turismo, as mulheres de Nazaré têm preferido escolher parceiros dentro de sua própria comunidade. Além disso, muitas delas possuem laços de parentesco com seus parceiros, sugerindo a presença de um clã dentro da comunidade.

É notável também que a escolha dos parceiros foi exclusivamente feita pelas mulheres, sem interferência externa. Mesmo enfrentando críticas por parte de suas mães, elas perseveraram em seus relacionamentos e afirmaram suas escolhas independentemente da aceitação materna.

Por outro lado, em relação à prole, observamos uma divergência. As mulheres de Nazaré, incluindo as mais antigas, não seguiram o modelo de famílias numerosas de suas mães. Essa mudança de padrão reprodutivo pode indicar uma adaptação às mudanças sociais e econômicas ao longo do tempo. A que teve mais filhos foi a Maria Antónia, com quatro filhos e todos do primeiro casamento.

Ora, trazendo um quadro com o número de filhos, podemos verificar especificamente a prole das nossas entrevistadas:

**Tabela 7: Número de filhos das entrevistadas**

Nome:	Idade(2018)	Filhos:
1. Ana Cristina	48	2 (Dois homens)
2. Ana Palmira	68	2 (Dois homens)
3. Anabela	49	2 (Uma mulher; um homem)
4. Auzenda	75	2 (Uma mulher; um homem)
5. Carla Lopes	45	2 (Duas mulheres)
6. Carla Sofia	34	0
7. Carolina	71	2 (Uma mulher; um homem)
8. Dina	43	1 (Uma mulher)
9. Felipa	27	0
10. Francelina	62	2 (Uma mulher, um homem)
11. Hígina	46	1 (Um homem)
12. Irene	57	1 (Uma mulher; um homem)
13. Isabel Maria	54	2 (Uma mulher; um homem)
14. Lara	38	1 (Uma mulher)
15. Maria Adelaide	80	3 (Tres mulheres)
16. Maria Antonia	58	4 (Uma mulher; tres homens)
17. Maria da Conceição	55	3 ( Tres homens)
18. Maria da Nazaré	75	3 ( Tres homens)
19. Orlanda	48	2 (Mulheres)
20. Rosária Parreira	61	3 (Uma Mulher; dois homens)
21. Teresa	49	2 (Uma mulher; um homem)
Total de mulheres com filhos: 19 mulheres		Total de filhos: 40

o considerar apenas as mulheres que tiveram filhos em nossa amostra, temos um total de dezenove participantes que experimentaram a maternidade. Somando o número de filhos que essas mulheres tiveram, chegamos a um total de quarenta crianças. Isso resulta em uma média de pouco mais de dois filhos por entrevistada (Média = 2,105).

Comparando esses dados com os índices oficiais de fecundidade em Portugal, os números se assemelham aos registrados no ano de 1980, quando o índice sintético de fecundidade foi de 2,21 crianças por mãe. Portanto, podemos concluir que o índice de natalidade observado entre nossas entrevistadas, considerando a idade em que a maioria casou e teve seu primeiro filho, não é superior ao índice geral em Portugal. Isso é evidenciado pelo fato de que quatorze das entrevistadas tiveram de um a dois filhos, refletindo uma tendência semelhante à média nacional.



É interessante notar que apenas quatro das entrevistadas tiveram três filhos, enquanto uma entrevistada teve quatro filhos.

Em relação à curiosidade sobre se o casamento trouxe melhorias nas condições sociais das entrevistadas, os relatos até o momento indicam que a vida das mulheres não mudou significativamente após o casamento. Tanto em relação ao trabalho doméstico não remunerado quanto ao trabalho remunerado, as condições permaneceram essencialmente as mesmas após o casamento.

Um dado relevante que surgiu na pesquisa foi a resposta de uma das entrevistadas sobre a questão da mudança após o casamento:

**Isabel Maria:** *“Dia de casamento é um dia como outro qualquer! Nunca se sabe até quando! Não se sabe!”*

É interessante observar que, na maioria dos casos, os maridos das entrevistadas permanecem no mesmo trabalho de sempre, com algumas exceções notáveis. Por exemplo, o marido de Anabela, que inicialmente era vendedor de loja, mudou para o ramo da construção civil, criando o serviço de "Disque Pedreiro". Da mesma forma, o marido de Irene, que trabalhava em uma fábrica de peixe no Canadá, agora é proprietário de um restaurante junto com ela.

Essas mudanças nas carreiras dos maridos demonstram uma capacidade de adaptação e empreendedorismo dentro do contexto familiar. No entanto, é interessante notar que a maioria das mulheres, cujos pais eram pescadores, escolheu seus maridos entre aqueles que tinham a mesma profissão que seus pais, mantendo assim uma continuidade no mesmo grupo social e profissional. Essa escolha reflete não apenas a proximidade social e geográfica, mas também uma certa estabilidade e familiaridade com o estilo de vida ligado à pesca.

A análise das novas moradias após o casamento revela indícios de matrilocalidade, pois a maioria das entrevistadas passou a residir em uma construção que se adequou à nova situação na própria casa dos pais ou em propriedades próximas. A expressão "casa da mãe" foi comumente utilizada por elas para se referirem à residência após o casamento, indicando uma forte ligação com a família materna.

Essa escolha de moradia próxima à família materna pode sugerir uma preferência por manter os laços familiares próximos e uma continuidade das relações sociais e de apoio dentro da comunidade. A proximidade física com a família pode facilitar o acesso a recursos e suporte emocional, o que pode ser especialmente importante em contextos tradicionais como o observado em Nazaré.

### 7.3. As dificuldades

No tocante às dificuldades e seu enfrentamento, fizemos duas questões sequenciais e interligadas:

**- *Quais as principais dificuldades que enfrentou ao longo da sua vida depois de casada? - Como as ultrapassou?***

**Ana Cristina:** *“Aumento das responsabilidades. A perda do emprego: eu limpava e arrumava um hotel. O turismo diminuiu e me mandaram embora. Estou ultrapassando, devagar, fazendo as redes, é o que tenho.”*

**Ana Palmira:** *“Dificuldade? Quando meu marido foi para Ultramar, eu não sabia se ele voltava, vivo ou morto. Eu tinha filho pequeno. Não tinha jeito, só esperar.”*

**Anabela:** *“Nunca passei dificuldade, não que me lembre.”*

**Auzenda:** *“Meu marido pescava bacalhau. Não era como hoje, era só cartas. Ficava uma semana ou mais esperando notícias. Por duas vezes o barco foi ao fundo. Numa das vezes ele ficou perdido por três dias, um navio russo o encontrou e o trouxe de volta. Eu pensei que ele tivesse morrido. Foram dias de angustia. Passou.”*

**Carla Lopes:** *“Minha filha aos dezessete meses foi desenganada, poucas chances de vida, foi operada, como já lhe falei. Superei com a família e meu marido me dando coragem. Minha filha está uma bela rapariga!”*

**Carla Sofia:** *“Foi há pouco. Faleceu minha madrinha. Éramos muito próximas. Estou ainda superando com a ajuda dos familiares e do meu marido.”*

**Carolina:** *“Primeiro, foi quando meu marido foi para Ultramar. Fiquei com filho pequeno. Passei maus bocados passei até fome. Superar? Não tem jeito, é espera. Agora, a perda do meu filho. Não vou superar nunca mais. Minha filha tenta me ajudar, mas a dor não tem fim.”*

**Dina:** *“Como já falei, perdi o meu pai e o meu sogro. Eu gostava do meu sogro como se fosse meu pai, perdi os dois. Minha família me apóia com a minha dor.”*

**Felipa:** *“Ainda não passei nenhuma dificuldade.”*

**Francelina:** *“A doença do meu marido, e foi um longo período! Superei porque, nos momentos em que podia, eu saía para me divertir, me diverti muito para extravasar.”*

*Meu irmão, o que morreu, é que me ajudava conversando comigo. Ele me compreendia muito. Superei com persistência, com coragem, com força!*

**Higina:** *“A perda da minha avó. Fui criada por ela. Meu marido tem me ajudado, minha família. Até meu filho quando eu choro vem me abraçar.”*

**Irene:** *“Meu marido queria voltar para o Canadá. Em julho do ano seguinte ao nosso casamento nós fomos. Ficamos na casa dos primos dele. Eu não gostei. Fomos em julho e voltamos em setembro. Foi difícil, mas ele entendeu.”*

**Isabel Maria:** *“A morte da minha irmã. Morava comigo fazia um ano. Morreu de cancro. A família e o trabalho me ajudam a superar.”*

**Lara:** *“A perda da mãe, a perda do pai, é difícil. E por fim, perdi uma tia com quem passei muitos dias da minha infância. Meu marido e minha filha me dão força.”*

**Maria Adelaide:** *“A morte do meu amor. Não vou superar. Falta pouco para ir ter com ele.”*

**Maria Antonia:** *“Tive momentos muito ruins, mas não quero falar. Eles voltam, sabes?”*

**Maria da Conceição:** *“Nascimento da minha netinha, é a primeira, tão linda. Minha nora brigou e não me deixa ver a minha netinha. Vou brigar. Ela mora numa casa que é minha! e eu não posso ver minha netinha! Dói tanto! Vou à justiça, não sei.”*

**Maria da Nazaré:** *“Separei-me duas vezes do meu marido. A primeira vez foi ele que me deixou. Estávamos deitados até às onze horas, ele levantou-se e foi. Não voltou. Eu gastei doze contos com a arrumação da casa. Só o jogo americano eu vendi por oito contos (móveis). Ele não gostou do que eu fiz, peguei as roupas dele e ele foi-se. Eu não sabia, mas estava grávida. Também não falei a ele. Escrevia-me cartas e eu não lhe respondia. Foi num abril, ao cabo de seis meses, fui ao mercado, e no elevador<sup>24</sup>, ele me encontrou e disse-me que queria voltar. Levou-me a conversar até à casa. não o deixei entrar e disse-lhe: Se queres vir, pega tuas coisas e amanhã na mesma hora, no elevador, vens ter comigo. Ele estava lá no outro dia e veio comigo. Nunca mais nos separamos.”*

**Orlanda:** *“Quando a primeira empresa que tive faliu, era meu sonho. Eu fiquei muito mal. Meus filhos me deram a maior força. Diziam-me para levantar a cabeça, não desistir. E cá estou eu na nova loja.”*

**Rosária:** *“Como já lhe disse, foi quando meu marido foi para Ultramar. Fiquei com filho pequeno. Superei com a ajuda da família. Tinha que esperar, não havia nada a fazer.”*

**Teresa:** *“O momento mais difícil foi na serra, em 2009. Ele espancou minha filha. Aí, sim, eu pensei que ia fazer uma loucura. Fiquei apavorada. Foi quando eu vi que não tinha mais jeito mesmo. Eu nunca soube direito quem ele era, ainda não sei. Mas agora tanto faz. Casei com um homem e, um tempo depois, eu tinha outro, depois outro, não sei . . . não sei na verdade quem é ele. Só sei que passou. Superei quando consegui fugir de casa com meus dois filhos. Eu falei a eles que ia embora, perguntei-lhes se eles ficavam com o pai ou vinham comigo. Os dois vieram e eu fiquei muito, muito contente. Hoje estou feliz. Muito feliz.”*

---

<sup>24</sup> “Elevador” a que as entrevistadas se referem é o teleférico que vai por via de trilhos à parte alta da vila, chamada de Sítio.

Pelos relatos apresentados nas transcrições, torna-se evidente a imensa importância dos laços familiares para todas as entrevistadas. As perdas mencionadas por vinte delas foram principalmente perdas humanas, envolvendo familiares como pais, sogros, madrinhãs, avós e filhos, destacando a profundidade dos vínculos familiares.

É notável que apenas uma entrevistada mencionou como um momento difícil a sua falência nos negócios. No entanto, todas as entrevistadas, sem exceção, relataram ter superado ou estarem em processo de superação desses desafios, e destacaram unanimemente o apoio recebido da família nesse processo.

É interessante notar que, nos depoimentos, não houve menção a ajuda ou apoio de amigos; em vez disso, todas destacaram o papel crucial da família em fornecer suporte emocional para enfrentar as dificuldades ao longo de suas vidas. Isso ressalta a forte coesão e solidariedade familiar presentes na comunidade de Nazaré, onde os laços familiares desempenham um papel central no enfrentamento e na superação de adversidades.

#### 7.4. Valores fundamentais para educação dos filhos

Na seqüência do bloco que se refere à caracterização da trajetória familiar, tivemos a curiosidade de saber sobre a transmissão de valores recebidos pelos pais e repassados a seus filhos, e, inclusive, se o pai foi, ou é, presente na educação dos filhos, da seguinte forma enunciadas as perguntas:

***- como educou os seus filhos? - O pai (o seu marido) conseguiu estar presente na educação dos filhos?***

Estas perguntas têm como objetivo investigar como os valores familiares são transmitidos ao longo das gerações, bem como o papel dos pais, especialmente dos pais homens, na educação e formação dos filhos.

**Ana Cristina** – *“Com os hábitos dos meus pais: acordar cedo, trabalhar. Responsabilidade. Honestidade. O pai, pescador, pouco ficava em casa. Era tudo comigo.”*

**Ana Palmira** – *“Honestidade, responsabilidade. O pai andava ao mar, eu é que tinha que educar todos os dias.”*

**Anabela** - *“Os filhos? Para pedir é com a mãe. Posso ir? Posso fazer? Ah! Isso é com o pai. Respeito, honestidade. Sim, meu marido esteve sempre junto, mas a educação maior é a mãe quem dá.”*

**Auzenda** - *“O ensinamento quem dá é a mãe! O pai, pescava bacalhau na Fragata Dom Fernando. O que eu passei prá eles? Responsabilidade, trabalho! Tem que ser honesto, tem que trabalhar!”*

**Carla Lopes** - *“Passo para os meus filhos, educação, sinceridade, honestidade. Sou eu quem educa, sim! O pai é pescador, não fica tanto tempo em casa.”*

**Carla Sofia** - *“Ainda não tenho filhos. Quero educá-los como fui educada, com respeito, com amor, com educação. Meu marido vai ensinar também! Tem que ser!”*

**Carolina** - *“Eu os ensinei a trabalhar, a respeitar, a serem honestos. Era só comigo. Meu homem vivia ao mar.”*

**Dina** - *“Eu passo os meus valores: amor, educação, tratar bem as pessoas, ser honesto, trabalhar, essas coisas . . . meu marido também ajuda.”*

**Felipa** - *“Ainda não tenho, quando tiver, claro que vai ser com amor, com respeito, com simplicidade, valorizando as pessoas, a vida, enfim . . . e o pai vai ensinar o mesmo.”*

**Francelina** - *“Mulher de pescador é pai e mãe! O que tem a fazer? Educar os filhos. Com segurança, com firmeza, com honestidade.”*

**Higina** - *“A educação mesmo é com a mãe. Pai pescador não fica disponível, e nem disposto! Eu passo respeito, principalmente, honestidade, tem que estudar prá ser alguém. Tem que ser honesto! É isso.”*

**Irene** - *“Meus filhos foram educados maior parte por mim, mas o Cica também educou. Eles são pessoas trabalhadoras, honestas, têm respeito, são bons filhos, me orgulho deles.”*

**Isabel Maria** - *“O meu marido está sempre embarcado, então eu é que criei os filhos e eduquei. Os princípios? Honestidade, principalmente, trabalhar sempre, respeito.”*

**Lara** - *“Educo minha filha com diálogo. O João também faz o mesmo.”*

**Maria Adelaide** - *“O meu homem ao mar, eu tinha que criar as filhas. Fui educando do meu jeito, com honestidade, com trabalho, tratando todo mundo igual, é, com respeito. Deu certo.”*

**Maria Antonia** - *“A educação dos meus filhos foi sempre comigo: eu é que orientava tudo.”*

**Maria da Conceição** - *“Ah! Educação dos filhos é com a mulher, ainda mais quando o marido vive embarcado! Fui eu que eduquei meus filhos, do meu jeito, com respeito, com honestidade.”*

**Maria da Nazaré** - *“Sempre fui eu quem educou os filhos. Sozinha, porque o pai não se metia. Ensinei que tinham que trabalhar, que ser honestos, que tinham que cumprir com as coisas, essas coisas que eu aprendi.”*

**Orlanda** - *“Nós dois educamos os filhos. Ensinamos nossos valores: trabalho, amor, compreensão, família é importante, a gente precisa uns dos outros.”*

**Rosária Parreira** - *“Eu é que mais ensinei. Meu marido trabalha muito. Eu ensinei o respeito, o trabalho, a educação, o amor, e acho que fiz bem.”*

**Teresa** – *“A educação dos filhos foi sempre só comigo. Ainda é. Eu passo a honestidade, a confiança, o amor que nos une, tem que ter educação, essas coisas para formar pessoas de bem.”*

É interessante observar que, de acordo com os relatos, a responsabilidade pela educação dos filhos continua sendo predominantemente atribuída às mães. No entanto, é notável que algumas entrevistadas compartilham essa responsabilidade com seus maridos, enquanto outras ainda não têm filhos, mas já contam com o apoio de seus parceiros para futuramente educá-los.

Destaca-se que a honestidade é unanimemente identificada como um valor muito importante a ser transmitido aos filhos, assim como o trabalho, que é considerado constante e essencial por todas as entrevistadas. Além disso, outros valores como sinceridade e educação no trato com os outros também são mencionados como elementos básicos nos ensinamentos passados às crianças. Esses aspectos demonstram a continuidade de uma valorização sólida desses princípios na formação das novas gerações.

É compreensível que muitos pais, especialmente aqueles envolvidos na pesca, não estejam tão presentes na educação dos filhos devido às demandas e responsabilidades de sua profissão. A atividade pesqueira não se resume apenas ao ato de pescar no mar; há todo um processo de retorno à terra firme que consome tempo significativo. Desde levar o peixe ao armazém, revisar o equipamento utilizado, lidar com reparos nas redes e embarcação, até questões logísticas como o abastecimento de combustível, essas tarefas consomem longas horas e afastam os pescadores de suas famílias com frequência.

Além disso, quando um pescador é embarcado em companhias de pesca, sua ausência prolongada se torna ainda mais pronunciada. Esses trabalhadores podem ficar meses fora de casa, com apenas alguns dias disponíveis para visitar a família. Essa realidade reflete os desafios enfrentados pelas famílias que dependem da pesca como principal fonte de sustento, contribuindo para uma menor presença dos pais na educação cotidiana dos filhos.

## 7.5. Verificando e comparando a hereditariedade

Dando seqüência, foram formuladas questões relacionadas aos filhos, como as mães os veem hoje sob o aspecto de comparação com a sua vida na idade que eles possuem hoje:

**- O que fazem hoje os seus filhos? – Acha que têm uma vida melhor que a que teve? - Por quê?**

**Ana Cristina** – *“Um dos meus dois filhos trabalha em Leiria. O outro, é strongman, é o Fabio Maranhão. Ele vai a competições, inclusive no exterior, representando Portugal. Só que nem a bandeira ele conseguiu. Tem pouco patrocínio, não dá nem para a alimentação dele. Eu tenho orgulho dos meus filhos. Eles têm uma vida melhor que a minha, com certeza! Eles têm tudo o que querem!”*

**Ana Palmira** – *“Consegui formar meu filhos com meu trabalho. Mas hoje ainda, quando precisam de alguma coisa, eu dou a eles. Claro que a vida deles é melhor que a minha! Eles nunca passaram nenhuma necessidade! Estão formados!”*

**Anabela** – *“Os meus filhos estão estudando. Minha filha já faz mestrado em Castelo Branco, meu filho, ano que vem. Eles nunca tiveram nenhuma dificuldade, Vivem com simplicidade, mas têm tudo!”*

**Auzenda** – *“Meus filhos já têm suas famílias, eu já tenho netos. A vida deles é muito melhor do que foi a minha. Eu nunca deixei faltar nada a eles.!”*

**Carla Lopes** - *“Minhas filhas estudam. Têm mais do que eu tive na idade delas.”*

**Carla Sofia** – *“Ainda não os tenho, mas terão o que eu puder dar-lhes do melhor.”*

**Carolina** - *“Meus filhos tiveram uma vida um pouco melhor do que a minha na infância, mas agora, minha filha tem uma vida muito melhor. Meu filho, pobrezinho, não teve sorte. Separou-se da mulher e veio para a minha casa. Adoeceu, e aconteceu tudo que já lhe falei.”*

**Dina** – *“Minha filha tem uma vida melhor que a minha. Tento dar a ela o que ela precisa.”*

**Felipa** - *“Não tenho filhos ainda, mas quero tê-los. Quero dar a eles uma infância muito natural, à beira da praia, brincando no mar, saudáveis, sem luxo, uma vida simples, com valores reais.”*

**Francelina** - *“Com certeza eles têm uma vida melhor do que eu tive! Começaram a trabalhar já adultos, puderam estudar. Hoje minha filha trabalha na Biblioteca da Cidade e o meu filho está embarcado, fazem o que gostam. Tenho uma neta. Às vezes ele vem pedir-me para completar o dinheiro do lanche. No meu tempo, a gente nem sabia o que era isso! Imagina! Mal tinha pra comer! E eu fico olhando . . . que bom que é hoje!”*

**Higina** - *“Meu filho estuda. Claro que a vida dele é bem melhor do que a minha! Eu não tinha roupa nova, só ganhava roupa usada! Um boneco, no natal, era dividido pelas três irmãs. Ele tem o que pede e é só dele. Tem roupa comprada na loja.”*

**Irene** – *“Meus filhos tiveram mais estudo do que eu, puderam estudar. Hoje têm tudo, e eu fico feliz de poder ter dado o que dei a eles.”*

**Isabel Maria** – *“Meus filhos nunca passaram necessidade. E hoje, cada um deles já tem sua casita! Eu não tive. Não tinha herança, mas eles já têm! E puderam estudar mais. Eu continuo trabalhando aqui até quando tiver forças, eu ainda quero mais para mim e para eles.”*

**Lara** – *“Minha filha tem os pais mais próximos dela. Ela é uma menina, estuda.”*

**Maria Adelaide** – *“Minhas filhas, hoje, estão melhor do que eu na idade delas, mas é que a vida mudou, ficou mais fácil. Elas não passaram fome, eu muito trabalhei para dar a elas uma vida melhor. E elas têm casa delas. Uma delas trabalha aqui, comigo. Eu venho sempre que posso, mas ando doente.”*

**Maria Antonia** – *“A vida deles é melhor, com certeza. Eu estou sempre presente na vida deles. Eles estão bem, graças a Deus!”*

**Maria da Conceição** – *“Eu tenho certeza de que a vida deles é bem melhor do que a minha! Eu passei muito trabalho, eles não passaram. Hoje é que o meu filho mais novo ficou no desemprego. E agora ele tem uma filhinha. Não sei, não sei. A vida não ta fácil. Não há emprego! Essa é a dificuldade, mas não falta nada a eles, não! E ainda têm a casa e hei de comprar mais uma ainda! Cada um vai ter a sua casita!”*

**Maria da Nazaré** – *“A vida deles sempre foi melhor do que a minha. Eu só não deixava eles saírem à noite, isso, não! Sempre à volta de mim. Hoje estão com suas famílias. Tenho um netinho que adoro, mora na casa ao lado da minha, a do meu filho. É o Samuelzinho. Eles têm tudo. E tem a mim, se precisarem.”*

**Orlanda** – *“A vida deles é diferente, são outros tempos. Eles estudam. Me ajudam também, quando eu preciso e eles podem (na peixaria). A minha filha já está no mestrado. Meu filho se forma este ano. Vão seguir seus caminhos.”*

**Rosária Parreira** – *“Eu tenho certeza que a vida deles é melhor que a minha já foi. Hoje estão imigrados, não tinha emprego prá eles aqui. Minha filha está na Bélgica. Um filho está nos Emirados e o outro conheceu uma rapariga inglesa aqui na vila e depois, foi ter com ela na Inglaterra e lá está a trabalhar. Estão todos bem. Longe, mas estão bem. Por ocasião do natal eles voltam todo ano, e é muito bom. Tenho a família reunida de novo em casa.”*

**Teresa** – *“Na parte material, os meus filhos tiveram uma vida melhor que a minha. Mas eu tive só a minha mãe, mas não vi agressão nenhuma na infância. Isto é ruim. Minha filha está estudando e o meu filho também. Tenho certeza de que a vida vai sempre ser melhor prá eles.”*

É interessante observar como a educação desempenha um papel significativo nas escolhas profissionais e na trajetória de vida das filhas das entrevistadas. A melhoria nas condições educacionais, com escolas que oferecem oportunidades para estudos até o nível universitário e melhores acessos aos meios de transporte, contribui para que as filhas possam fazer escolhas mais diversificadas em relação às suas carreiras.

Embora apenas uma das entrevistadas tenha uma filha que segue sua profissão, é importante notar que cada indivíduo tem sua própria jornada e interesses pessoais. A



educação ampliada pode abrir portas para uma variedade de opções de carreira, permitindo que as filhas sigam seus próprios caminhos, mesmo que não sejam os mesmos que os de suas mães. Essa diversidade de escolhas reflete a evolução das oportunidades e perspectivas para as gerações mais jovens na comunidade da Nazaré.

É notável como o desenvolvimento educacional e o crescimento da infraestrutura escolar ao longo das últimas décadas têm impactado positivamente a comunidade da Nazaré. O aumento no número de escolas, especialmente em áreas mais povoadas, proporciona maior acesso à educação e mais oportunidades de estudo para as crianças e adolescentes.

Além disso, o comprometimento dos pais com a educação de seus filhos reflete uma mudança de mentalidade em relação à importância do ensino para o futuro das gerações mais jovens. Essa priorização da educação pode resultar em melhores perspectivas de vida e oportunidades de emprego para os filhos, representando uma evolução em relação às experiências que muitas das entrevistadas tiveram em sua própria infância, onde o trabalho muitas vezes era uma necessidade para garantir a sobrevivência.

É interessante considerar as possíveis consequências dessas mudanças na vila da Nazaré, especialmente em termos de desenvolvimento socioeconômico e cultural. A educação é frequentemente um catalisador para o progresso em uma comunidade, capacitando os indivíduos a contribuir de maneira mais significativa para a sociedade e a buscar oportunidades de crescimento pessoal e profissional.

## 7.6. Memórias atuais para a posteridade

***- Tens fotografias expostas em casa? De quem? Do quê? Comenta alguma que lembres.***

Esta foi a questão que lhes fizemos para ver como tratam suas ocasiões especiais e a preocupação com a história para a posteridade. É interessante observar como a disponibilidade de tecnologia, como câmeras fotográficas e celulares, influenciou a maneira como as pessoas registram e celebram suas ocasiões especiais. Anteriormente considerados artigos de luxo, esses dispositivos agora são amplamente acessíveis e fazem parte do cotidiano das pessoas, permitindo que capturem e preservem momentos

importantes de suas vidas de maneira mais fácil e acessível. Essa mudança tecnológica tem impactos significativos na preservação da história e da memória das famílias. As fotografias e vídeos tornam-se registros tangíveis de momentos significativos, permitindo que sejam revividos e compartilhados com as gerações futuras. Além disso, a facilidade de captura e armazenamento de imagens facilita o cultivo de um senso de identidade e pertencimento, à medida que as pessoas documentam e compartilham suas experiências e tradições familiares.

**Ana Cristina** – *“Tenho. A mais linda é a do meu casamento. Foi a felicidade! Fui penteada pelo melhor cabeleireiro da praia – o Zezinho! As alianças foram comprada pela mãe – os padrinhos não as compraram. O fato do casamento foi comprado na melhor loja daqui. Eu estava linda! Gosto de ver aquela foto.”*

**Ana Palmira** – *“Tenho fotos dos meus filhos já crescidos, agora dos meus netos. Gosto de ver a família.”*

**Anabela** – *“Tenho foto dos filhos. Meus amores. É bom vê-los ali, ainda pequenos. Depois, já grandes. É a vida.”*

**Auzenda** – *“Foto? A gente não tinha foto. Só quando um turista vinha, tirava uma fotografia e no ano seguinte, trazia de recordação prá nós. Depois, dos filhos, já as tenho. Outros tempos. Agora, dos netos.”*

**Carla Lopes** – *“Fotos do casamento, das filhas. É lindo ver!”*

**Carla Sofia** - *“Tenho foto do nosso casamento. Quero ter dos meus filhos. Ver a família crescendo.”*

**Carolina** – *“Fotografia? Já viste a amostra ali em frente? Tem uma foto minha e uma outra do meu homem. Vem cá ver!(e eu fui ver as fotos, de fato, dentro do Centro Cultural da Nazaré, logo em frente ao Estendal, havia uma foto dela ainda jovem. No lado de fora, no totem que chamava a atenção da mostra, havia a foto do marido dela vestido de soldado, regressando do Ultramar). Éramos bonitos!moços ainda! Mas eu não as tenho em casa. só do casamento da minha filha. Depois, tenho do meu filho. Dói de ver. Minha família ficou pela metade.”*

**Dina** – *“Foto da minha filha bebé. Adoro ver! Mas eles crescem!”*

**Felipa** – *“Adoro a foto da família no Algarve. Eu fiquei com ela. Foram as férias mais lindas que eu tive. A família toda reunida: pais, meu irmão, meus avós, meus tios, meus primos, tão lindo! Tão lindo!”*

**Francelina** - *“As fotos dos meus filhos ainda miúdos. É bonito de ver.! Agora tenho da minha neta também. A família cresce. Quem sabe um dia tenho um netinho?!”*

**Higina** – *“Foto de criança eu nunca tive. Tenho agora do meu filho. Temos foto os três. É a família.”*

**Irene** – *“Foto dos filhos, um sonho! Adoro ver meus filhos ainda miúdos.”*

**Isabel Maria** – *“Só tenho fotos de agora, de meus filhos. Minha família, o que eu construí.”*

**Lara** – *“Adoro ver as fotos mais antigas. Tem uma da minha avó na beira da praia, a carregar peixe à cabeça. Tão linda! A mesma praia onde brinquei.”*

**Maria Adelaide** – *“Tenho esta, do meu homem, para não ficar longe de mim. Olha como ele é lindo! Carrego sempre ao peito, de onde ele nunca sai.”*

**Maria Antonia** – *“Só tenho à mostra as fotos dos meus filhos. É a minha família.”*

**Maria da Conceição** – *“Tenho fotos, sim, dos três filhos. E da minha netinha, que adoro! Choro quando olho, sinto muita falta dela!”*

**Maria da Nazaré** - *“Agora tenho foto dos meus netos, dos meus filhos não tenho. Só agora.”*

**Orlanda** - *“Foto da formatura da minha filha. Um orgulho!”*

**Rosária Parreira** - *“Foto do natal, com a família toda reunida!”*

**Teresa** – *“Tenho foto dos meus filhos. Adoro fotos! Vão marcando o crescimento deles e a vida deles.”*

É fascinante observar como as fotografias têm o poder de evocar memórias e emoções profundas, especialmente quando se trata de momentos significativos da vida, como o amor duradouro de Maria Adelaide por seu marido. Sua dedicação em manter sua foto próxima ao coração ilustra a força desse vínculo ao longo do tempo, atravessando décadas com uma conexão emocional contínua.

Por outro lado, a preferência das outras entrevistadas em focar nas fotos de seus filhos quando pequenos revela o desejo de preservar e reviver momentos preciosos da infância deles. Essas imagens se tornam um meio de capturar a inocência e a alegria da juventude, além de simbolizarem a continuidade e o vínculo familiar ao longo do tempo.

A importância da família, destacada por todas as entrevistadas, é evidente nas histórias compartilhadas sobre reuniões familiares e momentos de união. Esses encontros servem não apenas como oportunidades para criar memórias, mas também para fortalecer os laços afetivos e transmitir valores e tradições de uma geração para outra.

É notável como até mesmo aqueles que ainda não têm filhos expressam seu desejo e expectativa de preservar memórias futuras por meio de fotografias, como no caso de Carla Sofia, que aguarda ansiosamente a chegada dos filhos para poder registrar novos momentos familiares.

A história compartilhada por Lara sobre a foto de sua avó revela não apenas um gesto de generosidade por parte da turista francesa, mas também destaca a importância das imagens como meio de documentar e celebrar a vida cotidiana e as tradições locais. Essa foto simples, mas significativa, tornou-se uma peça valiosa que conecta as gerações e preserva a história da família.

Esses relatos destacam como as fotografias desempenham um papel fundamental na preservação das memórias familiares e na transmissão de valores e identidade cultural de uma geração para outra.

É interessante observar como essa foto da avó de Lara captura não apenas um momento específico, mas também a essência da vida naquela época e naquela comunidade. O fato de a avó estar trabalhando duro desde tenra idade reflete as realidades econômicas e sociais da época, bem como a forte ética de trabalho que permeava a vida das pessoas na comunidade da Nazaré.

Essa imagem não apenas documenta a história pessoal da avó de Lara, mas também conta uma história mais ampla sobre as tradições, os modos de vida e os desafios enfrentados pela comunidade local. É um lembrete poderoso da resiliência e da força das gerações passadas, que desempenharam um papel fundamental na construção da identidade cultural da região.

Ao trazer essa foto para ilustrar o trabalho, proporcionamos uma visão tangível do passado e uma conexão emocional com a história e as pessoas da comunidade da Nazaré. Isso ajuda a tornar a pesquisa mais vívida e significativa, ao mesmo tempo que homenageia as experiências e contribuições daqueles que vieram antes de nós:

**Figura 23**  
**Avó de entrevistada carregando peixes à cabeça.**



**Foto da autora: março de 2018.**

## 7.7. Felicidade

Finalmente, para encerrar este bloco cuja pretensão era ter informações sobre as características da trajetória familiar, era necessário fazer as seguintes perguntas:

**- Hoje és feliz? - Por quê? - Realizada?**

**Ana Cristina** – “Sou feliz. Claro, perdi meu irmão, morava comigo ultimamente, mas, sim, sou feliz. Tenho um marido que amo, meus filhos, uma casa própria. Falta um trabalho, mas tenho esperança.”

**Ana Palmira** – “Se pudesse largava esta vida, como já disse, e ia fazer outras coisas, mas por ora não dá. Mas sou feliz assim, sim, senhora, sou feliz. Tenho meu trabalho, tenho saúde.”

**Anabela** - “Sinto-me realizada quando tenho os filhos reunidos à mesa, nas férias, as risadas, almoço, janta . . . “

**Auzenda** – “Sim, sou feliz. Por quê? Sou livre! Faço o que quero!”

**Carla Lopes** – “Assim, assim . . . queria que meu marido fosse mais amigo, passassem mais, mas tenho minhas filhas . . .”

**Carla Sofia** – “Sou muito feliz. Realizei meu sonho, casei com o homem que amo. Só faltam os filhos.”

**Carolina** – “Eu era uma fadista: cantava lavando roupa, cantava caminhando pelas calçadas da Nazaré, alegrava as pedras da rua, agora, nunca mais vou cantar. Meu filho se foi tão cedo! Isso está errado! Uma mãe não pode ver seu filho morrer!”

**Dina** – “Sou, sim, feliz. Tenho minha família, meu trabalho.”

**Felipa** – “Sou feliz, sim, tenho meu trabalho, uma pessoa que me ama.”

**Francelina** – “Sou feliz, sim, senhora! Meu marido recuperado, sempre ao pé de mim. Minha filha me deu uma neta linda. Meu filho está bem. Sou uma mulher realizada. Gostava de ter estudado, mas isso já passou.”

**Higina** - “Eu sou feliz, sim. Mas vou ser mais quando terminar de pagar a casa. Mas eu sei que vou querer algo mais, eu sempre quero mais. Não vou mentir. É meu jeito.”

**Irene** – “Sinto-me realizada, tenho meus filhos criados, um restaurante, mas não estudei.”

**Isabel Maria** – “Sim, sou feliz, assim. Tenho trabalho, tenho saúde. Mas não sou feliz o tempo todo, não! Tem sempre algo que nos atrapalha.”

**Lara** – “Como já falei, a felicidade é um processo, que nos impõe desafios, portanto, há uma trajetória ainda.”

**Maria Adelaide** – “Sim, sou realizada, vejo minhas três filhas e sou uma mulher realizada. Feliz? Sinto falta do meu homem.”

**Maria Antonia** – “Não, não sou feliz hoje. Mas também não me sinto infeliz. Estar na vida é o que se quer. São as marcas deixadas pelos divórcios.”

**Maria da Conceição** – *“Sou feliz, mas me falta poder ver minha netinha, só isto.”*

**Maria da Nazaré** – *“Sou feliz, sim. Realizada. Consegui tudo o que eu quis.”*

**Orlanda** – *“Sim, realizada, feliz. Minha família está bem, meus filhos estudando. Minha loja indo bem.”*

**Rosária Parreira** - *“Sim, sou uma mulher realizada. Gosto de ser mulher.”*

**Teresa** – *“Feliz? Basta olhar para mim! (mostrando um sorriso farto) – Estou aqui tirando os cursos para chegar onde quero: ter minha documentação para ir ao mar! Meus filhos estão comigo! Sou feliz, livre!”*

A família e o trabalho são os pilares fundamentais da vida das entrevistadas da comunidade da Nazaré. Suas narrativas refletem uma profunda ligação emocional com suas famílias e uma forte ética de trabalho enraizada em suas vidas cotidianas. Para elas, a felicidade está intrinsecamente ligada à presença e ao bem-estar de seus entes queridos, assim como à capacidade de sustentar suas famílias por meio do trabalho.

Essa visão de vida destaca a importância dos valores tradicionais e da coesão familiar na comunidade da Nazaré. Ao colocar a família e o trabalho no centro de sua existência, essas mulheres demonstram uma profunda dedicação aos seus entes queridos e um compromisso firme com o sustento de suas famílias. Essa abordagem simples e direta para a felicidade reflete uma conexão arraigada com as tradições e valores familiares, que são inegavelmente importantes para essas mulheres e para a comunidade em geral.

O relato das entrevistadas destaca a importância do trabalho, do casamento e da maternidade como eventos centrais em suas vidas. Muitas delas começaram a trabalhar desde muito jovens, seguido pelo casamento em uma idade precoce e, posteriormente, pelo nascimento dos filhos. Essa sequência de eventos parece ser uma trajetória comum na vida dessas mulheres, uma que elas próprias experimentaram ou aspiram a vivenciar.

No entanto, é interessante observar que o trabalho precoce não se repete com seus próprios filhos, pois agora lhes é dada uma ênfase maior na educação em detrimento do trabalho. Além disso, as profissões escolhidas pelos filhos não seguem necessariamente o mesmo caminho das mães. Enquanto algumas filhas optam por carreiras diferentes das de suas mães, a continuidade das profissões dos pais também não é garantida, com poucos filhos seguindo a mesma profissão que seus pais, como no caso dos pescadores.

Essas observações ressaltam não apenas as mudanças nas oportunidades e prioridades ao longo das gerações, mas também a diversidade de caminhos que cada indivíduo pode trilhar em busca de sua realização pessoal e profissional.

Ao longo do processo de pesquisa, as histórias de vida das entrevistadas se revelaram progressivamente, passando de relatos mais contidos e reservados para uma partilha aberta e até mesmo prazerosa sobre suas experiências pessoais. Esse fenômeno ressalta a importância de criar um ambiente de confiança e empatia durante as entrevistas, permitindo que as entrevistadas se sintam à vontade para compartilhar suas histórias de vida de maneira autêntica.

Através desses relatos, foi possível obter registros valiosos sobre a vida e as experiências das mulheres da comunidade da Nazaré, revelando aspectos importantes sobre suas trajetórias, valores, relações familiares e aspirações. Essas histórias individuais contribuem para uma compreensão mais ampla da dinâmica social e cultural dessa comunidade, destacando temas como trabalho, família, educação e mudança ao longo do tempo.

Ao encerrar este trabalho, é gratificante reconhecer a riqueza e a diversidade das experiências compartilhadas pelas entrevistadas, e como essas histórias individuais contribuíram para um panorama mais abrangente da vida na comunidade da Nazaré. Essas narrativas não apenas enriquecem o conhecimento acadêmico, mas também ressaltam a importância de dar voz às experiências pessoais e valorizar a singularidade de cada história de vida.

## Capítulo VIII – Sobre o futuro: criando cenários e expectativas

As entrevistadas têm uma perspectiva mais imediata em relação ao futuro, concentrando-se principalmente no presente e em suas preocupações e responsabilidades diárias. Isso pode refletir uma mentalidade arraigada no contexto cotidiano e nas demandas familiares e profissionais que enfrentam.

Essa visão de curto prazo pode ser influenciada por uma série de fatores, incluindo as experiências passadas, as condições socioeconômicas e culturais da comunidade, bem como as responsabilidades familiares e profissionais que ocupam grande parte de seu tempo e energia. Para essas mulheres, o futuro pode parecer incerto e muitas vezes fora de seu controle imediato, levando-as a concentrar seus esforços e preocupações no presente.

No entanto, essa perspectiva de curto prazo não significa necessariamente falta de aspirações ou planos para o futuro. Mesmo que as entrevistadas possam não expressar explicitamente suas expectativas futuras, é possível que ainda tenham esperanças e objetivos pessoais que desejam alcançar ao longo do tempo. Esses objetivos podem estar relacionados ao bem-estar de suas famílias, à estabilidade financeira, ao crescimento pessoal ou a outras metas que considerem importantes em suas vidas.

### 8.1. A incerteza do futuro

A primeira questão é um pouco surpreendente para elas, e algumas, inclusive, não se sentiram preparadas para responder, portanto, teremos aqui transcritas apenas as respostas que obtivemos.

A questão foi:

*- Como acha que vai ser a vida das pessoas que moram na sua vizinhança nos próximos anos?*



**Ana Cristina** – *“Eu espero que não mude: meus vizinhos são estrangeiros e só vêm no verão. Os outros são famílias conhecidas. Vai continuar igual.”*

**Ana Palmira** – *“Para os meus vizinhos: “Bom dia!Boa tarde! Passe bem e gaste pouco!Dessa forma dou-me bem com todos! Não vão mudar, são já daqui a muito tempo.”*

**Anabela** – *“Quase não os vejo: saio pela manhã e volto à noite. São pessoas boas, famílias conhecidas. Vai ser igual, eu penso.”*

**Auzenda** – *“Acho que vai ser igual, um dia de cada vez, como sempre foi.”*

**Carla Lopes** – *“Em dez anos? Acho que não vai mudar.”*

**Carla Sofia** – *“Não sei, estou numa casa nova ainda há pouco.”*

**Carolina** – *“Não penso nisso. Nem sei se estarei cá em dez anos.”*

**Felipa** – *“Espero que o turismo vá aumentando.”*

**Irene** – *“O turismo aumentando fica melhor para nós.”*

**Isabel Maria** – *“Não vai ser melhor. A gente de agora já não quer essa vida que temos.”*

**Lara** – *“Espero um ambiente saudável, de cooperação.”*

**Maria Adelaide** – *“Eu não vou estar aqui.”*

**Maria da Conceição** - *“Vizinhança? Vai ser difícil. Já não há amor. Já não há solidariedade!”*

**Maria da Nazaré** – *“Meus vizinhos, serão os mesmos, com certeza!”*

**Rosária Parreira** – *“Está na bíblia! As coisas só tendem a piorar!”*

**Teresa** – *“Espero que mude para melhor.”*

A percepção de estagnação ou pouca mudança significativa no local de residência ao longo dos anos pode refletir uma sensação de estabilidade ou até mesmo de estagnação na comunidade. Isso pode ser atribuído a vários fatores, incluindo uma economia local que pode não ter experimentado um crescimento significativo, a falta de investimento em infraestrutura ou desenvolvimento urbano, ou mesmo uma sensação de isolamento ou falta de conexão com outras comunidades ou regiões.

A dependência do turismo como uma fonte de renda pode ser uma resposta às dificuldades econômicas enfrentadas pela comunidade, buscando atrair mais visitantes para impulsionar a economia local. No entanto, essa dependência excessiva do turismo pode trazer desafios próprios, como a sazonalidade do setor e uma dependência excessiva de uma única indústria.

Quanto às queixas relacionadas ao convívio social e à falta de solidariedade percebida pelas entrevistadas, isso pode refletir mudanças nas dinâmicas sociais ao longo

do tempo, como o aumento da urbanização, a influência de novas tecnologias de comunicação que podem alterar as interações sociais, ou mesmo mudanças nas atitudes e valores das gerações mais jovens.

É interessante notar como as entrevistadas mais antigas destacam uma época em que a solidariedade era uma característica proeminente da comunidade, sugerindo uma mudança ao longo do tempo nas relações interpessoais e nos valores sociais. Essas percepções podem ser influenciadas por uma variedade de fatores, incluindo mudanças na estrutura social, nas condições econômicas e nas experiências pessoais das entrevistadas ao longo de suas vidas.

## 8.2. Um desejo para o futuro pessoal

Na continuidade, aproveitando a prospecção de futuro para sua sociedade, levamos nossas entrevistadas a imaginar uma imagem de seu futuro, designadamente no foro pessoal. Por isso lhes perguntamos:

**- O que deseja para os próximos anos de sua vida? – Diante da foto de um surfista cortando uma onda na Nazaré, questionamos como veem a nova Nazaré das ondas e do surf.**

Então, com o exercício prospetivo de levá-las para o futuro, conseguimos muito mais adesões e respostas a esta questão como descrevemos a seguir.

**Ana Cristina** – *“Eu quero ter um trabalho certo, saber quanto vou ter todo mês. O surf? Aqui em baixo não mudou muito, mas eu espero que traga mais turistas, a gente tem mais trabalho, eu vou conseguir emprego.”*

**Ana Palmira** – *“Eu quero ir vivendo um dia de cada vez, ver meus netos crescendo, com saúde, é o que eu quero. Minha vida melhorando a cada dia. Ah! O surf melhorou muito aqui em cima. Tenho sempre meus quartos alugados. Hoje está saindo uma francesa, mas amanhã já vem um outro, não lembro de onde.”*

**Anabela** – *“Não vejo muito futuro para os meus filhos por aqui. Falta uma universidade aqui. Ah! O surf trouxe mais turistas: aumentaram as vendas.”*

**Auzenda** – *“Deus queira que seja para melhor! O surf aumentou o turismo, mas as vendas não aumentaram muito.”*

**Carla Lopes** – *“Eu espero que meu marido mude. Seria muito bom. O surf? Trouxe mais turistas no inverno para aqui.”*

**Carla Sofia** – *“Eu desejo ter meus filhos. Continuar crescendo no meu trabalho. O surf trouxe turistas, sim.”*

**Carolina** – *“Não sei, não sei. Sim, o surf ajudou no turismo, mas cá em baixo, nem tanto.”*

**Dina** – *“A vida anda tão depressa! A gente nem percebe a diferença. O surf trouxe gente diferente, é outro tipo de turista.”*

**Felipa** – *“Eu quero ver se conseguimos alguma coisa nossa. O surf trouxe muitos turistas, melhorou bastante aqui em cima.”*

**Francelina** – *“Eu quero é ter saúde para poder trabalhar. O surf não trouxe muito aumento nem dinheiro aqui em baixo, não! Se mudou muito, foi lá em cima.”*

**Higina** – *“A vida dá tantas voltas! Não consigo imaginar. Sim, o surf mudou a Nazaré.”*

**Irene** – *“Espero ver minha família bem, meus filhos bem. Quem sabe aumentando? É, quero netos. Ah! O surf melhorou um pouco porque já vimos mais turistas antes do verão. O restaurante fica fechado no inverno, seria bom se tivesse turistas para deixar aberto o ano todo.”*

**Isabel Maria** – *“Saúde, trabalho, é o que eu preciso, é o que precisa toda gente! O surf ajudou um bocadinho. O inverno é sempre ruim pelo mau tempo.”*

**Lara** – *“Mais desenvolvimento na Nazaré, é o que espero. Surf? Quando olho me traz à memória DESPESAS! Minha filha pratica aulas de surf e sai caro!”*

**Maria Adelaide** – *“Eu espero não estar aqui. O surf trouxe mais gente, sim, mas não mudou muito por aqui.”*

**Maria Antonia** – *“Ser feliz completamente, é o que espero. O surf trouxe mais movimento no inverno. Espero que continue a crescer.”*

**Maria da Conceição** - *“Eu não vejo melhorar nada. Daqui a dez anos não vai melhorar, vai ser pior! Perde-se a tradição. Morrendo, morrem as sete saias! O surf aumentou o turismo, sim, mas é preciso melhorar ainda mais.”*

**Maria da Nazaré** – *“Ter saúde, trabalhar, ver meus netos crescendo bem. O surf vai trazer sempre mais gente.”*

**Orlanda** – *“Ver meus filhos seguindo suas vidas, minha loja prosperando, trabalho, saúde. O surf trouxe mais turistas, mas eles não compram muito aqui.”*

**Rosária Parreira** – *“Queria para o mundo paz, amor, mas através do homem é impossível caminhar nessa direção. O surf aumentou o turismo, umectou, sim, as vindas, mas nem tanto.”*

**Teresa** – *“Quero saúde. Viver por uns anitos. Ter netos. Viver esse amor por muito tempo. Enfim, ser feliz, de verdade!”*

Seguindo na mesma linha do futuro, pedi um pouco mais a elas: queria mesmo saber de seus sonhos para o futuro. E obtive:

**Ana Cristina** – *“Eu só sonho, no momento, com um emprego. Depois, ter uns netos.”*

**Ana Palmira** – *“Eu sonho é ter saúde para ir trabalhando aqui, até quando acabar! Não quero precisar de ninguém.”*

**Anabela** – “*Eu sonho em ter meu pequeno café, com seis mesinhas no máximo, e aí, sim, vai ser chamado “Seu negócio.”*<sup>25</sup>”

**Auzenda** – “*Andar à reforma. Fazer só o que quero. Mas não vou ficar sem fazer nada, não senhora!*”

**Carla Lopes** – “*Quero ver minhas filhas bem, ter netinhas. Ah! Quero um carro novo! Estou ajudando a economizar aprendendo a consertar redes, então, é isso que quero. E quando quero uma coisa, não desisto nunca!*”

**Carla Sofia** – “*Eu quero ter meu primeiro filho, é meu sonho hoje.*”

**Carolina** – “*Eu não tenho mais sonhos.*”

**Dina** – “*Acompanhar a vida dos filhos, vê-los crescer, estarem bem. É o que importa.*”

**Felipa** – “*Eu quero ter uma casinha à frente do mar. Pode ser na praia do Norte, ou mesmo em São Martinho. Filhos e netos criados..*”

**Francelina** – “*Queria saúde! Viver por uns anitos. Ver os filhos bem e os netos. Saúde e dinheiro prá gastar!*” (rindo muito)

**Higina** – “*Ver o papel da casa paga. Ver os filhos bem. É o que quero no momento.*”

**Irene** – “*Ter um neto, esse é o meu sonho hoje.*”

**Isabel Maria** – “*Falta pouco, mas é uma casa a cada filho. Já tenho uma, falta outra. Vou conseguir!*”

**Lara** – “*Ver minha filha feliz. Quem sabe netos?*”

**Maria Adelaide** – “*Eu já não sei do futuro. Já não tenho sonhos.*”

**Maria Antonia** – “*Ah! Eu os tenho, sim, mas não vou falar.*”

**Maria da Conceição** - “*Ajudar a criar a minha neta. Eu a vejo tão parecida comigo. Vejo pelas fotos, e nas raras vezes em que a pego.*”

**Maria da Nazaré** – “*Ter saúde para seguir vivendo e trabalhando. Não quero precisar dos meus filhos. Ver meu Samuelzinho (neto) virar homem! Sou eu quem o leva à escola, ele vive ao pé de mim.*”

**Orlanda** – “*Ver meus filhos realizados, no trabalho que escolherem.*”

**Rosária Parreira** – “*A família estando bem, é prá já um sonho. É isso..*”

**Teresa** – “*Ter meu barco. Então vou ser livre de verdade!*”

A importância da família e do trabalho na vida das entrevistadas é um tema recorrente e central em suas narrativas. A família não apenas representa uma fonte de apoio emocional e social, mas também é vista como o principal objetivo e fonte de

---

<sup>25</sup> “seu negócio”: perguntei-lhe o sentido, ao que me respondeu: “ser independente, não ter quem me diga o que fazer, ter meu próprio negócio.”

felicidade. A dedicação ao trabalho não é apenas uma necessidade econômica, mas também uma forma de manter a independência e garantir o bem-estar da família.

Essa ênfase na família e no trabalho reflete valores arraigados na cultura e na comunidade da Nazaré, onde a coesão familiar e o trabalho árduo são fundamentais para a identidade e o sustento das pessoas. Esses valores podem ser influenciados por uma variedade de fatores, incluindo tradições culturais, condições econômicas locais e experiências de vida pessoais.

É interessante observar como esses dois aspectos se entrelaçam na vida das entrevistadas, com o trabalho muitas vezes sendo realizado em benefício da família e a família fornecendo apoio e motivação para o trabalho. Essa interdependência entre família e trabalho destaca a importância fundamental desses dois pilares na vida das nazarenas e na construção de sua identidade e sentido de propósito.

A questão que tínhamos preparado para dar continuidade à visão de futuro que nossas entrevistadas teriam sobre a Nazaré, foi respondida antecipadamente durante os diálogos das duas questões que antecederam esta última. Portanto, não a fizemos novamente. A questão era: “- **Como vê Nazaré nos próximos anos?**”.

Outra questão que tínhamos no guião e que já não fazia mais sentido era: “- *Seus filhos seguirão as mesmas profissões dos pais?*”, visto que já falaram de seus filhos e do que faziam, logo, já tínhamos as respostas desejadas. Voltamos a lembrar que apenas uma das entrevistadas tem sua filha vendendo peixe ao seu lado, é o caso de Maria Adelaide e de sua filha. Portanto, nenhuma outra filha, ou filho, seguirá o caminho de trabalho de seus pais, pelo menos até este momento.

Igualmente, a questão a seguir era quase idêntica à anterior, com a diferença de colocar limites temporais, no entanto, a quase totalidade, disse já haver respondido. A questão era: “- *Como será a comunidade piscatória em cinco ou 10 anos, na sua opinião?*”

Tivemos uma entrevistada que nos deu uma resposta muito explicativa, e provavelmente, caso as demais tivessem tido as mesmas condições de acesso a uma melhor educação, esta não seria uma resposta exclusiva. Cremos que é uma resposta que traduziria o pensamento da maioria das nazarenas.

A seguir, transcrevêmo-la:

**Lara** – *“Tenho as referências/memórias de meus pais/avós. E tenho referências muito recentes da atividade profissional do meu companheiro durante quatorze anos, que é pescador. Na minha relação com a pesca, há um antes e um depois. O antes tem que ver com as histórias dos meus pais, avós, tios . . . e os valores da coragem, partilha, sacrifício e união . . . O depois está relacionado com o estilo de vida atual e com um sentimento de revolta no que respeita à distribuição de riqueza neste setor primário, sem a projeção/dignificação social da base que o compõe: os pescadores.”*

Com base no depoimento fornecido pela entrevistada, fica evidente a importância de dignificar o trabalho do pescador na comunidade da Nazaré. Essa valorização não apenas reconhece a contribuição significativa dos pescadores para a economia local, mas também ressalta a necessidade de garantir condições adequadas de trabalho, remuneração justa e apoio social para aqueles que dependem da pesca como meio de subsistência. Essa perspectiva não apenas visa preservar uma profissão tradicional e culturalmente significativa, mas também promover o bem-estar e a sustentabilidade das famílias envolvidas na atividade pesqueira.

É realmente um desafio enfrentar a falta de controle que os pescadores têm sobre os preços e as condições do mercado. Anteriormente, como descrito, havia uma certa autonomia na forma como os pescadores negociavam e vendiam seus produtos, o que lhes conferia mais liberdade e poder de decisão sobre seu trabalho e seus ganhos. No entanto, com as mudanças no mercado e a centralização das atividades de venda, os pescadores se veem cada vez mais submetidos às regras ditadas por agentes externos.

A unificação e organização dos pescadores em associações ou cooperativas podem ser uma estratégia eficaz para fortalecer sua posição no mercado. Ao trabalharem coletivamente, os pescadores podem ter mais influência na definição de preços, melhores condições de venda e maior poder de barganha com os compradores. Além disso, essa união pode permitir que eles defendam seus interesses comuns e busquem soluções conjuntas para os desafios enfrentados pela comunidade pesqueira.

A criação de uma marina exclusiva para os barcos de pesca próximo ao armazém de venda de peixes proporcionou uma série de benefícios, como melhor infraestrutura para os pescadores, facilidade de acesso aos serviços de venda e armazenamento, além de contribuir para a organização e segurança das operações portuárias. No entanto, a proibição de atracar barcos à beira da praia representa uma mudança significativa nas práticas tradicionais dos pescadores e na dinâmica da comunidade local. Essa medida

impactou não apenas na forma como os pescadores conduzem suas atividades, mas também nos aspectos culturais e sociais da vida na comunidade pesqueira.

### 8.3. Cenário para uma Nazaré no futuro

Finalizando as questões que levaram nossas entrevistadas a criar cenários num futuro próximo, ou nem tanto, tendo como objetivo obter retornos que nos permitissem saber da organização econômica e política da vila da Nazaré idealizada, formulamos a seguinte questão:

*- Como seria uma Nazaré ideal para a sua comunidade e para si?*

Houve uma dificuldade para obter respostas a esta questão, embora, ao serem questionadas se haviam compreendido o que se queria saber, as respondentes tenham conseguido explicar de uma forma simples o seu sentimento. Ainda assim, não foi possível obter resultados significativos.

Poucas foram as entrevistadas que nos responderam, mas, aqui temos as respostas de quem as deu:

**Ana Palmira** – *“Essa já foi. Antigamente era uma Nazaré mais pobre, mas éramos mais honestos uns com os outros. E era muito mais bonita. As mulheres dos pescadores os aguardavam na praia, pegavam peixes e os vendiam aos turistas ou iam às casas das vilas vizinhas, mas era lindo!”*

**Felipa** – *“Uma Nazaré com pessoas sem inveja, sem querer um ter mais que o outro, com valores verdadeiros, com amizades sinceras, com honestidade, sobretudo sobre si mesmas.”*

**Lara** – *“A Nazaré em que haja uma efetiva valorização da atividade que verdadeiramente a molda e dignifica: a pesca. E um investimento na formação e promoção cultural diversificada.”*

O ponto levantado por Anabela sobre a necessidade de cursos para o turismo é relevante, especialmente considerando a importância desse setor para a economia da Nazaré. Ainda que, cursos de turismo de nível superior existam ali bem perto (Peniche), assim como cursos de nível profissional. Investir em programas de capacitação e formação profissional voltados para o turismo pode não apenas criar novas oportunidades de emprego para os jovens locais, mas também elevar a qualidade dos serviços turísticos

oferecidos na região. Ao fornecer treinamento especializado em áreas como hospitalidade, guia turístico, gastronomia e gestão de negócios relacionados ao turismo, os jovens podem adquirir competências e conhecimentos necessários para atuar de forma eficaz nesse setor. Isso não apenas beneficia a economia local, gerando empregos e estimulando o crescimento do turismo, designadamente em sua ligação ao turismo rural (Peixoto, 2006), mas também fortalece a identidade e a sustentabilidade da comunidade.

Apesar das dificuldades em visualizar uma Nazaré ideal no futuro, há um desejo compartilhado por uma valorização maior do ser humano, dos profissionais e dos cidadãos em geral. Esse anseio por mudança reflete uma aspiração por uma comunidade mais justa, mais solidária e mais respeitosa, onde os valores humanos e a dignidade de todos sejam reconhecidos e promovidos. A valorização do pescador, mencionada por Lara, destaca a importância de reconhecer e respeitar o trabalho árduo e fundamental desempenhado por esses profissionais que dão forma ao *ethos* local. Por outro lado, as referências aos valores dos cidadãos como um todo sugerem uma preocupação mais ampla com a qualidade de vida, o respeito mútuo e a construção de uma comunidade coesa e harmoniosa. Essa busca por uma mudança de valores pode ser vista como um passo importante na direção de um futuro mais promissor para Nazaré, onde o bem-estar e a dignidade de todos sejam priorizados. Essa conscientização e aspiração por melhorias são fundamentais para impulsionar ações e iniciativas que possam contribuir para o desenvolvimento sustentável e o progresso social da comunidade.

#### 8.4. Das origens à atualidade: trajetória social e familiar

Quisémos também explorar as origens sociais e as dimensões da trajetória social e familiar das entrevistadas. Ao investigar o que os pais faziam e como era a dinâmica familiar em suas casas, é possível obter indícios valiosos sobre o contexto socioeconômico em que cresceram, bem como as influências familiares em sua formação e desenvolvimento.

Ao traçar um panorama das ocupações dos pais, é possível entender melhor as condições socioeconômicas em que foram criadas e como essas condições moldaram suas perspectivas e oportunidades ao longo da vida. Além disso, ao explorar a composição



familiar e as relações intrafamiliares, é possível captar nuances importantes sobre a estrutura familiar, os papéis de gênero, as redes de apoio e as experiências emocionais e afetivas que influenciaram seu desenvolvimento. Essa abordagem mais aberta e contextualizada pode fornecer uma compreensão mais profunda das origens e da trajetória social das entrevistadas, enriquecendo assim a pesquisa e possibilitando uma análise mais completa das influências e determinantes de suas vidas.

**Tabela 8: Ligação com a pesca**

Nome:	Idade	Ligação familiar com a pesca:
1. Ana Cristina	48	Filha e mulher de pescador.
2. Ana Palmira	68	Peixeira; marido pescador.
3. Anabela	49	Vende peixe na peixaria.
4. Auzenda	75	Peixeira; marido pescador.
5. Carla Lopes	45	Filha de pescador e casada com pescador.
6. Carla Sofia	34	Auxilia no restaurante <sup>26</sup> ; casada com neto de pescador.
7. Carolina	71	Peixeira; marido pescador.
8. Dina	43	Pais: pescador e mãe peixeira; mulher de pescador.
9. Felipa	27	Neta de pescador.
10. Francelina	62	Peixeira; marido pescador.
11. Higina	46	Filha de pescador e casada com pescador.
12. Irene	57	Pai pescador e mãe peixeira.
13. Isabel Maria	54	Filha de trabalhadora no armazém de peixe.
14. Lara	38	Mãe trabalhou no armazém de peixes, avós eram pescadores
15. Maria Adelaide	80	Peixeira; marido pescador.
16. Maria Antonia	58	Venda de peixe no mercado.
17. Maria da Conceição	55	Já vendeu peixe, filha de pescador e casada com pescador.
18. Maria da Nazaré	75	Transporte de peixe; pai pescador.
19. Orlanda	48	Loja de peixes congelados.
20. Rosária	61	Vende peixe no mercado; pai pescador e mãe peixeira.
21. Teresa	49	Tirando carteira de habilitação para pescar no mar.

Essa abordagem é muito relevante para entender a dinâmica familiar e social das entrevistadas, especialmente em uma comunidade onde a pesca, simbólica e funcionalmente, desempenha um papel tão significativo na vida das pessoas. Ao investigar o envolvimento dos maridos com a pesca e até que ponto eles são parte do núcleo familiar ou do núcleo de amigos, podemos descortinar a importância da pesca na identidade e nas relações sociais das famílias nazarenas. Além disso, essa linha de questionamento permite explorar a interconexão entre o trabalho na pesca e as dinâmicas familiares, incluindo como as famílias lidam com as ausências dos maridos devido à

<sup>26</sup> Carla Sofia: casada com o filho da entrevistada Irene: funcionária pública que em todas as horas vagas vai para o restaurante auxiliar no que for necessário.

pesca, como isso afeta as relações familiares e como a pesca influencia a vida cotidiana e as perspectivas das entrevistadas.

Este contexto confirma a importância da seleção cuidadosa das entrevistadas para garantir a representatividade da amostra e a relevância dos dados coletados. Ao escolher entrevistadas com uma forte conexão com a pesca, garantimos que as experiências e as perspectivas compartilhadas refletem fielmente a realidade da comunidade pesqueira da Nazaré. A descendência de famílias de pescadores é um aspecto fundamental da identidade dessas entrevistadas e influencia profundamente suas vidas, valores e visões de mundo. Isso sugere uma continuidade cultural e ocupacional ao longo das gerações, destacando a importância da tradição e da herança familiar na formação da identidade nazarena. Além disso, o caso excepcional em que uma entrevistada estabelece uma conexão com a pesca através de um neto de pescador, mesmo à distância, destaca como a modernidade e a tecnologia podem influenciar e manter essas conexões culturais e familiares, mesmo em contextos contemporâneos.

#### 8.5. A moradia e o agregado familiar

Depois disto, uma questão que nos permitiu confrontar a hipótese de estarmos ou não diante de um modelo de clã do século XXI foi a seguinte:

*- Composição do agregado familiar de origem (viviam em família alargada, quantas gerações na mesma casa, como era a casa, melhorias feitas na casa e o motivo, etc.)*

**Ana Cristina:** *“Em casa, era meu irmão, minha mãe e eu, e o pai, quando estava em casa. A casa era bem simples, dois cômodos e uma cozinha. Éramos bem pobres. Já agora, meus filhos tiveram melhores condições. Ah! Pois. Meu irmão separou-se. Veio morar comigo. Depois, ficou inválido, eu cuidava dele. Faz-me muita falta. Vou ao cemitério sempre que posso, choro muito. E da minha mãe, cuido até agora. Hoje eu tenho uma casa boa, confortável.”*

**Ana Palmira:** *“Éramos muito pobres. Eu tive cinco irmãos, mas fiquei só eu, depois. Eles adoeciam e não viviam, como já falei. A casa era muito pequena. Vivíamos todos muito juntos. Minha família era de fadistas: os Beas. Meu pai era um artista! Pintava! Era também pescador de rede de arrasto. Minha mãe era peixeira, foi quem me ensinou tudo desde sempre. Depois, casei, a vida foi mudando. Tenho conforto, sim senhora! Mas sinto saudades daqueles tempos. O dinheiro entrou e estragou tudo. Hoje há muita ganância.”*

**Anabela:** *“Minha mãe trabalhava no armazém de peixes. Meu pai era embarcado. Nunca passei fome nem dificuldade. Éramos pobres, mas eu tinha o que precisava. Eu tinha só mais um irmão. O pai ficava de oito meses a um ano fora. Uma vez, quando ele voltou, eu não o reconheci, chorava muito. Foi um momento triste para ele, a mãe contou. A casa era pequena, mas era bem boa. Hoje eu tenho uma casa bem melhor, meus filhos têm tudo, e eu lhes pago o estudo, com dificuldade. O mestrado custa 365 euros e eu ganho 595 euros! Cuido de minha mãe e um irmão deficiente. A vida vai com muita dificuldade, mas eu vou conseguindo.”*

**Auzenda:** *“Meu pai era pescador, minha mãe, peixeira. Éramos bem pobres, mas não passei fome. Éramos quatro pessoas em casa, quando meu pai cá estava. A casa era bem pequena. Vivíamos bem, minhas duas irmãs, eu e minha mãe andávamos sempre juntas. Eu resolvi trabalhar quando passava da primeira para a segunda classe. Eu queria trabalhar, ajudar, ganhar um dinheirinho. Hoje tenho tudo, conforto. Meus filhos também. Casa até para alugar.”*

**Carla Lopes:** *“O pai era pescador, depois foi ao barco petroleiro, agora está na reforma. A mãe, sempre foi doméstica. Nunca passei dificuldade. A casa era boa, mas hoje há mais comodidades. Minha casa agora é muito boa. Tenho tudo em casa.”*

**Carla Sofia:** *“O meu pai é mecânico e a minha mãe trabalha no hotel. Nunca fomos ricos, mas muito pobres também não. Nossa casa era bem boa. Hoje, minha casa é linda.”*

**Carolina:** *“Na casa era pai, mãe, irmãos e todos num quarto só. As condições de vida eram precárias na infância: a comida era feita em um tipo de fogão feito com tijolos e uma grade onde se colocava uma panela. A comida era pouca, rala. O café era já uma água clara. Frango, uma vez ao ano, quando era possível. Uma vez, na escola, eu roubei a merenda da colega, mas roubei só a metade para ela não ficar com fome. Eu só queria saber o sabor do pão com manteiga. Mas a professora me bateu tanto! Tanto! Mas valeu, eu saboreei o pão com manteiga! Pão com manteiga era dado uma vez ao ano pelos pescadores quando do dia de todos os santos. Mas eu nem lembrava mais do sabor!”*

**Dina:** *“Pai era pescador e a mãe, peixeira, mas já não é mais. Quando criança tinha muito pouca roupa. Sempre a mesma. Meu irmão também. O quarto era o mesmo para os dois. A casa era bem pequena. Hoje eu tenho uma casa boa. Tenho conforto. Minha filha tem um quarto só dela.”*

**Felipa:** *“O pai é motorista de autocarro, a mãe, trabalha numa loteria. A casa era já bem confortável. Hoje a minha moradia é pequena, mas tenho conforto. Não mudou muito, não.”*

**Francelina:** *“Nós éramos oito irmãos, pai e mãe. Todos em dois cômodos. O pai era pescador e a mãe, peixeira. Não passava fome, mas não comia bem. A mãe, com trinta e três anos já tinha seis filhas! E ainda vieram mais dois! Vestíamos como as bonecas, sim senhora! Era assim que íamos à praia. Enfrentamos tudo, contra os ventos e as marés. Morreu um irmão aos vinte anos. Minha mãe ficou de luto por ele por trinta anos. Era o irmão com quem eu tinha mais afinidade. Depois, casei. Tive meu filho. Depois minha filha. Meu marido adoeceu, eu fazia de um tudo, mas o dinheiro não chegava. Minha sogra trouxe-me à praia. Foi ela quem me ensinou tudo, e cá estou. Tenho uma casa confortável, consegui criar os filhos com tudo o que podia, eles estudaram, e assim é.”*

**Higina :** “ Quando criança eu só usava roupa usada, nunca tive uma roupa nova. Não tinha privacidade, era um quarto para todos os irmãos, éramos quatro. O pai é pescador, minha mãe, doméstica, mas já trabalhou na fábrica de peixe. Eu nunca tive pai. A mãe separou-se quando eu tinha quatro meses. Há dezenove anos eu não o vejo. A vida mudou muito. Eu tenho minha casita, estou pagando, mas um dia há de ser minha. Meu filho tem sempre fatos bons, calçados, e está na escola. Minha casa é confortável.”

**Irene:** “Meu pai era pescador e minha mãe, peixeira. Mas meu pai tinha barco seu, depois, já tinha mais outro e assim foi. Ele era conhecido como um homem diferenciado. Eu tinha uma vida sem falta de nada, mas quando meu irmão nasceu, eu tive que ser a mãe dele, ainda criança. Se comia mal era porque a mãe estava na lida da pesca. Minha mãe trabalhava muito junto com minha avó: elas estendiam peixe. Eu é que ficava em casa com ele. Um dia, brincando à praia, esqueci-me dele, quando começou a escurecer e eu tinha que voltar à casa, dei por falta dele. Procurei-o e lembrei que o pus a dormir num barco, no local onde se guarda as redes, só que o barco já estava indo ao mar. Eu gritei, chamei as outras crianças, gritamos juntos. O homem que cuidava do barco ouviu mas não deu importância, até que eu disse que ele levava o filho do Zé Broa, então ele voltou assustado, e lá estava meu irmão, quieto. Ele ia morrer ao mar! Não contei nada em casa. Eu ajudava meu pai, fazia os pagamentos todos e ia ao banco, quando tinha de ir. Um dia apareceu um homem cobrando meu pai 9.900 escudos, eu lembrei desse valor e falei ao meu pai que ele já havia pago. Meu pai disse ao homem que ia ver no banco, no dia seguinte ele foi lá e confirmou: já tinha pago o tal valor para o homem. Ele ficou contente. Meu pai confiava muito em mim. A vida tem mais comodidade hoje, mais conforto, mas eu não posso queixar-me da infância.”

**Isabel Maria:** “Meu pai era pescador, minha mãe era peixeira. A vida era difícil, éramos pobres, muito pobres. O pai morreu quando eu tinha treze anos. Tive que ir trabalhar. Eu vendia caranguejo. Todo dinheiro trazia à mãe, para sustentar os irmãos também. Hoje tenho uma vida confortável, trabalho duro, mas já tenho a casa para um dos filhos e estou juntando para dar à outra.”

**Lara:** “Meu pai trabalhava na EDP, minha mãe, trabalhou na fábrica de peixes, depois, teve uma loja de roupas. Minha infância foi farta, não faltava nada. Meus pais amavam-se muito. Morávamos eles, minha irmã e eu. Agora, minha casa é igualmente confortável, não falta nada, nem amor, nem carinho.”

**Maria Adelaide:** Em casa era a mãe, os irmãos, que só um chegou a ficar adulto, os outros iam morrendo ainda crianças, o pai vinha de vez em quando, quando voltava, eu nem sabia quem era ele! A gente era muito, muito pobre. Não passamos fome porque ficavam peixes para a comida. Casei com meu homem com 14 anos menos 10 dias, e no dia seguinte ao casamento teve sua primeira filha. Fomos viver numa pecinha da casa: com tudo emprestado, cama, fogão, roupa de cama, tudo arranjado pelos amigos. Melhorias na casa? Ah! Só depois do meu homem ir pro mar como embarcado. Mas foram poucas. Agora é que melhorou um pouco mais.

**Maria Antonia:** “Pai era pintor, artista. A mãe era peixeira. A vida era difícil. A mãe trabalhava muito. Eu ficava a cuidar da casa, tinha que fazer tudo. Eram meus dois irmãos, meu pai, minha mãe e eu. Limpava, lavava, cozinhava, fazia tudo. Casei-me com quatorze anos porque achava que ia ser livre! Meu marido era pescador. Aí vieram os filhos e a responsabilidade aumentou, a vida piorou. Mas com relação à casa, tenho mais comodidade, é claro. Fiquei vinte e quatro anos casada, divorciei-me com trinta e oito anos. Casei-me novamente, depois, ele é caminhoneiro, conhecido do grupo de amigos.

*Divorciei-me novamente depois de nove anos de casamento. Agora ando só. Vim aqui trabalhar com minha tia, fiquei desempregada e vim para aqui, com ela.”*

**Maria Conceição:** *“Pai pescador e mãe peixeira, depois, em casa. Família muito pobre. Fui criada pela avó, pela vizinha, pessoas mais velhas. Só estudei até à quarta classe porque tive de trabalhar. Tinha que vender 100 escudos, para dar de comer a oito pessoas em casa. A avó morava junto, uma tia também. A vida mudou, sim, tem mais dinheiro hoje, a casa tem tudo, mas falta amor, amizade de verdade.”*

**Maria Nazaré:** *Em casa era meu pai, minha mãe, dois irmãos e uma tia solteira. Quando menina, a vida era difícil: andava com os irmãos à sopa (dada por uma freira à frente do hospital, ao lado do coreto da praça. (um dos irmãos desmaiava de fome). Depois, comiam na cantina da escola, onde eram obrigados a tomar óleo de fígado de bacalhau antes da comida. A tia fazia bonecas de pano, um dia vestiu uma com roupinhas típicas das nazarenas. O pai pediu à tia que fizesse mais e levaram ao chão da praça, no Sítio, e venderam tudo! Começaram um novo negócio! A fome acabou.*

**Orlanda:** *“O pai era pescador, a mãe, vendia peixe que descarregava das redes. Eu muito ajudei, desde criança. A casa era bem humilde. Morávamos todos juntos, poucos cômodos para toda a gente. A mãe tem já oitenta e cinco anos e é muito ativa, ainda tenta ajudar-me. Eu não gostava de estudar, só de trabalhar. Queria minhas coisas, e sem trabalho não tinha jeito. Hoje não tenho do que me queixar. Casei-me com um pescador. Hoje está afastado: sofreu um acidente de carro e ficou com problemas. Tenho tudo. Minha loja de novo andando bem. Agora é trabalhar e seguir. Já não preciso de mais nada. Só de continuar pagando estudo às minhas filhas.”*

**Rosária:** *“Meu pai era pescador de alto mar, minha mãe, doméstica. Éramos nove irmãos! A vida era bem humilde, mas era mais bonita. Havia mais amor, a família era muito unida. Eu já vinha ao mercado ajudar a minha irmã desde onze anos. Sim! Minha mãe teve-me com quarenta e cinco anos! Eu sou a filha mais nova. Agora trabalho aqui, na banca que era da minha irmã. Hoje tenho uma casa confortável, até porque é mais fácil, meu marido é pedreiro. Não me falta nada. Tenho meu trabalho, tenho o que preciso.”*

**Teresa:** *“Em casa era meu pai, minha mãe e meus dois irmãos e minha irmã. Minha mãe ficou viúva com 40 anos e, dali para frente, enfrentou sozinha todas as dificuldades criando os filhos como uma guerreira. Lembro de um natal, em que finalmente conseguimos ganhar um bebê chorão. Era moda, todas as crianças tinham. No ano anterior minha mãe não pode dar-nos. Então ela conseguiu comprar, mas era só um. E nós éramos três! Então o bebê chorão tinha que ser repartido por minhas irmãs e eu, então o filho era nosso. (risos), a gente dividia tudo! Melhorias na casa depois que todos já trabalhavam, mas não muito. Tive uma infância bem pobre, mas feliz. Agora estou recomeçando, mas minha casita está bem. Ganhei muita coisa de uma amiga para montar minha nova casa, já nem me preocupo com faltar mais nada.”*

É de assinalar a forte coesão e a proximidade das unidades familiares na comunidade nazarena. O fato de as entrevistadas terem crescido vivendo com toda a família sob o mesmo teto ressalta a importância da família como uma unidade central na vida das pessoas dessa comunidade. Essa proximidade familiar influencia diversos aspectos da vida das entrevistadas, desde suas relações interpessoais até suas decisões

sobre casamento e formação de família própria. O apoio e a presença constante da família podem contribuir para um sentimento de segurança e suporte emocional, mas também podem moldar expectativas e normas sociais em relação ao papel das mulheres e dos homens na família e na comunidade. Além disso, o fato de algumas entrevistadas terem iniciado suas vidas de casadas sob o mesmo teto da mãe ou no pátio da casa materna sugere uma continuidade na proximidade e interdependência entre as gerações familiares, mesmo após o casamento. Isso ressalta a importância da família estendida e das redes de apoio social na vida das pessoas da comunidade da Nazaré.

É interessante observar essa evolução nas condições de moradia das entrevistadas ao longo do tempo. O relato sobre a melhoria das residências, com maior conforto e comodidade, reflete não apenas mudanças físicas nas casas, mas também mudanças na qualidade de vida e no padrão de habitação da comunidade. A disponibilidade de cozinhas equipadas e de cômodos exclusivos para cada filho, por exemplo, sugere um aumento no padrão de vida e no espaço individual dentro da família. Isso pode influenciar tanto as relações familiares quanto o desenvolvimento pessoal e social dos membros da família. Além disso, a instalação de banheiros dentro das casas e a introdução de fogões e energia elétrica representam avanços significativos no conforto e na praticidade do dia a dia. Essas mudanças, certamente aceleradas para atender ao mercado de aluguel de quartos a turistas, podem ter impactado não apenas a forma como as pessoas realizam suas tarefas diárias, mas também sua percepção de conforto e de bem-estar em suas casas.

A família continua sendo o centro das prioridades e dos esforços das entrevistadas. O investimento no bem-estar e no futuro dos filhos é uma das principais motivações por trás das melhorias nas condições de vida, incluindo alimentação, vestuário e moradia. O trabalho árduo das entrevistadas é direcionado não apenas para sustentar a família no presente, mas também para garantir um futuro melhor para os filhos. As melhorias nas residências refletem esse compromisso em oferecer um ambiente mais confortável e adequado para o crescimento e desenvolvimento das gerações vindouras. Essa dedicação à família também é evidente na maneira como as entrevistadas compartilham suas memórias e experiências familiares ao longo da entrevista. A família é não apenas uma unidade de suporte emocional, mas também uma fonte de identidade e de significado para elas, moldando suas escolhas e prioridades ao longo da vida.



## Capítulo IX – O trabalho

É incontornável dedicar um capítulo ao trabalho, pois ele desempenha um papel central na vida das nazarenas, fornecendo não apenas meios de subsistência, mas também autonomia e independência. O trabalho, seja remunerado ou não, representa não apenas uma fonte de renda, mas também uma expressão da identidade e uma forma de contribuir para a comunidade e a família.

Explorar as diversas formas de trabalho realizadas pelas entrevistadas, bem como suas experiências e percepções em relação ao trabalho remunerado e não remunerado, fornecerá indicadores pertinentes sobre a dinâmica econômica e social da comunidade de Nazaré. Isso nos ajudará a entender melhor como o trabalho molda as vidas das mulheres nazarenas e como elas enfrentam os desafios e buscam oportunidades em suas trajetórias profissionais.

### 9.1. Começando do início: descrição

Ao investigar as diferentes formas de trabalho em que estão envolvidas, podemos ter uma visão abrangente das responsabilidades que assumem diariamente, tanto dentro quanto fora do ambiente doméstico. É importante analisar não apenas as horas dedicadas ao trabalho remunerado, como emprego formal ou informal, mas também o tempo gasto em atividades domésticas, cuidados com a família e outras responsabilidades não remuneradas. Isso nos permite entender melhor como as mulheres gerenciam suas agendas e equilibram múltiplas demandas. Ao coletar dados sobre a carga horária de trabalho, podemos identificar padrões, desafios e oportunidades específicas enfrentadas pelas mulheres nazarenas em relação ao emprego, cuidado familiar e outras atividades.



## 9.2. Atividades do trabalho

Começamos por desvendar suas atividades de trabalho, remunerado, ou não, considerado como atividades profissionais era nosso intuito, então questionamos:

*- Com relação às atividades profissionais atuais, poderias descrevê-las?*

**Ana Cristina** – *“Atualmente estou desempregada. Faço e conserto redes, para ter algum dinheiro. Meu marido é pescador, e todos lá me conhecem, então faço esse trabalho. Claro, cuidado da casa, faço comida, cuidado das roupas, fico toda a manhã fazendo o trabalho de casa, depois, se tiver que ir, vou ao supermercado, ou pagar contas, volto vou para trabalhar as redes. Mas adorava voltar a trabalhar limpando e arrumando casa ou hotel.”*

**Ana Palmira** – *“Trabalho na venda do peixe seco. É o que sei fazer. Vou à lota, compro o peixe, e preparo para trazer ao Estendal. Quando volto à casa é que faço as outras coisas. Não. Não tenho renda extra. Trabalho aqui por precisão.”*

**Anabela** – *“Meu trabalho é este: vender peixe. Vou cedo às compras e venho para o Mercado. Saio daqui à tarde e aí vou fazer as coisas de casa. Não há renda extra. Não lembro de nenhum momento especial por aqui.”*

**Auzenda** – *“Sempre trabalhei na venda do peixe, principalmente o peixe seco, depois de ter vendido peixe fresco de porta em porta. Tenho quartos que alugo, sim, mas isto é só no verão. Renda muito incerta.”*

**Carla Lopes** – *“Não tenho renda, eu só trabalho em casa. Agora estou fazendo o curso para economizar o que se paga para outros consertarem as redes. Trabalho só quando me chamam, mas é na temporada do turismo e só quando a dona da loja me chama.”*

**Carla Sofia** – *“Trabalho como funcionária pública. Venho na hora do almoço e sempre que dá aqui no restaurante. Aqui não ganho nada. Não tenho nada para além do trabalho.”*

**Carolina** – *“Agora já parei de vender peixe todos os dias, era o que fazia até a pouco Venho aqui porque minha filha nem sempre pode e eu gosto de estar por aqui, além de ganhar algum dinheiro. Há muita dificuldade, minha filha me ajuda. Fiquei com meia pensão do meu homem. Foi só. É o eu tenho.”*

**Dina** – *“O que ganho é o salário do trabalho na fábrica de pneus. Com o curso nós vamos economizar porque eu é que vou fazer os consertos nas redes do barco.”*

**Felipa** – *“Eu sempre trabalhei com vendas, mas é a primeira vez que vendo comidas. Faz nove meses que estou a trabalhar aqui.”*

**Francelina** – *“Eu vendo peixe seco, como vês. Primeiro tem-se que ir à lota, depois, tem-se que escalar (abrir com uma faca num corte longitudinal), depois escala, lava e leva à moura (salga). Traz os peixes para aqui. Estende-se no Estendal. Espera-se o cliente.”*

**Higina** – *“No momento estou no fundo desemprego porque a fábrica de loiças onde trabalhava faliu. Vamos ver o que vai ser. Este curso que faço vai ajudar, eu vou consertar redes, já é uma economia!”*

**Irene** – *“Minha renda vem daqui. Quando compramos o restaurante, eu não sabia cozinhar. Contratei uma cozinheira que me disse: - Aprende a cozinhar, senão vais sempre precisar de alguém.! E eu aprendi, hoje faço tudo se a cozinheira não vem, e ensino quando não sabe. Tenho, sim, outra renda. Vem do aluguel para turistas. Um acontecimento? Sim. Uma vez, eu trabalhei o verão todo sem vê quanto tinha no banco. Decidi que não ia ver. Ao final do verão, eu fiquei nervosa, precisava ir ao banco ver o que tinha, se saldo ou dívida. E deu um saldo. Bom? Sim, aquele verão foi muito bom”*

**Isabel Maria** – *“Eu vendo frutos secos aqui no Sítio. É uma renda incerta. Há os dias de inverno, com chuvas, e os turistas não vêm. Por isto é preciso trabalhar todos os dias, nos domingos, nos feriados. A gente tem que pensar nos dias que não há vendas. Ainda não tenho outra renda. Sim! Quando eu comecei eu pedi para que o homem que vendia os frutos secos me vendesse com um prazo. Ele aceitou e, uns poucos dias depois, eu voltei lá e lhe paguei tudo. Foi assim que comecei. Sempre sozinha. Fico aqui até à noite, depois vou à casa. É quando faço o trabalho da casa.”*

**Lara** – *“Sou professora e já dei aulas em várias escolas e distritos (Leiria, Alcobaca, Peniche, Óbidos, Marinha Grande, Nazaré, . . . ) Um momento marcante foi quando fui conheci e falei com José Saramago. Foi emocionante. “*

**Maria Adelaide** – *“Eu vendo peixe seco, já não devia, pois estou na reforma, mas eu venho aqui. Minha filha sozinha não pode. Eu gosto de estar aqui, de vender peixe. É o que sei fazer a vida toda. Não, não tenho outra renda.”*

**Maria Antonia** – *“Vender, é o que gosto. Gosto de atender a toda gente. É o que sei fazer, e acho que faço bem. Vivo deste salário. Por enquanto.”*

**Maria da Conceição** – *“Eu vendo frutos secos aqui no sitio. Sempre vendi. Desde os sete anos que vendo! Não tenho outra renda.”*

**Maria da Nazaré** – *“Eu faço transporte. Conheço toda a gente! Gosto do que faço! Conheço aqui na Nazaré e todos em torno. Quando venho aqui ao restaurante almoçar, no final, eu já vou ajudar a lavar a loiça, sou assim. Não precisa de pedir ajuda, eu vou pra já ajudando.”*

**Orlanda** – *“Vendo peixe congelado. Depois, fui vendo o que as pessoas precisavam, e agora já tem esses outros produtos aí (há produtos de limpeza, de alimentação, carvão, água, azeites, vinhos, enfim, é já um mini mercado com vários balcões com peixes congelados). É o que gosto de fazer! Trabalho muito e com amor.”*

**Rosária** – *“Eu já trabalhei num hipermercado, lá o que eu fazia era repor mercadorias. Depois, vim para aqui. Vendo peixes. É o que temos. Não tenho renda extra.”*

**Teresa** – *“Eu trabalho atendendo a crianças e idosos numa casa de freiras. Faço de tudo, até cozinho. Gosto do que faço, é o que tenho agora.”*

É curial relevar as discrepâncias nas respostas das entrevistadas, especialmente quando se trata de atividades adicionais que não foram explicitamente mencionadas durante as entrevistas. Isso ressalta a importância de explorar mais a fundo as diferentes facetas do trabalho e das responsabilidades das mulheres nazarenas, a fim de capturar uma imagem completa de suas atividades diárias. No caso de Auzenda, o fato de ela mencionar apenas o aluguel de quartos durante o verão pode indicar que essa atividade é

sazonal ou que ela não a considera como parte central de seu trabalho. No entanto, as conversas paralelas sugerem que pode haver mais complexidade ou diversidade em suas fontes de renda do que inicialmente aparentava. Explorar esses aspectos adicionais do trabalho das entrevistadas é fundamental para descortinarmos aspetos diferenciadores da economia local, as estratégias de subsistência adotadas pelas mulheres e as oportunidades de crescimento ou desenvolvimento econômico na comunidade.

É igualmente relevante observar o espírito empreendedor e a determinação das entrevistadas, especialmente quando se trata de buscar oportunidades de renda e de desenvolver seus próprios negócios. O fato de muitas delas terem seguido os passos de suas mães e até mesmo superado suas conquistas é um testemunho poderoso de sua resiliência e ambição. A preferência pela atividade de vendas também é reveladora, destacando o valor que atribuem à interação humana e à autonomia proporcionada pelo trabalho por conta própria. Essa inclinação sugere não apenas uma afinidade natural com essa ocupação, mas também uma compreensão profunda das necessidades e preferências de seus clientes, algo que pode ser fundamental para o sucesso nos negócios. Embora enfrentem desafios, como a sazonalidade do turismo e a incerteza das condições econômicas, a disposição das entrevistadas para enfrentar essas adversidades mostra uma mentalidade resiliente e adaptável. Esse é um traço essencial para qualquer empreendedor e destaca a força e a determinação das mulheres nazarenas em buscar seu sustento e melhorar suas condições de vida.

### 9.3. Rotina, tempo utilizado com trabalho remunerado e não remunerado

Explorar o trabalho “invisível” é crucial para compreender completamente as dinâmicas familiares e o equilíbrio de responsabilidades domésticas. Ao investigar se há alterações na rotina quando o marido está em casa, especialmente para os maridos pescadores que podem passar vários dias no mar, podemos entender melhor como essas mulheres administram suas responsabilidades familiares e domésticas em diferentes contextos. Quando o marido está em casa, registra-se uma redistribuição das tarefas domésticas/familiares e uma diminuição da carga de trabalho para as entrevistadas. No entanto, isso pode variar dependendo das expectativas culturais e das normas de gênero dentro de cada família. Algumas mulheres optam por manter a mesma rotina de trabalho,

enquanto outras aproveitam a presença do marido em casa para dividir as responsabilidades domésticas e desfrutar de momentos de descanso ou lazer em conjunto. Este contexto revela padrões de gênero arraigados e divisões tradicionais de trabalho dentro das famílias, além de destacar as estratégias de colaboração e de apoio mútuo adotadas pelos casais para enfrentar os desafios do cotidiano.

Elaboramos as seguintes questões para recolher testemunhos relativos a esta dimensão:

*- As suas tarefas alteram-se muito quando o seu marido está (estava) em terra (se o marido é ou foi pescador).*

*- As tarefas de casa são compartilhadas com o marido quando ele está em casa?*

*Quem faz o quê?*

*- E as tarefas de rua, quem as faz? (banco, compras, consertos em casa, etc.)*

**Ana Cristina** – “*Não, quando ele está dá igual. Rotina: acordo às sete horas; vou ao café, limpo o pó (meu marido ri, diz que se me tiram o pano da mão, fico sem saber o que faço), sempre a sacudir o pano (risos), faço o almoço. Depois, às redes. Mais tarde, se for preciso, vou ao supermercado, ao banco, essas coisas. Volto. Janto. Vou dormir pelas onze horas. Essas tarefas não são compartilhadas, sou eu quem as faço.*”

**Ana Palmira** – “*Meu marido anda à casa sempre, há quatorze anos que não trabalha. Quando tenho que comprar peixe, eu acordo às três horas. Venho ao café para encontrar as companheiras e irmos à lota. Depois, tem que amanhar o peixe, escolher para salgar ou enjoar. Depois, trazer ao Estendal. Já fico por aqui. À noite, volto à casa, para fazer alguma coisa. Almoço? Como por aqui mesmo. Em casa, faço a janta, lavo a loiça, vejo o que falta e vou dormir. As vezes pelas dez horas. Nos outros dias eu acordo pelas sete horas, tudo, compras, tudo. Ao banco? Não. Não chega para ir ao banco.*”

**Anabela** – “*Acordo às seis e meia, levo os cachorros à rua (dois labradores), tomo café, vou estender roupa, venho ao trabalho, pouco depois das sete horas. Às treze horas volto à casa, faço o almoço, lavo a roupa, volto ao trabalho. Trabalho até às dezenove horas, mas, se tem cliente, aguardo até sua saída. À noite volto à casa. Faço o que falta. Durmo à meia-noite. Essas tarefas são todas minhas, mas meu filho eu crio diferente: acorda e já faz seu café. Põe sua roupa na maquina, arruma seu quarto. Ele vai ser diferente! Noutra vida quero ser homem! Mulher trabalha demais! Nos dias em que não trabalho, eu trato da mãe e do irmão deficiente.*”

**Auzenda** – “*Acordo perto das sete horas. Café. Arrumo o que tem que ser arrumado. Vejo o que falta e vou às compras. Volto, faço almoço, limpo tudo e venho. Volto à noite, janta e dormir. Acho que depois das dez, mas não é sempre igual. É assim. Não muda nada nunca. Sou eu que faço tudo, sim senhora! Tudo fica comigo! Sempre foi assim! Nada é compartilhado.*”

**Carla Lopes** – “*Meu marido volta pela manhã à casa. É pescador. Sou eu quem cuida da casa. Não há tarefa compartilhada. Quando meu marido vai para alto mar, eu acordo às quatro horas para fazer-lhe o café e o que levar para comer. Geralmente,*

*acordo às sete e meia, levo a filha à escola, vou às compras, faço almoço, vou buscá-la. Sou motorista o tempo todo. Venho à aula à noite e volto para casa. Durmo sempre pela meia-noite.”*

**Carla Sofia** – *“Acordo às sete e meia, banho, vestir-se, trabalho, tomo café às nove horas, no trabalho. Ao almoço venho ao restaurante para comer com meu marido e ajudar no que for preciso. Volto ao trabalho e saio às dezessete horas, volto para aqui. Esta é a minha vida. Fico até irmos juntos pra casa. Pela meia-noite.”*

**Carolina** – *“Ultimamente, acordo pelas oito horas, café, às vezes volto à cama. Tenho chorado muito. Não tenho vontade de nada. À tarde, minha filha me leva consigo para fazer o que tem que ser feito. Venho ao café com companheiras. Volto à casa. Durmo cedo, pelas nove. É assim.”*

**Dina** – *“Meu marido volta nas madrugadas para casa. É pescador. Às vezes, volta mais tarde. Eu, acordo-me às seis e quarenta e cinco, vou ao banho e vou ao trabalho. Tomo café no trabalho. Volto à casa às dezoito horas (saí às 17hs30), venho para cá (escola) às dezenove onde fico até às vinte e três. As compras da casa? Finais de semana. Arrumar a casa? Quando dá. Não, sou eu quem faz tudo, não compartilho.”*

**Felipa** – *“Minha rotina de trabalho: de segunda à sexta agora, mas no verão, trabalho todos os dias. Então, acordo às sete e meia, passeio com a cachorra, vou ao banho, tomo café e venho trabalhar, chego às nove horas. Almoço por aqui, o que trago, não há como aquecer a comida. Às dezoito e trinta volto à casa, Vou ao supermercado, levo as cachorras à rua, faço a janta, namoro um bocadinho e vou dormir. Onze horas. Às vezes ele faz a janta, se ele chega primeiro. Sábado é dia de limpeza, e nós fazemos juntos, depois, vamos à praia, uma ou duas horas, com a cachorra. É isso.”*

**Francelina** – *“Três dias na semana temos de ir à lota. Então acordo às três e meia, e às quatro já estou no café para ir de boléia com as companheiras pegar o peixe. Saímos de lá pelas sete horas, vou limpar o peixe, amanhã-lo e deixá-lo à moura. Vou ao café. Volto, pego o peixe que dá para trazer ao Estendal. Começo a vender, fico até à noite. Volto para casa. Faço janta, vou dormir. Nove horas, mais ou menos. Às sextas-feiras vou a Porto de Mós, Fátima ou Batalha, depende onde há feira, vou vender meu peixe. Aos domingos vou vender peixe à feira de Pataias. Segunda-feira é diferente: eu tiro o dia para arrumar as coisas de casa. Sou eu quem faz tudo. Sou eu que vou ao banco. É tudo comigo. E nas quartas-feiras, eu não estou aqui à tarde: vou a outro sítio vender peixe na feira. Nos outros dias, antes das sete.”*

**Higina** – *“Agora eu acordo às sete e trinta, café, levo-o à escola. Volto à casa, sigo a rotina, depois volto à escola para buscá-lo. Venho à aula à noite. Durmo depois da meia-noite, todo dia. Sou eu quem faz tudo, banco, compras, tudo. Não muda nada, esta é a vida desde sempre.”*

**Irene** – *“Acordo às sete horas, faço as coisas da casa, vou ao supermercado. Às nove e meia da manhã eu já estou cá no restaurante. Aqui vou até uma hora da madrugada, se tiver cliente. Meu marido me acompanha, mas só nas compras e fica aqui, atendendo. O resto é comigo.”*

**Isabel Maria** – *“Acordo às sete e meia e faço a lida da casa, depois, vou à praça (fazer compras) e depois venho ao trabalho. Quase sempre às nove eu já aqui estou. Como aqui mesmo. Saio ao anoitecer, agora é pelas seis horas, mas no verão é depois. Janta, fazer e comer. Dormir. Dez horas, dez e meia. Não há sábado nem domingo. A gente temos que trabalhar muito, sempre quando dá. O dinheiro tem que ser bem*

*organizado para agüentar o inverno. Também não há férias. Não, não muda quando meu marido está à casa. Não há tarefas divididas. “*

**Lara** – *“Trabalho de vinte e cinco a trinta horas semanais. Acordo às sete horas. Tenho uma participação ativa associativa na Biblioteca da Nazaré. Sou representante dos pais e encarregada de educação na escola da minha filha. E faço exercícios: pilates, duas vezes na semana. A janta é normalmente meu companheiro quem a faz. Ele gosta de cozinhar. Esse é meu dia – a – dia. Tarefas de rua? Depende. Vai quem tem tempo no momento, ou vamos os dois.”*

**Maria Adelaide** – *“Acordo-me agora já às oito, tomo meu café e venho à praia, ajudar minha filha. Às vezes almoço aqui, às vezes almoço em casa. moro sozinha, então faço a lida da casa, faço comida, arrumo tudo. Deito cedo, nove e meia. Tem que ser tudo comigo mesmo. Não ando ao banco, não sei ler.”*

**Maria Antonia** – *“Acordo às seis e meia, vou ao café, arrumo alguma coisa pouca e venho para o Mercado. À tarde, às treze horas, volto à casa e faço o que tenho que fazer. É tudo comigo, não tenho marido agora. Durmo por volta das onze.”*

**Maria da Conceição** – *“Levanto às sete e meia, lavo-me, arrumo a casa, visto-me e vou ao café. Venho vender lá pelas nove horas. Agora, fico até às dezoito horas, por aí. A janta é o meu marido quem faz. Às vezes, quando está em casa, ele faz o almoço também. É ele quem vai ao supermercado. Eu lavo a roupa. É assim, não há fim de semana, trabalho todos os dias, o mês inteiro, o ano inteiro. Banco? Isso é comigo. A que horas vou à cama? Dez horas, mas nem sempre.”*

**Maria da Nazaré** – *“Acordo às sete horas, levo o Samuelzinho à escola, volto para casa e vou trabalhar. Volto à noite, não tem hora certa. Janto, arrumo alguma coisa e vou dormir só perto da meia-noite. Moro sozinha agora, não há com quem repartir.”*

**Orlanda** – *“Acordo às seis e meia, tomo café em casa, venho ao trabalho, chego às sete e meia, e aqui fico até às dezenove horas. Volto à casa, faço o que há por fazer, e vou dormir pela meia-noite e meia. Faço banco, faço supermercado. Não há tarefas compartilhadas, não.”*

**Rosária** – *“Acordo às cinco horas, me arrumo, tomo café e saio às seis horas. Vou à lota todos os dias. Chego ao Mercado às sete ou um pouco mais. Fico aqui até às treze horas. Aí vou à casa, faço almoço e o que mais tiver a fazer. Durmo às dez horas da noite. Supermercado, banco, vou com meu marido. Há uma boa parceria.”*

**Teresa** – *“Acordo às seis horas, arrumo o café, me visto, e saímos. (com os filhos). Vou ao trabalho. Chego pouco depois das oito. Fico lá até às dezoito horas, quando volto à casa. Fizemos a janta, minha filha e eu, ou só ela, ou só eu, depende. Minha filha gosta muito de cozinhar e inventar pratos. Meu filho, fica aprendendo. Depois, arrumamos tudo, eu vou ler. Durmo perto da meia-noite. Sou eu quem faz supermercado e outras coisas, se tiver que fazer.”*

A observação de Anabela sobre sua preferência por ser homem na próxima vida (“Noutra vida quero ser homem! Mulher trabalha demais!”) reflete uma percepção comum entre algumas mulheres que enfrentam uma carga desproporcional de trabalho doméstico e responsabilidades familiares que conduzem à exaustão da jornada de trabalho. Isso ressalta as desigualdades de gênero persistentes na distribuição do trabalho

não remunerado e o reconhecimento das dificuldades enfrentadas pelas mulheres em conciliar múltiplos papéis. Essa declaração de Anabela sugere uma insatisfação com a sobrecarga de trabalho que muitas mulheres enfrentam em suas vidas diárias, especialmente em contextos onde as normas de gênero tradicionais ainda perpetuam a ideia de que as mulheres são responsáveis pelo trabalho doméstico e pelo cuidado da família. Essa percepção destaca a necessidade contínua de promover a igualdade de gênero e de reconhecer e valorizar o trabalho não remunerado realizado pelas mulheres.

Fica muito claro que quase a totalidade executa as tarefas de casa sozinhas, sem a participação do companheiro, com exceção de quatro delas. Lara e Maria da Conceição têm companheiros que gostam de cozinhar, facilitando-lhes essa tarefa. No caso de Lara, sua maior escolaridade pode ter contribuído para uma perspectiva mais igualitária em relação às responsabilidades domésticas, levando-a a compartilhar essas tarefas com seu companheiro de forma mais equitativa. Quanto a Felipa, sendo mais jovem, pode estar inserida em um contexto social e cultural que valoriza mais a igualdade de gênero e a participação ativa dos parceiros nas tarefas domésticas. Além disso, a educação e a exposição a diferentes ideias sobre igualdade de gênero podem ter influenciado suas atitudes em relação à divisão de trabalho em casa. Estes exemplos ressaltam como fatores como idade, escolaridade e contexto social podem moldar as atitudes das pessoas em relação às questões de gênero e divisão de trabalho, refletindo uma evolução em direção a modelos mais igualitários de relacionamento e distribuição de responsabilidades.

Rosária ainda complementa que “ . . . *Supermercado, banco, vou com meu marido. Há uma boa parceria.* ”, mas as tarefas domésticas são de sua responsabilidade.

A tarefa de resolver questões ligadas a bancos é comum a todas, com exceção de Rosária, Felipa e Lara, em que uma compartilha e as demais o fazem quando mais convem a um ou outro membro do casal.

#### 9.4. Horas de trabalho das mulheres da praia da Nazaré

Para tornarmos mais fácil a leitura das horas de trabalho destas nossas mulheres nazarena, elaborámos a Tabela 9, onde transpusemos de forma muito sucinta e numérica, os horários da rotina de cada uma das entrevistadas. Nesta tabela utilizamos a hora do

despertar na terminologia: “Acorda”. Na segunda coluna vemos o horário utilizado para o trabalho remunerado, seja emprego ou por conta própria, se for o caso. Para determinar o período de repouso, foi colhida a informação referente ao horário que a entrevistada costuma ir dormir. Na última coluna, fizemos um cálculo baseado na seguinte fórmula: horas diárias de trabalho remunerado, mais horas de trabalho não remunerado; ou seja, o trabalho doméstico, trabalho invisível que a imensa maioria das mulheres não consegue computar no seu dispêndio diário, mas que é constante, sem dia feriado, sem afastamento, que não seja por outro motivo senão a doença que a impeça de fazê-lo. Para este trabalho, como média, colocamos três horas para a maioria que trabalha fora de sua residência por ser o tempo médio de preparo de refeições, limpeza de louça, limpeza de casa, limpeza de roupas, compras, idas a bancos, arrumação de roupas e casa; enfim, tarefas diárias que quase nunca é computada ao trabalho feminino.

As exceções se deram porque uma das entrevistadas só trabalha no lar, duas das demais dividem tarefas domésticas com seus companheiros e uma delas declara que não gasta mais de duas horas diárias nas rotinas domésticas.

**Tabela 9: O duro dia de trabalho das mulheres do mar**

Nome:	Acorda	Trabalho (Hs) Remunerado	Hora de repouso:	Horas/dia de trabalho remunerado + trabalho invisível:
<b>1. Ana Cristina</b>	7:00	Desemprego	23:00	---- + 6 = 6:00 hs
<b>2. Ana Palmira</b>	7:00	9:30 – 18:00	22:00	8:30 + 3 = <b>11:30 hs</b>
<b>3. Anabela</b>	7:30	7:00 – 13:00	24:00	6:00 + 3 = 9:30 hs
<b>4. Auzenda</b>	7:00	9:30 – 18:00	22:00	8:30 + 3 = <b>11:30 hs</b>
<b>5. Carla Lopes</b>	7:30	Do lar.	24:00	----- + 3 = 3:00 hs
<b>6. Carla Sofia</b>	7:30	9:00 – 17:00	24:00	8:00 + 3 = <b>11:00 hs</b>
<b>7. Carolina</b>	8:00	Em luto.	21:00	---- + 3 = 3:00 hs
<b>8. Dina</b>	6:45	7:45 – 17:30	24:00	9:15 + 3 = <b>12:15 hs</b>
<b>9. Felipa</b>	7:30	9:00 – 18:00	23:00	9:00 + 3 = <b>11:00 hs</b>
<b>10. Francelina</b>	7:00	9:30 – 18:00	21:30	8:30 + 3 = <b>11:30 hs</b>
<b>11. Higinia</b>	7:30	Desemprego	24:00	----- + 3 = 3:00 hs
<b>12. Irene</b>	7:00	9:00 – 23:00	24:00	13:00 + 2 = <b>15:00 hs</b>
<b>13. Isabel Maria</b>	7:30	9:00 – 18:00	22:00	9:00 + 3 = <b>11:00 hs</b>
<b>14. Lara</b>	7:00	7:00 – 13:00	23:00	6:00 + 3 = 9:00 hs
<b>15. Maria Adelaide</b>	8:00	9:30 – 18:00	21:30	8:30 + 3 = <b>11:30 hs</b>
<b>16. Maria Antonia</b>	7:30	7:00 – 13:00	23:00	6:00 + 3 = 9:00 hs
<b>17. Maria da Conceição</b>	7:30	9:00 – 18:00	22:00	9:00 + 3 = <b>11:00 hs</b>
<b>18. Maria da Nazaré</b>	7:00	7:30 – 20:00	23:00	12:30 + 2 = <b>14:30 hs</b>
<b>19. Orlanda</b>	6:30	7:30 – 19:00	0030	11:30 + 2 = <b>13:30 hs</b>
<b>20. Rosária</b>	5:00	7:00 – 13:00	22:00	6:00 + 3 = 9:00 hs
<b>21. Teresa</b>	6:00	8:30 – 18:00	23:30	9:30 + 3 = <b>11:00 hs</b>



As mulheres que são proprietárias de negócios estão dedicando uma carga horária significativa ao trabalho principal, o que reflete seu comprometimento e envolvimento com suas empresas. O fato de trabalharem seis dias por semana demonstra sua dedicação e disposição para garantir o sucesso de seus negócios. Essa observação ressalta a importância do trabalho autônomo e do empreendedorismo para essas mulheres, que assumem um papel ativo na gestão de seus negócios e contribuem para a economia local. Além disso, mostra como essas mulheres estão desafiando normas de gênero ao assumirem papéis de liderança e responsabilidade em suas atividades comerciais.

É de notar a diversidade das cargas de trabalho entre as entrevistadas. Enquanto algumas mulheres enfrentam uma carga horária mais pesada devido à gestão de seus próprios negócios, outras desfrutam de uma jornada de trabalho mais leve em empregos remunerados ou em atividades menos exigentes em termos de tempo e de esforço físico. Essa diversidade reflete as diferentes escolhas profissionais e circunstâncias individuais das entrevistadas. Algumas optaram por empregos com horários mais flexíveis para equilibrar suas responsabilidades familiares, enquanto outras estão mais focadas em empreender e investir tempo e energia em seus negócios próprios. Aqui não computamos os dias em que as peixeiras vão à lota, ou seja, os dias que acordam às três horas da manhã para ir comprar o peixe e continuam trabalhando o dia inteiro, como se fosse outro dia qualquer.

Vale destacar a intensidade do trabalho das peixeiras e das vendedoras de frutos secos, que enfrentam uma carga horária muito alta semanalmente, sem direito a descanso nos finais de semana. Com uma média de nove horas de trabalho por dia, ao longo de sete dias por semana, essas mulheres suportam uma carga horária semanal de cinquenta e seis horas. Essa realidade ressalta os desafios enfrentados por essas trabalhadoras, que muitas vezes têm que lidar com jornadas extenuantes para sustentar suas famílias e manter seus negócios. É um exemplo marcante da dedicação e da resiliência das mulheres da comunidade da Nazaré, que enfrentam condições difíceis em busca de meios de subsistência.

Quatro entrevistadas dedicam-se exclusivamente ao trabalho invisível, ou melhor, trabalho doméstico, já que uma delas é apenas dona de casa (esporadicamente trabalha nos verões em uma loja de vestuário), duas outras estão desempregadas, e há ainda Carolina que não consegue ter forças para ir trabalhar tal é seu estado depressivo pela perda do filho há poucos meses.

Levamos em consideração a descrição de sua rotina, desde a hora que despertam, até à hora que vão repousar. Para não ser tendenciosa, levando em consideração o número de filhos e, conseqüentemente a maior carga de trabalho doméstico, achei adequado imputar a todas, em média, três horas de trabalho diário, considerando a posse de eletrodomésticos para a limpeza da casa e da roupa, independentemente do número de pessoas na residência.

As vendedoras de peixe fresco ou congelado, têm o domingo de folga, escapando ao padrão dominante. Assim como Felipa, que trabalha vendendo Bolas de Berlim, no Sítio, que tem um dia de folga na semana, que geralmente é às segundas-feiras.

### 9.5. Colaboração financeira

O guião das entrevistas incluía também questões sobre questões financeiras relativas à organização familiar, designadamente:

- *Quem colabora com maiores rendimentos financeiro para a renda familiar?*
- *Qual seria a proporção?*
- *Há outras rendas extras?*
- *Quais?*

**Ana Cristina** – *“Neste momento é ele quem sustenta a casa, o que ganho com as redes só dá para comprar alguma coisita. Estou desempregada. Não temos rendas extras.”*

**Ana Palmira** – *“Agora é tudo por minha conta. Meu marido há quatorze anos sem trabalhar... então ... Não, não tenho renda extra. Vivo do peixe seco.”*

**Anabela** – *“É mais ou menos igual, mas eu ganho um pouco menos que o meu marido. Não, infelizmente, não há outra renda, é só do trabalho mesmo.”*

**Auzenda** – *“Quem mais põe dinheiro em casa sou eu. Meu marido anda na reforma, eu também já tenho a minha, mas continuo por aqui. Tenho, mas no verão, alugo cômodos para os turistas.”*

**Carla Lopes** – *“Eu não tenho trabalho, só em casa, então é tudo com meu marido.”*

**Carla Sofia** – *“Eu ganho menos que meu marido, mas não muito menos. Não temos renda extra.”*

**Carolina** – *“Sou só, então é da metade da reforma que meu homem me deixou que vivo eu cá. Não, não há nenhuma renda extra.”*

**Dina** – “Meu marido ganha mais que eu, mas o meu é garantido, já o dele depende. Não, não temos nada para além.”

**Felipa** – “Meu companheiro ganha melhor, mas não é muito grande a diferença. Não, não temos renda de outro lado.”

**Francelina** – “Sou eu quem ganha mais. Renda extra? Ah! Pois! Eu vendo nas feiras, às quartas-feiras e domingos, não sei se é isso . . . “

**Higina** – “Agora que estou no desemprego, é meu marido que fica com todos os pagamentos. Não há nada além disto.”

**Irene** – “Pois, somos sócios os dois do restaurante, então é igual. Alugamos, sim, para turistas, é sempre um dinheirinho que entra a mais.”

**Isabel Maria** – “Depende. Às vezes ele ganha mais que eu. Ah! Pois! Outras vezes, sou eu a ganhar. Não, não temos outra coisa.”

**Lara** – “Atualmente ganhamos praticamente o mesmo. Sim, temos o Alojamento Local (herança dos meus pais).”

**Maria Adelaide** – “Agora, estou só, então é só meu trabalho. Não, não tenho nada para além daqui.”

**Maria Antonia** – “Eu estou só, então é só o que ganho aqui que tenho. Não, não tenho outro ganho. Sou divorciada.”

**Maria da Conceição** – “Pois, às vezes é ele, depende do mar, do tempo, do que o mar dá. Às vezes sou eu a ganhar mais. Não temos outra renda.”

**Maria da Nazaré** – “Sempre fui eu a ganhar mais. Sim, alugo quartos para turistas. Minha mãe já fazia isto. É comum por aqui.”

**Orlanda** – “Agora sou eu quem ganha mais. Mas depende da temporada, depende. Não, não temos outra renda.”

**Rosária** – “É mais ou menos igual o que ganhamos. Depende. Não, não há outro ganho.”

**Teresa** – “Eu vivo só do meu trabalho. Não, não há nada para além disto.”

Estando as entrevistadas mais confiantes de que as informações fornecidas não serão divulgadas fora do ambiente acadêmico, algumas delas compartilharam detalhes sobre suas rendas extras. Três delas relataram que obtêm renda adicional com aluguéis de peças ou equipamentos, enquanto outra mencionou que ela e sua irmã decidiram criar um Alojamento Local (AL) na casa que herdaram de seus pais. Essas atividades complementares representam uma fonte adicional de renda para essas mulheres, permitindo uma maior estabilidade financeira e ampliando suas oportunidades econômicas.

É curial registrar a diversidade de situações financeiras entre as entrevistadas, refletindo as diferentes realidades e dinâmicas familiares. Enquanto algumas mulheres

registram uma superioridade financeira em relação aos maridos, outras enfrentam a incerteza das rendas provenientes da pesca ou das vendas, o que pode resultar em uma situação de maior dependência econômica dos esposos. As entrevistadas que estão desempregadas ou optaram por ser donas de casa também enfrentam desafios financeiros, dependendo exclusivamente de suas próprias fontes de renda ou de assistência social.

Além disso, a discrepância de ganhos entre os cônjuges pode ser influenciada por fatores como nível de escolaridade, condições de trabalho e oportunidades profissionais disponíveis para cada um. No caso de Felipa, sua situação destaca as desigualdades sociais e econômicas, onde apesar de possuir o mesmo nível de escolaridade que o companheiro, enfrenta condições de trabalho mais precárias e uma renda menor, o que impacta diretamente em sua qualidade de vida e acesso a necessidades básicas como alimentação.

É inegável o espírito empreendedor e a resiliência demonstrados pelas entrevistadas, que enfrentam jornadas exaustivas e incertezas financeiras em busca de melhorias para suas vidas e de suas famílias. Suas histórias refletem não apenas a determinação em superar desafios, mas também a capacidade de adaptação e a busca por oportunidades mesmo diante de condições adversas. O empreendedorismo dessas mulheres não se limita apenas ao âmbito profissional, mas também abrange a esfera doméstica, onde são responsáveis por gerenciar suas casas, cuidar dos filhos e equilibrar múltiplas tarefas. Suas trajetórias destacam a importância do trabalho feminino não apenas para a sustentabilidade econômica das famílias, mas também para o desenvolvimento social e comunitário. No entanto, é essencial reconhecer os desafios enfrentados por essas mulheres, incluindo a carga de trabalho excessiva, a falta de reconhecimento e valorização de suas contribuições e as disparidades de gênero ainda presentes em muitos aspectos da sociedade, designadamente a nazarena.

## 9.6. Marido é um empreendedor também, ou não?

Seguindo nossa pesquisa, querendo obter mais informações para uma análise sobre o desenvolvimento social e econômico da comunidade piscatória, tivemos a preocupação

de recolher informações adicionais sobre a situação profissional do marido/companheiro, perguntando:

**- Seu marido é empregado ou autônomo?**

Para esta questão, igualmente, preferimos demonstrar as respostas de forma sintética, através da Tabela 10, pedido às entrevistadas para detalharem o que fazem os maridos/companheiros quando autônomos/independentes:

**Tabela 10: Qual a condição de trabalho do marido/companheiro?**

<b>Nome:</b>	<b>Marido/Companheiro é empregado ou autônomo?</b>
<b>1. Ana Cristina</b>	Pescador autônomo – proprietário de barco
<b>2. Ana Palmira</b>	<b>Era</b> pescador autônomo. (na reforma)
<b>3. Anabela</b>	Empregado: vendedor de loja.
<b>4. Auzenda</b>	<b>Era</b> pescador autônomo. (na reforma)
<b>5. Carla Lopes</b>	Pescador autônomo – proprietário de barco
<b>6. Carla Sofia</b>	Empregado no restaurante da mãe (Irene)
<b>7. Carolina</b>	<b>Era</b> empregado: pescador de embarcação. (viúva)
<b>8. Dina</b>	Pescador autônomo – proprietário de barco
<b>9. Felipa</b>	Empregado na administração de uma fábrica.
<b>10. Francelina</b>	<b>Era</b> pescador embarcado. (na reforma)
<b>11. Higina</b>	Pescador autônomo
<b>12. Irene</b>	Proprietário/Sócio (com ela) de restaurante
<b>13. Isabel Maria</b>	Pescador autônomo
<b>14. Lara</b>	Empregado
<b>15. Maria Adelaide</b>	<b>Era</b> pescador embarcado (viúva)
<b>16. Maria Antonia</b>	1º marido: pescador autônomo; 2º marido: caminhoneiro
<b>17. Maria da Conceição</b>	Pescador autônomo
<b>18. Maria da Nazaré</b>	<b>Era</b> pedreiro, autônomo. (viúva)
<b>19. Orlanda</b>	Pescador autônomo.
<b>20. Rosária</b>	Autônomo: pedreiro.
<b>21. Teresa</b>	<b>Era</b> empregado e pescador (Separada)

O que mais vemos na Tabela 10, com relação às atividades de trabalho dos maridos/companheiros das nossas entrevistadas, é a profissão de pescador, e, dentre eles, a maioria é autônomo/independente.

A incerteza inerente ao trabalho dos pescadores afeta diretamente a estabilidade financeira das famílias das mulheres entrevistadas. As flutuações nos rendimentos decorrentes das condições do mar, das variações sazonais na disponibilidade de peixe e de outros fatores imprevisíveis contribuem para essa incerteza. Essa realidade ressalta a importância da diversificação de fontes de renda e do empreendedorismo, como

estratégias para lidar com a instabilidade financeira. Muitas das entrevistadas buscam alternativas para complementar seus ganhos, seja através de pequenos negócios, aluguéis ou outras atividades remuneradas. Isso demonstra uma capacidade adaptativa e uma busca por segurança financeira mesmo em face de desafios constantes.

A forte ligação das entrevistadas a pescadores, não apenas como parceiros de vida, mas também como uma escolha consciente dentro de uma comunidade tradicionalmente ligada à pesca é assinalável. Isso reflete não apenas a influência das tradições e do ambiente em que cresceram, mas também a importância da pesca como uma fonte central de sustento e identidade para essas famílias. O caso de Lara e seu companheiro ilustra essa conexão, mesmo que ele não seja mais um pescador em tempo integral. Sua história demonstra como a ligação com a pesca pode transcender a atividade profissional e se tornar parte integrante da identidade e da comunidade, refletida até mesmo em seu envolvimento ativo com o sindicato de pescadores.

## 9.7. Amor pelo trabalho

187

---

Na seqüência do bloco sobre questões relacionadas a trabalho, questionamos as entrevistadas em relação ao sentimento para com a atividade profissional desenvolvida, perguntando: - *Gosta do que faz?*

E tivemos os seguintes retornos de quem está em plena atividade:

**Ana Cristina** – *“Eu adoro ver uma casa arrumada, um quarto bem arrumado, era o que eu fazia, e quero voltar a fazer, me dá prazer!”*

**Ana Palmira** – *“Trabalho direito, é como sei fazer. Fico aqui até poder andar, ter saúde, mas fico por precisão, é o que sei fazer.”*

**Anabela** – *“Gosto de atender gente! Gosto de ver que ficam a gosto comigo! Por Isto é que adoro o que faço.”*

**Auzenda** – *“Sempre gostei! Aqui fico na liberdade! Trabalho perto do mar!”*

**Carla Lopes** – *“Me acostumei a fazer tudo em casa, sempre fui assim, desde quando ainda era miúda. Sempre era eu quem arrumava tudo em casa.”*

**Carla Sofia** – *“Eu recebo pessoas lá na Câmara, gosto muito do que faço. Aqui, no restaurante, também gosto de atender.”*

**Carolina** – *“Sempre gostei do que fazia, fosse qual fosse o trabalho. Se vendia peixe, cantava e as pessoas gostavam. Se estava a limpar, cantando sempre, alegrava a toda gente!”*

**Dina** – “Gosto do que faço, gosto do local do trabalho, e gosto de ter o meu dinheiro, é minha independência.”

**Felipa** – “Gosto de atender pessoas, conhecer pessoas. Vem aqui gente de todo lado. Gosto de conhecer outras culturas. É muito bom, sim, trabalhar com toda a gente.”

**Francelina** – “Gostava de ter estudado, como lhe disse, mas foi aqui que consegui sustentar a família e criar meus filhos. E gosto de fazer bem feito! E atender bem às pessoas! Gosto, sim, de vender e conhecer a toda gente!

**Irene** – “Gosto de atender, de conversar, gosto de me inteirar de tudo. Só gostava de ter estudado.”

**Isabel Maria** – “Gosto, sim, senhora! Sempre gostei de estar livre, de ver gente! Aqui é o que temos! E eu gosto. Gosto, sim.”

**Lara** – “Muito Adoro lidar com pessoas/jovens e lembrar-lhes a toda a hora que ano somos apenas animais acossados na luta pela sobrevivência, mas sim, seres dotados de capacidade para dignificar a humanidade.”

**Maria Adelaide** – “Sempre gostei daqui. Sempre só conheci o trabalho de vender peixe. Hoje o dinheiro já não dá por causa dos remédios. Não posso parar de vir aqui.”

**Maria Antonia** – “Gosto. É o que tenho hoje.”

**Maria da Conceição** – “Muito! Gosto muito do que faço. Trabalho com alegria. Gosto de estar aqui, gosto das colegas. Agora tenho uma filha do coração, é a Felipa, a miúda das Bolas de Berlim. Quando trago algo de comer, divido com ela. É muito bom estar aqui.”

**Maria da Nazaré** – “Gosto muito. Não consigo ficar parada, preciso de movimento. Gosto de ajudar, estou sempre disposta para todos. É bom, sim, trabalhar é muito bom.”

**Orlanda** – “Gosto muito de ter esta independência, ainda que precise trabalhar muito. Por isto é que tentei de novo depois de falir a primeira loja. Voltei e estou forte aqui. “

**Rosária** – “Sim, gosto de trabalhar, e eu sempre só conheci este trabalho. Gosto muito. Foi com este trabalho que ajudei a criar meus filhos e estão todos muito bem!”

**Teresa** – “Gosto, sim. Quando estou atendendo aos velhos e as crianças, me dão tanto carinho! Mas eu quero ir ao mar! É para isto que estou me preparando!”

É impressionante observar como o desemprego afeta profundamente a vida de Higina, tirando-lhe não apenas a fonte de renda, mas também a sensação de independência e realização pessoal. Essa situação destaca a importância do trabalho não apenas como uma fonte de sustento financeiro, mas também como um elemento crucial para o bem-estar emocional e a autoestima. Por outro lado, é reconfortante notar que a maioria das entrevistadas encontra satisfação e alegria em seu trabalho, especialmente na interação com outras pessoas. Essa conexão com a comunidade e a capacidade de socializar são aspectos fundamentais de suas vidas profissionais, que não apenas contribuem para o

ambiente de trabalho, mas também para sua própria felicidade e bem-estar. O riso e a alegria compartilhados entre elas, quando desenvolvem atividades profissionais juntas, não só melhoram o atendimento ao público, mas também criam um ambiente de trabalho positivo e acolhedor. Isso destaca a importância não apenas da atividade em si, mas também das relações interpessoais e do ambiente de trabalho para o contentamento e o sucesso profissional.

É emocionante perceber como Francelina e Irene encontraram satisfação e sentimentos de identidade em seus trabalhos, mesmo expressando o desejo de terem tido oportunidades educacionais mais amplas. Isso ressalta a importância do contentamento pessoal e da realização no trabalho, independentemente do nível de educação formal alcançado. Pude observar, através de técnicas de *shadowing*, como estabelecem conexões pessoais com os turistas e com guias locais, demonstrando uma abordagem proativa e orientada para o cliente em seu trabalho. Essa atenção aos detalhes e o esforço para oferecer um serviço personalizado podem contribuir significativamente para o sucesso de seus negócios, mesmo que o retorno imediato seja modesto. Esses exemplos ilustram como a paixão pelo trabalho e a capacidade de adaptação podem compensar as limitações educacionais ou outras dificuldades, permitindo que as nazarenas encontrem em sua atividade profissional realização e sucesso.

As peixeiras se divertem com os turistas, ensaiam um “Merci”, “Thanks”, “Gracias”, enfim, comunicam do jeito que dá, e vão tentando vender; mas não é uma venda fácil, dado que seu peixe é para ser cozinhado. Portanto, o turista precisa levá-lo para casa e, dependendo da distância ou do modo de alojamento em Portugal, não está frequentemente interessado em comprá-lo.

As peixeiras se cansam de serem fotografadas repetidamente, especialmente quando isso acontece sem seu consentimento e sem compensação. A exposição constante à beira-mar torna difícil evitar que os turistas tirem fotos delas, o que pode ser invasivo e cansativo. Do ponto de vista delas, seria justo que os turistas reconhecessem o valor das fotos que tiram das pessoas locais e considerassem oferecer alguma forma de compensação, seja através da compra das fotos ou de uma contribuição financeira. Infelizmente, nem sempre isso acontece, deixando as pessoas locais sem recompensa pelo uso de sua imagem.



Alguns turistas chegam até a ser grosseiros. Ao passar pelo Estendal com suas mochilas às costas, ainda que não intencionalmente, muitas das vezes derrubam o estendal, fazendo cair alguns peixes na areia, prejudicando suas vendas.

#### 9.8. Incentivo do governo?

Adicionalmente quisemos saber se as peixeiras beneficiam ou beneficiaram do apoio de alguma política pública:

***- Há ou houve alguma ajuda do governo ou do município para a atividade principal? Qual?***

A esta questão, todas as entrevistadas responderam negativamente. Algumas ironizaram: “Ajuda? Nós é que lha damos! E os impostos que pagamos? Não vá botar meu nome aí, por favor!”. Generalizadamente as entrevistadas expressem frustração e preocupação com a falta de apoio e reconhecimento por parte das autoridades, designadamente as locais, especialmente considerando a contribuição que elas fazem para a economia e a animação locais. Vendo-se como elemento central de uma paisagem cultural, as peixeiras lamentam a falta de reconhecimento que parece estar ligada ao desfazamento que existe entre a atenção suscitada entre os turistas em relação ao seu modo de vida e a concretização desse interesse voyeurista em oportunidades de negócio realmente concretizadas.

#### 9.9. Tiveram algum tipo de ensinamento para sua atividade?

Pretendemos também saber se, em termos de formação e de capacitação, as peixeiras beneficiaram de alguma ação ou apoio concreto. Para esse efeito perguntámos:

***- Teve algum tipo de curso/treinamento/aperfeiçoamento para melhoria do trabalho? Qual? Quem o ofertou? Onde foi? Quando?***

Apenas as três entrevistadas que frequentam o curso "Formação para Pescadores – Tecnologia da Pesca" responderam afirmativamente a esta questão. Esse curso é

obrigatório para aqueles que desejam obter a documentação necessária para navegar em barcos de pesca e aborda uma variedade de tópicos, incluindo a fabricação e reparo de redes, manutenção de barcos e preparação para enfrentar condições adversas no mar. Teresa, uma das entrevistadas, está cursando como parte do processo para obter a documentação que lhe permitirá pescar em alto mar. Já Dina, Carla Lopes e Higinia estão participando do curso com o objetivo específico de ajudar seus maridos no reparo e na confecção de redes de pesca.

Após abordarmos esse tema, decidimos explorar o conhecimento em administração financeira. Em decorrência disso, optamos por introduzir uma questão final que serviria como encerramento do tópico.

#### 9.10. Administração financeira

Pareceu adequado perguntar diretamente às entrevistadas o seguinte:

- *Sabe administrar os recursos financeiros? Como faz?*

- *Como é feita a decisão sobre os gastos (prioridades, investimentos, outros, etc.)?*

Transcrevemos o que recebemos como respostas:

**Ana Cristina** – *“Eu sei o que se tem que gastar todo o mês, então, vou gastando conforme o dinheiro vai vindo. Agora economizo mais ainda porque não tenho dinheiro meu. A prioridade é o que gastamos com a EDP (empresa portuguesa que fornece gás e energia elétrica), com as águas (despesa mensal de consumo de água para a residência), depois, vem o restante, então é aí que eu faço economia: no supermercado.”*

**Ana Palmira** – *“Os vizinhos e conhecidos dizem: “Coisa linda! O curso acabado, felicidade em casa, formatura . . . mas no dia a dia não é assim tão bom.” Então eu tenho que saber o que posso gastar. Primeiro tem que pagar o do mês (água e luz), depois aí é que vemos . . . até agora vem dando certo, eu sempre consigo, não devo nada a ninguém.”*

**Anabela** – *“Eu é que me preocupo com o dinheiro. Primeiro vem o curso da minha filha. Depois, as despesas da casa. Depois, ainda, um pouquinho eu vou juntando, com sacrifício, todo o mês que dá, para o meu café.”*

**Auzenda** – *“Eu sei o que gasto, então, o que ganho, primeiro vai para os gastos, depois, eu vejo o que fazer. Sim, é sempre comigo que tenho que contar.”*

**Carla Lopes** – *“Vou pagando o da casa, depois, os estudos, e o que precisam as filhas. É assim.”*

**Carla Sofia** – *“Estamos nos organizando, mas eu é que gosto de fazer isto. As despesas da casa vêm primeiro, depois é que vemos.”*

**Carolina** – *“Mal dá para pagar as coisas da casa agora. Não me importo com isso mais.”*

**Dina** – *“Vamos vendo o que temos que pagar: água, luz, gás, internet, escola, depois, vemos o que temos e vamos gastando conforme a necessidade.”*

**Felipa** – *“Nós vemos o que temos que pagar: aluguel, água, luz, essas coisas, depois, vemos o que podemos fazer com o que sobra. É assim todo mês. Ainda não se conseguiu economizar e levar ao banco.”*

**Francelina** – *“Pois. Eu sei o que tenho que levar para a compra do peixe, e vou deixando um pouco para as compras e para pagar as despesas da casa. Sobrar? Anda difícil sobrar alguma coisa.”*

**Higina** – *“Eu é que organizo isto. Primeiro é a dívida da casa, depois os gastos com a casa e a educação. Depois se vê o que fazer .”*

**Irene** – *“Eu é que faço isto. Primeiro tem os empregados. Depois as despesas de gás, eletricidade e água, depois, impostos, então as despesas de casa, e o dinheiro para comprar as coisas do restaurante.”*

**Isabel Maria** – *“Sou eu que faço isso de organizar o dinheiro. Tem que ser bem organizado: a gente tem que guardar para o inverno! Tem muitos dias que não se vende nada! Então, primeiro as despesas da casa, depois, o resto, mas tem que economizar e muito!”*

**Lara** – *“Nós dois organizamos nossas vidas. Primeiro as despesas de educação, depois as despesas da casa, e, quando sobra, vemos o que fazer. Gostamos de investir em livros, em cultura, no geral.”*

**Maria Adelaide** – *“Eu sempre cuidei do dinheiro. Agora já não sobra nada, tenho que gastar na farmácia porque ando muito doente. Fui operada do coração e da perna, tomo remédios caros. Mas eu pago as contas da casa, a farmácia e vejo o que dá para o resto.”*

**Maria Antonia** – *“Eu me organizo. Primeiro as despesas da casa, depois, se der, vejo o que faço.”*

**Maria da Conceição** – *“Pois, não é fácil. Ainda mais agora que meu filho vive com uma rapariga, a que é mãe da minha netinha, na casa que é minha, aquela ali, mas ele não tem trabalho, então, é mais despesa! Eu pago tudo! E tem o inverno! Não é fácil, não é fácil. Eu compro fralda, compro roupa para a bebé, dou-lhe tudo! Mas não é fácil, minha amiga. Tenho que dividir muito bem tudo! Primeiro? As despesas das duas casas e a netinha, depois . . . ah! Depois vem o resto!”*

**Maria da Nazaré** – *“Sempre fui eu que resolvi tudo. Pago as coisas da casa. Depois vejo se tem alguma coisa a arranjar. E sempre tem, pois não? Então . . . é assim que tenho que fazer. Meu investimento é nas peças, sempre.”*

**Orlanda** – *“Eu tenho que importar-me com tudo, e isso também. Primeiro é a loja, empregados, depois, a casa, os filhos, e assim vai.”*

**Rosária** – *“Sempre converso com meu marido. Pois! Tem que ser! E assim é! Primeiro os gastos de todo mês, depois, se sobrar, alguma coisita aqui, outra ali . . . Sim! Para a casa!”*

**Teresa** – *“É como sempre foi: eu é que vejo o que tem que pagar. É difícil, mas a gente vai conseguindo. Ah! Primeiro as despesas com a casa. Quando dá, alguma coisa que o filho ou a filha precisem.”*

Pelo que pude apurar, apenas três das entrevistadas, Lara, Felipa e Rosária, compartilham com seus maridos a responsabilidade pela administração financeira. As demais, independentemente de estarem desempregadas ou dedicadas exclusivamente aos afazeres domésticos, são encarregadas de gerenciar as rendas que entram para o sustento da família.

No que diz respeito à economia doméstica, observa-se que elas priorizam os custos fixos da residência, como moradia e despesas básicas, antes de considerar outras necessidades. Não mencionaram gastos com vestuário, o que evidencia uma abordagem simples em relação à moda, sem preocupações com roupas novas, maquiagem, sapatos ou bolsas. Curiosamente, em ocasiões especiais como procissões ou festas, algumas delas exibem suas jóias, especialmente brincos grandes (brincos à rainha) e colares de ouro. No entanto, é notável que não mencionaram a compra de jóias em suas conversas, o que sugere que essas peças podem ser fruto de economias ao longo do tempo. Dado o histórico humilde das entrevistadas, é improvável que tenham herdado essas jóias, o que levanta questionamentos sobre a origem desses itens. No entanto, por respeito à privacidade delas, não foi apropriado abordar essa questão durante as entrevistas, embora minha curiosidade pessoal tenha sido despertada.

#### 9.11. Queremos sugestões!

Partindo destas respostas, e dada a recorrência da questão nas falas, quisemos saber se as inquiridas teriam ideias concretas para melhorar seus rendimentos:

***- Teria alguma sugestão para melhorar seus rendimentos e da sua comunidade?***

Neste ponto, não há uma resposta sequer com algo sugestivo: unanimemente foi respondido que não tinham sugestão.

Com base no que pude observar e relatar até o momento, fica evidente que essas mulheres enfrentam uma batalha diária pela sobrevivência. Suas preocupações giram em

torno de pagar as contas necessárias para manter seus trabalhos, sustentar suas famílias e cuidar de seus filhos. Com tantas horas dedicadas ao trabalho diário, têm pouco tempo disponível para pensar em questões coletivas ou planejar para o futuro. Na verdade, o simples ato de enfrentar o próximo dia já é uma tarefa desafiadora o suficiente para elas.

#### 9.12. Sua conscientização sobre a sua valorização no trabalho

Na seqüência, quisemos saber o reconhecimento de seu valor no trabalho:

**- Vê ou sente seu trabalho valorizado? Como?**

Obtivemos como respostas:

**Ana Cristina** – *“O trabalho de casa? Sim! Meu marido elogia a casa sempre bonita. E quando eu trabalhava no hotel, também.”*

**Ana Palmira** – *“Claro! Todo o trabalho é por minha conta!”*

**Anabela** – *“Sim, sou valorizada no meu trabalho. E em casa também. Meus filhos sabem do meu trabalho e que é tudo por eles.”*

**Auzenda** – *“Sim, sou eu que tenho o dinheiro. Agora já tenho duas casitas e trato de tudo!”*

**Carla Lopes** – *“Não sei, gostava de ser”*

**Carla Sofia** – *“Sou valorizada, sim, como uma mulher sempre muito trabalhadora. E tem que ser, não é?”*

**Carolina** – *“Sempre fui valorizada, meus filhos me valorizam muito. Minha filha, agora.”*

**Dina** – *“Não tinha pensado nisso. Mas, sim.”*

**Felipa** – *“Sinto-me valorizada, sim, sou independente, trabalho.”*

**Francelina** – *“Sou valorizada, sim, senhora! Veja aí meu marido! Está bem, graças à minha persistência! E os meus filhos criados, levando suas vidas. Sou uma mulher independente!”*

**Higina** – *“Sim, sinto-me valorizada enquanto mulher, enquanto mãe.”*

**Irene** – *“Claro! Não fosse eu, este restaurante não estava aí!”*

**Isabel Maria** – *“Sou reconhecida pelo meu trabalho: faça chuva ou sol estou aqui a vender.”*

**Lara** – *“Sim. Considero-me um modelo familiar, e tenho o reconhecimento porque seguem meu modelo (e dizem) pessoas das minhas relações”*

**Maria Adelaide** – *“Sou reconhecida pelas minhas filhas: uma mulher trabalhadora, que sempre fez tudo por elas.”*

**Maria Antonia** – *“Devo de ser, pois não?”*

**Maria da Conceição** – *“Claro que sou! Olha o que consegui e ainda vou conseguir! Olha a casa do meu filho, e até do sustento que lhe dou, agora com rapariga e miúda.”*

**Maria da Nazaré** – *“Sempre fui reconhecida pelos filhos, pelos vizinhos, todos que a mim conhecem. Sou uma mulher muito forte.”*

**Orlanda** – *“Meu marido e meus filhos reconhecem meu valor. Por isto me ajudaram no momento difícil que passei e aqui estou eu, como prova!”*

**Rosária** – *“Sim, como mulher, como mãe, como trabalhadora.”*

**Teresa** – *“Meus filhos me reconhecem, sim, pela coragem e vontade de seguir em frente.”*

Nesta questão, apenas uma das entrevistadas expressou alguma hesitação, enquanto todas as outras demonstraram um forte senso de reconhecimento. Notavelmente, houve poucas menções à maternidade nas respostas fornecidas. O que parece ser mais significativo para elas é o reconhecimento como trabalhadoras independentes financeiramente, algo que ressalta em suas falas como uma fonte primordial de autoestima. Este reconhecimento assegura uma autoestima elevada e uma consciência aguçada de sua importância e valorização, algo que se reflete em seu orgulho pelo que são e pelo que realizam.

É importante observar que a maioria das entrevistadas está envolvida em trabalhos independentes, com apenas quatro delas sendo empregadas formalmente, enquanto as demais atuam por conta própria. Vale ressaltar que uma das mulheres empregadas sonha em abrir seu próprio café, enquanto outra aspira a se aventurar na pesca, evidenciando que o emprego é visto por elas não apenas como uma fonte de renda, mas também como um meio para alcançar sua independência financeira e realizar seus sonhos empreendedores. Essa autoestima e a sensação de valorização, especialmente relacionadas ao trabalho, provavelmente são responsáveis pelo diferencial dessas mulheres em comparação com outras comunidades.

### 9.13. Dependência de filhos ou não?

Por último, quisemos encerrar a bateria de questões relativas ao trabalho verificando se a independência era proveniente exclusivamente de seu trabalho ou se havia algum aporte financeiro de filhos. Para esse efeito indagamos se:

***- Os filhos colaboram com o orçamento doméstico? Em caso afirmativo, com quanto?***

Nesta questão, apenas Carolina mencionou receber ajuda da filha, mas não especificou se essa ajuda era significativa ou mínima. Do que pude observar, a filha ocasionalmente paga-lhe o café e oferece algum lanche, insistindo para que ela se alimente. É possível que essa assistência tenha mais um caráter afetivo do que financeiro, mas, sem dúvida, é um gesto comovente de apoio por parte da filha para com a mãe que enfrenta dificuldades.

Ana Palmira comentou: *“sou eu que, quando eles precisam de algo, tenho que ajudá-los, e já estão formados!”*

Com esta questão, confirmamos que nossas entrevistadas, especialmente aquelas que estão plenamente ativas economicamente, são totalmente independentes. Como duas delas afirmaram, ao invés de receberem ajuda, são elas que, muitas vezes, prestam auxílio aos seus filhos em momentos de necessidade. As mulheres entrevistadas demonstram um alto nível de independência financeira e autossuficiência. Elas não apenas se sustentam a si mesmas, mas também têm a capacidade e disposição para ajudar seus filhos em momentos de necessidade. Isso sugere que essas mulheres são fortes e resilientes, capazes de enfrentar desafios e cuidar não apenas de si mesmas, mas também de suas famílias. Essa independência financeira contribui para uma maior autoestima e senso de valorização pessoal entre essas mulheres, sustentando a cultura matrística que referenciamos nesta tese.

## Capítulo X – Poder e dominação

Ao explorar as relações de poder na comunidade nazarena, é importante investigar as raízes e as dinâmicas de matriarcado e de patriarcado, bem como identificar como esses sistemas influenciam as relações sociais e familiares. Isso envolve analisar quem detém estruturalmente o poder decisório, quem tem autoridade dentro das estruturas familiares e comunitárias, e como essas relações se manifestam em termos de distribuição de recursos, tomada de decisões e acesso a oportunidades. Essas questões, abordadas retrospectivamente, fornecem pistas interessantes sobre a organização social e as hierarquias de poder dentro da comunidade estudada.

### 10.1. Poder no passado

197

---

As duas primeiras questões relacionadas com esta dimensão estão interligadas e esta foi a razão pela qual decidimos fazê-las em conjunto:

*- No caso de seus pais, quem mandava mais em casa e na família?*

*- Lembra algum acontecimento que possa evidenciar a questão do poder na decisão final?*

Tivemos como respostas:

**Ana Cristina** – *“Minha mãe ficou viúva quando eu tinha treze anos, então, desde lá, é só ela quem manda. Mas antes, que eu me lembre, meu pai sempre ao mar, era ela, sim, quem mandava. Um acontecimento? Não em especial, porque era sempre que decidia tudo.”*

**Ana Palmira** – *“O pai é que mandava mais. A palavra final era dele. Não me lembro de nada em especial.”*

**Anabela** – *“A mãe é que mandava mais. O pai andava ao mar. Meu pai só me conheceu quando eu já tinha oito meses! Ele ficava de oito meses a um ano embarcado, então ela tinha que decidir tudo.”*

**Auzenda** – *“Quem mandava era a mãe. O pai era embarcado na marinha. Quase não vinha à casa. Era ela, sempre, para tudo.”*

**Carla Lopes** – *“Era sempre a mãe quem mais mandava. Sim, ela decidia tudo.”*



**Carla Sofia** – *“Mandavam os dois, tanto pai quanto mãe.”*

**Carolina** – *“Quem mandava era a mãe. O pai, sempre ao mar. Andávamos todos ao pé dela.”*

**Dina** – *“Quem mandava era a mãe. Em tudo.”*

**Felipa** – *“Sempre houve equilíbrio entre os dois, inclusive nas tarefas domésticas. Estão separados já há treze anos. Minha mãe refez sua vida afetiva. Meu pai, ainda não.”*

**Francelina** – *“A mãe que mandava mais. O pai era pescador, vivia ao mar. Ela que tinha que decidir, não ia ficar esperando.”*

**Higina** – *“Minha mãe separou-se quando eu ainda era bebê. Sempre foi ela quem mandou, só tinha ela mesmo.”*

**Irene** – *“Meu pai era quem mandava mais. Ele era um homem reconhecido como diferenciado, era respeitado por todos.”*

**Isabel Maria** – *“O pai põe respeito na casa. Meu pai faleceu quando eu tinha treze anos. Minha mãe ficou com quarenta anos. Então, dali para frente, foi ela que mandava e decidia.”*

**Lara** – *“Na casa dos meus pais, quando minha mãe queria alguma coisa, meu pai sempre dizia: “Ah” “Nina, tu é que sabes!” e era assim, então, era minha mãe que dirigia tudo. Um acontecimento: o sonho da loja que minha mãe realizou. Ela foi fazendo uma poupança e guardou quinhentos contos. Comprou um carro e o deu ao meu pai de presente. Era um “Renault.””*

**Maria Adelaide** – *“Quando eu ainda era criança, quem mandava era o pai, depois foi para a África e a mãe ficou com outra na barriga. Nunca mais voltava. Num 25 de abril ele apareceu casado com uma preta e já com dez filhos. Nunca mais teve nada com a mãe. Ela tinha assumido tudo sozinha. Foi ela que disse que não me queria daquele jeito em casa, foi então que fui me casar para dar-lhe o papel do casamento e resolver.”*

**Maria Antonia** – *“Eu não tive pai. Minha mãe separou-se quando eu era muito pequenita. Ela trabalhava pelos dois! Sempre foi ela quem sustentou a casa e nós, os filhos.”*

**Maria da Conceição** – *“O pai bebia e era agressivo com ela, mas a mãe era quem mandava mais.”*

**Maria da Nazaré** – *“Era o pai quem mandava, ele que decidia porque era um homem criativo. O que tinha não era seu, dava a quem precisava, sempre. Morreu cedo, com quarenta e nove anos. Perdeu-se na bebida.”*

**Orlanda** – *“Era a mãe quem mandava. O pai era pescador. Era a mãe que ficava com toda a responsabilidade com os filhos e com tudo! Sempre foi muito ativa. Com oitenta e cinco anos ainda me ajuda no trabalho da casa.”*

**Rosária** – *“Era a mãe porque o pai era pescador. Vivia a pescar.”*

**Teresa** – *“Meus pais se amavam muito, não tinha um com mais mando. Mas meu pai morreu e minha mãe ficou com quarenta anos. É uma guerreira! Criou-nos a todos.”*

Cinco de nossas entrevistadas registram que seus pais mandavam mais em casa. Doze entrevistadas declaram que era a mãe quem mandava mais, mas, ao mesmo tempo,

justificam de alguma forma por complementarem: “*pai era pescador, andava sempre ao mar*”. Tivemos quatro relatos em que afirmam haver um equilíbrio entre ambos os pais na questão do mando.

Nas dinâmicas familiares das entrevistadas, houve uma predominância do poder e da autoridade nas mãos das mulheres, sugerindo um sistema matriarcal em que elas detinham o controle e a capacidade de tomar decisões importantes. Isso é evidenciado pelo fato de que, em muitos casos, a pessoa que “mandava mais” ou tinha mais poder de decisão era uma mulher. No entanto, é importante notar que houve exceções, como nos três casos em que o poder era compartilhado entre homens e mulheres. Essas observações destacam a complexidade das relações de poder dentro das famílias e comunidades estudadas, uma vez que mesmo em sociedades patriarcais o poder decisional da mulher existe. Mas se é a forma como o poder se distribui desigualmente, marcando nitidamente uma predominância, encontramos nestas falas das entrevistadas fundamentos de uma cultura matrística.

## 10.2. Poder no presente

Trazendo-as para o presente, as levamos a refletir sobre se a situação mudou do passado para agora relativamente ao poder de mando e de decisão em suas casas.

Insistimos em fazer duas questões de uma vez só porque estão interligadas.

*- E hoje, na sua família, quem manda mais em casa?*

*- E nas decisões financeiras, quem faz o quê? (ir ao banco, pagar as contas, comprar algo para a casa ou a família, investimentos, etc.)*

As respostas foram, resumidamente, as seguintes:

**Ana Cristina** – “*Eu divido o poder com ele, mas argumento bastante. Ah! Se eu mostrar que precisamos de alguma coisa, ele concorda sempre.*”

**Ana Palmira** – “*O pai mandava, mas agora mando eu. Às vezes não fazem o que eu quero, mas mando desfazer. Comprar casa, arranjar, é tudo sempre comigo.*”

**Anabela** – “*É como lhe digo: em casa quem manda mais sou eu! Eu digo o que tem que ser feito.*”

**Auzenda** – “*A mulher tem que saber o que quer! Sou eu que mando! Inda agora estou a arranjar a casa. Ele (marido) não sabia de nada. Para quê saber?*”

**Carla Lopes** – *“Ele manda no barco! Lá não estou! Em casa, mando eu! E se quero uma coisa, eu luto até conseguir!”*

**Carla Sofia** – *“Agora, mando eu. Sim, a mulher é que sabe melhor.”*

**Carolina** – *“Éramos a responsabilidade, com os filhos sempre à volta. Era assim que tinha que ser. Eu tinha que decidir tudo.”*

**Dina** – *“Eu mando, sim, senhora! Ele manda no barco dele, lá. Comunico-lhe o que tem que ser feito.”*

**Felipa** – *“Compartilhamos o poder. Compartilhamos tudo, as decisões, as tarefas, tudo.”*

**Francelina** – *“Sempre tive eu que decidir. Por isto que esta independência passei para minha filha. É assim que deve ser.”*

**Higina** – *“Eu que mando. Fica-lhe o barco. Eu sei o que é preciso.”*

**Irene** – *“Sou uma líder. Sempre liderei. É assim.”*

**Isabel Maria** – *“Em casa, quem manda sou eu! Meu marido está embarcado, foi assim sempre!”*

**Lara** – *“Sigo o modelo dos meus pais: poder compartilhado. Decisão de gastos: tudo compartilhado. Investimentos: ainda não os temos.”*

**Maria Adelaide** – *“Eu fazia o que meu marido queria. Ele bebia e me agredia, mas eu não me queixava porque era por ciúme.”*

**Maria Antonia** – *“Eu orientava tudo com o primeiro marido. Com o segundo foi igual: eu é que orientava tudo.”*

**Maria da Conceição** – *“Então, eu é que tenho que tomar conta de tudo. Eu falei que queria comprar uma casa, ele achou que não dava, era perigoso fazer empréstimo. Eu fiquei calada. Passaram-se uns dias, eu fui falar com o homem (construtor), perguntei-lhe das condições, ele me disse para ir ao banco falar com o gerente no dia seguinte. Ele ia falar com ele primeiro. No dia seguinte eu fui lá. Comprei a casa. ainda estou pagando, mas falta pouco para terminar. Cheguei à casa e contei ao meu marido. É assim. A gente tem que fazer as coisas.”*

**Maria da Nazaré** – *“Sempre fui eu quem decidi tudo, já era assim antes, depois de casada não ia mudar. Sou assim. Tenho que fazer as coisas do começo ao fim.”*

**Orlanda** – *“As decisões são minhas, mas as tarefas são compartilhadas, por exemplo, se tem conta a pagar, quem vai ao banco é quem está a ter tempo naquele dia.”*

**Rosária** – *“Em casa, tudo é conversado. Ninguém compra nada sem conversar um com o outro. Está na bíblia: o homem é a cabeça da mulher.”*

**Teresa** – *“Era meu ex-marido quem mandava. Eu o temia. Nem tanto por mim, mas pelos meus filhos. Por isso. Nunca mais vai ser assim.”*

Em alguns casos, o padrão de poder e decisão que predominava no passado não se repetiu nas gerações mais jovens, especialmente nos casos de Lara e de Felipa, onde o poder parece ser compartilhado entre o casal. No entanto, é importante observar que em muitas famílias, o histórico de alcoolismo por parte dos pais ou maridos contribuiu para

que as mulheres se sentissem temerosas em enfrentar represálias e, conseqüentemente, se submetessem ao poder masculino. Essa dinâmica familiar expressa pelas falas das entrevistadas evidencia uma continuidade do padrão de liderança feminina, tanto em termos de autoridade quanto de tomada de decisões.

### 10.3. O poder democrático

As questões seguintes incidiram sobre a vida dos filhos:

**- *Quem opina mais sobre a vida dos filhos?***

**- *No quê consistem essas opiniões?***

As entrevistadas foram unânimes em negar qualquer influência ou participação que possam ter na vida dos filhos ou em suas decisões. Algumas mencionaram que, mesmo que manifestem opiniões, essas não são consideradas relevantes nas escolhas dos filhos. Isso sugere uma clara separação entre as esferas de decisão e influência, com os filhos mantendo, aparentemente, autonomia total sobre seus próprios assuntos e escolhas, independentemente das opiniões ou desejos de suas mães. Ainda assim, é importante considerar que a falta de influência declarada das mães sobre os filhos pode não refletir necessariamente a realidade completa. Pode haver formas sutis de influência e orientação que não são explicitamente reconhecidas ou discutidas nas falas das entrevistadas.

### 10.4. O poder feminino é real?

As questões que se seguiram procuraram pistas relativas a mudanças de exercício do poder no feminino:

**- *Vê diferença entre sua vida hoje e a da sua mãe? Quais?***

**- *Em sua opinião, as mulheres têm mais poder hoje? Se a resposta for positiva, de que tipo? Se for negativa, o que lhes falta para ter mais poder?***

Sucintamente, obtivemos como respostas às questões acima, o seguinte:

**Ana Cristina** – “- Mudou, hoje tem mais comodidade. Tem mais conforto. Acho que as mulheres sempre tiveram poder, quando independentes.”

**Ana Palmira** – “Temos mais conforto, não há dúvidas. Poder? Sempre tive! O trabalho é meu poder.”

**Anabela** – “A vida de hoje tem mais comodidade, e há mais dinheiro também, mas também há mais despesas. Temos poder, com certeza. Enfrentamos tudo.”

**Auzenda** – “Melhoraram as condições, sim, senhora! E há mais fartura hoje! Como já lhe disse: hoje podemos comer iogurte e manteiga a qualquer hora! Já não é mais o rabinho de bacalhau com batatas e manteiga só no natal! (risos) Temos poder desde sempre!”

**Carla Lopes** – “Acho que é igual. Poder? Não, acho que não temos poder.”

**Carla Sofia** – “Mudou muito, mais conforto, as casas melhoraram. Poder? Temos, mas ainda há muita diferença entre homem e mulher.”

**Carolina** – “A vida hoje é muito mais confortável. Poder? Depende da mulher.”

**Dina** – “Melhorou nas condições financeiras. Poder sempre tivemos.”

**Felipa** – “Não percebo muita mudança. Temos poder, sim! Somos iguais em poder!”

**Francelina** – “A vida mudou muito. Para melhor nas condições, para pior nas amizades sinceras, nas famílias. Sempre achei que as mulheres têm mais poder! Mais determinação, mais confiança, mais força de trabalho!”

**Higina** – “Hoje temos mais liberdade. Temos mais dinheiro também. Poder? Ah! Sempre o tivemos.”

**Irene** – “Mudaram as condições, o trabalho da casa ficou mais fácil, é tudo mais rápido. O poder, sempre foi das mulheres, as fortes, claro.”

**Isabel Maria** – “Hoje temos mais facilidade, mas a gente tem que cuidar: o dinheiro subiu à cabeça! Poder? Claro! Somos mulheres, somos fortes!”

**Lara** – “Mudaram, sim, as condições econômicas, até mesmo as sociais. Já o poder, este sempre tem que ser partilhado para ter equilíbrio.”

**Maria Adelaide** – “Hoje temos mais conforto em casa, a casa anda melhor. Na riqueza, como dizem as amigas (risos). Poder? Não sei, acho que temos, mas não o usamos sempre.”

**Maria Antonia** – “A casa é um pouco melhor, sim. Temos poder, mas falta reconhecimento.”

**Maria da Conceição** – “A vida melhorou em casa, bastante. Poder, temos, sim senhora! Mas é preciso trabalhar para ter poder!”

**Maria da Nazaré** – “Ah! Eu trabalhei muito para ter uma vida melhor. Cheguei lá, tenho o que quero. Poder? Eu sou uma mulher “poderosa!””

**Orlanda** – “Temos mais conforto, conseguimos melhorar as casas, não resta dívida. Poder? Claro! É o poder do trabalho, primeiro!”

**Rosária** – “Dentro de casa tudo melhorou, mas a vida, não, piorou, já não há amizades sinceras nem amor. Faltam sentimentos. Poder? Não, eu gosto é de tudo conversado.”

**Teresa** – *“Hoje há mais conforto, há melhores condições. Poder? Temos que conquistá-lo!”*

As entrevistadas, de forma unânime, destacaram as diferenças entre as condições materiais de vida delas e as de suas mães. Ao compararem suas próprias vidas com as de suas mães, identificaram mudanças significativas, especialmente no que diz respeito ao conforto e às comodidades em suas residências. É interessante observar que, além das melhorias físicas nas casas, como aquisição de equipamentos e realização de reformas, as entrevistadas também destacaram a qualidade das relações interpessoais como uma área em que percebem diferenças em relação às vidas de suas mães. Muitas expressaram a sensação de que, apesar do progresso material, aspectos como sinceridade, amizade e amor parecem ter sido deixados para trás. Essa reflexão indica que, embora as melhorias materiais sejam evidentes e tenham sido alcançadas principalmente através do trabalho e do investimento nas residências, há uma percepção de perda em outras dimensões importantes da vida, como as relações interpessoais. Essa constatação sugere a necessidade de um olhar mais amplo sobre os impactos do progresso e do desenvolvimento em comunidades como a nazarena, levando em consideração não apenas os aspectos materiais, mas também os aspectos emocionais e sociais.

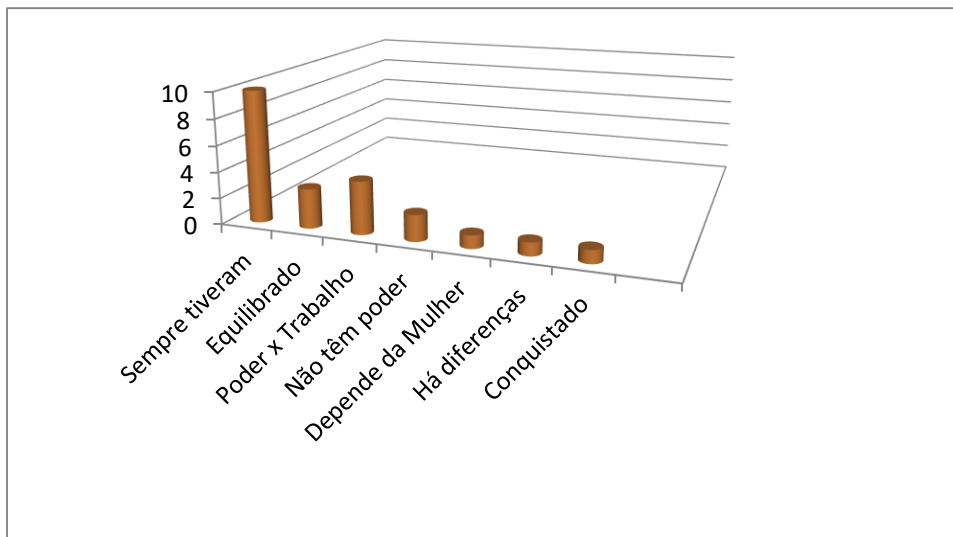
---

203

As entrevistadas mais jovens não percebem mudanças significativas em relação à vida de suas mães, pois já nasceram em lares que oferecem conforto e equipamentos domésticos modernos, facilitando as tarefas do dia a dia. Para elas, as melhorias se limitam principalmente ao avanço da tecnologia nos equipamentos e aparelhos domésticos, sem alterações substanciais em curtos períodos de tempo. No que diz respeito ao poder, observamos considerações correlacionadas e relevantes. Para a maioria das entrevistadas, as mulheres sempre detiveram mais poder do que os homens, mas essa percepção está intrinsecamente ligada ao trabalho e à independência financeira. Uma entrevistada que optou por dedicar-se exclusivamente aos cuidados com a família, sem trabalho remunerado, reconhece sem hesitação que não possui nenhum poder, destacando a forte relação entre autonomia financeira e poder na dinâmica familiar.

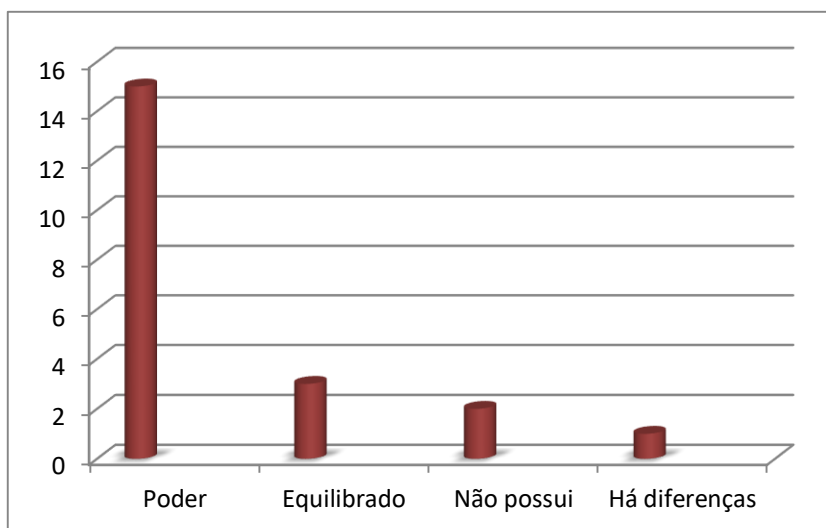
Diante destas declarações, decidimos melhor visualizar os dados obtidos:

**Gráfico 5: Relações de poder**



Com base nas respostas das entrevistadas, podemos concluir que a maioria delas associa o poder feminino à independência financeira, que é alcançada por meio do trabalho árduo. Enquanto algumas entrevistadas destacaram que o poder está intrinsecamente ligado à independência financeira, outras mencionaram que o poder depende do esforço da mulher para conquistar essa independência. Portanto, a percepção geral é de que as mulheres se tornam poderosas quando têm controle sobre sua situação financeira e são capazes de se sustentar por meio do trabalho. Desta forma temos o seguinte gráfico:

**Gráfico 6: A relação das mulheres nazarenas com o poder**



Diante das análises das entrevistas, constatamos que 71,42% das mulheres da Nazaré entrevistadas atribuem o poder à figura feminina, uma percepção que está intrinsecamente ligada ao trabalho e à independência financeira que ele proporciona. Essa independência financeira é vista como uma fonte de poder, já que a maioria das entrevistadas é completamente autossuficiente em termos financeiros, sem depender dos homens. No entanto, é importante mencionar que três entrevistadas destacaram que o poder é compartilhado, e essa partilha está relacionada ao fato de que possuem rendimentos equivalentes aos de seus maridos, além de compartilharem responsabilidades domésticas de forma igualitária.

Por outro lado, uma entrevistada, que teve poucas experiências de trabalho remunerado ao longo da vida, não acredita que as mulheres tenham poder. Esse ponto de vista contrasta com a ideia predominante nas entrevistas de que o poder feminino está diretamente relacionado à independência financeira, como evidenciado pelos relatos que enfatizam a importância do trabalho remunerado para alcançar esse poder.

Ressaltamos a resposta dada por uma das entrevistadas ao falar sobre a utilização do poder: *“Poder? Temos que conquistá-lo!”*. Ou seja, há uma trajetória em que se pode exercitar o poder e até senti-lo como parte do ser. Quando lhe pedi uma maior explicação sobre essa “conquista do poder”, foi taxativa: *“é preciso trabalhar, ter rendimentos e fazer valer a importância de nosso trabalho na composição do sustento da família.”*

Outra ressalva que considero importante foi a da Carla Sofia: *“Poder? Temos, mas ainda há muita diferença entre homem e mulher.”* Pedi-lhe que me explicasse um pouco melhor e foi-me dito que ainda vemos os cargos mais altos sendo ocupados por homens, na maioria, como presidentes, por exemplo, seja de empresas ou do país.

É interessante notar o uso frequente do imperativo pelas mulheres da Nazaré, tanto em situações cotidianas como em interações sociais diversas. Esse uso decidido do imperativo reflete uma comunicação direta e assertiva por parte delas, demonstrando uma clara consciência do seu poder e da sua capacidade de influenciar e negociar nas diferentes esferas da vida. Essa observação reforça os resultados da pesquisa, evidenciando que as mulheres na comunidade piscatória da Nazaré têm uma percepção clara do seu papel e poder, tanto em contextos familiares quanto sociais. O uso frequente do imperativo pode ser interpretado como uma expressão da determinação e da



assertividade dessas mulheres, características que contribuem para sua autonomia e influência dentro da comunidade.

É interessante observar que além das mulheres entrevistadas, outros membros da comunidade também reconhecem e valorizam o poder das mulheres na Nazaré. O fato de os homens, inclusive os mais próximos, como filhos e maridos, expressarem orgulho e respeito pelas mulheres da comunidade demonstra a aceitação e valorização desse poder feminino. Alguns homens se reportaram às suas mães e mesmo às suas mulheres, dizendo, com orgulho, que as nazarenas são mulheres muito fortes, “há que se saber respeitá-las”. Esse reconhecimento generalizado contribui para fortalecer ainda mais a posição das mulheres na comunidade, promovendo uma cultura de respeito mútuo e valorização das contribuições de cada indivíduo, independentemente do gênero. Esse aspecto social e cultural ressalta a importância das mulheres na comunidade piscatória da Nazaré, não apenas como indivíduos com poder e autonomia, mas também como agentes influentes e respeitados em seu ambiente social e familiar.

#### 10.5. Reflexões sobre um mundo no comando de mulheres

Explorar a hipótese de um matriarcado nos moldes dos primórdios das civilizações é uma abordagem interessante e provocativa. Ao levantar essa questão, podemos refletir sobre como seria uma sociedade em que o poder e a autoridade estivessem predominantemente nas mãos das mulheres.

Em um matriarcado idealizado, poderíamos esperar uma reconfiguração das estruturas sociais e familiares, com as mulheres assumindo papéis de liderança e tomando decisões importantes em diferentes aspectos da vida comunitária. Isso poderia resultar em uma ênfase maior na colaboração, na cooperação e na valorização dos cuidados e das relações interpessoais.

Além disso, um matriarcado poderia trazer mudanças significativas nas dinâmicas de gênero, com uma maior equidade entre homens e mulheres em termos de acesso a recursos, oportunidades e poder de decisão. Isso poderia contribuir para a promoção da justiça social, da igualdade de gênero e do respeito mútuo entre os membros da sociedade.

No entanto, é importante reconhecer que a construção de um matriarcado idealizado também enfrentaria desafios e complexidades. Mudanças estruturais profundas como essa exigiriam tempo, esforço e comprometimento de toda a sociedade. Além disso, seria necessário lidar com resistências e preconceitos enraizados em relação aos papéis de gênero e às normas sociais tradicionais. Por conseguinte, ao explorar com as entrevistadas a possibilidade de um matriarcado idealizado, somos levados a refletir não apenas sobre as potenciais vantagens e benefícios, mas também sobre os obstáculos e desafios que enfrentaríamos no caminho em direção a uma sociedade mais igualitária e mais justa. Perguntámos, assim, às inquiridas:

*- Em sua opinião, como seria o mundo se fosse comandado por mulheres?*

Diante da questão sobre um mundo comandado por mulheres, apenas uma entrevistada se sentiu apta a oferecer uma opinião fundamentada em suas experiências e observações. Isso sugere que, para a maioria das entrevistadas, a ideia de um matriarcado ou de um mundo liderado por mulheres pode ser algo distante ou até mesmo desconhecido.

Essa falta de familiaridade com a possibilidade de um matriarcado pode ser reflexo das estruturas sociais e culturais predominantes, que historicamente têm sido patriarcais em muitas sociedades. A ausência de exemplos concretos ou de discussões sobre modelos alternativos de liderança e poder feminino pode contribuir para essa falta de visão sobre como seria um mundo comandado por mulheres.

No entanto, a opinião oferecida por Lara fornece pistas interessantes sobre como algumas mulheres enxergam essa possibilidade. Suas experiências e observações podem refletir sua visão de mundo, suas aspirações e suas percepções sobre o papel das mulheres na sociedade.

**Lara** - *“Há muitas dúvidas. As referências masculinas que tenho são absolutamente respeitadas, inclusive, alguns são feministas.”*

O matriarcado pode existir sem que as mulheres tenham consciência dele, especialmente em sociedades onde as estruturas sociais e culturais são altamente patriarcais. Nesses casos, as mulheres podem exercer influência significativa e desempenhar papéis de liderança dentro de suas famílias e comunidades, mesmo que não se reconheçam explicitamente como detentoras de poder. Além disso, em sociedades onde as normas de gênero são fortemente internalizadas e as mulheres são socializadas

para desempenhar papéis tradicionais, como cuidar da família e do lar, pode ser difícil para elas reconhecerem seu próprio poder e influência.

#### 10.6. Homem como conselheiro?

A questão levantada sobre se as entrevistadas tinham suas atitudes baseadas em orientações masculinas é relevante para entender até que ponto a independência de pensamentos e ações delas é influenciada por normas sociais dominantes ou pelo patriarcado. Ao investigar isso, busca-se compreender se as mulheres nazarenas estão moldando suas vidas de acordo com expectativas impostas por uma estrutura patriarcal ou se estão verdadeiramente exercendo sua autonomia.

Se as entrevistadas afirmassem que suas atitudes são predominantemente influenciadas por orientações masculinas, isso poderia indicar que elas estão agindo de acordo com padrões tradicionais de gênero e que sua independência pode ser limitada pela pressão social para se conformar a esses padrões. Por outro lado, se elas afirmassem que suas ações são baseadas em suas próprias escolhas e valores, isso fortaleceria a noção de que estão agindo com autonomia e independência em relação às expectativas de gênero.

Seguimos esta via de pesquisa sobre a dinâmica de poder de gênero na comunidade nazarena para descortinar até que ponto as mulheres estão desafiando ou reproduzindo normas patriarcais em suas vidas.

*- Costuma seguir orientações de seu pai, ou de seu marido? Quando? Em que questões? (familiares, financeiras, sobre educação, política, outras,)*

**Ana Cristina** – “Não, meu pai morreu quando ainda tinha treze anos, agora, não peço orientação ao meu marido, não, nunca.”

**Ana Palmira** – “Não, não pedia ao pai e nem ao marido.”

**Anabela** – “Não, nem a um, nem a outro.”

**Auzenda** – “Nem quando ele trazia os sapatos para mim eu os calçava! Ao meu marido? Não! Sou sempre eu a pensar e fazer tudo!”

**Carla Lopes** – “Do pai, não pedia porque não o tinha em casa. Do marido? Às vezes, para saber como é alguma coisa ou como se a faz.”

**Carla Sofia** – “Não costumo pedir opinião de alguém.”

**Carolina** – “*Não, sempre fui fazendo o que tinha de ser feito.*”

**Dina** – “*Não, não peço opinião.*”

**Felipa** – “*Não, simplesmente vou fazendo o que tem a ser feito.*”

**Francelina** – “*Não, pedir opinião, não. Conversava muito com meu irmão, o que faleceu com vinte anos, mas é porque ele me ouvia muito. Tínhamos muita afinidade, percebe?*”

**Higina** – “*Não, não tenho o costume.*”

**Irene** – “*Ah! Eu dou as idéias, conversamos. Mas normalmente é feito o que eu dou idéia de fazer.*”

**Isabel Maria** – “*Acostumei-me a decidir sozinha, não, não peço opinião.*”

**Lara** – “*Quando surge um fato novo, converso com meu companheiro, vou formando minha opinião.*”

**Maria Adelaide** – “*Eu sempre só trabalhei. Perguntava, quando era preciso, ao meu homem. Ao pai? Não! Era com a mãe!*”

**Maria Antonia** – “*Sempre fiz o que tinha de ser feito. Nunca segui opinião.*”

**Maria da Conceição** – “*Não! Eu tinha de tomar decisões! E é assim ainda hoje! Se penso alguma coisa, tenho que fazê-la.*”

**Figura 24**

**Vendedora de frutos secos no Sítio.**



**Foto da autora: março de 2018.**

**Maria da Nazaré** – *“Costumava conversar com meu pai, mas depois, quando ele morreu, faço sempre o que quero fazer. Sempre fui eu que tive as idéias!”*

**Orlanda** – *“Tinha que seguir o que o pai dizia. Hoje, não, mas converso com meu marido sobre o que vou fazer.”*

**Rosária** – *“Não pedia opinião ao meu pai, mas também nunca fiz nada que não fosse correto. Como lhe disse: é tudo conversado. Eu não faço nada sem conversar primeiro com meu marido.”*

**Teresa** – *“A mãe sempre foi a grande conselheira. Quando fiquei grávida fui ter com ela, estava assustada porque não tinha condições e ela disse-me: “se Deus te deu um filho é porque acha que tens capacidade para criá-lo.” E assim foi.”*

As respostas das entrevistadas sugerem uma forte autonomia e independência em relação às opiniões e orientações masculinas, tanto dos pais quanto dos maridos. A maioria delas relata que não buscava a aprovação ou orientação de seus pais para tomar decisões sobre suas vidas, e essa tendência continuou após o casamento, onde não pedem a opinião de seus maridos.

O relato de Orlanda, que sentia a necessidade de seguir as orientações do pai antes do casamento, mas não continuou essa prática após se casar, indica uma mudança significativa em sua liberdade de escolha e autonomia. Isso sugere que, para ela, a autonomia após o casamento representou uma libertação de restrições anteriores.

Irene e Maria da Nazaré expressam um padrão semelhante de tomada de decisão, onde suas ideias e opiniões têm um peso significativo nas escolhas familiares. A referência de dividir decisões com a mãe também destaca a importância das mulheres na dinâmica familiar, sugerindo uma certa transmissão de poder e influência de uma geração para outra.

Em resumo, as entrevistadas demonstram uma clara independência em suas decisões, desafiando as expectativas tradicionais de que as mulheres devem seguir as orientações masculinas. Essa autonomia é fundamental para entender o papel das mulheres na comunidade nazarena e sua posição em relação ao poder e à autoridade.

## 10.8. Das escolhas por seus escolhidos, ratificando as respostas anteriores

Para confirmar a autenticidade e a independência das decisões das mulheres de Nazaré, é crucial explorar se suas escolhas em relação a uma decisão crucial foram influenciadas por fatores externos ou se foram tomadas de forma voluntária e autônoma. Isso nos ajudará a entender se o poder que elas exercem é resultado de suas próprias escolhas e iniciativas ou se é moldado por influências externas, como normas sociais, pressões familiares ou expectativas de gênero.

Ao examinar a interação entre as escolhas das entrevistadas e os contextos sociais e culturais em que vivem, alcançamos uma compreensão mais completa do poder e da agência das mulheres na comunidade de Nazaré. Essa análise nos ajuda a reconhecer e valorizar a autonomia e a capacidade de liderança das mulheres, ao mesmo tempo em que identifica os desafios e obstáculos que elas enfrentam ao exercer seu poder em um ambiente social e cultural específico.

Vejamos a questão com a qual procurámos tirar nossas dúvidas:

*- Se casada, os pais opinaram na escolha do marido? E se tem namorado, idem.*

**Ana Cristina** – *“Ninguém opinou. O gosto foi meu.”*

**Ana Palmira** – *“Minha mãe e minha sogra eram colegas. Não, ninguém falou nada!”*

**Anabela** – *“Os meus pais nunca se meteram. A escolha foi só minha.”*

**Auzenda** – *“Não, não opinaram nada, se foi eu que escolhi!”*

**Carla Lopes** – *“Nós éramos vizinhos. Conhecidos, de há muito tempo. Não, foi tudo começando e pronto, casamos!”*

**Carla Sofia** – *“Não, meus pais não se meteram no namoro. Fui eu quem escolheu. E pronto. Casamos.”*

**Carolina** – *“Não, a mãe só queria que eu me casasse, que não ficasse sem casar, só isso, mas não se meteram porque éramos vizinhos. Nossos pais se conheciam desde sempre!”*

**Dina** – *“Não, nós éramos vizinhos, os pais se conheciam. Não falaram nada nunca.”*

**Felipa** – *“Não, a escolha foi minha, ninguém deu opinião, eu só comuniquei que íamos morar juntos.”*

**Francelina** – *“O casamento foi por minha escolha. Nunca ninguém falou nada.”*

**Higina** – “Não falaram porque os pais eram amigos. Nós éramos vizinhos. Mudamos de casa, agora mais perto, porque é a mesma (risos)”

**Irene** – “Não, não opinaram. O Cica falou com meu pai e disse que não queria namorar, queria casar. Então meu pai disse que eu é que ia escolher. E assim foi, eu o escolhi e cá estamos.”

**Isabel Maria** – “Ninguém se meteu. Eu escolhi e pronto.”

**Lara** – “Meus pais nunca se meteram. Os pais eram conhecidos. Depois, quando o João perdeu a mãe, e já não tinha mais pai, a minha mãe o adotou, ele é quem ia com ela ao médico, ao hospital, depois, foi um filho o tempo todo para ela, e para o meu pai, igualmente.”

**Maria Adelaide** – “Ninguém se meteu. E não ia adiantar nada. Nós nos amávamos desde crianças. Depois, tive que casar, prá mãe não me mandar embora. Mas a gente já andava juntos.”

**Maria Antonia** – “Ninguém se meteu, porque éramos todos conhecidos, vizinhos. Não se meteram no primeiro casamento, também não se meteram no segundo casamento. Eu sempre que decidi.”

**Maria da Conceição** – “A mãe descobriu que eu estava grávida. Eu já gostava dele fazia cinco anos. Ele namorava uma e outra e eu esperando. Quando nos conhecemos, em seguida fiquei grávida. Quando a mãe descobriu, eu falei prá ele: - Então, como é que vai ser? – E casamos. Foi bem assim, eu esperei e consegui o que queria.”

**Maria da Nazaré** – “Eu só casei depois que meu pai morreu. Já namorava ele fazia quatro anos. Meus irmãos é que se meteram, mas eu não lhes dei ouvido.”

**Orlanda** – “Ao contrário, meu pai era amigo dele, dizia que ele era um homem bom, eu é que não queria ele, no começo. Então, quando namoramos e decidimos casar, toda a gente ficou contente.”

**Rosária** – “Ninguém opinou nada. Foi escolha minha.”

**Teresa** – “Não, a mãe não falou nada. Que bom se tivesse dito alguma coisa e eu não casava. Mas foi escolha minha, sim. E, depois, agora, no segundo relacionamento, que está começando, é um amigo de vinte anos, ninguém ia opinar nada, de novo.”

As respostas obtidas reforçam o poder exercido pelas mulheres de Nazaré, que influencia diretamente as decisões importantes de suas vidas, como a formação de suas famílias e escolha de parceiros. A maioria absoluta das entrevistadas revelou que essas decisões foram exclusivamente suas, sem interferência dos pais ou dos maridos. É importante notar que os parceiros escolhidos geralmente faziam parte do mesmo meio social e da mesma comunidade, sendo pessoas conhecidas desde sempre. Isso sugere que havia uma familiaridade e confiança mútua entre as mulheres e seus parceiros, tornando-os menos propensos a questionar ou interferir nas decisões das entrevistadas.

O fato de as mulheres não terem pedido a opinião de seus pais para tomar essas decisões sugere uma forte independência e autonomia na definição de seus próprios

destinos. Isso reforça a ideia de que as mulheres de Nazaré traçam seus próprios objetivos e os seguem sem depender das opiniões ou interferências externas, seja dos pais ou dos maridos. Essa autonomia na tomada de decisões é um reflexo do poder que elas exercem em suas vidas e demonstra uma forte determinação em moldar seu próprio caminho.

Por outro lado, a partilha de espaços de convivência e o fato de já os pais trabalharem em estreita colaboração devido à natureza de suas ocupações parece ter criado, como mostram os estudos de comunidades, oportunidades naturais para interações sociais e o desenvolvimento de relacionamentos românticos entre os membros da comunidade. Casar-se com alguém da mesma comunidade pode ser visto como uma escolha segura e estável, especialmente em um ambiente, como é o de uma comunidade pesqueira, em que as condições de vida e trabalho são estruturalmente desafiadoras.





## Capítulo XI - Afetos e sociabilidade

Este capítulo percorre o *ethos* nazareno (conjunto de valores, crenças, tradições e comportamentos característicos da comunidade de Nazaré), procurando analisar de que modo uma identidade cultural específica - que define a maneira como os habitantes de Nazaré se veem a si mesmos, como se relacionam com os outros e como interpretam o mundo ao seu redor - gera percepções e desejos futuros.

### 11.1. Família, afetos e residência

Começámos por perguntar:

- *Há uma continuação de hábitos e condutas familiares de seus pais e a sua família agora? (Atuais: família própria, no caso de existir; comparação com família de origem)*

- *Seus filhos terão uma família nesse modelo ou será outro? Qual modelo? (expectativas de futuro quanto a opções e modelos familiares, separações, divórcios, pais sozinhos criando filhos, etc.)*

**Ana Cristina** – “*Sim, sigo os hábitos, até na hora de acordar pelas manhãs. Mas, meus filhos, não sei, não do jeito que estamos acostumados. Não seguem tanto assim. O casamento não é mais importante.*”

**Ana Palmira** – “*Eu sigo, sim, até na profissão da mãe. Meus filhos, não. São formados, é diferente, têm outra vida.*”

**Anabela** – “*Eu sigo, mais ou menos, como minha mãe, apesar do trabalho ser diferente. Já o meu filho, eu ensino diferente do que o meu marido foi ensinado: ele tem que fazer tudo! Tem que aprender tudo, a limpar, lavar, cozinhar.*”

**Auzenda** – “*Eu segui a mãe. Meus filhos já não passaram nenhum trabalho. É diferente. O mundo hoje é diferente. Mas os princípios continuam: a honestidade, a vontade de trabalhar, essas coisas.*”

**Carla Lopes** – “*Sigo, sim. Como minha mãe. E minhas filhas vão ser assim, eu penso.*”

**Carla Sofia** – “*Não, mais ou menos. Lá na casa dos pais, os dois conversavam e faziam as coisas, eu já faço diferente: sou eu que faço do meu jeito. Gostava que meus filhos seguissem algumas coisas como o trabalho, a honestidade, a seriedade.*”

**Carolina** – “*Eu era diferente, muito alegre, diferente, vivia cantando, alegrava a toda a gente, minha mãe não era assim. E minha filha também não é como eu, mas tem o gosto pelo trabalho, como eu, como minha mãe. E meus netos também já são assim. Não pedem nada aos pais, eles trabalham e conseguem o que querem.*”

**Dina** – “*A mãe era uma mulher forte! Serviu-me de modelo! Ela saía a trabalhar às seis horas da tarde e voltava à casa às dez ou onze horas da manhã seguinte. E ela cuidava de tudo! Hoje já é diferente, para mim, o trabalho é melhor. Mas, sim, a questão da família, do trabalho, da honestidade, continua tudo igual. Eu quero que minha filha siga assim também.*”

**Felipa** – “*Tem que ser, aprendi com eles o que sou hoje. E quero que meus filhos sejam assim também. Que trabalhem, sejam independentes, sejam pessoas respeitáveis, essas coisas simples, que não quero que se percam.*”

**Francelina** – “*A mãe fez de tudo para me tirar desta vida. Fui à pastelaria, trabalhar. Não era para esta vida. Cá estou. Foi o que me permitiu auxiliar a família. E tenho minha independência pelo trabalho, claro. Eu tenho certeza de que passei a independência à minha filha. Ela separou-se e me disse: mãe, eu vou comprar um apartamento para a minha filha e eu morarmos. E comprou, e vive lá com a filha. O que ganha, quase tudo é para pagar à banca o financiamento, mas um dia acaba. A gente vai herdando, é como é.*”

**Higina** – “*Tenho muita coisa igual à minha mãe. E tem que ser assim, não é? E meu filho vai ser assim: estudo, trabalho, família, honestidade, é o que quero para ele, uma vida boa.*”

**Irene** – “*Eu sou como sempre fui, tenho o jeito do meu pai. Gosto de andar bem informada, de estar sabendo o que vai aqui e no mundo. Precisamos estar a par do que vai. Trabalho muito, não há queixas. Construímos uma família e hoje meu filho trabalha comigo. Isso é o que é. Ele já está no caminho, construindo sua família. Minha filha foi pedida em casamento na festa do réveillon, bem aqui, na praia, com os fogos no céu, tão lindo! Ela também vai ter a família dela. Eu quero ver meus netos.*”

**Isabel Maria** – “*É um bocadinho diferente. Eu consegui facilitar a vida dos meus filhos. Eu não herdei nada da mãe, mas eles já vão ter uma casita para morar, uma para cada um. Também não passaram trabalho, eu fiz o que pude para eles. É diferente, a gente vai melhorando a vida dos filhos.*”

**Lara** – “*Eu sigo o mesmo modelo familiar dos meus pais, a forma de viver, o amor na casa, a divisão em tudo, mas minha filha, não sei, não tenho certeza de que vai ser assim, não.*”

**Maria Adelaide** – “*Sigo, como minha mãe. Minha filha faz o mesmo que eu, mas já as netas, não, elas estudam, vai melhorar a vida para elas. Mas, assim, com a família, é igual, sim, senhora!*”

**Maria Antonia** – “*Pois, eu casei nova ainda na esperança de que ia mudar e foi igual par mim. E assim foi. Depois, veio o divórcio, e o novo casamento. E cá estou, sem mudança a não ser a independência financeira, mas assim já era com minha mãe. E com meus filhos, vai ser a trabalhar, a ter família, e, se não der certo, bem... é tentar ser feliz e assim é.*”

**Maria da Conceição** – *“No trabalho e na família, somos iguais, sim. E meus filhos também. O maior problema é que não há trabalho para os mais jovens. Querem trabalhar, mas não há. Mas a vida para eles já chegou melhor do que foi a da minha mãe e a minha.”*

**Maria da Nazaré** – *“No trabalho é igual, já eu sempre mandei em casa e em tudo. Meus filhos já têm suas famílias também, e seu trabalho. Aqui, é assim. Família e trabalho.”*

**Orlanda** – *“Eu sigo o que minha mãe ensinou, e ensinei também à filha, mas o filho já é diferente: quero que ele saiba de tudo para ser independente, não precisar da mulher para tudo. Mas eles terão suas famílias também, como minha mãe, como eu, e trabalho, escolhendo o que quiserem ser, como eu.”*

**Rosária** – *“Sigo o que aprendi, sim. E é assim, os pais passam aos filhos o que aprendem. E meus filhos já têm suas famílias, só que não estão em Portugal, mas têm seus trabalhos, estão bem, são como lhes ensinamos: pessoas que trabalham, que são honestas, que têm uma boa estrutura familiar.”*

**Teresa** – *“Eu herdei da mãe a força para o trabalho. E o amor pela família. E passo para os meus filhos os mesmos ensinamentos. Vai ser assim, tenho certeza!”*

A influência materna moldou as trajetórias das entrevistadas em Nazaré. Para muitas delas, as mães foram figuras de inspiração e modelos a seguir, especialmente no que diz respeito aos valores e à conduta na vida familiar. No entanto, essa influência parece ter sido seletiva, com algumas entrevistadas optando por seguir um caminho diferente do de suas mães em relação à dinâmica de poder no casamento.

Embora a submissão ao marido fosse uma característica comum entre as gerações anteriores, algumas entrevistadas, como Carla Sofia e Maria da Nazaré, romperam com essa tradição, assumindo uma postura mais independente e participativa nas decisões familiares.

No entanto, quando se trata da continuidade profissional, observa-se uma quebra nessa relação de continuidade com as mães. Apenas uma das entrevistadas, Maria Adelaide, tem uma filha que segue sua profissão, enquanto as outras não têm filhas que tenham optado pelo mesmo caminho profissional. Isso sugere uma divergência entre a influência materna no contexto familiar e no campo profissional, indicando que as escolhas profissionais podem ser influenciadas por uma variedade de fatores além das referências familiares diretas.

É notável o impacto positivo que a educação tem tido nas famílias de Nazaré, especialmente para os filhos das entrevistadas. O aumento do acesso à educação tem proporcionado melhores oportunidades econômicas e financeiras para as futuras

gerações, refletindo-se em declarações orgulhosas das mães sobre seus filhos "formados com o meu trabalho". Isso sugere que o trabalho árduo das entrevistadas não apenas sustentou suas famílias, mas também investiu na educação de seus filhos, proporcionando-lhes um futuro com melhores perspectivas do que as que tiveram.

Além disso, é interessante notar os valores fundamentais que essas mulheres desejam transmitir aos seus filhos. O amor pelo trabalho é destacado como um princípio essencial, mostrando a importância do esforço e da dedicação em suas vidas. A formação familiar também é valorizada, indicando a relevância dos laços familiares e do apoio mútuo dentro do núcleo familiar. Além disso, a honestidade é ressaltada como um valor fundamental a ser ensinado e preservado, destacando a importância da integridade e da ética nas relações interpessoais e na vida em sociedade. Esses valores, transmitidos de geração em geração, contribuem para a construção de uma base sólida para as futuras gerações enfrentarem os desafios da vida com resiliência e integridade.

## 11.2. A casa dos sonhos

Ao abordar os sonhos mais imediatos ou de médio prazo, como a casa dos sonhos, as respostas das entrevistadas revelam tanto suas aspirações pessoais quanto suas necessidades fundamentais. As respostas obtidas permitem identificar padrões ou tendências que refletem as prioridades e os desejos dessas mulheres em Nazaré. Por exemplo, algumas entrevistadas expressam o desejo por uma casa mais confortável ou espaçosa, refletindo uma busca por melhores condições de vida para si e suas famílias. Isso pode incluir características como mais quartos para acomodar a família, áreas de lazer ou jardins para desfrutar de momentos de convívio. Outras mencionam a necessidade de melhorias em suas residências atuais, como reformas ou reparos, destacando a importância de garantir um ambiente seguro e adequado para suas famílias. Além disso, as respostas variam de acordo com o contexto individual de cada entrevistada, levando em consideração fatores como situação financeira, estrutura familiar e aspirações pessoais. Essa diversidade de perspectivas enriquece a compreensão das diferentes realidades e necessidades presentes na comunidade de Nazaré.

Explorando os sonhos das entrevistadas em relação à casa dos seus sonhos, é possível obter testemunhos valiosos sobre suas prioridades, desejos e aspirações para o futuro, refletindo os valores e as expectativas presentes na comunidade local.

**- Residência: como é a sua casa hoje e qual o sonho da casa do futuro?**

**Ana Cristina** – “A casa está como eu gostava, não falta nada.”

**Ana Palmira** – “Não falta nada à casa. Eu tenho o que preciso.”

**Anabela** – “A casa está como eu gosto: tenho conforto e comodidades.”

**Auzenda** – “Não me falta nada, sempre há uma coisita aqui, outra ali, que é para melhorar.”

**Carla Lopes** – “Não falta nada à casa, tenho o que quero.”

**Carla Sofia** – “Tenho conforto.”

**Carolina** – “Não, não falta nada, tenho o que preciso.”

**Dina** – “A casa está como eu queria.”

**Felipa** – “Eu sonho com uma casita na praia, para ter meus filhos lá. Não aqui, que há muita gente, mas aqui pertinho, numa praia menor, mas tem que ter o mar à frente.”

**Francelina** – “Tenho o que preciso, acho que até um pouco mais.”

**Higina** – “Já tenho o que sonhei.”

**Irene** – “Tenho uma casita boa, com o sonhei.”

**Isabel Maria** – “A minha casa tem tudo. Agora o sonho é comprar a outra casa para dar ao filho. Uma eu já consegui, falta outra ainda. Está a andar.”

**Lara** – “Tenho uma boa casa, apartamento, mais exatamente, mas é o que preciso e suficiente. Tenho tudo lá.”

**Maria Adelaide** – “Agora mudei-me para outra casa, é mais confortável, tenho tudo que preciso.”

**Maria Antonia** – “Tenho o que preciso, o que sempre quis.”

**Maria da Conceição** – “Tenho uma casita boa, agora estou a complementar a casita do meu filho, o pai da minha netinha Melissa.”

**Maria da Nazaré** – “Já tenho tudo o que queria, mas, claro, sempre há algo que arrumar, que melhorar aqui e ali, falo nos quartos que alugo, que temos que cuidar e melhorar.”

**Orlanda** – “Sim, tenho tudo o que sempre sonhei.”

**Rosária** – “Pois, tenho sim, o que preciso, o que desejei, em minha casa há de tudo.”

**Teresa** – “Ao sair de casa, não levei nada para além das roupas, minhas e dos meus filhos. Foi incrível. Nem eu conseguia acreditar. Uma amiga conseguiu-me tudo, hoje já não me falta mais nada!”

Os depoimentos reforçam satisfação generalizada e a importância da família e do lar como prioridades fundamentais na vida das entrevistadas em Nazaré. O investimento financeiro está direcionado principalmente para garantir o conforto e a segurança do ambiente familiar, refletindo uma forte conexão emocional e afetiva com o lar. A ordem de investimento mencionada - conforto da família, educação dos filhos e aquisição ou melhoria de imóveis - revela uma preocupação constante com o bem-estar e o futuro das gerações seguintes. Essa abordagem também sugere uma visão de longo prazo, onde os recursos financeiros são utilizados não apenas para benefício imediato, mas para garantir uma base sólida e sustentável para o futuro da família.

A falta de investimento significativo nos locais de trabalho das entrevistadas, com exceção de Orlanda, indica que essas mulheres priorizam o ambiente doméstico sobre o ambiente profissional. Isso pode ser atribuído à forte ligação emocional com o lar e à crença de que investir na família é a melhor maneira de garantir a estabilidade e o bem-estar geral.

### 11.3. Investimentos?

220

---

Ainda para ratificar e dar por encerrada a questão sobre investimentos, perguntamos:

***- Os meios de subsistência são suficientes? Como fazer para custear a família? Investimentos?***

Apesar de as entrevistadas negarem formalmente possuírem investimentos, na prática, elas estão realizando investimentos indiretos. O fato de muitas delas terem casas de acordo com suas preferências, realizarem melhorias em suas residências e até mesmo utilizarem parte das propriedades para locação a turistas indica que estão empregando seus ganhos de forma estratégica, embora possam não perceber isso como investimento.

É possível que as entrevistadas associem investimentos apenas a aplicações financeiras formais ou a empreendimentos específicos, como negócios ou propriedades adicionais. No entanto, ao direcionarem seus recursos para melhorias em suas residências e na expansão de suas propriedades para fins de locação, estão, de fato, investindo no

aumento do valor de seus bens e na geração de renda adicional. Portanto, mesmo que não reconheçam formalmente essas ações como investimentos, as entrevistadas estão demonstrando uma habilidade inata de administrar seus recursos financeiros de maneira eficaz, buscando garantir a segurança e o bem-estar de suas famílias e aproveitando as oportunidades para melhorar sua situação econômica no longo prazo.

#### 11.4. Memórias marcantes

Transportando-as para seu passado, pedimos que nos falassem sobre algo que não lhes sai da memória:

*- Pessoas e episódios marcantes; mapas afetivos; memórias e/ou experiências relevantes que ficaram na memória.*

**Ana Palmira:** *“Eu fui a mais antiga por aqui, com Maria Adelaide, depois veio a Francelina. Sempre trabalhei com a venda do peixe. Saíamos às duas horas para comprar o peixe, depois, íamos caminhando até ao Vimeiro de Alcobça<sup>27</sup>, vender peixe de porta em porta. Eu andava com cinco ou seis bacias à cabeça. Voltávamos às dez ou onze horas da manhã e íamos arrumar o peixe à beira da praia. Essa era minha vida desde o começo até há pouco tempo, quando fiquei só por aqui, a secar peixe no Estendal e vender.*

**Auzenda:** *“Muito triste foi a morte do meu pai. Ele morreu no Canadá. A gente não tinha dinheiro para trazer o corpo, ficou lá, abandonado pela família, nem sabemos onde foi enterrado. É assim, quando não se tem dinheiro.”*

**Carolina:** *“Aqui é difícil encontrar alguém que ajude. Meu neto, o Fabio Maranhão, foi a um campeonato europeu, sem patrocínio para pagar passagens ou estadia, mal dava para pagar a comida, e foi conseguido em Leiria e Peniche quem o ajudasse. No campeonato, quem lhe emprestou a bandeira de Portugal foi uma rapariga purguesa que lá estava. Isso é muito triste.”*

**Irene:** *“Recordo-me de frases da minha avó, que me criou: “As mulheres quando se juntam falando da vida alheia, começam na lua nova e terminam na lua cheia.” E outra: “Homens, burros e cavalos, vá à feira encontrá-los!” Eu gostava tanto que decorava e nunca esqueci!”*

**Maria da Nazaré:** *“Eu era muito refilona. Uma vez, com quinze anos ou pouco mais, eu chamei ao pai de filho de uma puta, eu desci a escada abaixo e, quando o pai disse-me que ia me bater eu lhe disse: “Vou mandar-te prender!” Eu sabia que assim ele não me batia. Era assim que resolvia e resolvo minha vida.”*

---

<sup>27</sup> Vimeiro de Alcobça é uma freguesia de Alcobça distante 16 km aproximadamente da vila da Nazaré.



**Maria Teresa:** *“O que não me sai da memória foi a determinação de sair de casa. só não sabia como nem quando e então, ele avisou-me que tinha uma janta com os amigos num dia tal, e eu decidi: esse vai ser o dia que vou sair. Ele saía e voltava muito tarde. Falei com meus filhos que eu ia embora, e perguntei-lhes se iam comigo ou ficavam com o pai, eles quiseram vir comigo. Eu lhes disse das dificuldades porque eu não sabia o que fazer para sobreviver, e mesmo assim eles quiseram ficar comigo. Chegou o dia, ele saiu e arrumamos nossas coisas ligeiro. Saímos à noite, a pé, e um amigo dele nos encontrou na estrada e deu-nos boléia. Expliquei-lhe tudo, e ele levou-nos para uma casa que por acaso era sua. Foi a liberdade e a felicidade!”*

Esta questão foi crucial para estabelecer uma conexão mais profunda e genuína com as entrevistadas. À medida que demonstrava interesse genuíno por suas histórias e experiências, elas se sentiam mais à vontade para compartilhar detalhes íntimos e expressar seus sentimentos de forma aberta. Esse tipo de interação é fundamental em entrevistas qualitativas, pois permite que as pessoas se sintam valorizadas e ouvidas, o que, por sua vez, leva a uma troca mais rica e significativa de informações.

O fato de as entrevistadas terem parado de se preocupar com o que eu escrevia e se concentrarem mais em compartilhar suas histórias indica que estavam genuinamente envolvidas na conversa e se sentiam confortáveis o suficiente para se abrir. Esse é um sinal claro de confiança mútua e respeito, elementos essenciais para obter depoimentos autênticos e significativos sobre as experiências e perspectivas das pessoas entrevistadas.

Esse momento memorável certamente contribuiu para enriquecer minha compreensão das vidas e realidades das entrevistadas, permitindo-me capturar suas expressões e sentimentos com maior profundidade e empatia. Essa conexão humana é inestimável em qualquer processo de pesquisa, pois adiciona uma dimensão pessoal e emocional que complementa os dados objetivos coletados.

#### 11.5. As nazarenas são realmente diferenciadas das demais?

Entendemos ser útil auscultar as entrevistadas sobre possíveis diferenças no modo de vida das mulheres na Nazaré em comparação com outras comunidades, uma vez que isso é passível de agregar pontos de vista sobre aspectos culturais, sociais e econômicos distintivos da comunidade. O que se pretende é ajudar a contextualizar melhor as experiências das mulheres entrevistadas e entender como o ambiente em que vivem influencia suas vidas, valores e perspectivas.

Ao explorar essas diferenças, é possível descobrir aspectos únicos da vida na Nazaré, como tradições locais, dinâmicas familiares, papéis de gênero, oportunidades de trabalho e acesso a serviços e recursos. Essa comparação também pode destacar desafios específicos enfrentados pelas mulheres na Nazaré e áreas em que a comunidade se destaca ou enfrenta dificuldades em comparação com outras comunidades.

Além disso, ao ouvir as percepções das entrevistadas sobre como sua comunidade se diferencia ou se assemelha a outras, permite capturar uma variedade de pontos de vista e experiências individuais, enriquecendo assim a compreensão da diversidade dentro da comunidade nazarena.

**- Acha que as mulheres da Nazaré são diferentes das mulheres de outras comunidades? Se sim, em que sentido?**

**Ana Cristina** – *“Somos, sim, diferenciadas. Temos atitudes.”*

**Ana Palmira** – *“Sim! A nazarena é uma mulher livre! Elas têm trabalho! Não tem quem as chateie. As outras, ficam em casa!”*

**Anabela** – *“Somos mulheres! Somos valentonas!”*

**Auzenda** – *“A nazarena faz o que quer! Não fica à espera de que o homem lhe traga as coisas!”*

**Carla Lopes** – *“As pessoas falam que somos diferentes.”*

**Carla Sofia** – *“Somos mulheres que têm poder, é isto. Não somos de esperar.”*

**Carolina** – *“Fomos acostumadas desde muito cedo a enfrentar as dificuldades. Foi assim com a mãe, foi assim comigo, minha filha, e é assim aqui.”*

**Dina** – *“Tenho certeza de que são mulheres mais fortes. Olha a história da minha mãe! E eu só posso seguir esse modelo! Tenho orgulho dela!”*

**Felipa** – *“Antigamente eu não sei, mas hoje eu as vejo tristes, devido à educação. Hoje o dinheiro vale mais, esses valores aos filhos, há uma competição muito grande para os bens materiais.”*

**Francelina** – *“São diferentes? Não sei, o que sei é que aqui, as mulheres são os homens das famílias, percebes? Temos que ser! Somos pais e mães!”*

**Higina** – *“Tenho certeza de que somos diferentes: não nos abalamos com crises, enfrentamos e pronto.”*

**Irene** – *“Creio que somos, mas é pelo trabalho: começamos muito cedo a trabalhar, a ter nosso dinheiro, nossa independência.”*

**Isabel Maria** – *“A vida é diferente. São mais ativas, mais decididas, têm alegria, uma forma diferente de encarar a vida. Eu, canto sem parar! Não importa o que leve ao coração, temos que estar bem!”*

**Lara** – *“Acredito que a vida difícil fez com que ficassem adultas muito cedo, por isto a diferença.”*

**Maria Adelaide** – *“Acho que é o nosso jeito de ser. Ou o mar que nos deixa assim.”*

**Maria Antonia** – *“Não tenho certeza se somos mesmo diferentes.”*

**Maria da Conceição** – *“As mulheres daqui são muito diferentes: são muito trabalhadoras! Por isto são mais livres! Acho que vem do mar.”*

**Maria da Nazaré** – *“Somos diferentes porque não ficamos à espera de nada! Vamos buscar o que queremos.”*

**Orlanda** – *“Somos distintas em tudo: na lida da casa, na maneira de vestir (Adoro!!!) Temos uma personalidade muito forte. O mar traz muita força e muita calma.”*

**Rosária** – *“Aprendemos cedo a dar valor ao trabalho, à vida.”*

**Teresa** – *“Somos sim! Não tememos nada! Vamos ao trabalho com alegria! Defendemos a família, os filhos, tudo! Somos mulheres fortes, não tenho dúvida alguma.”*

Os depoimentos fornecidos corroboram o que já foi encontrado nas descrições das trajetórias das entrevistadas, destacando-as como figuras diferenciadas dentro da sociedade. Um dos principais aspectos que ressalta essa diferença é o início precoce no mundo do trabalho, o qual está intimamente ligado à independência que muitas delas conquistam desde tenra idade. Esse esforço e dedicação ao trabalho desde cedo são vistos como fatores distintivos que as colocam em uma posição única em relação à maioria da sociedade.

Outro ponto relevante é a precocidade da vida como mulher na comunidade, onde histórias de maternidade precoce são comuns, principalmente em épocas em que métodos contraceptivos não eram amplamente acessíveis. Muitas mulheres iniciaram suas famílias e assumiram responsabilidades maternas já na adolescência, o que moldou suas vidas de forma significativa. Além disso, destaca-se a forte ligação entre o trabalho e a independência, apontada por muitas entrevistadas como um fator diferencial em suas vidas. Essa conexão entre o trabalho árduo e a independência financeira é considerada uma característica marcante das mulheres da Nazaré, que se destacam por sua determinação e capacidade de tomar decisões. Algumas entrevistadas também mencionaram a influência do mar como um elemento motivador em suas vidas, contribuindo para o desenvolvimento de personalidades fortes e resilientes. Essa relação profunda com o mar e suas atividades relacionadas ressalta a identidade única das mulheres nazarenas, cujas vidas são moldadas pelas tradições e desafios enfrentados em uma comunidade pesqueira.

## 11.6. As decisões tomadas estão ligadas às ausências de seus homens?

Ao solicitar mais detalhes sobre a situação das mulheres casadas com pescadores durante as ausências prolongadas de seus maridos, buscamos entender se as atitudes proativas dessas mulheres são intrínsecas ao seu caráter ou se são motivadas pela necessidade decorrente da ausência dos esposos.

As mulheres descrevem as ausências prolongadas dos pescadores como períodos desafiadores e solitários, nos quais assumem responsabilidades adicionais na administração do lar e na criação dos filhos. Durante esses períodos, elas se veem encarregadas de todas as tarefas domésticas e familiares, além de lidar com as preocupações relacionadas ao bem-estar e segurança dos maridos no mar. A ausência dos esposos durante longos períodos gera uma sobrecarga de responsabilidades para as mulheres, que precisam conciliar as demandas do lar com suas próprias atividades e obrigações diárias. Na verdade, essas mulheres demonstram uma notável resiliência e capacidade de adaptação diante das dificuldades enfrentadas durante as ausências dos pescadores, assumindo um papel de liderança e tomando decisões importantes para o funcionamento da família. A situação de ausência dos maridos pode ser tanto uma fonte de estresse e de preocupação quanto uma oportunidade para as mulheres demonstrarem sua independência e habilidades de gestão familiar.

*- Dadas as ausências prolongadas do seu marido (se for ou tiver sido o caso), como são tomadas as decisões importantes em casa?*

*- Quem toma as decisões mais importantes na maioria das vezes? Quais tipos de decisões são mais importantes? Por quê?*

**Ana Cristina** – *“Como lhe falei: em casa é tudo comigo! Eu tenho que fazer tudo, tomar conta de tudo. Se há uma compra com valores mais altos, eu aguardo por ele. Ele, quando compra algo para si, compra para mim também, mais ou menos no mesmo valor. Somos assim, dividimos.”*

**Ana Palmira** – *“Sim, temos que fazer tudo, a vida tem que andar! A gente acostuma. Decisão importante? A compra de um imóvel, por exemplo, aí a gente decide juntos.”*

**Anabela** – *“Era assim em casa. A mãe é que fazia tudo, trabalhava, via tudo o que faltava, meu pai ficava fora quase um ano, era ela que tinha que tocar a vida.”*

**Auzenda** – *“Foi assim com a mãe: a mãe é que tocava tudo. Foi assim comigo. Somos pai e mãe, homem e mulher, temos que decidir tudo.”*

**Carla Lopes** – “*Se tiver que decidir e ele está no mar, eu decido, mas prefiro esperar por ele.*”

**Carla Sofia** – “*Se for uma decisão muito grande, eu vou falar com meu marido, do contrário, decido eu.*”

**Carolina** – “*Eu tinha dezassete anos quando fiquei só com o miúdo com nove meses e fiquei assustada, sem saber o que fazer, mas ele foi para Ultramar, e eu tive que seguir a vida. Então, eu tinha que decidir, foi assim. E depois, acostumei.*”

**Dina** – “*Sou acostumada a decidir. Claro, às vezes falamos sobre o que vamos fazer, mas é às vezes.*”

**Felipa** – “*Ainda não passei por essa experiência, mas se tiver que decidir, eu decido, com certeza.*”

**Francelina** – “*Então, eu tinha que tomar as decisões, ele andava doente. Agora, às vezes conversamos, mas eu costumo decidir, sim.*”

**Hígina** – “*Ah! As decisões do dia a dia são comigo, só se for algo que precise dele, caso contrário, é comigo.*”

**Irene** – “*Como falei: eu dou as idéias quando tem alguma coisa a ser feita, e conversamos, mas eu geralmente estou com a razão e fazemos como eu disse.*”

**Isabel Maria** – “*Ah! Eu vou fazendo as coisas; é assim...*”

**Lara** – “*Decidimos o mais importante em parceria.*”

**Maria Adelaide** – “*Eu tinha que decidir, mas se ele estava à casa, dizia-lhe e depois, fazia alguma coisa.*”

**Maria Antonia** – “*Sou eu quem sempre decidi.*”

**Maria da Conceição** – “*Na compra da casa, eu falei com ele, mas ele disse que era perigoso assumir uma dívida, então eu tive que decidir, e foi assim, depois, só falei que já tinha comprado a casa. Eu estou pagando.*”

**Maria da Nazaré** – “*Todas as decisões sempre foram comigo.*”

**Orlanda** – “*Aqui, no trabalho, tenho que decidir tudo, afinal, a loja é minha, em casa, eu converso com ele, mas normalmente eu já levo uma idéia e é assim.*”

**Rosária** – “*Em casa, decidimos os dois juntos.*”

**Teresa** – “*A mãe já tinha que decidir, depois, eu deixava com ele as decisões porque eu temia fazer as coisas, agora, não, sou livre, sou eu quem decide e vai ser assim daqui pra frente.*”

Ao explorarmos a questão do poder de decisão, buscamos não apenas entender sua dinâmica dentro do ambiente doméstico, mas também sua extensão para além dos limites da casa, na esfera pública e comunitária. As respostas obtidas confirmam o que já havíamos observado anteriormente em relação ao papel de liderança exercido pelas mães, que serviram como modelos para as entrevistadas. O hábito de tomar decisões, muitas vezes atribuído à ausência prolongada dos pescadores, revela-se como uma característica

enraizada no cotidiano dessas mulheres, incluindo aquelas cujos maridos não estão envolvidos na pesca.

É interessante notar como, mesmo aquelas que afirmam compartilhar as decisões com seus parceiros, muitas vezes já chegam com uma ideia pré-formulada, induzindo sutilmente a concordância do marido. Isso sugere não apenas um padrão de liderança, mas também uma habilidade estratégica para influenciar as decisões de forma eficaz. Um exemplo notável é o caso de Irene, que desde a infância foi reconhecida por seu pai como uma líder, evidenciando que esse traço de personalidade não é apenas uma resposta à ausência masculina, mas sim uma característica intrínseca às nazarenas.

Dessa forma, fica claro que essas mulheres são verdadeiramente diferenciadas, não apenas pela capacidade de liderança que demonstram, mas também pela forma como exercem seu poder de maneira sutil e estratégica, tanto dentro de casa quanto na comunidade em geral.

#### 11.7. Os filhos sentem a diferença da ausência de seus pais?

227

---

A questão seguinte, no guião das entrevistas, procurou verificar a força da presença paterna nas famílias:

**- O que muda (mudava) na sua relação com os seus filhos quando o seu marido está fora?**

O fato de as mulheres afirmarem que nada muda na relação que mantêm com seus filhos, mesmo diante das ausências prolongadas dos maridos devido à pesca, revela a forte presença materna e o papel central que desempenham na vida familiar. Isso sugere que essas mulheres assumem uma grande responsabilidade na criação e cuidado dos filhos, mesmo quando os maridos estão ausentes por longos períodos. Essa continuidade na relação mãe-filho independentemente das circunstâncias externas demonstra a estabilidade e a força dos laços familiares estabelecidos, onde as mães permanecem como os pilares emocionais e práticos do lar, garantindo o bem-estar e o desenvolvimento dos filhos mesmo na ausência dos pais.

11.8. A diferença das nazarenas seria causada pela ausência de seus homens?

Procuramos forçar a reflexividade das entrevistadas relativamente à alegada diferença da nazarena para as demais mulheres portuguesas, perguntando:

*- Acha que é uma mãe diferente de outras mulheres por o seu marido passar muito tempo no mar?*

As que têm ou tiveram maridos que iam para alto mar responderam:

**Ana Cristina** – *"A mãe tem que aprender a contar consigo mesma. Se um filho está doente, não tem o que fazer, tem que agir, é só. Foi assim. A gente é pai e mãe quase sempre."*

**Ana Palmira** – *"Tive que aprender a ser pai e mãe ainda cedo. Meu marido foi a Ultramar, e eu fiquei com o miúdo, vamos aprendendo, e somos pai e mãe. Agora, até comprar a casa, é tudo comigo!"*

**Auzenda** – *"Vamos aprendendo, e vamos fazendo tudo, não tem jeito. E somos pai e mãe na maior parte do tempo."*

**Carla Lopes** – *"No dia a dia a gente vai fazendo tudo, nem percebemos, mas acho que sim, porque temos que assumir tudo, principalmente com os filhos."*

**Carolina** – *"Ah! Mulher de pescador é pai e mãe! A gente tem que fazer de tudo, eu carregava sempre os filhos ao pé de mim. Era assim. Não tinha creches, não tinha com quem deixar, eu era pai e mãe."*

**Dina** – *"Sim, temos que resolver as coisas na hora, não dá para esperar, então vamos resolvendo. Os filhos acostumam-se, afinal, é com a mãe que tem que ver tudo."*

**Francelina** – *"Eu tinha a ajuda do meu irmão, o que faleceu, eu não os trazia à praia, mas, sim, tinha que resolver tudo, era pai e mãe, foi sempre assim."*

**Higina** – *"É diferente, nós temos que tomar conta de tudo, e fazemos bem. Sim, somos pai e mãe na maior parte do tempo."*

**Isabel Maria** – *"Com certeza é uma mãe diferente: nós temos que ser pai e mãe!"*

**Maria Adelaide** – *"Não é fácil, não é fácil, mas é a vida. Temos que ser pai e mãe."*

**Maria Antonia** – *"Tem que ser: se o homem não está as coisas têm que andar e pronto."*

**Maria da Conceição** – *"É o que somos: pai e mãe. Se eles não estão, o que podemos fazer? A vida não para!"*

**Orlanda** – *"Nos momentos mais difíceis eu pensava no que meu pai sempre dizia: 'Há que se ter calma!' e eu resolvia, com calma. É assim, somos diferentes porque os maridos não estão o tempo todo com a gente, não tem jeito, é a vida."*

Os depoimentos ressaltam a complexidade das dinâmicas familiares nas comunidades pesqueiras, onde as mulheres muitas vezes ficam responsáveis por assumir papéis tanto de pai quanto de mãe, em virtude das longas ausências dos maridos devido à pesca. Essa realidade impõe uma necessidade de tomar decisões e assumir responsabilidades de forma independente, o que pode contribuir para o desenvolvimento de uma capacidade de decisão rápida e assertiva por parte das mulheres.

A observação sobre o equilíbrio nas liberdades conquistadas e adequadas a cada membro do casal é interessante, sugerindo que, apesar das responsabilidades desiguais que cada um carrega, há uma harmonia nas relações onde cada parceiro desempenha um papel complementar. Enquanto os pescadores assumem a responsabilidade de trazer sustento para a família através da pesca, as mulheres, que são independentes e capazes de tomar decisões, garantem a estabilidade e o bem-estar do lar durante as ausências dos maridos. Essa interdependência funcional entre os membros do casal pode ser vista como uma estratégia adaptativa para lidar com as demandas específicas da vida em comunidades pesqueiras.

### 11.9. Liberdade, liberdade

Por fim, quisemos saber da sensação ou sentimento de liberdade; ou seja, se o mesmo era ou não sentido, vivido e experimentado, por nossas entrevistadas.

#### **- Considera-se uma mulher livre? Por quê?**

**Ana Cristina** – *“Livre entre aspas: sair, só com seu homem. Andamos sempre juntos, não sou uma vadia. Tem que andar o Manuel com a Maria e a Maria com o Manuel.”* Risos.

**Ana Palmira** – *“Se me considero uma mulher livre? Claro! Sou livre!”*

**Anabela** – *“Sim, sinto-me uma mulher livre, sim, senhora!”*

**Auzenda** – *“Sou livre, sim. Faço só o que quero!”*

**Carla Lopes** – *“Sim, sou livre.”*

**Carla Sofia** – *“Sim, sou livre, sinto-me livre, tenho minhas escolhas.”*

**Carolina** – *“Sim, sempre fui uma mulher livre.”*

**Dina** – *“Livre, sim, completamente.”*

**Felipa** – *“Ser livre é uma questão de espírito. Eu tenho o meu espírito livre.”*



**Francelina** – “*As pessoas tem livre arbítrio: eu dou liberdade para ter liberdade. Sou uma mulher livre.*”

**Higina** – “*Sinto-me e sou uma mulher livre.*”

**Irene** – “*Estamos sempre juntos, mas eu me sinto livre, foi a minha escolha.*”

**Isabel Maria** – “*Sinto-me livre, gosto até de trabalhar aqui porque tenho mais liberdade, estou na rua!*”

**Lara** – “*Sinto-me livre em todos os sentidos: individual, social, profissional. Só sou inconformada com a injustiça social.*”

**Maria Adelaide** – “*Sim, sou livre, sim.*”

**Maria Antonia** – “*Sim, sou totalmente livre.*”

**Maria da Conceição** – “*Sim, sou livre. Tem muito a ver com o trabalho, sou independente; e tem a ver com o marido, também, e ele não é ciumento.*”

**Maria da Nazaré** – “*Sou totalmente livre: sempre fiz o que quis!*”

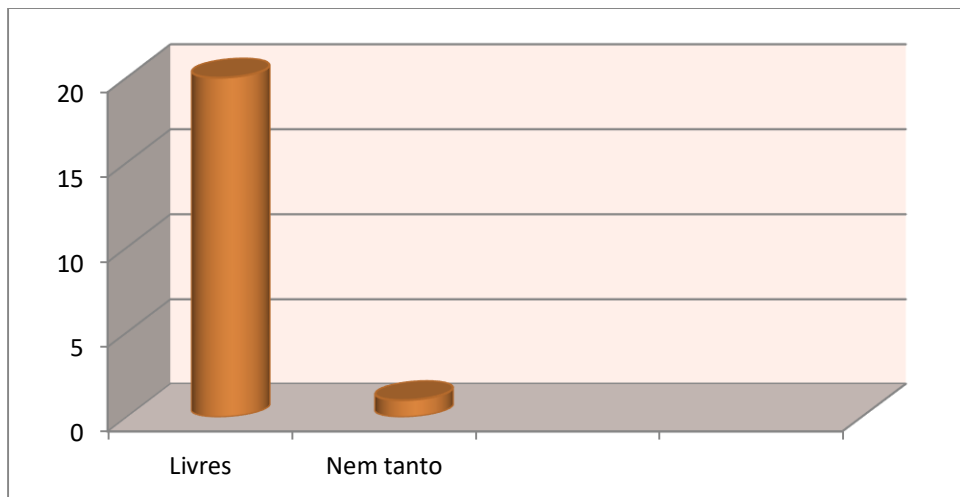
**Orlanda** – “*Sinto-me livre, sim, fiz minhas escolhas.*”

**Rosária** – “*Sim, sinto-me livre. A biblia me orienta e eu a sigo.*”

**Teresa** – “*Se sou livre? Basta olhar pra mim! Olha aqui!*” (risos)

Transformando em um gráfico onde se possa melhor visualizar, temos:

**Gráfico 7: Liberdade das nazarenas**



A análise sobre a sensação de liberdade entre as mulheres nazarenas destaca a importância do trabalho e da independência financeira na construção dessa percepção. A maioria das entrevistadas trabalha, muitas vezes por conta própria, o que lhes proporciona autonomia econômica e, por consequência, uma sensação de liberdade. Além disso, a ausência prolongada dos maridos, que são pescadores, também contribui para essa

sensação, uma vez que as mulheres ficam sozinhas e assumem responsabilidades decisivas durante esses períodos.

Mesmo estando casadas, a sensação de liberdade não é comprometida, pois o casamento não as priva desse sentimento. Pelo contrário, a capacidade de tomar decisões por conta própria, tanto no trabalho quanto na gestão do lar durante as ausências dos maridos, reforça essa sensação de autonomia.

A questão religiosa também é mencionada, mas mesmo as mulheres que têm suas ações condicionadas pela religião conseguem expressar um senso de liberdade, pois o conceito vai além das restrições impostas pela fé.

Portanto, a liberdade para as mulheres nazarenas está intrinsecamente ligada à independência financeira, ao exercício de tomar decisões e à ausência de seus maridos, elementos que proporcionam um sentimento de empoderamento e autonomia em suas vidas.

#### 11.10. Amigos? E associações?

231

---

Por fim, tivemos a curiosidade de conhecermos um pouco mais de suas relações sociais, ou ainda, sobre sua sociabilidade e redes (Atuais e durante a trajetória biográfica).

Para tal, começamos a inquiri-las da seguinte forma:

**- Tem muitas (os) amigas (os)? (Aqueles (les) com quem divide seus problemas)**

**Ana Cristina** – “Tenho muitas colegas, a de escola e as do grupo de carnaval, mas confidentes, essas são poucas, e do tempo de escola, ainda.”

**Ana Palmira** – “Minhas amigas são daqui, e são as de escola, que é quase a mesma coisa. Confidentes? Ah! A gente comenta alguma coisa entre nós.”

**Anabela** – “Tenho poucas amigas, mas as que tenho, são do tempo de escola.”

**Auzenda** – “Tenho muito poucas amigas, mas são daqui, do trabalho e de escola, que é a mesma coisa: nos conhecemos, a maioria, desde a escola.”

**Dina** – “Minha confidente é minha irmã.”

**Carla Lopes** – “Amigas são as minhas irmãs, são três.”

**Carla Sofia** – “Tenho poucas amigas, umas duas.”

**Carolina** – *“Hoje? Minha filha. As pessoas contam sempre tudo. É, fofoca, como dizem. Não se pode mais confiar.”*

**Felipa** – *“Tenho uma amiga, de escola.”*

**Francelina** – *“Meu melhor amigo era meu irmão, o que morreu em 1980 e tinha vinte anos, meu confidente, depois, minha irmã, mas lá se foi também.”*

**Higina** – *“Eu tenho poucas amigas, três ou quatro, mas só confio nelas.”*

**Irene** – *“Tenho duas ou três. Poucas. De miúdas.”*

**Isabel Maria** – *“Minha melhor amiga era minha irmã que morava comigo, que morreu de cancro ano passado.”*

**Lara** – *“Amigos de ontem, de hoje, são atemporais. É tudo uma questão de afinidades.”*

**Maria Adelaide** – *“A maioria delas já morreu. Eram da escola ainda, e daqui, as que acompanharam a vida junto comigo.”*

**Maria Antonia** – *“Minhas amigas são de longa data. De escola.”*

**Maria da Conceição** – *“Minhas amigas sempre foram pessoas mais velhas, há poucas vivas, sinto falta delas, sinto saudades. Fui criada por pessoas mais velhas.”*

**Maira da Nazaré** – *“Não tenho amigas, tenho muitas pessoas conhecidas com quem me dou bem.”*

**Orlanda** – *“Muito poucas amigas. De escola, ainda.”*

**Rosália** – *“Minha irmã mais velha, e outras poucas, de escola.”*

**Teresa** – *“Minha melhor amiga eu conheço há seis meses, mas foi ela quem mobilou a minha casita. Devo-lhe muito. Amizade é assim, não tem tempo.”*

As reflexões sobre as relações sociais das mulheres nazarenas revelam uma preferência por vínculos próximos e duradouros, muitas vezes circunscritos à própria família. A intimidade e a confiança são compartilhadas com poucas pessoas, e é comum que os amigos mais íntimos sejam encontrados dentro do círculo familiar, como irmãs ou irmãos. Essa inclinação para preservar amizades de longa data e relações familiares próximas pode refletir uma postura conservadora em relação às relações sociais. A ideia de "amizades desde sempre" ressalta a importância da continuidade e estabilidade nas relações interpessoais, sugerindo uma valorização da confiança construída ao longo do tempo. Ao mesmo tempo, a menção de apenas duas entrevistadas sobre a possibilidade de novas amizades baseadas em afinidades ou empatia sugere uma abertura para o estabelecimento de laços sociais fora do círculo tradicional. No entanto, a prevalência da confiança em amizades antigas pode indicar uma resistência à formação de novos vínculos, possivelmente influenciada pela desconfiança crescente na sociedade contemporânea. Assim, a falta de confiança percebida nas relações sociais modernas pode

estar contribuindo para a manutenção e valorização das amizades de longa data entre as mulheres nazarenas, que encontram segurança e apoio nessas relações estáveis e duradouras.

### 11.11. Lazer e atividades em grupo

Para além de relações de amizade, quisemos saber um pouco mais e indagámos sobre questões relacionadas com a sociabilidade da seguinte forma:

*- Como são suas atividades de lazer e com quem?*

*- Pode descrever atividades que tenha com outras pessoas?*

Aqui transcreveremos apenas as respostas das entrevistadas que têm algum lazer e o declararam; as demais confessam que não há lazer em suas vidas, apenas trabalho e trabalho.

**Ana Cristina** – *“Meu lazer é ir dançar quando meu marido cá está e me leva. Eu adoro dançar e ele sabe. Ah! Eu fui para a fanfarra dos bombeiros da Nazaré, e ainda faço parte. Todo sábado tem ensaio. Eu toco clarim.”*

**Felipa** – *“Gosto de ler quando não estou no trabalho. Aos domingos, fazemos as refeições nas casas dos pais, alternando: casa dos sogros, casa da mãe e casa do pai. Depois, viemos à praia com a cachorra, andamos, sentamos para conversar e namorar.”*

**Francelina** – *“Eu gostava do carnaval, saíamos em blocos, era muito divertido. Agora, há dois anos, estou de luto pela perda da minha irmã e, depois, do marido dela, que era um cunhado que eu gostava muito.”*

**Lara** – *“Sempre que há algum evento cultural, aproveitamos e vamos assistir. Também faço parte da associação da Biblioteca da Nazaré e, igualmente, sou representante dos pais da escola da minha filha.”*

**Maria Antonia** – *“Gosto de ir dançar numa sala de danças. Vou com amigas. Normalmente danço sozinha ou com elas. Não é aqui na Nazaré, mas é perto.”*

**Orlanda** – *“Eu faço parte do Grupo Etnográfico da Nazaré, e temos que ir ensaiar ou participar dos eventos em que o Grupo esteja inserido. Eu adoro, porque é quando posso andar vestida a rigor com a roupa das nazarenas tradicionais, e as danças, então!”*

**Maria Teresa** – *“Gosto quando há reunião do grupo de motas aqui na Nazaré: fazemos almoços para toda a malta e eu sou uma das encarregadas da comida, é um momento maravilhoso! Gosto muito.”*

Apesar da aparente escassez de tempo dedicado ao lazer entre as entrevistadas, é interessante observar que elas encontram maneiras de integrar momentos de descontração e socialização em suas rotinas diárias. Esses momentos, mesmo que breves, desempenham um papel importante na promoção do bem-estar e na manutenção das relações sociais.

O hábito de fazer uma pausa durante o dia para ir ao café e conversar com colegas ou amigas demonstra a valorização da interação social e do convívio comunitário. Mesmo que seja apenas por alguns minutos, esses encontros proporcionam um momento de relaxamento e troca de experiências fora do ambiente de trabalho, contribuindo para fortalecer os laços sociais e criar um senso de pertencimento à comunidade.

No caso de Carolina, mesmo enfrentando desafios pessoais como a tristeza e a depressão, ela ainda encontra ânimo para frequentar o bar em frente ao Estendal, onde pode interagir com suas colegas e compartilhar um momento agradável. Esses encontros não apenas oferecem suporte emocional, mas também servem como uma pausa bem-vinda em meio às dificuldades enfrentadas. Assim, mesmo que o lazer possa ser limitado em termos de tempo e variedade de atividades, as mulheres nazarenas demonstram uma capacidade de encontrar momentos de prazer e sociabilidade dentro de suas rotinas cotidianas, destacando a importância da conexão social e do apoio mútuo na sua comunidade.

#### 11.12. Pessoas e fatos marcantes com relação ao trabalho

Na continuação, perguntamos por:

*- Pessoas e episódios marcantes; memórias e/ou experiências de trabalho, de entre ajuda.*

**Ana Cristina** – “Ao contrário, quando eu mais precisei, ninguém me estendeu a mão. Foi quando perdi meu pai, queria um trabalho, precisava ajudar em casa, mas ninguém me ajudou. Nem para varrer rua me deram a oportunidade!”

**Francelina** – “Sempre que vem algum jornalista, ou da televisão, é a mim que procuram, mas é porque eu conheço bem o meu trabalho e não fico com vergonha de contar como se faz o peixe seco, e as outras acham que sou eu que quero, mas não, ao contrário, eles é que me escolhem!”

**Irene** – *“A primeira cozinheira que empregamos no restaurante, é o que lembro. Ela é que me ensinou a cozinhar porque sempre me disse que eu tinha que aprender, senão, um dia que a cozinheira faltasse, tinha que fechar o restaurante. Foi bonito da parte dela. Ela não foi egoísta.”*

Parece que a entreaajuda não é um aspecto que se destaque nas experiências relatadas pelas entrevistadas. A ausência de episódios marcantes relacionados à entreaajuda pode refletir diferentes realidades e dinâmicas sociais dentro da comunidade da Nazaré.

É interessante notar que, embora a entreaajuda não tenha sido destacada como uma parte significativa das experiências das entrevistadas, isso não significa necessariamente que ela não exista na comunidade. Pode ser que as experiências pessoais das entrevistadas simplesmente não tenham incluído muitos episódios de entreaajuda dignos de nota, ou que esses momentos tenham sido menos salientes em comparação com outras facetas de suas vidas.

Além disso, a falta de lembrança de episódios marcantes de entreaajuda pode indicar que essa prática seja tão enraizada e comum na comunidade da Nazaré que as entrevistadas não a percebem como algo extraordinário ou digno de destaque. A entreaajuda pode fazer parte da rotina e das expectativas sociais da comunidade de uma forma mais sutil e integrada, sem necessariamente se manifestar em eventos específicos ou memoráveis.

### 11.13. Falando em solidariedade

Por isso, lançamos outras questões para reflexão na mesma área.

**- Acha que as pessoas aqui, na comunidade, são solidárias umas com as outras?**

**- As coisas mudaram muito neste aspecto? Se sim, em que sentido as coisas mudaram?**

**Ana Cristina** – *“Como te falei: as pessoas não são solidárias. Eu sou um exemplo disto! Percebes? Já precisei muito e não tive ajuda. Agora, mesmo, ando à procura de um trabalho, ninguém lembra de mim!”*

**Ana Palmira** – *“Não, não são solidários. As coisas mudaram, sim, senhora. Antigamente eram uns com os outros, éramos mais pobres, mas éramos mais honestos, hoje, só falsidade.”*

**Anabela** – “*Eu vejo que mudou um pouco, sim. Eu não posso falar se há ou não solidariedade porque não precisei do auxílio dos outros; sempre foi a família que me apoiou. Vejo hoje cada um se importando com a vida do outro, é o que oiço aqui.*”

**Auzenda** – “*Eu não me queixo. A vida é bonita. Temos é que escolher os amigos.*”

**Dina** – “*Não percebo solidariedade. Cada um vive a sua vida, sem se preocupar como o outro está.*”

**Carla Lopes** – “*Não sei. Não convivo muito com os demais, vivo mais em família.*”

**Carla Sofia** – “*Não sei se mudou ou não. Quando necessito de um apoio, é a família que me apóia.*”

**Carolina** – “*Hoje cada qual quer mais, não é como antigamente, quando todos se ajudavam: quem tinha mais dava de comer a quem não tinha. Hoje, ninguém se importa. A concorrência é muito grande. Ninguém nunca ajuda, cada qual que se safe!*”

**Felipa** – “*O que eu vejo é que cada qual quer ser melhor e maior que o outro: se um tem uma casa, o outro quer uma maior, se consegue a maior, e assim vai, com a ganância do querer mais e mais para mostrar ao outro que pode mais.*”

**Francelina** – “*Os temos mudam, e mudam as pessoas igualmente. Hoje há pouco trabalho, então há mais competição.*”

**Higina** – “*Acho que há mais competição, e aí, não há solidariedade.*”

**Irene** – “*Acho até natural que haja mudanças. É a evolução, mas nem sempre significa evolução.*”

**Isabel Maria** – “*Antigamente eram tudo pobrezinho, mas havia mais amor e carinho. O dinheiro subiu à cabeça. Se tem uma casa, tu tens que ter piscina, e assim é.*”

**Lara** – “*Eu ainda tenho a solidariedade na família. O que mudou? Amigos que não usam a massa crítica: gente que saem daqui e ao voltar, demonstram alienação.*”

**Maria Adelaide** – “*As coisas mudaram, sim. As pessoas são falsas. Há muita soberba, não há humildade mais.*”

**Maria Antonia** – “*Hoje está mais difícil uma amizade verdadeira.*”

**Maria da Conceição** – “*As pessoas mudaram muito. Hoje falta afeto, consideração, respeito. São raras as amigas. Eu fiz amizade e gosto muito é da Felipa, ela é uma rapariga muito diferente. Hoje é difícil a amizade sem interesse.*”

**Maria da Nazaré** – “*Eu não tenho grandes amizades, porque não há grandes amizades hoje em dia. Não há solidariedade nem respeito.*”

**Orlanda** – “*A vida mudou, sim, com certeza. Eu confio na minha família, é com eles que conto nos momentos mais difíceis.*”

**Rosária** – “*A vida mudou para pior: falta respeito, falta amor. Hoje só existe pobre e rico, não há mais classe média!*”

**Teresa** – “*A solidariedade, no meu caso, veio de uma estrangeira. As coisas mudaram muito, sim, e para pior. Cada um preocupa-se com o outro só para falar entre si, não para ajudar.*”

É interessante observar como mesmo em comunidades com características tradicionais e conservadoras, como a vila da Nazaré, os efeitos da globalização e da revolução tecnológica podem ser sentidos e influenciar as dinâmicas sociais. O depoimento sobre as relações sociais limitadas a pequenos grupos familiares reflete uma tendência mais ampla em direção ao individualismo que tem sido observada em muitas sociedades contemporâneas. A globalização e a revolução tecnológica têm conectado o mundo de formas nunca antes vistas, permitindo maior acesso a informações, ideias e formas de vida diversas. Isso pode levar a uma maior valorização da individualidade e autonomia, à medida que as pessoas se veem cada vez mais como agentes autônomos em um mundo complexo e interconectado. Além disso, o avanço da tecnologia da comunicação, como a internet e as redes sociais, pode ter impactado as relações sociais ao permitir formas alternativas de interação e comunicação que transcendem as fronteiras físicas. Isso pode ter levado a uma mudança nas dinâmicas de relacionamento, com uma maior ênfase em conexões virtuais e uma redução nas interações face a face. É igualmente possível que a disputa por clientes no mercado turístico possa, em alguns casos, gerar sentimentos de inveja entre membros da comunidade. Isso pode ocorrer quando um concorrente percebe que outro está obtendo mais sucesso ou reconhecimento, seja por oferecer melhores serviços, preços mais baixos ou ter uma estratégia de marketing mais eficaz. A inveja tende a surgir quando alguém se sente inferiorizado ou frustrado por não conseguir alcançar o mesmo nível de sucesso que outro. Esses sentimentos podem ser exacerbados em um mercado altamente competitivo, fortemente sazonal, onde a luta por clientes é intensa e as margens de lucro são estreitas, como é o caso da Nazaré.

No entanto, é importante notar que mesmo em meio a essas mudanças, comunidades como a vila da Nazaré ainda mantêm suas tradições e valores, e as relações familiares continuam desempenhando um papel central na vida das pessoas. A coexistência entre aspectos tradicionais e influências modernas cria um cenário complexo e multifacetado, onde diferentes dinâmicas sociais e culturais se entrelaçam.

Bauman (1999) traz-nos, a este respeito, considerações que todos nós reconhecemos no nosso século:

*“Toda a família de conceitos anunciava em uníssono a vontade de tornar o mundo diferente e melhor do que fora e de expandir a mudança e a melhoria em escala global, à dimensão da espécie. Além disso, declarava a intenção de tornar semelhantes as condições de vida de todos, em toda parte, e, portanto, as oportunidades de vida para todo o*



*mundo, talvez mesmo torná-las iguais. Nada disso restou no significado de globalização, tal como formulado no discurso atual.” (Bauman, P.67)*

Como referido, as entrevistadas atribuem à família um papel especial e distinto em relação à sociedade em geral. As mulheres entrevistadas veem suas famílias como um refúgio ou um porto seguro em meio às mudanças e incertezas da sociedade moderna. Elas valorizam a coesão familiar, a confiança mútua e o apoio emocional que encontram dentro de seus lares, especialmente em momentos difíceis. A ressalva mencionada ao falar das famílias indica uma percepção de que os valores e relações familiares são diferentes daqueles predominantes na sociedade contemporânea. Isso pode refletir uma nostalgia por um tempo passado ou uma sensação de que os laços familiares são mais fortes e mais autênticos do que outras formas de relacionamento social.

#### 11.14. Previsão de alguma mudança na sociedade?

Perante a desesperança em relação à solidariedade e aos laços comunitários entre as nazarenas entrevistadas, formulámos uma questão mais geral:

238

---

**- Acha que a sociedade vai mudar? Para melhor ou para pior? Em que aspectos?**

**Anabela** – *“Não vejo futuro aqui para os meus filhos, infelizmente. Então, não vejo mudanças melhores na nossa sociedade.”*

**Felipa** – *“Não vejo uma mudança para melhor se as pessoas são invejosas, quererem ter sempre mais que as outras.”*

**Isabel Maria** – *“O futuro vai ser diferente. Hoje os jovens são diferentes: já não querem esta vida que a gente leva no trabalho.”*

**Maria da Conceição** – *“Daqui uns anos não vai ser melhor, vai é ser pior. Vai ser perdendo até a tradição.”*

A percepção dominante seguramente complexa e multifacetada, refletindo uma interação entre experiências individuais e mudanças sociais mais amplas. Mudanças sociais, experiências pessoais, mudanças recentes na própria comunidade, o contexto histórico que conhecem e a observação que fazem do ambiente envolvente parecem combinar-se para gerar um certo clima de descrença. Com base nas declarações das entrevistadas, há uma percepção de um futuro incerto e possivelmente desafiador em

relação à preservação das tradições nazarenas e à continuidade dos laços comunitários. O individualismo emerge como uma tendência predominante na sociedade, sugerindo uma mudança em direção a valores mais centrados no indivíduo em detrimento dos valores comunitários.

**Figura 25**  
**Isabel Maria, no restaurante da família de seu marido.**



**Foto da autora: março de 2018.**

### 11.15. Consciência de sindicalizar-se ou de participar de alguma associação

A sindicalização e a participação em atividades associativas podem ser temas relevantes para compreender melhor a dinâmica social e a consciência coletiva dentro da comunidade nazarena. No entanto, parece que essa questão não foi abordada diretamente nas entrevistas relatadas até o momento. Seria interessante explorar mais a fundo as opiniões e experiências das entrevistadas em relação à sindicalização e à participação em associações locais. Isso poderia oferecer leituras importantes sobre como a comunidade percebe e se envolve com questões trabalhistas, direitos dos trabalhadores e atividades coletivas para defender seus interesses comuns. Assumimos que as respostas obtidas poderiam revelar o grau de conscientização política e social dentro da comunidade, bem

como as percepções sobre a eficácia e a importância das organizações coletivas na defesa dos direitos e interesses dos membros da comunidade.

***- É Sindicalizado? Por quê?***

Infelizmente, tivemos apenas duas das nossas entrevistadas participando de sindicatos: Lara e Isabel Maria.

Lara pertence ao Sindicato dos Professores.

Isabel Maria pertence ao Sindicato dos Funcionários da Câmara.

Por isso perguntámos em relação ao associativismo:

***- Existe algum clube ou associação a que pertença?***

Para esta questão, tivemos duas entrevistadas com vínculo associativista:

Lara pertence à Associação de Bibliotecas.

Orlanda pertence ao Grupo Etnográfico de Danças, que é uma sociedade cujo objetivo é preservar a tradição nazarena através da dança e das artes populares. Esta sociedade tem um cunho histórico além do tradicional e artístico.

A ausência de conhecimento sobre associações exclusivas de mulheres na comunidade é uma informação importante, pois indica a possível falta de espaços organizados especificamente para promover a participação e a colaboração entre as mulheres locais. Isso pode sugerir lacunas nas oportunidades de engajamento e empoderamento feminino dentro da comunidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÃO

O propósito fundamental desta pesquisa abrange duas indagações centrais, cada qual crucial para a compreensão da dinâmica social e econômica das mulheres na comunidade pesqueira em análise.

Em primeiro lugar, almeja-se lançar luz sobre a divisão de responsabilidades e atividades que permeiam a organização socioeconômica das mulheres no contexto nazareno. Ao investigar como as tarefas são distribuídas e realizadas dentro e fora do âmbito doméstico, busca-se captar não apenas a amplitude, mas também a complexidade das funções desempenhadas pelas mulheres na comunidade.

Em segundo lugar, o escopo da pesquisa envolve uma análise tão detalhada quanto possível do tipo de comunidade em que essas mulheres estão inseridas. Isso implica em compreender as estruturas sociais, culturais e econômicas que moldam suas vidas e interações diárias. Ao caracterizar a natureza dessa comunidade, almeja-se identificar as normas, valores e práticas que influenciam significativamente a vida das mulheres na comunidade pesqueira.

Queríamos, à partida, que a pesquisa pudesse investigar a percepção e o reconhecimento da importância das mulheres para a família e para a comunidade local. Isso permitiria que a análise não se restringisse apenas à autoconcepção das mulheres, mas também incluísse a avaliação de como são percebidas e valorizadas pela comunidade. Assim, procurar-se-ia entender se as mulheres são reconhecidas como agentes sociais fundamentais, e se suas contribuições são essenciais para o funcionamento e coesão da comunidade em questão. A ausência de recursos e a chegada da pandemia tornaram impossível a prossecução desta indagação.

Partimos para esta esta pesquisa com o intuito de pôr à prova a tese de que a comunidade nazarena adquiriu uma forma de organização matrística. É certo que se poderá dizer que muitos dos indicadores que retemos para fazer prova de verificação desta tese, que assumimos com as limitações assinaladas, reservam às mulheres um protagonismo que não se distingue do “protagonismo” que elas adquirem nas sociedades patriarcais. Como se pode igualmente argumentar que os discursos das nossas

entrevistadas que confirmam a tese da cultura matrística na Nazaré são apenas percepções que visam legitimar práticas situadas em um contexto de dominação. Contudo, nenhuma dessas críticas eventuais diminui a tese que sustentamos: o *ethos* nazareno está ancorado em uma cultura matrística que configura um matriarcado implícito contemporâneo.

Esse matriarcado implícito coloca-nos perante uma situação em que as mulheres exercem uma influência dominante ou preponderante em sua comunidade, mesmo que não haja uma estrutura formal de poder ou autoridade matriarcal estabelecida. Nesse contexto, as mulheres têm podido desempenhar papéis-chave nas decisões familiares, na organização social e na transmissão de valores culturais e tradições.

Embora não haja uma estrutura oficial de poder exclusivo para as mulheres, o matriarcado implícito é visível através de práticas e normas sociais que conferem às mulheres uma posição de destaque ou influência significativa. Isso ocorre em comunidades, como a Nazaré, onde as mulheres são responsáveis por atividades econômicas importantes, têm forte presença em instituições comunitárias ou exercem liderança informal dentro de suas famílias e comunidades.

O *ethos* nazareno é moldado por diversos fatores incrustados na história da comunidade, designadamente suas práticas culturais tradicionais, sua conexão com o mar e a pesca, bem como suas interações sociais e familiares. Ele influencia não apenas as atividades cotidianas dos moradores, mas também suas aspirações, valores e visão de futuro. Essa identidade cultural distinta se manifesta em várias áreas da vida em Nazaré, como nas tradições religiosas, nas práticas de pesca e na organização social da comunidade. O *ethos* nazareno é transmitido de geração em geração e desempenha um papel fundamental na coesão social e no senso de pertencimento dos habitantes à sua vila e sua cultura.

A conexão com o mar e com a pesca e, sobretudo, a ausência prolongada dos homens no mar impulsionou estruturalmente uma cultura matrística. Como pudemos ver ao longo desta tese, esse fator contribuiu para aumentar a responsabilidade das mulheres. A ausência dos homens por longos períodos devido à pesca levou a que as mulheres assumissem papéis de liderança e responsabilidade dentro da família e da comunidade. Estruturalmente, elas se tornaram as principais provedoras, tomadoras de decisão e cuidadoras do lar. Isso contribuiu para o reforço da independência e da decisão econômica, uma vez que a ausência dos companheiros as levou a se tornarem mais

independentes economicamente, buscando formas de sustentar suas famílias enquanto os maridos estavam no mar. Isso fortaleceu sua posição dentro da família e na comunidade, aumentando sua autoridade em questões financeiras. Por outro lado, as sociabilidades ficam marcadas pelo fortalecimento dos laços entre mulheres. Com os homens ausentes, as mulheres muitas vezes se apoiam umas nas outras e formam redes de apoio dentro da comunidade. Isso fortaleceu os laços entre as mulheres e promoveu uma maior solidariedade e colaboração entre elas. Conseqüentemente, as mulheres assumem uma posição relevante em matéria de transferência de conhecimento e de tradições. Durante a ausência dos homens, as mulheres acabam se tornando as principais transmissoras de conhecimento e de tradições familiares, incluindo a preservação de práticas culturais e de valores que reforçam o papel das mulheres na comunidade. Tudo isso fomenta o reconhecimento do trabalho das mulheres, uma vez que, perante a ausência dos homens, ao assumirem múltiplos papéis, o trabalho e as contribuições delas para a família e para a comunidade ganha um valor acrescido, ajudando a fortalecer sua posição e autoridade dentro da comunidade.

Como o revelam os depoimentos recolhidos, a maternidade deve ser destacada como um fator fundamental da consolidação de uma cultura matrística. Nas configurações matriarcais contemporâneas, a maternidade desempenha um papel central e altamente valorizado. Desde logo porque assume o papel de eixo privilegiado de transmissão de valores e da cultura. Ela é, sem dúvida, o mecanismo de transmissão geracional de valores, tradições e conhecimentos culturais. As mães, mais que a escola, desempenham um papel fundamental na educação e na socialização das crianças, ensinando-lhes as normas, crenças e práticas da comunidade. A maternidade é essencial para garantir a continuidade da linhagem e preservar a identidade familiar ao longo do tempo, uma vez que a descendência é frequentemente traçada através da linha materna. Por largas gerações, as nazarenas testemunharam o poder e a influência exercidos por suas mães e avós, que desempenharam papéis importantes na tomada de decisões e na condução das questões familiares e comunitárias. Isso pode mesmo ter levado a um processo de naturalização que faz com que, na atualidade, o conceito de poder feminino tenha sido internalizado como parte integrante de suas vidas, e que tenha contribuído para secundarizar a ideia que um mundo onde as mulheres detêm o poder pode não parecer algo relevante ou digno de consideração.

A historicidade local transporta indícios que a maternidade se constitui como uma expressão poderosa da feminilidade e do poder feminino. As mães são valorizadas como as principais provedoras de vida e são respeitadas por sua capacidade de criar e de nutrir. Isso nos revela que em comunidades, como a nazarena, onde as mulheres ocupam papéis de liderança e de influência o empoderamento das mulheres sustenta estruturalmente a formação de culturas matrísticas. Os testemunhos das entrevistadas evidenciam que a maternidade é um elo importante para fortalecer os laços sociais e promover a coesão dentro da comunidade. Com os homens ausentes no mar por largos períodos, as mulheres-mães asseguram estabilidade social e coesão comunitária, desempenhando um papel vital na criação de uma rede de apoio e de solidariedade entre os membros da comunidade, ajudando a garantir a estabilidade social e o bem-estar geral.

Além disso, estamos perante uma comunidade onde as mulheres desempenham múltiplos papéis, não apenas cuidando das crianças, mas também contribuindo para a economia doméstica e comunitária. Sua influência e trabalho ajudam a impulsionar o desenvolvimento e o progresso da comunidade como um todo.

Ainda assim, é evidente que as entrevistadas têm uma nítida dificuldade em imaginar um mundo onde o poder pudesse estar nas mãos das mulheres. Por um lado, essa dificuldade pode de fato ser atribuída à sua própria experiência de vida e à sua percepção do poder como algo natural e cotidiano. Para essas mulheres, que cresceram em um ambiente onde as mulheres desempenhavam papéis de liderança e autoridade, seja em casa, na comunidade ou no trabalho, a ideia de um matriarcado pode parecer estranha ou até mesmo irrelevante. Por outro lado, essa naturalização do poder feminino reflete não apenas as estruturas sociais da comunidade em que vivem, mas também o impacto da socialização e das experiências vividas ao longo de suas vidas. Por isso, para essas mulheres, discutir um matriarcado pode parecer quase redundante, já que o poder feminino é uma realidade palpável, sentida e presente em seu dia a dia.

O fato de as crianças, especialmente as meninas, crescerem, desde tenra idade, junto com suas mães enquanto estas trabalham revela aspectos importantes da consolidação de uma cultura matrística. Desde logo, porque contribui para a formação de fortes vínculos familiares, dado que proporciona tempo de qualidade conjunto e permite criar memórias compartilhadas. Isso contribui inegavelmente para uma sensação de união e apoio dentro da família. Mas também porque facilita e promove a transmissão de conhecimento e de competências relacionadas à atividade profissional e aos modos de viver na comunidade.

Acresce que esse convívio precoce, intensivo e duradouro atua forçosamente na modelagem de papéis de gênero, porquanto a experiência influencia necessariamente a percepção das crianças sobre os papéis de gênero e as expectativas sociais associadas ao trabalho. As meninas, vendo suas mães desempenhando papéis ativos no sustento da família, desenvolvem uma compreensão mais ampla das possibilidades de empoderamento feminino e do valor do trabalho feminino. Crescer em um ambiente onde o trabalho é uma parte fundamental da vida diária ensina às crianças valores como resiliência, responsabilidade e trabalho árduo. As meninas estão, assim, inseridas em um contexto que fomenta uma compreensão precoce da importância de contribuir para o sustento da família e lidar com desafios e adversidades de forma proativa. O matriarcado implícito decorre menos do fato de as mulheres fazerem profissionalmente o que as mães já faziam e mais do fato de fazerem como as mães faziam, assumindo protagonismo e vontade de liderar.

Acreditamos, com a realização das entrevistas, ter coletado indicadores que confirmam que as mulheres nazarenas atuam conscientemente de modo a manter as bases de uma comunidade tendencialmente igualitária. Inicialmente, para testar a hipótese da economia de reciprocidade, tínhamos previsto, além da realização das entrevistas, realizar uma observação participante mais alargada e coletar e analisar dados econômicos locais, de modo a recolhermos informações sobre padrões de distribuição de recursos, de renda, de trocas comerciais e de práticas econômicas na comunidade nazarena. A pesquisa acabou se centrando mais na análise e avaliação de papéis de gênero, procurando determinar como esses papéis influenciam as práticas econômicas na comunidade e como se refletem na divisão de trabalho entre homens e mulheres, no controle dos recursos e na tomada de decisões econômicas. Por esta via, conseguimos recolher indicadores que nos revelam características das economias de reciprocidade. A análise das relações sociais, através da abordagem mais etnográfica, permitiu também constatar a relevância local das redes de parentesco e a sua influência na consolidação de uma cultura matrística. Teria sido desejável fazer um exame mais detalhado das relações sociais entre os membros da comunidade, nomeadamente em termos de reciprocidade e de interdependência econômica, em matéria de alianças e parcerias comerciais e de sistemas de apoio mútuo. Os recursos disponíveis limitaram essa análise. Alguns indicadores de rivalidade e de competição (registados nas falas das entrevistas e nas manifestações folclóricas – ver foto 64 do anexo) coexistem com: situações de transações econômicas enraizadas em redes sociais e laços comunitários, com trocas ocorrendo entre amigos, familiares, vizinhos e



membros de grupos sociais próximos; partilha de recursos entre membros da comunidade com base em princípios de solidariedade e cooperação; princípios de equivalência baseados na manutenção de um equilíbrio nas relações de troca ao longo do tempo. Esse contexto merece, sem dúvida, uma análise mais profunda e demorada envolvendo observação participante.

Fica também registrada a existência de “clãs estendidos” caracterizados por modalidades residenciais intergeracionais. Assim como a existência de casamentos de base comunitária que configuram sociedades horizontais de parentesco matrilinear. Ainda que, como seria expectável em uma cultura matrística contemporânea, na Nazaré que analisámos o carácter comunitário dos casamentos não decorra do fato de se tratar de uniões que não são apenas uma questão de escolha individual, ou que são influenciadas e até mesmo determinadas pela comunidade em geral, mas sim pelo fato de as mulheres se casarem, livremente, ainda que com uma tendência nítida para se casarem muito jovens com membros da mesma comunidade, designadamente em redes de vizinhança e de partilha de ambientes profissionais pelas famílias de origem. Em uma comunidade onde os laços de parentesco, a filiação ao grupo e a coesão comunitária são altamente valorizados, os laços maternos são fundamentais na organização social e cultural.

Ainda que não seja uma característica exclusiva das sociedades de *ethos* matriarcal, a prevalência de processos de decisão consensual, familiarmente partilhados e participados, mediados pelas mulheres, não decorre apenas da posição das nazarenas como cuidadoras primárias da família, nem tão só de suas competências interpessoais e de comunicação. Está também radicada no fato de as mulheres ocuparem posições de liderança e de autoridade, tanto na esfera doméstica quanto na esfera pública. A influência das mulheres se estende além das questões familiares e abrange aspectos econômicos e sociais da comunidade. A tomada de decisões consensual e a mediação pela mulher é uma característica comunitária, onde o poder e a autoridade são mais equilibrados entre os gêneros, e as mulheres desempenham um papel central na organização social.

Ainda que tenhamos referenciado práticas e cultos religiosos na comunidade, após a realização da pesquisa, mantemos a hipótese que, na Nazaré, o mar funciona como “o divino imanente” que dilui o patriarcado. O mar desempenha um papel fundamental na configuração da identidade e das dinâmicas sociais da comunidade local. O mar influencia as narrativas, os medos, as esperanças e os modos de vida, contribuindo para a essência de uma comunidade que valoriza e celebra o papel das mulheres, quanto mais não seja pelo seu papel simbólico de vigilantes e de figuras expectantes em relação ao mar. O mar

é fonte sustento, seja por via da pesca, seja por via do turismo. Como as nazarenas desempenham um papel significativo nas atividades ligadas ao mar, controlando aspectos da pesca e do turismo a sua influência na comunidade mantém-se estruturalmente de forma muito significativa. Além de que essas atividades foram retirando as nazarenas do espaço estritamente doméstico. Se a percepção das nazarenas é de se verem como mulheres diferenciadas isso tem também, e muito, a ver com narrativas culturais que envolvem mitos em torno do mar e que, forçosamente, influenciam a percepção das mulheres em relação ao seu próprio papel na sociedade (ver foto 51 do anexo). Se essas narrativas valorizam as contribuições das mulheres para a vida marítima e comunitária, isso não só fortalece sua posição e reconhecimento dentro da comunidade, como é um fator incontornável de consolidação de relatos reais ou imaginados.



## Referências bibliográficas

- AMORIM, Inês. Mulheres no sector das pescas na viragem do século XIX: formas de participação na organização do trabalho. *ARQUIPÉLAGO. História*, vols. 9-10, 2005-2006, pp. 661-683.
- ARENDDT, Hannah. *Sobre a Violência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- \_\_\_\_\_. *O Que É Política?* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- ARIÈS, Philippe e DUBY, Georges. *A história da vida privada*. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.
- AVILA-FUENMAYOR, F. “El concepto del poder en Michel Foucault”, *in A Parte Rei, Revista de Filosofia*, nº 53 – septiembre, 1-16, 2007.
- AZEVEDO, Vilma Maria. Os desafios para o empoderamento da mulher agricultora a partir do programa de aquisição de alimentos: o caso de Barbacena-MG. 2012. Disponível em: <http://locus.ufv.br/bitstream/handle/>.
- BAEZ, Gustavo Cesar Ojeda; SAMPAIO, Dilaine Soares. Territórios “sagrados” da pesca artesanal em João Pessoa: identidades e sacralização de espaços públicos na Festa de São Pedro Pescador. *Rever*, 19 (3), 219-234, 2019.
- BEARD, Mary. *Mulheres & poder: um manifesto*. Bertrand Editora. Lisboa, 2018.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: ed. Nova Fronteira, 2009.
- BELL Catherine. Ritual Tensions: Tribal and Catholic. *Studia Liturgica*, 32(1), 15–28, 2002. <https://doi.org/10.1177/003932070203200102>
- BOCK, Gisela. História, história das mulheres, história de gênero. Departamento de História e Civilização, Instituto Universitário Europeu, Florença – Universidade de Bielefeld. *Penélope, fazer e desfazer da história*, Nº4, Nov. 1989.
- \_\_\_\_\_. Política sexual nacional-socialista e a história das mulheres. In: *História das mulheres no ocidente*. George Duby e Michele Perrot. Edições Afrontamento, Coimbra, 1993.
- BORDON, Gioconda. A fragilidade dos laços humanos. Ensaio: Caderno Fim de Semana. *Gazeta Mercantil*, jul. 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil Ltda, 2005.
- \_\_\_\_\_. Pierre. *O poder simbólico*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005
- \_\_\_\_\_. *Questions de sociologie*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1984.
- BRANDÃO, M. Fátima e FEIJÓ, Rui Graça. Entre textos e contextos: os estudos de comunidade e as suas fontes históricas. *Análise Social*, XX (83), 1984, pp. 489-503.
- BRØGGER, Jan. *Pescadores e Pés-descaços*. Livraria Suzi, 1ª ed., 1992a.
- \_\_\_\_\_. *Women and Men in a Prebureaucratic Portuguese Fishing Village*. Harcourt Brace Jovanovich College Publishers, 1992b.
- CABRAL, João de Pina. “Matriarcat” et rôles conjugaux du Nord-Ouest du Portugal. In: *Recherches en Anthropologie au Portugal*, n. 1, 1992, pp 37-51.

CANECO, José António. Nazaré, tradição e história. Gráfica Artes – Rio Maior – Editora Câmara Municipal de Nazaré, 1999.

CARMO, ISABEL do; AMANCIO, LIGIA. Vozes insubmissas. A história das mulheres e dos homens que lutaram pela igualdade dos sexos quando era crime fazê-lo. Lisboa: Dom Quixote, 2004.

CAVIEDES, Juan Camilo Plata. Investigación Cualitativa y Cuantitativa: una revisión del **qué y cómo para acumular conocimiento sobre el social**. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana. Vol. 64. N 64.2007. P.215 – 226.

COLER, Ricardo. O Reino das Mulheres o último matriarcado. Bertrand Editores, Ltda. Lisboa, 2008.

CRUZ, M. Braga da. Teorias sociológicas - os fundadores e os clássicos(Antologia de textos).5. ed.Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. V. I.

CUNHA, Teresa. Never Trust Sindarella. Edições Almedina S.A.. Coimbra, Novembro, 2014.

DORNELAS, António. OLIVEIRA, Luisa. VELOSO, Luisa. GUERREIRO, Maria das Dores, organizadores. Portugal Invisível. Lisboa, Editora Mundos Sociais, 2012.

DOUGLAS, M. Is matriliney doomed in Africa? In M. Douglas F. M. Kaberry, O Homem em Africa. Tavistock,1969, pp. 121-36

DUBY, George & PERROT, M. “História das Mulheres no Ocidente”, volume 5: O século XX, in Thébaud, F (dir.), *História das Mulheres*. Porto: Edições Afrontamento, 1991.

DURKHEIM, Emile. In CRUZ, M.Braga da. Teorias sociológicas - os fundadores e os clássicos (Antologia de textos).5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. V. I. P: 297 – 400.

\_\_\_\_\_. As regras do método sociológico. Editora Martin Claret Ltda. São Paulo, 2011.

ERIKSON, Frederick. Qualitative methods in research on teaching. 1985. The Institute for Research on Teaching,Michigan State University East Lansing, Michigan, EUA

ESCALLIER, Christine. L’empreinte de la mer. Identité des pêcheurs de Nazaré (Portugal). Ethnologie d’une communauté de pêcheurs. Paris : L’Harmattan, 2014.

ESPADA, Maria Henrique. Os milhões gastos por Salazar para branquear o regime. *Sábado*, 28 de novembro de 2018, <https://www.sabado.pt/portugal/detalhe/os-milhoes-gastos-por-salazar-para-branquear-o-regime>

ESTANQUE, Elisio. Análise de classes e desigualdades sociais em Portugal: em defesa da perspectiva compreensiva. <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/>

ESTEVES, João. Os primórdios do feminismo em Portugal. A primeira década do século XX. Revista Penélope. Nº 25, 2001.Lisboa: Editora Mundos Sociais, 2012.

FERNANDES, A. T.“Trajectos de aquisição do poder no feminino”, in Sociologia, n.º 15, pp. 55-77, Faculdade de Letras do Porto, 2005.

FERREIRA, Virginia (Org.). A igualdade de mulheres e homens no trabalho e no emprego em Portugal. Políticas e circunstâncias. Estudos 7. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação, 2010.

FORTUNA, Carlos. (Micro)territorialidades: metáfora dissidente do social. *Terra Plural*, 6 (2), 2012, 199-214. <http://dx.doi.org/10.5212/terraplural.v.6i2.0001>.

FORTUNA, Carlos e PEIXOTO, Paulo. Politiques patrimoniales et réhabilitation urbaine au Portugal. *Pôle Sud.*, v.22, 2005, 127-141.

FORTUNA, Carlos e PEIXOTO, Paulo. A reconversão simbólico-funcional dos centros históricos: o caso de Évora. *Actas du IV Encontro Nacional dos Municípios com Centro Histórico* [Regionalização e Identidades Locais: a preservação e reabilitação dos centros históricos], 1997, 219-234.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FRIEDMANN, J. Empowerment: uma política de desenvolvimento alternativo. Celta: Oeiras, 1996.

GARRIDO, Álvaro. O Estado Novo e as Pescas. A Campanha do Bacalhau, Vértice, 1997.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007. Métodos de Pesquisa / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil - UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GIMBUTAS, Marija. The living goddesses (Miriam R. Dexter, Ed.). Berkeley, CA: University of California Press, 2001.

GÖETTNER-ABENDROTH, Heide. “Matriarchal Society and the Gift Paradigm” in Women and the Gift Economy, ed. G. Vaughan, Toronto: Innana Press, 2007.

\_\_\_\_\_. La società matriarcale: definizione e teoria, s. d.. (Tradução italiana de Anonima Network), <http://www.universitadelledonne.it/heide.htm>

\_\_\_\_\_. Matriarchal studies: Past debates and new foundations. *Asian Journal of Women's Studies*, 23(1), 2017, 2–6. <https://doi.org/10.1080/12259276.2017.1283843>

\_\_\_\_\_. Re-thinking “matriarchy” in modern matriarchal studies using two examples: The Khasi and the Mosuo. *Asian Journal of Women's Studies*, 24(1), 3–27, 2018, <https://doi.org/10.1080/12259276.2017.1421293>

GOLDMAN, Emma. A tragédia da emancipação da mulher. *Le Monde Diplomatique Brasil*. Set. 2011. Disponível em: <http://www.diplomatic.org.br>

GOODMAN, L. Snowball Sampling. In: *Annals of Mathematical Statistics*, 32:148-170, 1961.

GUNTHER, Hartmut. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? *Psic.: Teor. e Pesq. Mai/Ago*, 2006, vol. 22, n. 2, p. 201-210.

HAN, Byung-Chul. *Sobre o Poder*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2017.

\_\_\_\_\_. *Psicopolítica. Neoliberalismo y nuevas técnicas de poder*. Herder, Barcelona, 2014. (traducción de Alfredo Bergés)

HARTMANN, Heidi. Historical Roots of Occupational Segregation – Capitalism, Patriarchy, and Job Segregation By Sex. In *Journal of Women in culture and Society*, Volume 1, Number 3, Part 2, spring, 1976.

- HARPER, Douglas. *Visual Sociology*. Routledge: Nova Iorque, 2012.
- HERITIER, Françoise. *Masculin/Feminin. La pensée de la difference II. Dissoudre La hiérarchie*. Paris: Odile Jacob, 2012.
- HUBET, Ollivier. *Féminin/masculin: l'histoire du genre*. *Revue d'histoire de l'Amérique Française*, vol. 57, n° 4, 2004, p. 473 – 479.
- JAVEAU, Claude. *Lições de sociologia*. Oeiras: Celta, 1998.
- KRISCHE, Pablo. *El enigma del matriarcado*. *Revista de Occidente*, Madrid, 1930.
- LAGRAVE, Rose-Marie. *Uma emancipação sob tutela. Educação e trabalho das mulheres no século XX*. In DUBY, Georges, PERROT, Michelle (dir), *Historia das mulheres no ocidente*. V. 5, Thébaud, Françoise (dir), O Século XX, Porto: Afrontamento, 1995, p. 505-543.
- LAHIRE, Bernard. *Retratos Sociológicos. Disposições e Variações Individuais*. Artmed, Porto Alegre, 2004.
- LEMONNIER, Marie. LANCELIN, Aude. *Os filósofos e o amor*. Rio de Janeiro: Agir Editora Ltda, 2009.
- LEON, Magdalena, organizadora. *Poder y empoderamiento de las mujeres*. Bogotá, Colombia: TM Editores, 1997.
- LEWENHAK, Sheila. *A mulher e o trabalho*. Lisboa, Editorial Presença Ltda, 1982.
- MANSUR, Luci Helena Beraldo. *Sem filhos: a mulher singular no plural*. 1. São Paulo: Casa da Psicologia, 2003.
- MARTINEZ, Capitolina Díaz, MORENO, Sandra Dema. *Sociología y Género*. Madrid: Editorial Tecnos (Grupo Anaya, S. A), 2013.
- MATURANA, Humberto R. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano*. São Paulo: Palas Athena, 2021.
- MAUSS, Marcel. (2003), *Sociologia e antropologia*. São Paulo, Cosac e Naify.
- MILES, Matthew B., HUBERMAN, A. Michael. *An expanded sourcebook Qualitative Data Analysis*. Second edition. Sage Publications, London. 1994.
- NARCISO, Vanda. *Mulheres e terra: faz a matrilinearidade diferença? Uma leitura da situação no distrito de Bobonaro em Timor-Leste*. Dissertação de Mestrado em Estudos sobre as Mulheres, As Mulheres na Sociedade e na Cultura. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2013.
- NOGUEIRA, Claudia Mazzei. *O trabalho duplicado*. Editora Expressão Popular. São Paulo, 2006.
- OLIVEIRA, Nemuel da Silva e MAIO, Marcos Chor. *Estudos de Comunidade e ciências sociais no Brasil*. *Sociedade e Estado*, 2011, vol.26 no.3, pp. 521-550.
- PAIS, José Machado. *Sociologia da vida quotidiana*. Coimbra: Imprensa de Ciências Sociais, 6ª Ed., 2015.
- PARSONS, Talcott. *O sistema das sociedades modernas*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1974.
- PÁSCOA, Elsa (Coord.). *As mulheres e o mar*. *Diário de Bordo*, 2021.

- PEIXOTO, Paulo. A linguagem consensual do patrimônio. In Marcelo Antonio Sotratti e Maria Tereza Duarte Paes (Orgs.). *Geografia, Turismo e Patrimônio Cultural: Identidades, Usos e Ideologias*. São Paulo: Annablume Editora, 2017, pp. 127-140.
- PEIXOTO, Paulo. O Douro a todo o vapor. Alegorias do turismo rural. In Joaquim Anécio Almeida e Marcelino de Souza (Orgs.). *Turismo Rural. Patrimônio, Cultura e Legislação*. Santa Maria: Editora Facos, 2006, pp. 121-135.
- PERALTA, Elsa. “Somos todos marítimos”: uma etnografia das (in)visibilidades do poder na representação social do passado local em Ílhavo. *Etnográfica*, 2010, 14 (3): 443-464.
- PERALTA, Elsa. A memória do mar: património, tradição e (re)imaginação identitária na contemporaneidade. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2008.
- PEREIRA, Rodrigo da Cunha. *Concubinato e União Estável*. 7.ed. Belo Horizonte: Del Rey, 2004.
- PERROT, Michelle (dir.), *História das Mulheres no Ocidente*, vol. 5, Porto: Edições Afrontamento, 1995, p.31-93.
- PRIORE, Mary del (Org.); BASSANEZI, Carla Beozzo (Coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- QUÉTEL, Claude. *As mulheres na guerra*. V. 1. São Paulo: Larousse, 2009.
- RANSOM-DiCERBO, Katharine I.. How the Principles of Matrilineal Societies Can Provide More Flexibility on Mothering, Motherhood, and Masculinities. In Tola Olu Pearc e Andrea Moraes, *Global Perspectives on Motherhood, Mothering and Masculinities*, Demeter Press, 2021, pp. 83-96.
- RIESSMAN, Catherine Kohler (1993). *Narrative analysis* (Vol. 30). Sage.
- RODRIGUES, José Noronha. Políticas de gênero no âmbito comunitário. In: *Revista de Estudos Politécnicos*, Volume 6, nº 10, Dezembro de 2008, pp.263-295.
- ROUQUIER, Annie; FÉVRIER, Chantal. *Brève histoire des femmes*. Aix-Marseille Histoire et Géographie. Août, 2000.
- ROUSSEL, Bertrand. *O poder Uma nova análise social*. Editora Zahar. Rio de Janeiro, 2014.
- SALDANHA, Ana. *Narrativa Portuguesa Pós-Revolução: os Autores Mulheres e as Novas Representações Sociais*. FronteiraZ, 2014, nº 12, pp.140-162.
- SANDAY, Peggy Reeves. *Women at the Center: Life in a Modern Matriarchy*. Cornell University Press, 2002.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Trabalhar o mundo. Os caminhos do novo internacionalismo operário*. Edições Afrontamento, Porto, 2004.
- SCOTT, Joan. A Useful Category of Historical Analysis. In *The American Historical Review*, Volume 91, Issue 5, (December, 1986). 1053-1075
- \_\_\_\_\_. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação & Realidade*. Porto Alegre: v. 2, n. 20, p.71-99, Jul/Dez, 1995.
- SINGLY, François. *Sociologie de la famille contemporaine*. Paris: Armand Colin, 2007.



SHOPPENHAUER, Arthur. A arte de escrever. Tradução e organização de Pedro Sússekind. LP&M, Porto Alegre, 2017.

STONE, Merlin. Quand Dieu était femme. À la découverte de la Grande Déesse, source du pouvoir des femmes. Éditions L'Étincelle. Paris, 1976.

THÉBAUD, Françoise. A grande guerra. O triunfo da divisão sexual. In Georges Duby, Michelle Perrot. *História das mulheres no Ocidente (O século XX)*, v.5. Porto: Afrontamento, 1995.

\_\_\_\_\_. Les femmes au temps de la guerra de 14. Éditions Payot & Rivages, Paris, 2013.

TILLY, Louise A. Gênero, história das mulheres e historia social. *Cadernos Pagu* (3), 1990: PP. 29-62.

TORRES, Anália Cardoso. Amores e desamores: para uma análise sociológica das relações afectivas. *Revista Sociologia, Problemas e Práticas*. Nº 3, nov. 1987.

TOURAILLE, Priscille. Hommes grands/Femmes petites: une evolution côûteuse. Éditions de la Maison des sciences de l'homme, Paris, 2008.

TRINDADE, José e PENTEADO, Pedro «A Nazaré e os seus Pescadores: entre as representações sociais e novas leituras históricoantropológicas» in *Revista Oceanos*, 47/48, Lisboa, 2001.

TRINDADE, José Maria. A Dimensão Cultural do Pescador - A influência do mar na organização social e na mundivisão da comunidade piscatória da Nazaré. *Mundos Sociais: saberes e práticas*. Atas do VIII Congresso Português de Sociologia. Associação Portuguesa de Sociologia, 2008.

VALCÁRCEL, Amelia. *Feminismo en el mundo global*. Madrid, Ediciones Cátedra, 2016.

VAQUINHAS, Irene. Linhas de investigação para a história das mulheres nos séculos XIX e XX, Breve esboço. *Revista da Faculdade de Letras. História*. Porto.III Serie. Volume III. 2002, p.p.201-221.

VARIKAS, Eleni. *Penser le sexe et le genre. Quéstions d'éthique*. Presses Universitaires de France, 1 ed., 2006.

VAUGHAN, Geneviève. *Women and the gift economy - A radically different world view is posible*, 2007, Inanna Publications and Educations Inc. Toronto, Canadá.

VAZ, Margarida. *Ranchos Folclóricos na Nazaré: Permanências e Rupturas*. Trabalho de Projeto de Mestrado em Antropologia – Especialização em Culturas Visuais. FCSH-UNL, 2021.

VIEIRA, Inês Isabel das Neves. O desenvolvimento da Nazaré através do marketing territorial e do branding. Dissertação de Mestrado em Marketing, faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, 2015.

WEBER, Max. *Fundamentos da Sociologia*. Editora Ltda. Porto, 1983.

## ANEXO – Registro visual do campo de estudo



**Figura 26**

**Carla Lopes, da vida doméstica ao concerto das redes.**



**Foto da autora: março de 2018.**

**Figura 27**

**Orlanda trabalhando em sua loja de peixes congelados.**



**Foto da autora: março de 2018.**

**Figura 28**

**Ana Palmira, a postos, aguardando seus clientes.**



**Foto da autora: março de 2018.**

**Figura 29**

**Maria Adelaide, na tarde fria, esperando a venda do peixe.**

259

---



**Foto da autora: março de 2018.**



**Figura 30**  
**Peixeiras caminhando na marginal.**



**Foto da autora: março de 2018.**

**Figura 31**  
**Rosária em sua banca de peixe fresco no mercado.**



**Foto da autora: março de 2018.**

**Figura 32**

**Peixeiras à espera de clientes para vender seus peixes secos.**



**Foto da autora: março de 2018.**

**Figura 33**

**Temor pelo Estendal do futuro.**



**Foto da autora: março de 2018.**



**Figura 34**

**Local da venda de peixe seco: peixeira trabalhando:**



**Foto da autora: março de 2018.**

**Figura 35**

**Local original utilizado para a lavagem do peixe até ao momento:**



**Figura 36**

**Novo local utilizado para a lavagem do peixe**



**Foto da autora: março de 2018.**

**Figura 37**

**Foto do novo local (interior) ainda não disponibilizado:**



**Foto da autora: março de 2018**

**Figura 38**

**Foto do novo local de preparo do peixe ainda não foi disponibilizado:**



**Foto da autora: março de 2018.**

**Figura 39**

**Anabela em seu trabalho.**



**Foto da autora: março de 2018.**



**Figura 40**

**Teresa no local do curso: caminhando para seu objetivo.**



**Foto da autora: março de 2018.**

**Figura 41**

**Higina, buscando conhecimento e uma nova fonte de economia.**



**Foto da autora: março de 2018.**

**Figura 42**

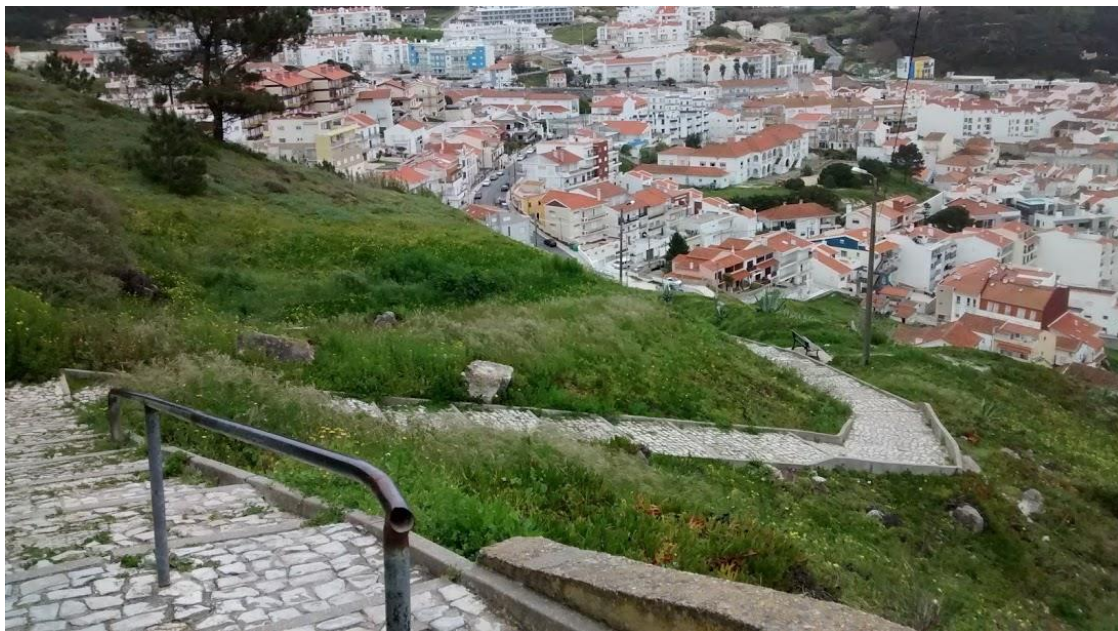
**Trilho do funicular que leva do Sítio ao centro da vila e praia.**



**Foto da autora: março de 2018.**

**Figura 43**

**Escadaria que liga o Sítio ao centro da vila da Nazaré.**



**Figura 44: Outro ângulo: uma idéia da distância entre o Sítio e a praia**



**Foto da autora: março de 2018.**



**Figura 45**

**Sítio, parte alta da vila da Nazaré.**



**Figura 46**

**Atracadouro de barcos pesqueiros na vila da Nazaré.**



**Fotos da autora: março de 2018.**



**Figura 47: Fotografia na parede: nazarenas trabalhando durante a segunda metade do século passado.<sup>28</sup>**



**Foto 48**

**Nazarena clicada no trajeto rumo à praia.**



**Fotos da autora: março de 2018.**

---

<sup>28</sup> Foto tirada de um quadro que estava na parede da casa onde fiquei hospedada, e que, buscando identificar, era foto da família da mãe da proprietária da residência, trabalhando com as colegas.

**Foto 49**

**Cenário da residência de uma família de próspero pescador.**



**Foto da autora: março de 2018.**

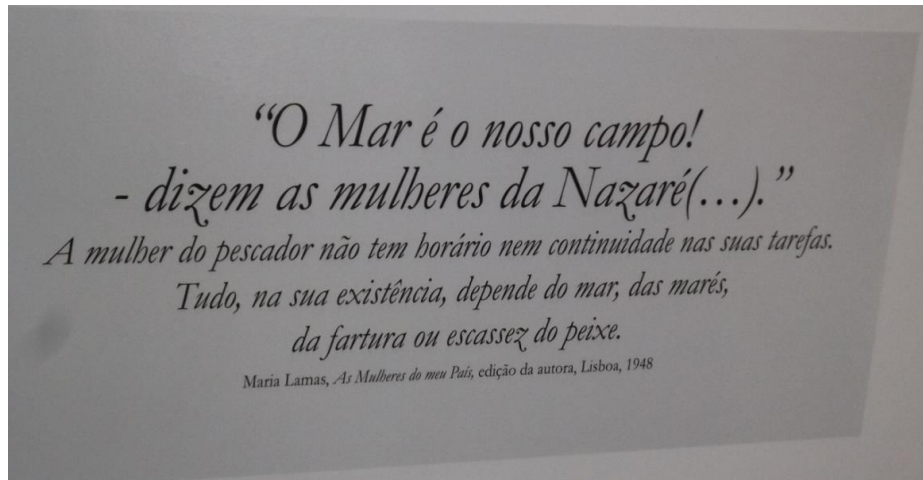
**Foto 50**

**Cenário do interior de uma residência de uma família de pescador pobre.**



**Foto 51**

**Cartaz em homenagem às mulheres nazarenas.**



**Fotos da autora: março de 2018.**



Foto 52

Cartaz com calendário de eventos durante a páscoa de 2018.



Foto da autora: março de 2018.

**Foto 53**

**A alegria da espera pelo desfile**



**Foto 54:**

**Encontro de tres gerações preservando as tradições nazarenas.**



**Fotos da autora: março de 2018.**

**Foto 55**

**Indumentária de dia de festa: aventais bordados à mão.**



**Foto 56**

**É preciso carregar água para a família.**





**Foto 57**

**Nazarenas com lenha à cabeça.**



**Fotos da autora: março de 2018.**

**Foto 58**

**Rumo às estradas com peixes à cabeça.**



**Foto 59**

**Lavar a roupa e dobrá-la: pronta para vestir! Hábito de gerações.**



**Fotos da autora: março de 2018.**



**Foto 60**

**Brincadeiras das “raparigas” 1: jogo de jarro.**



**Foto 61**

**Brincadeiras das “raparigas” 2: pular corda**



**Fotos da autora: março de 2018.**

Fotos 62 e 63

Diversão: bailes para dançar toda a gente.



279



Fotos da autora: março de 2018.



**Foto 64**

**Nem tudo são flores! Nazarenas também brigam!**



**Foto 65**

**Também é época de Páscoa: festa católica com procissões.**



**Fotos da autora: março de 2018**

